

BRUXARIA HEREDITÁRIA

Segredos da
Antiga Religião



RAVEN GRIMASSI

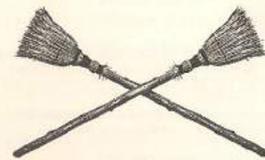


BRUXARIA
HEREDITÁRIA

COLEÇÃO
GAIA
ALEMDALENDA

RAVEN GRIMASSI

BRUXARIA
HEREDITÁRIA
Segredos da Antiga Religião



TRADUÇÃO SELMA ZIEDAS

São Paulo
2003

EDITORA
Gaia

© Raven Grimassi, 2003

"Translated from"
Hereditary Witchcraft
Copyright © 1999 Raven Grimassi
Published by Llewellyn Publications
St. Paul, MN 55164 USA

Director Editorial
JEFFERSON L. ALVES
Director de Marketing
RICHARD A. ALVES

Ilustrações
ANNE MARIE GARRISON E
TONI CLIFTON

Fotografias
STEPHANIE ZARRADI E RAVEN GRIMASSI

Gerente de Produção
FLÁVIO SAMUEL

Coordenação de Revisão
ANA CRISTINA TEIXEIRA

Tradução
SELMA ZIEDAS

Revisão
ANA CRISTINA TEIXEIRA
MARIA APARECIDA SALMERON

Capa
VAGNER VARGAS

Editoração Eletrônica
CIA. EDITORIAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grimassi, Raven, 1951 -
Bruxaria hereditária: segredos da antiga religião / Raven Grimassi;
tradução Selma Ziedas. - São Paulo: Gaia, 2003

Título original: Hereditary witchcraft
Bibliografia.
ISBN 85-7355-077-1

1. Bruxaria - Itália - História 2. Magia I. Título

03-1951 CDD-133.430945

Índices para catálogo sistemático:

1. Bruxaria : Itália : Ocultismo 133.430945
2. Itália : Bruxaria : Ocultismo 133.430945



Direitos Reservados
EDITORA GAIA LTDA.
(UMA DIVISÃO DA GLOBAL EDITORA
E DISTRIBUIDORA LTDA.)

Rua Pirapitingüi, 111 - Liberdade
CEP 01508-020 - São Paulo - SP
Tel.: (11) 3277-7999 - Fax: (11) 3277-8141
E-mail: gaia@diadada.com.br



Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta
obra sem a autorização do editor.

Nº DE CATÁLOGO: 3173

Em memória de
Charles Godfrey Leland
(1824-1903),
o pai da Bruxaria moderna,
que, como todos os gênios, sofreu o
destino de ser malcompreendido.

Os críticos de sua época já se foram,
e o tempo os esqueceu, mas seu trabalho continua.
Talvez não possa haver justiça maior.

Agradecimentos

Desejo expressar meus agradecimentos a minha querida amiga Maggie Macary por partilhar comigo sua pesquisa sobre a Itália do século XIV, particularmente no que se refere ao culto de Guglielma.

Obrigado também a Jenny Gibbons por se manter atenta a materiais relacionados aos temas de minha pesquisa; em mais de uma ocasião, ela achou a "agulha no palheiro".

Também uma nota de agradecimento a Sabina Magliocco, que sempre acrescenta um equilíbrio a minha pesquisa ao apontar interpretações alternativas com relação às minhas descobertas.

E, por fim, meu obrigado especial a Stephanie Zarrabi por tirar as fotografias que aparecem neste livro e por toda sua assistência e apoio durante este projeto.

Sumário

Introdução.....	15
PARTE UM: A ANTIGA RELIGIÃO	
1 Bruxaria na Velha Itália	23
Antigas Raízes.....	28
Influências Míticas.....	30
Influências da Idade Média e do Renascimento.....	31
Bruxaria Moderna.....	33
Influências Maçônicas.....	33
Duoteísmo.....	34
Conjunto Básico de Instrumentos.....	35
Os Quatro Elementos.....	36
Reencarnação.....	37
O Círculo Ritual.....	37
O Sacerdote, a Sacerdotisa e a Donzela.....	38
O Mito da Descida.....	38
A Roda Óctupla do Ano.....	39
2 Segredos da Linhagem	43
Os Segredos do Sangue.....	45
O Princípio do Rei Divino nos Tempos Modernos.....	48
A Semente do Sangue.....	49
Casa Lare/Sacrário Lasa.....	50
Preparação da Casa Lare ou do Sacrário Lasa.....	51
3 A Antiga Religião	53
Sangue de Bruxa na Idade Média.....	54
Objetos de Culto.....	62
Deuses da Velha Europa.....	63
Espíritos Familiares.....	65
4 Mágica Popular Italiana	67
Encantamentos da Mágica Popular.....	69
Adivinhação.....	78

PARTE DOIS: MITOS E SABER POPULAR

5	A Deusa e o Deus.....	87
	Diana e Diano.....	89
	Aspectos Lunares da Deusa.....	93
6	A Crença nas Fadas.....	97
	Oferendas, Mágicas e Reccitas.....	99
	As Fadas e o Folclore Italiano.....	103
	As Fadas e o Culto dos Mortos.....	104
7	Mitos da Antiga Religião.....	107
	Velhos Mitos e Lendas.....	108

PARTE TRÊS: OS RITUAIS

8	Rituais Solitários.....	127
	O Arranjo do Altar.....	128
	Preparação do Círculo Ritual.....	129
	Ritual da Lua Cheia.....	132
	Festa da Sombra (<i>La Festa dell'Ombra</i>).....	138
	Solstício de Inverno (<i>La Festa dell'Inverno</i>).....	145
	Lupercus (<i>Festa di Lupercus</i>).....	147
	Equinócio de Primavera (<i>Equinozio della Primavera</i>).....	150
	Dia de Diana (<i>La Giornata di Diana</i>).....	154
	Festa do Verão (<i>La Festa dell'Estate</i>).....	156
	Cornucópia.....	158
	Equinócio de Outono (<i>Equinozio di Autunno</i>).....	160
9	Ritos e Símbolos Rúnicos.....	165
	O Manuscrito das Bruxas Toscanas.....	166
	As Runas das Bruxas Toscanas.....	166
	Runas Mágicas do Mar.....	171
	Runas Mágicas Estelares.....	173
	Símbolos do Espírito Lunar.....	179
	Casas Lunares.....	180
	Casas Caldéias.....	180
	Influência Lunar das Casas.....	181
	Os 28 Espíritos das Casas Lunares.....	182

PARTE QUATRO: LEGADO E LENDA

10	Bruxaria Hereditária.....	187
	A Cimaruta.....	188
	Ervas da Antiga Religião.....	190
	Bruxas Italianas.....	192
	Os Anciãos.....	194
	Espíritos dos Mortos.....	195
	Númen Espiritual.....	197
	A Antiga Religião.....	198
11	Mágica dos Antigos Caminhos.....	203
	Desejo Místico.....	206
	Cerimônia da Lua Cheia.....	209
	Mágica Magnética Oculta.....	210
	Espelho Mágico.....	211
	Mágica do Vapor.....	213
	Atrair o Luar.....	214
	Instrumentos das Bruxas.....	215
12	O Evangelho das Bruxas.....	219
	Evangelho da Strega Sagrada.....	221
	O Pacto de Arádia.....	229
13	As Peregrinações.....	231
	As Peregrinações.....	232
14	Palavras Finais.....	239
Apêndice 1	Charles Godfrey Leland: Pai da Bruxaria Moderna.....	245
Apêndice 2	Referências Históricas de Arádia.....	249
Apêndice 3	Conceitos Mediterrâneo/egeus na Wicca Moderna.....	251
	Os Quatro Instrumentos Rituais.....	251
	O Livro das Sombras.....	251
	Os Quatro Elementos.....	252
	Os Elementais.....	252
	O Círculo Ritual.....	252
	Duoteísmo.....	252
	Os Guardiães.....	252

	Três Graus de Iniciação	253
	Estrutura do Ritual do Círculo	253
	A Orientação Norte do Ritual	254
	Direção do Ritual por Sacerdote, Sacerdotisa e Donzela	254
	A Descida da Deusa ao Submundo	254
	Orientação Lunar e Reuniões de Lua Cheia	255
Apêndice 4	Bruxos do Norte da Europa	257
	Robert Cochrane	258
	Gerald Gardner	259
	Sybill Leek	260
	Sra. Paterson	261
	George Pickingill	261
	Alex Sanders	262
	Lady Sheba	263
	Austin Spare	263
Apêndice 5	Textos em Italiano de Encantamentos Rituais	265
	Glossário	271
	Bibliografia	273
	Lista de Leituras	276
	Índice Remissivo	279
	Índice de Ilustrações	281

Introdução

Bruxaria hereditária: teria ela sobrevivido à Inquisição ou nem teria existido? Será que as Bruxas hereditárias têm se escondido tão bem e por tanto tempo que ninguém acredita nelas, mesmo quando finalmente se apresentam? É verdade que vivemos numa era de grande ceticismo, e não sem razão, pois muitas reivindicações falsas têm sido feitas; no entanto, o fascínio pela Bruxa hereditária ainda atrai muita gente e quando não se encontra uma Bruxa, sempre se precisa criar uma. Talvez seja simplesmente porque precisamos acreditar que sempre haverá um último unicórnio, um único sobrevivente da raça dos elfos e uma última Bruxa hereditária, antes que os Antigos Caminhos desapareçam para sempre.

Este livro versa sobre a Antiga Religião das Bruxas hereditárias e contém material de considerável antiguidade. Alguns elementos relacionados a ela aparecem por volta de 1896 em livros e artigos escritos por folcloristas da virada do século, tais como J. B. Andrews, Frederick Elsworthy, Lady Vere de Vere, Charles Leland e vários outros. Embora séculos mais antigo, podemos dizer com histórica certeza que o grosso deste material tem *pelo menos* cem anos; portanto, podemos afirmar com convicção que os conceitos e as práticas relatados neste livro são anteriores aos escritos sobre a Wicca moderna de Gerald Gardner (cerca de 1954).

Em meu livro anterior, *Ways of the Strega*,¹ introduzi a Bruxaria italiana moderna misturada a vários elementos da Wicca moderna. Embora tenha afirmado isto na

¹ GRIMASSI, Raven. *Ways of the Strega*. St. Paul: Llewellyn Publications, 1995. Não aparece nenhuma citação para as menções subsequentes deste trabalho, exceto no caso de citações diretas do texto. Uma edição revisada deste livro, intitulada *Italian Witchcraft: The Old Religion*, será publicada por Llewellyn Publications em 2000.

introdução, havia certa confusão sobre o que era material italiano tradicional e o que foi acrescentado de outras fontes. Além do mais, alguns revisores questionaram se a Bruxaria italiana, como a apresentei, não seria apenas uma reconstrução ecléctica moderna, com base na Wicca gardneriana. Não é esse o caso, como estabelecerei neste volume.

Em 1981 publiquei um livreto chamado *The Book of the Holy Strega*² (O Livro da Strega Sagrada), que enfocava uma Rainha das Bruxas italiana do século XIV chamada Arádia, contando seus ensinamentos e a estória de sua vida. Em 1993, Aidan Kelly produziu um trabalho intitulado *The Gospel of Diana*³ (O Evangelho de Diana) que também pintava a figura de Arádia como uma poderosa Bruxa medieval. Embora meu trabalho tivesse surgido doze anos antes, houve alguns rumores de que eu havia baseado meu material em *The Gospel of Diana*, de Kelly. Conceitos tanto do material de Leland quanto do meu, embora publicados antes, são muitas vezes creditados a escritores que escreveram posteriormente sobre temas similares; a cronologia fala por si mesma.

Comecei a escrever sobre Bruxaria italiana em 1981 numa revista chamada *The Shadow's Edge* e, alguns anos mais tarde, escrevi para a revista *Moon Shadow*. Infelizmente, devido a juramentos de iniciação, fui obrigado a apresentar o material italiano numa versão "aguada", misturada com elementos wicanos disponíveis para leitura. Em menor medida, isto também aconteceu quando escrevi para a revista *Raven's Call*. Na época, achei que era melhor do que nada e então incorporei alguns formatos do estilo wiccano, através dos quais apresentei os conceitos da Strega.

Comecei primeiro a ensinar a Arte italiana numa loja de San Diego, chamada Ye Olde Enchantment Shoppe, durante o verão de 1979. Uma das pessoas que assistiu ao curso se juntou mais tarde à minha Tradição e estudou comigo durante três anos, como iniciado de primeiro grau; Scott Cunningham tornou-se um autor wiccano muito conhecido. Embora esses estudos não sejam mencionados em sua biografia, *Whispers of the Moon*⁴ (Sussurros da Lua), fiquei contente quando Scott me reconheceu como um de seus mestres em seu livro *Earth Power*⁵ (Poder da Terra). Nossos interesses nos levaram em diferentes direções com o passar dos anos, mas nossa amizade continuou e me mantive atualizado com a vida de Scott através de um amigo mútuo e antigo aluno, Don Kraig, autor de *Modern Magick*⁶ (Mágica Moderna, Llewellyn, 1989). Como muitos outros, fiquei triste ao saber da morte prematura de Scott em 1993.

Entre 1979 e 1986, continuei a ensinar e a iniciar pessoas na Arte italiana. Meus ensinamentos eram, e continuam a ser, enfocados na estrutura e na fórmula; a estrutura ajuda a assegurar a sobrevivência e a fórmula contribui com a longevidade ao fornecer resultados convincentes aos praticantes. Sistemas estruturados cuidam para que as pessoas que os praticam possam sobreviver e as chaves são passadas adiante para o benefício de futuras gerações; essas chaves, à prova de tempo, economizam uma vida aos estudantes que querem descobrir a si mesmos; desse modo, eles podem começar com um conhecimento preservado e providenciado por gerações anteriores.

Em 1981, criei a Tradição Aradiana, misturando várias crenças e práticas das três maiores Tradições da Arte italiana: Panárrica, Janárrica e Tanárrica. A Tradição Aradiana teve a intenção de ser uma reconstrução da Tradição original, conforme foi ensinada por Arádia no século XIV. Os ensinamentos, como primeiro vieram às minhas mãos, eram considerados material hereditário. Em razão de não poder compartilhar isso livremente com meus alunos na época, criei uma mistura ecléctica para servir como material instrucional, tanto para novos alunos quanto para iniciados de primeiro grau. Segundo se sabe, as primeiras versões do que reuni ainda estão circulando pela comunidade da Arte. Em nome da verdade, gostaria de afirmar que qualquer coisa que publiquei antes de 1994, embora com base principalmente em conceitos de Strega, é um pouco ecléctica e pequenas partes foram extraídas até de fontes não-italianas.

Com o passar dos muitos anos em que ensinei, tornei-me o que chamamos em minha tradição um *Grimas*. Um *Grimas* é o ancião diretor da Tradição, e é dever dele ou dela assegurar sua sobrevivência. Esta posição permite que uma pessoa faça aquilo que for necessário para conseguir a continuação da Arte; deste modo, a posição de um *Grimas* pode libertar um indivíduo das restrições de juramentos prévios que ele ou ela tenha feito; portanto, estou agora revelando uma grande quantidade de material integral neste livro; mais ainda, este material é originalmente da Arte italiana. Não há absolutamente nada neste livro que seja criado a partir de qualquer Tradição wiccano ou baseado nela.

Em *Ways of the Strega*, apontei que *Aradia: Gospel of the Witches*⁷ (Arádia, Evangelho das Bruxas) de Leland (publicado em 1899) apresentava as Bruxas italianas reunidas na época da lua cheia. Elas também veneravam uma Deusa e um Deus romanos (Diana e Lúcifer) e ficavam nuas durante seus rituais. No final dos ritos, essas Bruxas celebravam com bolos e vinho. Mais tarde, Gerald Gardner descreveu as Bruxas inglesas quase do mesmo modo em seu livro *Witchcraft Today*⁸ (Bruxaria Moderna), publicado em 1954. Existem aqueles que insistem em que estes aspectos da Bruxaria

2 GRIMASSI, Raven. *The Book of the Holy Strega*. San Diego: Nemi Enterprises, 1981.

3 KELLY, Aidan. *Diana's Family: A Tuscan Lineage*. Pictish Voodoo Distributing Co., 1993.

4 REGULA, DeTraci e HARRINGTON, David. *Whispers of the Moon*. St. Paul: Llewellyn Publications, 1993.

5 CUNNINGHAM, Scott. *Earth Power*. St. Paul: Llewellyn Publications, 1983.

6 KRAIG, Donald Michael. *Modern Magick*. St. Paul: Llewellyn Publications, 1989.

7 LELAND, Charles. *Aradia: Gospel of the Witches*. London: David Nutt, 1890. Nenhuma citação aparece para menções subsequentes deste trabalho, exceto no caso de citações diretas do texto.

8 GARDNER, Gerald. *Witchcraft Today*. London: Rider, 1954.

são "elementos gardnerianos" e não italianos; o fato de que tais crenças e práticas apareceram por escrito mais de meio século antes de Gardner, e numa descrição da Bruxaria italiana, de algum modo se perdeu no debate.

Algumas pessoas acham que Charles Leland inventou o material que afirmava ter sobrevivido na Antiga Religião da Itália. Provas ao contrário apareceram agora, graças ao Professor Robert Matthieson, da Universidade Brown, que estudou o manuscrito original escrito por Charles Leland. Através da análise dos erros de caligrafia e das medidas corretivas no manuscrito original, Matthieson concluiu que Leland estava copiando um material exposto a ele e não criando o texto, conforme prosseguia.

A evidência apresentada por Matthieson aparece em uma nova tradução de *Aradia: Gospel of the Witches* de Leland, por Mario e Dina Pazzaglino,⁹ junto com comentários de Chas Clifton e prefácio de Stewart Farrar. Em várias partes deste livro, os autores apontam que Gerald Gardner e Doreen Valiente foram influenciados pela pesquisa de Leland sobre a Bruxaria italiana e recorreram a este material para aumentar e elaborar o Livro das Sombras gardneriano. Curiosamente, entretanto, chega-se à conclusão errônea de que a moderna Bruxaria italiana é simplesmente a Wicca gardneriana com um acréscimo de tempero italiano. Embora os livros de Leland sobre a Bruxaria italiana claramente demonstrem a preexistência de conceitos usados mais tarde na Wicca gardneriana, não posso culpar os escritores que contribuíram com o novo Livro de Arádia por falharem na compreensão de que as similaridades entre as duas Tradições derivam grandemente do formato italiano preexistente; já que esses escritores não são iniciados na Bruxaria italiana, não estão cientes de tudo que existe como prova.

Em julho de 1997, eu estava trabalhando com minha mãe em alguns encantamentos populares de uns livros de Leland para ver o que ela poderia saber sobre eles; minha mãe nasceu e foi criada na Itália e é fluente em italiano, francês e inglês. Eu também queria seus *insights* pessoais, já que ela fora criada na cultura italiana e poderia, portanto, melhor interpretar o material dentro de um contexto cultural. Ela apontou vários erros no italiano de Leland que, à primeira vista, eu havia atribuído a erros de grafia ou diferenças dialetais. Entretanto, ela rapidamente identificou-os como escrita fonética, casualmente afirmando que alguém deveria estar falando a Leland enquanto ele anotava as palavras (tanto quanto seu conhecimento de italiano lhe permitia).

Um exemplo aparece num encantamento mágico de boa sorte no qual Leland escreve "*Chuco questo sacchetto per la buona fortuna di me...*" A palavra "chuco" aqui deveria ser "cucio", mas a pronúncia italiana de *cucio* (tchu-quio) é foneticamente muito próxima da pronúncia inglesa de *chuco*. Não tendo nenhum envolvimento pessoal

9 G. LELAND, Charles. "Aradia: Gospel of the Witches". In: PAZZAGLINI, Mario (Ph.D.) e PAZZAGLINI, Dina. *A New Translation*. Blaine, Washington: Phoenix Publishing Inc., 1998.

ou interesse na política da Arte moderna, ela não percebeu o impacto de sua observação como eu o percebi. Para mim, esta era uma outra prova de que Leland não inventou o seu material, mas estava realmente trabalhando com um material dado a ele por alguém, exatamente como sempre afirmou.

Como veremos nos capítulos que seguem, Charles Leland não é apenas o escritor a quem podemos consultar para uma documentação histórica da Bruxaria italiana pré-gardneriana. Recorri a artigos escritos no *Journal of Folklore*, bem como a transcrições de julgamentos da Inquisição veneziana. Por meio destes registros, demonstrei que as tradições de família da Arte ainda existiam na Itália durante o período renascentista. Também apresentarei evidência para mostrar que eles se reuniam em círculos rituais, possuíam livros escritos à mão com encantamentos e rituais e praticavam *mágica* de natureza benéfica.

Quando se fala de *Bruxaria italiana*, é bom compreender que a Itália é muito antiga. A Itália é uma terra em que muitos dos velhos aquedutos romanos ainda funcionam e, em alguns casos, ainda são usados por italianos. Festivais citadinos e procissões de rua de hoje remontam às tradicionais celebrações que datam de até antes do Império Romano. Em algumas áreas rurais da Itália, a vida diária mudou muito pouco desde os dias da Antiguidade; preservar as tradições é uma parte integral da alma italiana, quer se trate de artesanato, costumes regionais, práticas religiosas ou até mesmo de uma receita para molho de espaguete. Assim, é um pouco temerário descartar até mesmo a possibilidade de que tradições de Bruxaria sobrevivam na Itália de hoje.

Para evitar maiores confusões ao leitor, existem várias coisas que é preciso dizer. Primeiro, a Itália não existiu como um único país antes de 1861, mas a península tem sido chamada *Itália* há muito tempo. Mesmo que a região inteira tenha consistido de vários impérios regionais e reinos através dos séculos, os historiadores comumente usam a expressão "velha Itália" quando falam de seu passado. Segundo, quero enfatizar que uso a palavra "Strega" para denotar tanto a Bruxa quanto o Bruxo (embora na verdade a palavra signifique Bruxa).¹⁰ A palavra "Streghe" (Bruxas) é simplesmente a forma plural de Strega. "Stregheria" é a palavra italiana para Bruxaria, a Antiga Religião. "Stregoneria" é a palavra para Feitiçaria ou Arte como um sistema puramente mágico não-religioso.

Adicionalmente, devo dizer que a Tradição Aradiana descrita em *Ways of the Strega* não está mais sob minha direção como Grimas; portanto, está aberta a qualquer um que deseje usufruir dela ou praticá-la do modo como lhe aprouver. Os antigos membros iniciados se reúnem agora sob o nome "Clã Umbrea", mas continuam a praticar os costumes aricianos da Arte (Aricia é uma região onde fica o lago Nemi, o lugar original do templo de Diana e do bosque sagrado). Isto foi feito para

10 Seguindo a orientação do Autor, também usamos a palavra Bruxa e o plural Bruxas tanto para homens quanto para mulheres. (N.T.)

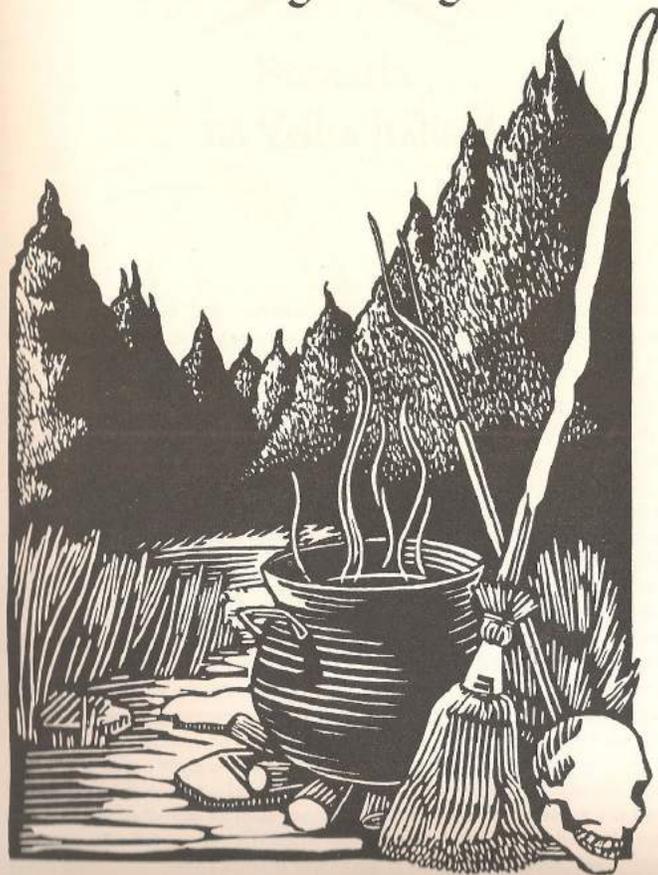
evitar confusão entre práticas descritas em *Ways of the Strega* e as práticas de nível iniciante da Tradição original. Sou agora o Diretor-Ancião dos Costumes Aricianos e não mais supervisiono o material aridiano.

Finalmente, desejo enfatizar que *Ways of the Strega* introduziu diferentes tradições representativas das muitas regiões da Itália; portanto, foram usados vários nomes de Deuses e Deusas, junto com diferentes aspectos míticos. No presente texto, enfoco uma estrutura baseada em Diana e Diano, seus mitos e lendas; isso deve facilitar ao leitor o uso deste livro como base para a prática da Stregheria. Como você vai descobrir nos capítulos seguintes, esta tradição está baseada em conceitos e práticas muito antigos. Assim, vamos nos dirigir à Velha Itália e explorar o mundo da Bruxaria italiana.



Figura 1
Imagem de pentagrama italiano encontrado num entalhe de parede na cidade romana de Spalato, cerca de 800 d.C. (extraída de *Decorative Symbols and Motifs*, New York, Dover Publications, 1986).

Parte Um A Antiga Religião





Bruxaria na Velha Itália

Em 1886 Charles Leland conheceu uma italiana chamada Maddalena, que dizia ser Bruxa. Por mais de dez anos ela lhe forneceu o que chamava "Evangelho das Bruxas" e, durante esse período, Leland também estava muito envolvido com o estudo do folclore italiano. Em 1899 ele publicou *Aradia: the Gospel of the Witches* (Aradia: o Evangelho das Bruxas), baseado no material que lhe fora fornecido por Maddalena; mas infelizmente, o trabalho é muito típico das imagens distorcidas da Bruxaria, comuns à época; no entanto, examinando bem, descobrem-se alguns elementos válidos da Bruxaria italiana, reconhecíveis nas práticas pagãs da Europa pré-cristã.

Um aspecto ainda mais valioso do livro de Leland é sua apresentação de uma interessante visão da Bruxaria pré-gardneriana na Itália. Leland fala das Bruxas que se reúnem nuas sob a lua cheia para adorar uma deusa e um deus; durante essa celebração, comem bolos e bebem vinho e também cantam, dançam e fazem amor. Para os leitores que acreditam que Gerald Gardner inventou tais conceitos é bom lembrar que isso foi escrito em 1889, mais de meio século antes dos escritos de Gardner. Algumas pessoas afirmam que os aspectos listados aqui são "indicadores gardnerianos" e argumentam que a Tradição Strega é, portanto, baseada nos modernos princípios da Wicca. No entanto, a linha do tempo não corrobora essa errônea afirmação, pois esses conceitos são claramente anteriores ao movimento gardneriano dos anos 50, de onde a Wicca moderna se originou.

É importante notar que Leland não é a única fonte de informação relativa a uma atuante seita de Bruxas na Itália por volta de 1896. No volume três de *Folk-Lore: Transactions of the Folk-Lore Society* (Folclore: Relatórios da Sociedade de Folclore) há um relato interessante sobre a Bruxaria napolitana. O autor, J. B. Andrews, diz:

Os napolitanos têm uma religião e um governo ocultos: a Bruxaria e a Camorra; alguns recorrem a eles para obter o que as organizações oficiais não conseguem ou não querem fazer. Como costuma acontecer em casos semelhantes, a Camorra teme as Bruxas e se submete a elas: o temporal ao espiritual.¹

Andrews continua a dizer que as Bruxas de Nápoles se dividem em "departamentos especiais da arte". Ele lista dois, como adeptos na Arte da Terra e na mágica do mar. Mas adiante, dá a entender que uma terceira especialidade poderia existir, relacionada às estrelas. Andrews nos conta que as Bruxas napolitanas realizam a mágica do nó, criam poções herbais medicinais, constroem amuletos de proteção e se envolvem nas artes de cura.

Andrews conclui seu artigo com informações coletadas na ocasião em que entrevistou Bruxas italianas; quando indagadas de que livro extraíam suas informações, essas Bruxas responderam que seu conhecimento era inteiramente tradicional, "passado de mãe para filha". As Bruxas também disseram a Andrews que costumam trocar entre si o sangue de uma veia no braço e que um novo membro recebe uma marca embaixo da coxa esquerda. Embora a lua não tenha sido especificamente mencionada, as Bruxas contaram a Andrews que tais cerimônias são realizadas à meia-noite.

O antigo poeta romano Horácio nos traz, talvez, uma das referências mais primitivas sobre as Bruxas italianas e sua conexão com um culto lunar. Em *Epodes of Horace*² (Épodes de Horácio), escritas por volta de 30 a.C., ele narra a história de uma Bruxa italiana chamada Canídia. Horácio diz que Prosérpina e Diana concederam às Bruxas o poder de se reunirem em segredo para realizar os mistérios associados a seu culto. Ele fá-la de um livro de encantamentos de Bruxas (*Libros Caminum*), segundo o qual a lua pode ser "chamada" do céu. Outros antigos escritores romanos, tais como Lucano e Ovídio, produziram trabalhos que claramente apoiavam o mesmo tema. Podemos concluir, então, que durante essa época, tais crenças sobre Bruxas e Bruxaria eram de conhecimento comum.

Sabemos por escritos dos tempos romanos que Prosérpina e Diana eram cultuadas à noite, em cerimônias secretas. Seus adoradores se reuniam à noite sob a lua cheia e evitavam as cidades onde os deuses solares reinavam. Diana era a Deusa Romana da Lua, conhecida previamente na Grécia como Ártemis, irmã gêmea de Apolo. Deus do Sol. Prosérpina, também conhecida como Perséfone, há muito estava associada ao Submundo. Nos mitos antigos, Perséfone é ligada a Hécate Triforme, Deusa do Submundo, sobre quem Porfírio escreveu: "A lua é Hécate... seu poder aparece sob três formas: Selene no céu, Ártemis na terra, Hécate no Submundo".³

1 ANDREWS, J. B. *Folk-Lore: Transactions of the Folk-Lore Society*, Mar., 1897.

2 CLARK, Thomas. *The Works of Horatius Flaccus*. Philadelphia: David McKay Publishers, 1884.

3 BIDDEZ, J. *Vie de Porphyre*, p. 14.

Hesíodo escreveu em *Theogony* (Teogonia), cerca de 700 a.C., que Hécate reinava sobre os três grandes mistérios: Nascimento, Morte e Vida.

Em *The World of Witches*,⁴ o antropólogo Julio Baroja revela a evidência de um culto florescente no sul da Europa, durante os séculos V e VI d.C., que adorava Diana. Nas notas sobre o capítulo quarto, ele acrescenta que o culto também venerava uma deidade masculina chamada Diana. Transcrições de julgamentos de Bruxas na Itália indicam uma conexão entre Bruxas e a Deusa Diana, abrangendo vários séculos. Meu livro anterior *Ways of the Striga* contém uma extensa cronologia de tais julgamentos, datando de 1310 a 1647.

Além de Leland e J. B. Andrews, também temos os dados da folclorista italiana Lady Vere de Vere sobre a Bruxaria italiana como ela a conheceu na região italiana do Tirol. Num interessante artigo encontrado na *La Rivista di Roma* (junho de 1894), Lady Vere de Vere nos conta que "a Comunidade de Bruxas Italianas é regulada por leis, tradições e costumes do tipo mais secreto, possuindo receitas especiais de feitiçaria". Algo muito interessante para qualquer pessoa que tenha uma mente aberta é que Leland, Andrews e Lady Vere de Vere usam os verbos no tempo presente quando falam da Bruxaria italiana, por volta de 1896.

No *Journal of Social History* (volume 28, 1995), um fascinante artigo de Sally Scully, do Departamento de História da Universidade de São Francisco, detalha certos aspectos de um julgamento de Bruxaria na Veneza do século XVII. Em minhas pesquisas sobre as transcrições deste julgamento em especial, descobri que as Bruxas italianas deste período usavam livros manuscritos de encantamentos, copiados de um "grimório" conhecido como *Key of Solomon*. (Estas transcrições do julgamento de Bruxas de Veneza estão em quarto lugar entre os maiores registros da Inquisição veneziana.) Esse julgamento enfocava uma mulher chamada Laura Malipero que, em 1654, teve sua casa revista pelo Capitão do Santo Ofício, um braço da Inquisição, ocasião em que foram descobertos vários livros de encantamentos grossamente escritos, junto com ervas sofisticadas e cópias de um livro ocultista conhecido como *Clavide of Solomon* (Chave de Salomão). Este livro havia sido banido pela Inquisição romana em 1640. Laura disse em sua defesa que um hóspede havia esquecido esses objetos e afirmou também que era analfabeta e portanto não poderia saber o que continham. No entanto, a Inquisição notou a presença de cópias em várias fases de execução e concluiu que um processo de reprodução estava claramente acontecendo na casa dela. No julgamento, uma testemunha afirmou que Laura era a Bruxa mais famosa de Veneza.

O advogado de Laura argumentou que ela era uma curandeira de ervas mágicas, bem treinada nas artes, e que seus procedimentos funcionavam e eram técnicas válidas.

4 BAROJA, Julio. *The World of Witches*. Chicago: The University of Chicago Press, 1964.

5 *Grimoir* ou *grimoire*, manuscrito particular de uma Bruxa, contendo seus encantamentos e rituais mágicos. (N.T.)

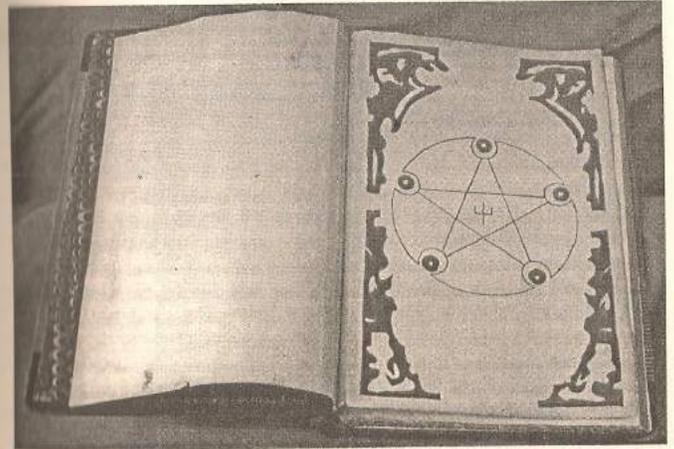
das. Ele afirmou que ela havia sido ensinada por farmacêuticos e barbeiros (ligas profissionais oficiais da época), os quais eram licenciados pelo governo. Testemunhas se apresentaram para depor em favor de suas habilidades, mas, infelizmente para Laura, esta era sua terceira aparição perante a Inquisição sob acusação de Bruxaria. Em 1630, Laura tinha sido sentenciada a um ano de prisão por heresia, após seu marido ter-se divorciado dela por prática de Bruxaria; ela fora acusada de colocar símbolos num sapato, manter um encantamento numa bolsa e colocar água benta na sopa. Laura confessou, mas afirmou que suas intenções eram boas.

Em 1649, Laura foi novamente julgada pela Inquisição por praticar "stregarie" (magia de amor, adivinhação etc.), junto com sua mãe Isabella, a meia-irmã Marietta Battaglia e mais treze outras. Marietta confessou adivinhar o futuro e fazer pequenos trabalhos de magia (*piria, cordella, inchiestra*). Ela própria já havia sido julgada pela Inquisição em 1637 por praticar Bruxaria. No julgamento de 1649, somente Marietta foi condenada à prisão e ao exílio.

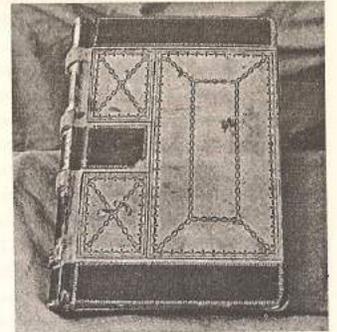
O interessante nisto tudo é a documentação histórica de encantamentos copiados à mão e manuscritos de natureza mágica das Bruxas italianas do século XVII. Se não para outra coisa, isto serve como evidência parcial de que as Bruxas italianas transmitiam tradições mágicas por meio de livros manuscritos (o que os wiccanos chamariam *Livro das Sombras*). Também podemos atribuir uma importância secundária ao fato de que as transcrições de julgamento documentam textos mágicos de natureza positiva na Bruxaria italiana. *A Chave de Salomão* é considerado um trabalho de Magia Negra e trata, em parte, do banimento de maus espíritos e demônios. Tudo isto empresta credibilidade às reivindicações das Bruxas hereditárias de que conhecimento oral e escrito, com séculos de idade, tem sido transmitido de geração em geração. Se Laura e sua família estavam envolvidas em tais tarefas, certamente outras também estavam. A existência de livros copiados à mão por Bruxas é ainda um outro aspecto da Bruxaria italiana que aparece mais tarde na Wicca gardneriana. No *Gospel of Aradia*, Leland se refere várias vezes ao material registrado por escrito pelas Bruxas italianas e também nos conta que a cópia do *Witches' Gospel* (Evangelho das Bruxas), que recebeu de Maddalena, estava escrita na caligrafia dela.

De acordo com a lenda, Arádia nasceu na cidade de Volterra, região da Toscana. Várias Bruxas italianas acreditam que Arádia era uma poderosa Bruxa e professora que viveu na Itália mais ou menos entre a metade do século XIV e o início do século XV. Ela trouxe o florescimento da Antiga Religião, que varreu quase todas as regiões conhecidas hoje como Itália. Em 1508 d.C., o inquisidor italiano Bernardo Rategno escreveu em seu *Tratatus de Stigibus* que uma rápida expansão do culto da Bruxa havia começado 150 anos antes; ele chegou a tal conclusão em seu estudo de transcrições de julgamentos preservados nos Arquivos da Inquisição de Como, Itália. Se Rategno estava certo, sua afirmação pode ser a prova histórica da existência de Arádia.

As lendas orais dizem que Arádia era filha única de pais católicos. Sua mãe queria que Arádia se tornasse freira, mas ela se recusou a aceitar e foi açoitada por sua



Figuras 2-3
O Livro dos Caminhos. Antigo diário, típico da espécie de livros passados através das linhagens de Bruxas de família. Este livro, pertencente ao Autor, data de fins do século XIX e início do século XX.



rebelião. Incapaz de controlar a filha, a mãe arranjou uma governanta para cuidar dela, mas acontece que a governanta não era católica, e sim uma Bruxa toscana (segundo a lenda, a governanta parece ter sido tia dela).

Arádia foi iniciada na Antiga Religião algum tempo depois, pela governanta. Finalmente, a mãe descobriu o que ocorrera e a despediu. Temendo que isso fosse divulgado, a família fugiu para a Itália central nas montanhas Albanas, região próxima ao lago Nemi. Ainda assim, Arádia se recusava a obedecer seus pais ou a renun-

Assim como muitas coisas na Europa, os desenhos de antigas cavernas encontrados na Itália revelam crenças cerimoniais primitivas relacionadas à caça e ao mundo animal em geral. Com o passar dos séculos, as antigas crenças xamânicas evoluíram para uma religião tribal, finalmente tomando a forma do que agora chamamos *La Vecchia Religione* — a Antiga Religião —, na qual encontramos uma mistura de crenças comuns tanto à sociedade caçadora quanto à agrária. Escritores dos períodos helênico e romano encontraram na Itália elementos sobreviventes das primitivas concepções e práticas tão distantes da racionalidade do mundo clássico que às vezes provocam assombro e incompreensão.

Ainda mais espantosos eram os traços de uma concepção animística do sobrenatural e a onipresente importância dos sinais divinos e da adivinhação. Alguns escritores encontraram o que acreditaram ser elementos sobreviventes de um antigo matricarado, refletidos no alto *status* social e religioso das mulheres da Etrúria e mesmo da Roma primitiva. Também foram encontradas antigas crenças na sobrevivência material dos mortos no lugar de seu sepultamento e todos os ritos sugeriam tais crenças (urnas e túmulos em formato de casa, ricos aparatos funerários, jogos funerários etc.).

INFLUÊNCIAS MÍTICAS

A Antiga Religião da Itália está enraizada no culto neolítico nativo mediterrâneo/leguo da Grande Deusa. Na mitologia clássica, a devoção à Deusa da Lua foi trazida da Grécia para a Itália central por Orestes e sua irmã Ifigênia; segundo consta, eles fugiram de sua terra natal depois de serem acusados de assassinar o rei de uma província. Ifigênia (uma sacerdotisa de Diana), ajudada por Orestes, estabeleceu um bosque sagrado em Nemi em honra à Deusa Diana.

Dentro do bosque havia um certo carvalho, do qual nenhum galho era permitido quebrar; apenas um escravo fugitivo teve a permissão de tentar retirar um galho. O sucesso da empreitada deu-lhe o direito de desafiar o Guardião do Bosque num único combate; se vitorioso, ele se tornaria o Guardião e reinaria como *Rex Nemorensis* (Rei dos Bosques). Como o Guardião do Bosque tinha de ser um foradalei, ele geralmente usava um capuz para disfarçar sua identidade enquanto se movimentava pela floresta; por esta razão, entre outras, também era conhecido como o *Homem Encapuzado*.

As lendas falam do primeiro desafiante a entrar no bosque de Nemi; de acordo com o mito, Diana escondeu esse homem, Virbio, dos deuses solares na floresta de Nemi porque ele ofendera Vênus ao rejeitá-la por Diana. Em troca do favor de Diana, Virbio tornou-se Guardião do Bosque. Embora isso seja apenas mito e simbolismo, a posição de *Rex Nemorensis*/Homem Encapuzado é historicamente verdadeira e a regra de sucessão por combate foi observada até nos tempos do Império Romano. Sabe-se, por registros históricos, que o imperador romano Calígula contratou um guerreiro para eliminar o Guardião de Nemi na esperança de fazer desaparecer o culto.

Na Bruxaria italiana, um subculto se desenvolveu a partir do mito de *Rex Nemorensis* e a posição do Homem Encapuzado tomou muitos outros aspectos. Ele simbolizava o Deus das Florestas e tornou-se o Rei Divino (daí o aspecto do assassinato ritual); além disso, ele era o protetor do povo, seu provedor e sua esperança. O bosque de Nemi era um sacrário para os foradalei e fugitivos da sociedade patriarcal. Arádia, a Rainha Bruxa da Idade Média, vivia nos campos proscritos das florestas perto de Nemi junto com seus seguidores, todos também considerados proscritos. Em Nemi, a Deusa Diana tinha o título de Deusa das Bruxas, dos Foradalei e dos Proscritos. O acampamento principal de Arádia e seus seguidores fica entre as ruínas do Templo de Diana, que dá vista para o lago Nemi.

O lago Nemi é muitas vezes referido como o *Espelho de Diana*; tomou esse nome porque o reflexo da lua cheia aparecia na superfície das águas do lago quando se olhava das ruínas do templo. A lua era o símbolo da deusa rainante no céu noturno e nos tempos primitivos era venerada como a própria Deusa; com a evolução do culto lunar, a luz da lua tornou-se um símbolo da divina presença, como o é até hoje.

O culto da Bruxa e outras Tradições de Mistério floresceram abertamente até o século IV d.C., quando agentes da Igreja saquearam e destruíram os templos pagãos. Desta maneira, a Igreja dissolveu as celebrações pagãs e evitou que os antigos ritos fossem celebrados nos locais tradicionais. Em 324 d.C., o Imperador Constantino oficializou o Cristianismo como a religião do Império Romano; os templos pagãos foram destruídos ou convertidos em igrejas cristãs e gradualmente, através dos anos, os costumes pagãos foram sendo absorvidos pelo Cristianismo. A Antiga Religião retirou-se para o silêncio, longe da atenção do povo. Apenas pequenos grupos de pessoas continuaram a se reunir nos antigos locais e a praticar os velhos ritos sazonais, já que a maioria temia chamar a atenção da Igreja; entretanto, o povo das aldeias e cidadezinhas continuava a procurar a Bruxa local para ajuda e para curas mágicas.

INFLUÊNCIAS DA IDADE MÉDIA E DO RENASCIMENTO

A partir do colapso do Império Romano no século V d.C., a Europa entrou na Idade Média. A Igreja Católica Romana substituiu a Roma imperial como fator de unificação da Europa; o latim permaneceu como língua dos eruditos e ajudou a preservar muito do conhecimento que atualmente possuímos sobre as culturas antigas e da mágica. A Europa saiu da Idade Média com o período da Renascença, originado na Itália durante o começo do século XIV. No século XV, a Renascença se espalhou pela França, Espanha, Inglaterra e Países Baixos. Além da arte, da ciência e da literatura, a Renascença produziu muitos livros sobre mágica natural e filosofia oculta em geral; durante este período, mágica se referia a um conjunto de conceitos que constituíam uma ciência metafísica.

Com a Renascença, veio a ressurreição dos livros perdidos de mágica greco-romana; o período renascentista produziu particularmente os grandes ensinamen-

tos herméticos, que são a base de muitas doutrinas e tradições modernas. Os livros herméticos, originalmente escritos em grego, por volta do século III apareceram sob um estilo ou forma pseudo-egípcia. Esses textos preservaram os antigos ensinamentos da Pérsia, Caldéia, Índia e dos Cultos Gregos de Mistérios; como um contexto de ensinamentos acumulados, era fortemente influenciado pelo neoplatonismo, pelo gnosticismo e neopitagorismo (veja glossário). Os manuscritos ocultistas do período renascentista criaram os fundamentos dos textos mágicos que posteriormente apareceram por toda a Europa.

Em 1460, chegaram às mãos de Cósimo de Médici muitos manuscritos herméticos da Macedônia e do decadente Império Bizantino. Ele ordenou a Marsílio Ficino (filósofo e teólogo italiano) que traduzisse esses textos; através de seus esforços temos hoje um conjunto de conhecimentos ocultistas que ainda é a base do pensamento mágico. No período posterior da Renascença, esses textos mágicos apareceram na França, Inglaterra e Alemanha.

O neoplatonismo, uma filosofia baseada nos ensinamentos de Platão, influenciou grandemente as tradições ocultas do sul da Europa. Plotino, um egípcio helenizado, foi responsável pelo despertar dessa filosofia cerca de 244 d.C. O neoplatonismo plotiniano, por sua vez, foi reavivado no século XV por Marsílio Ficino e coube a John Coler introduzir o neoplatonismo na Inglaterra, o qual preparou o caminho para os platonistas de Cambridge no século XVII. As doutrinas de Plotino tornaram-se o ensinamento oficial da Academia Platônica e influenciaram grandemente a teologia cristã.

Muitas escolas de neoplatonismo, como a de Pérgamo, se envolveram em práticas mágicas. Por volta do século XV, esses princípios estavam firmemente estabelecidos e influenciaram muitos frades e monges envolvidos na tradução de textos antigos; um exemplo é Tommaso Campanella, frei dominicano do século XVII, acusado de heresia e aprisionado pela Igreja por tentar conciliar ciência e razão com a revelação cristã. Os monges e frades, que durante a Idade Média anotaram as lendas célticas hoje conhecidas, sem dúvida eram versados no neoplatonismo, pois encontramos muitos conceitos mediterrâneos na mitologia e nas lendas célticas. É provável que, assim como o catolicismo romano transpôs lugares como a Irlanda, os ensinamentos mediterrâneos influenciaram a teologia cristã. No final da Antiguidade e começo da era medieval, filosofias de várias tradições religiosas foram atraídas pelo pensamento neoplatônico e influenciadas por ele.

Na Itália, certas regiões se apegavam fortemente à Antiga Religião, apesar do poder da Igreja. A Toscana, no norte da Itália, era o centro mais forte do paganismo, seguida de perto pela região do Benevento, mais abaixo na Itália central; entretanto, com o passar do tempo, mesmo essas fortalezas caíram em poder da Igreja. Tudo que restou das crenças, adorações e práticas pagãs foi condenado como demoníaco e suprimido pela teologia e pelas leis cristãs. O *Sinodo de Roma* em 743 d.C. baniu qualquer oferenda ou sacrifício a deuses e espíritos pagãos; o *Sinodo de Paris* em 829 d.C. publicou um decreto exigindo a morte de Bruxas e feiticeiras, citando as passagens

bíblicas do *Levítico*, 20:6 e *Êxodo*, 22:18. Em 1181, o Doge Orlo Malipieri de Veneza aprovou leis que proibiam fazer poções e praticar mágica. Embora a Bruxaria fosse oficialmente crime na Itália durante todo o século XIII, a obsessão por Bruxas da Europa do norte somente percorreu a Itália nos começos do século XV.

BRUXARIA MODERNA

Em 1951, na Inglaterra, a última das leis contra Bruxaria foi revogada pelo Parlamento; pouco depois, um despertar da Bruxaria começou na Grã-Bretanha. Em 1954 e 1959, Gerald Gardner publicou seus livros *Witchcraft Today* e *The Meaning of Witchcraft*⁹ (O Significado da Bruxaria), revelando muito da verdadeira natureza da Antiga Religião. O próprio Gardner era um Bruxo inglês e fez muitas coisas para mudar a imagem cristã da Bruxaria; por mais estranho que pareça, os ritos que Gardner revelou continham vários aspectos da Bruxaria italiana, tais como nudez, celebrações com vinho e bolo e a adoração de uma deusa e de seu consorte provido de chifres. O nome Arádia até mesmo aparece no sistema inglês, junto com segmentos do escrito original italiano encontrado em *The Charge of the Goddess* (A Sagração à Deusa).

O Despertar do Oculto no século XIX, que deu origem ao movimento da Wicca Gardneriana, foi estimulado pelos ensinamentos clássicos revividos durante a Renascença. Os trabalhos de Giovanni Pico della Mirandola influenciaram profundamente o Ocultismo Ocidental. Em 1486, Pico publicou seu trabalho *Conclusions Nougentiae in Omni Genere Scientiarum* (900 conclusões em cada tipo de ciência), contendo tudo, desde a filosofia natural até a metafísica e os ensinamentos da Cabala.

A filosofia oriental fundiu-se com o ocultismo ocidental, modificando muitos dos antigos conceitos egípcio/mediterrâneos, fundamentais para os sistemas mágicos ocidentais. Os últimos trabalhos de Eliphas Levi, Francis Barrett, Franz Bardon, Aleister Crowley, A. E. Waite, Dion Fortune e MacGregor Mathers foram as bases dos ensinamentos secretos do sistema mágico pessoal de Gardner. Não queremos aqui sugerir que a Wicca é algo inventado por Gerald Gardner, mas sim, confirmar que muito do que ele acrescentou às tradicionais crenças pagãs célticas vieram de tais fontes. Fique claro, porém, que a Wicca moderna é também uma evolução das tradições mágicas folclóricas vistas em toda a Europa.

INFLUÊNCIAS MAÇÔNICAS

Como já mencionamos, muitas Bruxas italianas uniram-se a grupos maçônicos, tanto para se protegerem quanto para continuar com as antigas práticas junto a outras Bruxas. As influências maçônicas são prontamente reconhecíveis num sim-

9 GARDNER, Gerald. *The Meaning of Witchcraft*. New York: Samuel Weiser, 1959. Nenhuma citação aparece em menções subsequentes destes trabalhos, exceto no caso de citações diretas do texto.

ples exame das práticas modernas; por exemplo, o grupo maçônico italiano conhecido como Carbonari (cerca de 1820) tinha três graus de iniciação marcados por cordões ou laços coloridos: azul, vermelho e preto. Um triângulo marcava o nível de primeiro grau. Os Carbonari afirmavam fundamentar seu sistema no Culto Romano de Mistério de Mitra. Uma história originada de sua ordem na França afirma que este capítulo em especial surgira na Escócia, durante o reinado da Rainha Isabel e era apoiado por Francisco I, Rei da França. Sob sua proteção, o culto maçônico se multiplicou e se espalhou pela Alemanha, França e Inglaterra, onde também foi conhecido como Maçonaria da Floresta. Há uma interessante similaridade aqui com as Bruxas italianas, que chamam seus próprios grupos de “bosques” (*Boschetto*).

Um grupo hermético de Nápoles também influenciou a moderna Stregheria; este grupo era chamado *Fratellanza Terapentico-Magica di Myriam* (Irmandade Terapêutico-mágica de Myriam) e foi fundada em Nápoles por Guiliam Kremmerz. Em 20 de março de 1896, a Irmandade de Myriam criou uma constituição e iniciou a instrução formal. A estrutura básica das práticas da Ordem era baseada nas propriedades magnéticas naturais encontradas em todos os seres vivos, bem como na própria terra; a ordem ensinava que todas as coisas eram equilibradas dentro de uma estrutura polarizada. A cura por meio de propriedades eletromagnéticas do corpo era uma das primeiras práticas da Irmandade.

A Irmandade de Myriam ensinou o conceito de aura, um campo de energia que circunda o corpo; também instruíu seus membros no que diz respeito ao *corpo lunar*. Acreditava-se que o corpo lunar era formado pelo estado emocional de um indivíduo, criando um campo de energia dentro da aura; o corpo lunar, neste contexto, é a contraparte oculta ou espiritual do campo de energia eletromagnética conhecido como aura. A Ordem de Myriam também instruíu seus membros nas dimensões astrais e nas várias práticas associadas a trabalhos astrais. Embora tais conceitos fossem previamente bem conhecidos pelas Bruxas italianas, a Irmandade forneceu termos e títulos mais tarde adotados pela Stregheria.

DUOTÉISMO

Nos textos clássicos romanos e gregos encontramos a imagem do casal divino em pares, como Júpiter e Juno, Zeus e Hera. No segundo lectistérnio¹⁰ de 217 a.C., pela primeira vez em sua história, os romanos selecionaram doze deidades e agruparam-nas em casais divinos de acordo com o padrão helênico. A partir desta celebração, surgiu a versão romana das Doze Principais Deidades na mitologia romana. O conceito egeu-mediterrâneo do casal divino teve grande impacto nas formas de deidade celta nos séculos seguintes.

10 Do latim *lectisternium*, banquete oferecido aos deuses em certas ocasiões; festim religioso. (N. T.)

Os celtas da Idade do Ferro não costumavam criar representações físicas da deidade com uma regularidade suficiente para constituir uma tradição artística ou cultural de tal expressão. Após a ocupação romana na Gália e na Bretanha, houve um repentino surto de representações da deidade celta, reflexo da tradição romana da iconografia. A iconografia que preservou as formas de deidade celta é devida em grande parte à tradição artística mediterrânea. Algumas imagens de divindades celtas aparecem pela primeira vez apenas sob o domínio romano: as Deusas-Mães, os casais divinos e Ne-halennia, especificamente. Esses aspectos não podem ser rastreados antes dos tempos romanos (para detalhes, veja meu livro *The Wiccan Mysteries*).¹¹

Muitas pessoas acreditam que o conceito de Bruxas adoradoras de uma deusa e um deus vem da Wicca gardneriana; no entanto, como afirmei antes, este conceito aparece nos primeiros escritos de Charles Leland. Leland retrata as Bruxas italianas adorando as deidades romanas Diana e Lúçifer. Na mitologia romana, Diana era a Deusa da Lua e Lúçifer¹² era o Deus da Primeira Luz do Dia, e por essa razão, ele era também um deus solar no panteão romano.

Embora umas poucas tradições da Strega incluam o Lúçifer romano em seu panteão, a maioria das Bruxas italianas utiliza os nomes Diana e Diano. Diana tem muitos outros nomes pelos quais é conhecida e venerada entre as Streghe; dependendo do aspecto de divindade desejado, ela pode ser Tana, Losna ou Atimite. Em algumas tradições, ela também leva o nome de Jana. Do mesmo modo, Diano é conhecido pelos nomes de Tano, Poloce (Pólux) ou Jano; ele também é chamado *Comuno* – latim para “aquele com chifres” ou “Cornífero”.

CONJUNTO BÁSICO DE INSTRUMENTOS

Na Bruxaria moderna e na Wicca, o conjunto de instrumentos rituais consiste de bastão, adaga, taça e pentáculo. A ilustração mais antiga de um mágico junto com todas essas ferramentas é encontrada no baralho italiano Cary-Yale Visconti, do século XV. É também o mais antigo baralho de tarô existente. A carta do Mago neste baralho ilustra o Mago em pé, atrás de uma mesa; na mão esquerda ele segura um bastão; na mesa estão colocados uma taça, uma espada e um pentáculo. Cada um desses instrumentos aparece nos Arcanos Menores desse baralho como naipes individuais, chamados espadas, paus, copas e ouros. Stuart Kaplan, reconhecido especialista em tarô, afirma que todo o simbolismo do tarô como conhecemos hoje evoluiu a partir do tarô italiano.

O baralho Pierpont Morgan Visconti, do século XV, é ligeiramente diferente do baralho Cary-Yale; aqui, o Mago está sentado atrás de uma mesa, sobre a qual estão

11 GRIMASSI, Raven. *The Wiccan Mysteries*. St. Paul: Llewellyn, 1997 (*Os Mistérios Wiccanos*, tradução de Cláudio Crow Quintino, São Paulo, Gaia, 2001).

12 Do latim *Lúçifer*, aquele que traz luz, luminoso; estrela da manhã. (N. T.)

colocadas uma taça comum, uma faca e duas moedas grosseiras da época; na mão esquerda, ele segura uma varinha fina. Assim como na versão Cary-Yale, os instrumentos do Mago também aparecem como naipes individuais dos Arcanos Menores; portanto, temos realmente documentado que os quatro instrumentos rituais do Ocultismo Ocidental eram conhecidos na Itália a partir do século XV. O fato de que eles são usados como símbolos parece indicar uma prévia tradição mística duradoura, ligada a esses instrumentos na Itália. Também é interessante notar que o mais antigo pentagrama surgiu primeiro no sul da Itália, cerca de 525 d.C. e foi usado por um grupo de pitagóricos em Crotona, Itália. O "coven" New Forest (Nova Floresta), da era de Gerald Gardner, se autodenominou Irmandade de Crotona.

OS QUATRO ELEMENTOS

Em 1609, Francesco Guazzo escreveu em seu *Compendium Maleficarum* (primeiro livro, capítulo 18) que as Bruxas italianas invocavam certos espíritos possuidores de naturezas elementais específicas: *igneo, aéreo, terrestre e aquoso*. Na mitologia romana, os quatro ventos são deidades com naturezas elementais; seus nomes são: Bóreas (norte), Euro (leste), Noto (sul) e Zéfiro (oeste). Eles eram comandados por uma outra deidade chamada Éolo, o Guardião dos Ventos, que os mantinha sob controle por meio de correntes. Neste mito, vemos as quatro naturezas elementais controladas por um quinto poder maior; esse, certamente, é o simbolismo clássico do pentagrama.

Segundo antigos historiadores, Empédocles (um estudante das prédicas de Pitágoras) foi historicamente a primeira pessoa a ensinar o conceito dos Quatro Elementos como uma doutrina única e coesa; ele também foi o primeiro a introduzir o conceito dos quatro elementos na astrologia, explorando o papel deles em diferenciar a natureza básica dos signos do Zodíaco. Empédocles viveu por volta de 475 a.C. em Sicília, sua terra natal, onde apresentou os ensinamentos relacionados aos quatro elementos como sendo a raiz quádrupla de todas as coisas.

No Ocultismo europeu, estas são as tradicionais atribuições derivadas dos ensinamentos de Empédocles:

Terra: Touro, Virgem, Capricórnio.

Ar: Gêmeos, Libra, Aquário.

Fogo: Aries, Leão, Sagitário.

Água: Câncer, Escorpião, Peixes.

Terra: frio + seco

Ar: quente + úmido

Fogo: quente + seco

Água: frio + úmido

REENCARNAÇÃO

A reencarnação, conhecida no sul da Europa como "transmigração da alma", era um dos ensinamentos misteriosos nos Mistérios Órficos da Grécia antiga e do culto romano de mistério de Dionísio, na antiga Pompéia. A reencarnação era conhecida como *Palingenesis*, literalmente "originar-se de novo". Os ensinamentos órficos pregavam que a alma era pré-existente e sobrevivia à morte física do corpo no qual habitava; a alma finada retornava outra vez no corpo de um ser humano ou outro mamífero, até que finalmente encontrasse sua libertação. Uma vez libertada dos ciclos de renascimento, a alma voltava a seu primitivo estado puro na comunidade de almas que vivem com os deuses.

Séculos antes da presença celta na Grécia (300 a.C.), os filósofos gregos Pitágoras (século VI a.C.) e Platão (século V a.C.) ensinavam que a alma imortal passava por muitas encarnações. Alguns acreditam que os Druidas ensinaram a Pitágoras a doutrina da reencarnação; no entanto, a linha do tempo não apóia essa ideia, pois Pitágoras nasceu por volta de 580 a.C. e as primeiras referências históricas aos Druidas vêm de Diógenes Laércio (cerca de 200 d.C.), que escreveu que os Druidas foram primeiramente conhecidos no tempo de Aristóteles (384-322 a.C.); isso soma quase dois séculos após a morte de Pitágoras.

O antigo historiador grego Diodoro, mais Amiano e Valério Máximo, igualam as crenças druídicas em reencarnação com a "crença de Pitágoras". O antigo historiador Hipólito de Alexandria afirmou que o lendário Zalmóxis Trácio (um estudante dos ensinamentos de Pitágoras), "iniciou os Druidas na fé pitagórica" durante suas viagens; isso aconteceu aproximadamente dois séculos antes de os celtas aparecerem na Trácia. Alguns historiadores pensaram que Zalmóxis era celta por ter nascido na Trácia, mas a linha do tempo não corrobora isso.

O CÍRCULO RITUAL

Antigos entalhes italianos em madeira, como o que aparece no *Compendium Maleficarum* (1609) de Francesco Guazzo, retratam Bruxas reunidas num círculo ritual. Na Bruxaria italiana, o altar é orientado para o quadrante norte do círculo ritual. Os etruscos que ocuparam a Itália central (de quem os romanos emprestaram muitas coisas) colocavam suas deidades em associações com os quadrantes; no norte estava o deus-chefe Tinia (e sua consorte Uni), que era o Rei dos Deuses; o norte era dividido em quatro seções que abarcavam do norte ao quadrante leste. No leste (a mais distante extensão do local nordeste), viviam os doze maiores deuses e deusas da religião etrusca. No sul estavam colocados os deuses menores e os espíritos da Natureza. No oeste estavam as deidades da Morte e do Submundo. Nessa visão etrusca do Cosmo, temos os primeiros relatos das crenças itálicas associadas aos quatro quadrantes.

O quadrante nordeste do círculo é considerado a zona do portal sagrado; o leste é o quadrante associado a deidades da luz e do esclarecimento; portanto, o quadrante

te nordeste é a união do poder divino com o esclarecimento humano. Deste modo, nos rituais do círculo da Strega, sempre se começa e se termina os rituais pelo quadrante nordeste. É interessante notar que o antigo templo de Diana foi construído na praia nordeste do lago Nemi.

O SACERDOTE, A SACERDOTISA E A DONZELA

Em muitas tradições modernas de Bruxaria/Wicca, encontramos a inclusão de uma sacerdotisa, de um sacerdote e de uma donzela; algumas vezes também encontramos a presença de um guardião. A Bruxaria italiana é matrifocal e tem suas raízes no culto neolítico da Grande Deusa. Os rituais são presididos por uma sacerdotisa, assistida por seu sacerdote e uma donzela atendente. Com o passar dos séculos, a função do sacerdote nos círculos rituais aumentou e hoje podemos encontrá-lo presidindo rituais que acontecem no outono e no inverno. Nos tempos antigos, a prática não era essa, e todos os rituais da Antiga Religião estavam sob a direção de mulheres, assistidas por sacerdotes.

Antigos relevos em "stucco" (gesso) da Vila dos Mistérios em Pompéia, Itália (de Farnesina, 30-25 a.C., Museu Nacional de Roma), mostram uma mulher conduzindo uma iniciante com olhos vendados num ritual; a sacerdotisa é assistida por um sacerdote Sileno e uma mulher atendente; era típico dos antigos cultos de Roma envolver sacerdotes e sacerdotisas, com suas atendentes donzelas. O Culto Misterioso de Dionísio em Pompéia é um clássico exemplo pintado em murais. Seria difícil encontrar um mistério romano que não empregasse um sacerdote e uma sacerdotisa junto com suas atendentes donzelas, salvo, talvez, os cultos de Bona Dea, de Hércules e das Virgens Vestais, que eram exclusivos de cada sexo.

O MITO DA DESCIDA

Os Mistérios Eleusinos, originários da Grécia, envolvem temas de descida e ascensão, perda e ganho, luz e trevas e os ciclos de vida e morte. Ritos associados a esses Mistérios eram praticados à meia-noite, durante os equinócios de primavera e outono. Os Mistérios Eleusinos se espalharam a Roma e à Bretanha, onde iniciações nesses cultos eram praticadas. O Culto Eleusino continha os Mistérios Maiores e os Mistérios Menores; os Menores tratavam da abdução de Perséfone pelo Deus do Submundo, um clássico mito de descida.

Os Grandes Mistérios lidavam com a busca pelo retorno da Deusa e os ritos eram praticados em honra a Ceres (Deusa da Agricultura, padroeira dos Mistérios). Isso poderia explicar os muitos conceitos wiccanianos encontrados no mito relativo à queda e ao retorno da Deusa, bem como a muitos temas ligados aos ritos equinociais.

No mito geral, Perséfone desce ao Submundo e encontra seu Senhor. A vida do mundo desaparece com ela e os primeiros outonos e invernos caem sobre a terra. O Senhor do Submundo se apaixona pela Deusa e quer mantê-la em seu reino. Ceres

intervém por ela e suplica ao Senhor do Submundo que liberte Perséfone. No início, ele se recusa porque Perséfone comerá as sementes da romã, um antigo símbolo da semente masculina (como vemos na Lenda da Descida, eles se amaram e foram Um). Finalmente Ele concorda, com a condição de que Ela retorne novamente ao reino Dele durante metade de cada ano (ciclo das estações).

A RODA ÓCTUPLA DO ANO

O ano rural era muito importante para a sociedade agrária da antiga Roma, bem como para os fazendeiros italianos da Idade Média. Os antigos romanos faziam festivais de um tipo ou outro a cada mês do ano e, portanto, é fácil encontrar uma celebração similar ocorrendo nas mesmas datas nos modernos festivais da Wicca. Sendo uma sociedade rural, os fazendeiros romanos estavam bem conscientes dos equinócios e solstícios e do lugar que ocupavam na Roda do Ano. Sua importância também pode ser notada no Culto de Mistério Eleusino grego e romano. Os ritos dos Mistérios Eleusinos Menores eram celebrados no equinócio de primavera e os Grandes Mistérios eram celebrados no equinócio de outono. O foco desses ritos era a descida da Deusa ao Submundo e sua subida na primavera.

Assim como não temos documentação histórica a indicar que qualquer seita específica dos celtas celebrasse os oito Sabás dentro de qualquer culto específico, também acontece o mesmo com as tradições italianas. Sabemos que os temas básicos de cada Sabá são nativos dos festivais egeu-mediterrâneos que ocorriam na mesma época do ano que os festivais norte-europeus. Um estudo simples dos festivais gregos e romanos demonstra isso facilmente. Para obter uma visão geral dos antigos festivais italianos, originários das influências etruscas e romanas na Itália, vejamos os festivais anuais da Wicca e notemos a contrapartida itálica.

Samhain (31 de outubro/1º de novembro)

Na Tradição italiana, esta ocasião é chamada *Shadowfest* (*Festa da Sombra*). De acordo com a Tradição italiana, os mortos retornam ao mundo humano, começando na noite da véspera de novembro e continuando até a segunda noite (três noites ao todo). Na Sicília, é costume colocar um lugar extra na mesa para o retorno dos parentes falecidos. As famílias sicilianas também costumam fazer um banquete no túmulo da família no dia 2 de novembro para honrar seus mortos.

Durante a época do Império Romano, os primitivos italianos associavam a planta da fava aos mortos, devido à única mancha negra numa pétala perfeitamente branca. Os romanos serviam feijões de fava em banquetes funerários, honrando a conexão entre os mortos e a fava. Essa associação permaneceu numa parte da Bruxaria italiana através dos séculos; a sopa de feijão de fava ainda é uma refeição tradicional, servida na véspera de novembro (31 de outubro). Uma tigela de sopa de feijão de fava é colocada do lado de fora da casa à meia-noite, como oferenda aos espíritos, e depois é enterrada após o nascer do sol do dia 1º de novembro.

Na Itália do século X, monges cristãos, procurando um modo de assimilar essa celebração pagã, decidiram cozinhar grandes porções de sopa de feijão de fava e oferecê-las às almas dos mortos; camponeses famintos se deliciavam com os tonéis de sopa de feijão de fava que os monges colocavam nas esquinas. A Igreja permitiu que esta prática continuasse devido à oportunidade de conversão, mas só a partir do século XV a Igreja oficialmente adotou o dia da celebração, 1º de novembro, chamando-o *Ognisanti* ou "Dia de Todos os Santos" e o 2 de novembro foi designado "Dia de Finados".

Na Itália de hoje, os celebrantes ainda comem docinhos de festa chamados *ossi da morto* (ossos do morto) e *fave dei morte* (favas dos mortos), doces parecidos com biscoitos, mas modelados na forma de esqueletos e feijões de fava. Na Sicília, pães rituais especiais são feitos no formato de um cadáver deitado para descansar, junto com figuras de açúcar na forma de heróis tradicionais e personagens do passado da Itália.

Solstício de Inverno (21 de dezembro)

Dezembro era marcado por festivais ao Deus Solar Sol e ao Deus Agricultor Saturno. A íntima conexão entre o sol e o crescimento da plantação pedia uma invocação de ambos os aspectos da deidade.

Imbolg/Candlemas

Na Tradição italiana esta época é chamada Lupercio. Na Wicca gardneriana é o tempo da purificação. O mês de fevereiro era consagrado ao Deus Romano Februus, que era um Deus de Purificação e Morte. Os ritos de purificação da Lupercalia também eram celebrados em fevereiro.

Equinócio de Primavera (21 de março)

Na antiga Roma, o festival de Marte, celebrando seu aspecto original de deidade rural, tinha lugar de 19 a 22 de março. Março também era a época do festival de Libéria, também conhecida como Proserpina (Perséfone), que era, entre outras coisas, a Deusa da Primavera, cuja ascensão do submundo era marcada por rituais realizados nos Mistérios Eleusinos no equinócio de primavera. O antigo Culto Romano de Mistério em Pompéia é um bom exemplo da antiguidade desta tradição na Itália.

Bealtaine/Dia de Maio (30 de abril/1º de maio)

Na Tradição italiana, esta época é chamada Dia da Deusa, tomando o nome de qualquer deusa que um grupo cultuasse: por exemplo, o Dia de Tana, na Tradição Tanárrica. O mês de maio era marcado por festivais de primavera de Florália. Flora era a Deusa Romana dos Jardins e das Flores; suas celebrações de primavera duravam uma semana e culminavam em 1º de maio, com um grande festival para marcar a ocasião. Na antiga religião romana, Maia, a Deusa da Primavera, era cultuada em celebrações que ocorriam no seu sagrado mês de maio.

Solstício de Verão (22 de junho)

No dia 20 de junho acontecia na antiga Roma o festival de Sumano. Sumano era uma deidade rural, possivelmente de origem sabina, associada à fertilidade e à prosperidade. Na tradição celta, esta era a época do Rei Divino, que derrotava o Rei do Carvalho em combate ritual. Os poderes da luz e das trevas combatem pelos períodos de fartura e escassez da Natureza. Isso se assemelha à seita italiana Benandanti, que nesta época do ano realizava batalhas rituais pelo resultado da próxima colheita.

O festival romano de Vesta acontecia em junho. Vesta era a Deusa da Lareira e do Fogo Sagrado; os Lare (deuses antepassados) estavam sob o seu domínio. Eles eram originalmente espíritos dos campos cultivados, derivados dos Lasa etruscos, os espíritos dos campos e prados. Os Lasa são idênticos aos antigos conceitos de fadas em toda a Europa. O festival de Pleno Verão está ligado às fadas e aos tempos mágicos. No festival romano de Vesta e seus Lare, vemos o tema da Rainha das Fadas na véspera do Pleno Verão.

Lughnasadh/Lámmas (31 de julho/1º de agosto)

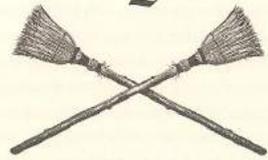
O festival de Ops acontecia em agosto. Ops era a Deusa da Fertilidade, das Forças Criativas e das Energias Telúricas. Ela era esposa de Saturno, o Deus Romano da Agricultura, e desse modo temos a associação com a colheita. Na mitologia romana ela era identificada com a Deusa Fauna/Fátua, a deidade responsável pela abundância da vida vegetal e animal.

Equinócio de Outono (21 de setembro)

Nos ritos eleusinos dos cultos gregos e romanos, esta era a época da descida da Deusa para o Submundo. Os mistérios de morte e renascimento eram temas ritualizados que ocorriam tanto na Grécia quanto na Roma antigas, durante esta estação.

Agora que já perpassamos as influências gerais sobre a Bruxaria italiana, podemos nos voltar às visões mais intimistas das próprias Bruxas italianas. As linhagens da Antiga Bruxa ainda existem em remanescentes dos primitivos sacerdotes e sacerdotisas da Antiga Religião. Embora a Antiga Religião tenha desaparecido como religião popular na Europa pré-cristã, as práticas e os princípios antigos de crença sobreviveram entre as tradições familiares. Muitas dessas famílias eram de camponeses, mas algumas eram nobres. Nos capítulos seguintes, vamos examinar as crenças das Bruxas hereditárias e ver o conceito que elas chamavam *ser do sangue*.

2



Segredos da Linhagem

Uma velha professora de Strega me disse uma vez que a lua é mais poderosa que o sol. Ela disse isso porque a lua pode aparecer tanto de noite quanto de dia, mas o sol só pode se mostrar durante o dia. Rejeitei isso, é claro, como uma visão graciosamente antiquada e simples de uma era não sofisticada de nossa história; então ela me disse que o sol e a lua não se levantarão se não houver uma Strega a praticar os Antigos Caminhos e novamente ouvi com um sorriso condescendente. Eu rejeitava muitas coisas nos meus primeiros tempos de treinamento, mas hoje o que não daria para acreditar, como ela acreditava.

Sua fé era antiga, básica e sólida, sem dúvida. Quando confrontada, simplesmente dava um sorriso forçado ou ria discretamente dos que subestimavam seus pontos de vista. Ela era uma Strega e sabia quem era. Isso ela me ensinou há muito tempo e só agora começo a perceber por mim mesmo, depois de uma longa, dolorosa e solitária jornada. Uma vez, observei um cristão evangelista atacar suas crenças pagãs, tentando convencê-la de que o inferno a aguardava; ela sorria, enquanto ele procurava mais arduamente apresentar suas justificativas; o rosto dele ficava vermelho de raiva enquanto apresentava os padecimentos que ela sofreria no inferno. Finalmente ela olhou para ele e disse, com seu adorável sotaquezinho italiano: "No, non há l'inferno, tu é bobo". Um olhar de espanto percorreu o rosto dele. Foi um momento e tanto.

Com ela aprendi sobre Arádia e as Bruxas de Benevento. Aprendi que as Streghe modernas são descendentes das Bruxas que se reuniam sob a lua cheia no lago Nemi e cultuavam sob os galhos da sagrada noqueira em Benevento. Algumas são descendentes espirituais, clamando por uma conexão de coração com os velhos costumes

de suas Anciãs; outras vêm de linhagens de sangue e de tradições familiares nas quais os Antigos Caminhos têm sido preservados durante incontáveis gerações. Da Bruxa solitária que vive num remoto vilarejo de montanha aos clãs secretos que se reúnem ainda hoje nas velhas cidades de Nápoles e Benevento, a Antiga Religião na Itália permanece como um legado vivo de adoração pré-cristã.

Neste capítulo vamos examinar a crença entre Bruxas hereditárias no que concerne à importância do *Sangue de Bruxa*, e vamos desvendar o verdadeiro significado por trás de *ser do sangue*. Se olharmos para trás no tempo, somos todos descendentes de pagãos que praticavam rituais mágicos (embora o povo hebreu pudesse pensar de modo diferente).

Entre as tradições familiares da Strega, há uma profunda e íntima conexão com a linhagem e o sangue. É difícil expressar este conceito, especialmente quando muitas pessoas hoje em dia não acreditam que as Bruxas hereditárias realmente existem. Em *Ways of the Strega*, apresentei consideráveis provas das forças por trás da sobrevivência das famílias de Bruxas hereditárias, portanto, não vou elaborar a questão aqui. É importante apenas notar que alguns dos antigos clãs de Bruxas estão conosco ainda hoje.

Muitas Bruxas hereditárias jamais discutem os Antigos Caminhos com qualquer pessoa que não seja "do sangue", ou não seja casada numa família de Bruxas. Esta atitude não é elitista ou egoísta, como alguns podem pensar, mas se origina da idéia de ser simplesmente diferente dos outros; esta diferença não é encarada como melhor ou especial, mas sim como algo inevitável que separa a Strega de muitos outros tipos de pessoas.

Em essência, esta diferença é realmente uma qualidade oculta dentro do sangue, predispondo a Strega a habilidades altamente psíquicas e mágicas. Assim como a alma é uma entidade habitante, contida dentro de um corpo físico, do mesmo modo é a *qualidade oculta* contida no sangue das Bruxas hereditárias. Se realmente a alma é o acúmulo de todas as suas experiências passadas, então talvez a alma carregue esta essência oculta dentro de si para a próxima encarnação, não importando em que linhagem ela possa ter nascido. No entanto, na Strega, ritos têm sido criados para assegurar o retorno da alma dentro das mesmas linhagens de família, pelo bem da Comunidade da Arte como um todo.

As crianças Strega são observadas para ver se possuem sinais dessa certa *qualidade*, algumas vezes chamada *dom*, que mais tarde será alimentada e desenvolvida por seus pais ou avós. Essa é a razão pela qual a Igreja procurou destruir não apenas as Bruxas capturadas, mas também seus descendentes. Não há dúvida de que a perseguição das Bruxas, espalhada pela Europa, é uma indicação de que esta *qualidade de sangue* não existia apenas na Itália.

De acordo com o antigo conhecimento familiar, as linhagens de Strega originaram-se de um povo misterioso, conhecido como Enu, fundador da Civilização Etrusca. A Strega ainda mantém remanescentes de uma língua e um alfabeto diferente do italiano, que se diz ser originado da época do Enu. Atualmente, esse alfabeto é referido como Runas Toscanas ou simplesmente Escrito Toscano (Figura 34, p.

167). Muitas Strega hoje em dia reivindicam sua herança toscana, seja o caso ou não. Não é que elas sejam mentirosas, mas apenas são italianas (e, se você não é italiano, ninguém jamais poderá lhe explicar a diferença!).

Crescer como Strega não é algo que alguém normalmente queira comentar com *os de fora* (expressão que denota qualquer um que viva fora dos *Antigos Caminhos*). Este silêncio provém de gerações de perseguição e discriminação que, por sua vez, estão fundamentadas nos estereótipos comumente criados por ignorância e fanatismo. A Strega tem uma visão do mundo bem diferente daquela do público em geral; *ser diferente* pode ser um convite aberto para ridicularizar e maltratar, especialmente entre as crianças; desse modo, uma criança nunca tem a liberdade de contar aos de fora qualquer coisa sobre as tradições familiares ou crenças religiosas. Muitas famílias Strega parecem ser católicas, para o observador comum; ir à Igreja Católica e ter imagens de Maria e de outros santos em casa é bastante comum entre Bruxas de famílias italianas. Isso não é hipocrisia, pois a Strega simplesmente vê os santos como deuses pagãos em roupagens cristãs.

Na tentativa de expressar as percepções que seguem sobre as Anciãs Strega, somente posso recorrer ao modo como via meus próprios professores e ao que ouvi outros estudantes dizerem. Essencialmente, existe algo entre as Anciãs que vai além de seu treinamento e de sua linhagem; há algo desconhecido que pode ser visto em seus olhos ou sentido em sua presença. Já ouvi não-hereditários descreverem como "uma força silenciosa" ou "a sensação que se experimenta ao entrar numa biblioteca ou num museu"; ou talvez seja o acúmulo de séculos de conhecimento, fluindo sem esforço em seus ensinamentos, enquanto extraem uma fonte aparentemente infindável de material mágico e ritualístico. Para entender completamente o que isto realmente é, vamos olhar para trás, através das brumas mágicas do passado.

OS SEGREDOS DO SANGUE

Nas primitivas comunidades tribais, o caçador e o guerreiro tinham um lugar muito significativo na sociedade. O mais valente e mais hábil entre eles era honrado pela tribo e considerado um líder. Em muitos casos, o *bem-estar* deste indivíduo afetava o *bem-estar* da tribo. Mesmo hoje, as doenças de nossos líderes nacionais são sempre minimizadas e eles estão sempre "se recuperando bem". Para entender este antigo relacionamento, devemos considerar certos aspectos e conexões.

Antes que os humanos aprendessem a arar e criar gado, a caça era essencial à vida. Sem bons caçadores, os clãs morreriam. Caçar era perigoso, pois os humanos ainda não haviam se elevado na cadeia alimentar; as armas primitivas, como a clava e a lança, exigiam que o caçador ficasse próximo da presa e os ferimentos eram muito frequentes; muitos caçadores perdiam a vida ou ficavam aleijados como resultado da caçada. Com o tempo, o caçador tornou-se o guerreiro, arriscando a vida pela tribo. As necessidades da tribo, fossem de alimento ou de defesa, exigiam o melhor caçador ou guerreiro que a tribo pudesse oferecer.

Através dos séculos, este conceito se formou e evoluiu junto com a consciência religiosa da humanidade. O conceito de deidade e de seu papel na vida e na morte começou a ser refletido dentro de rituais e dogmas do clã. Finalmente, surgiu a idéia de mandar a melhor das pessoas da tribo diretamente aos deuses para obter favores: este foi o começo do sacrifício humano. Aqueles que se dispunham a morrer de boa vontade se tornariam deuses também. O conceito de fazer oferendas aos deuses não era nada novo nesta época; o costume de colocar comida, flores ou caça já era uma prática antiga. Oferecer alguém da própria família era considerado como a mais alta oferenda que a tribo poderia fazer; entre as oferendas humanas, o sacrifício de um humano desejoso de morrer era a maior das possibilidades. Com certeza, acreditava-se, os deuses concederiam à tribo qualquer coisa, se alguém oferecesse a própria vida de boa vontade.

O Culto da Oferenda de Sacrifício deu início a uma linhagem sagrada de linhas sanguíneas. Os dirigentes da antiga Roma e do Egito eram considerados por seu povo como descendentes dos deuses, ou até mesmo como deuses. Membros específicos da tribo mostravam algumas evidências de linhas genéticas que levavam até ao Velho Sangue originário de fora da Terra completamente. Isso levou à prática de sacrificar os reis (o melhor do clã) e as linhas sanguíneas reais se tornaram extremamente importantes. Este é o conceito conhecido na religião pré-cristã europeia como Deus Sacrificado ou Rei Divino.

Uma vez sacrificado o rei, seu sangue e carne eram distribuídos entre o clã e na terra; partes do corpo eram enterradas em campos cultivados para assegurar a colheita. Sangue e carne eram consumidos pelos membros tribais, uma forma de enterro nos estômagos do clã. Um conceito similar também é encontrado no rito cristão da comunhão, associado ao corpo e sangue de Jesus.

Depois que o sacrifício humano foi abolido, o costume continuou no ato de queimar oferendas de sacrifício em piras funerárias. Remanescentes desta prática aparecem ainda hoje na Itália, na queima da efígie de Befana, conforme descrito em *Ways of the Strega*. As linhas de sangue ainda são muito importantes entre as famílias de Bruxas hereditárias; ter sangue de Bruxa, ou ser do sangue, como se costuma dizer, é essencial à transmissão dos segredos da Arte dentro das antigas tradições familiares. Muitas famílias do Velho País nem discutem a Arte com alguém que não seja do sangue. Este é um dos obstáculos mais difíceis em tentar ensinar (e manter) a Antiga Religião. Guardar segredos do sangue é algo com que se cresce, como parte integral da compreensão do *self*.

No mito do Rei Divino/Rei Sacrificado, o sacrifício é apenas parte da história; trazer de volta o melhor membro da tribo depois de mandá-lo para o sacrifício era igualmente importante. Para tal proeza, criavam-se rituais para fazer renascer os deuses sacrificados e cuidadosamente traçavam-se linhas de sangue; donzelas especiais eram treinadas e preparadas para efetuar o nascimento. Elas eram virgens típicas, inseminadas artificialmente para que nenhum homem pudesse ser identificado como o verdadeiro pai.



Figura 4

Tigela do Ritual Lunar, datada dos séculos II/III a. C. Dada ao autor por Mel Fuller em 1993, a tigela desapareceu do apartamento de St. Fuller logo após sua morte em 1994, onde se conduziam experimentos acerca do uso da tigela. Esta peça originalmente era acompanhada por uma outra, colocada dentro para receber sangue menstrual e sêmen, como parte de antigos ritos itálicos de fertilidade. (Foto do Autor.)

Com o amadurecimento e a evolução da consciência humana, o sacrifício humano evoluiu para o sacrifício animal, que tem sido chamado de ritual do *bode expiatório*. Com o tempo, esta prática tornou-se o sacrifício de um vegetal associado a rituais de colheita. O mesmo mito essencial se aplica ao sacrifício vegetal — ainda hoje encontramos a “ingestão da deidade” na cerimônia de bolos e vinhos (carne e sangue) de nossos rituais.

Na antiga tradição, era através da conexão entre corpo e sangue da Oferenda de Sacrifício que as pessoas se tornavam *um* com a deidade. Este é, essencialmente, o conceito do rito cristão da comunhão ou celebração eucarística. Na “Última Ceia”, Jesus declara a seus seguidores que o pão e o vinho são o seu corpo; em seguida, diz que dará a vida por seu povo e exorta-os a comer de sua carne e beber de seu sangue (o pão e o vinho).

Acreditava-se que o sangue continha a essência da força vital. A morte do rei libertava o espírito interior sagrado e pela distribuição de sua carne e seu sangue (para o povo e a terra), céu e terra eram unidos e essa energia vital renovava o reino. Remanescentes dessa prática ainda podem ser claramente vistos na Antiga Religião, embora sejam velados e altamente simbólicos. O Rei Divino/Deus Sacrificado aparece sob vários aspectos através dos tempos; sua imagem pode ser vista em Jack-in-the-Green, o Homem Encapuzado, O Homem Verde e o Enforcado do Tarô. Ele é o Senhor da Vegetação, ele é a Colheita e, em seu aspecto selvagem (ou livre), é a Floresta.

O PRINCÍPIO DO REI DIVINO NOS TEMPOS MODERNOS

Você pode estar pensando sobre a relevância deste conceito nos tempos modernos. Os princípios do Rei Divino/Deus Sacrificado podem parecer completamente estranhos e anacrônicos em nossa chamada Era do Esclarecimento. Pode parecer uma surpresa saber que ainda vivemos numa sociedade com esta mesma antiga *idéia* fixa, mas pense nos fãs e nas celebridades de qualquer tipo como um exemplo desta mentalidade.

A primeira vez que este antigo princípio nos tempos modernos me ocorreu foi quando observei as pessoas falando sobre os times de futebol *delas*. Uma pessoa diria: "ah, nós arrasamos com vocês no desempate..." e outra contaria as vitórias precedentes de *seu* próprio time. Elas estão se identificando com os vencedores quando usam o termo "nós". Comecei a notar como as pessoas exibem sua coleção de objetos autografados, que foram propriedade de alguém famoso; isso parece elevá-las de algum modo, e os outros são levados a admirá-las pelas relíquias que possuem. Isto se aplica muito bem aos fãs de astros do rock ou de cinema.

A pessoa que possuía o objeto não tinha mudado ou melhorado desde o dia antes de comprar o objeto; então por que ele ou ela era agora um foco de admiração? A resposta está no fato de que ele ou ela agora possuía um pedaço de moderno herói popular; a porção de poder havia sido transferida a ele ou ela através da conexão com o objeto, antes em íntimo contato com o herói. Esta é a base do antigo princípio: algo profundamente embebido na mente grupal e em nossa antiga memória genética.

Este conceito pode ser levado ainda mais além se pararmos para considerar os efeitos de ter o time *número um* como sendo da própria cidade de alguém. Observei este fenômeno aparecer quando um time de uma certa cidade se qualificou para seu primeiro jogo do campeonato. A comunidade tornou-se viva e unida de um modo como eu nunca havia visto antes; bandeiras apareceram em todos os lugares e quase todo mundo usava as cores do time. Em qualquer lugar que eu fosse, as pessoas diziam "vamos ganhar" ou "nós somos os melhores", como se as ações do time de algum modo pudessem provar que a própria comunidade era a melhor.

Nos tempos antigos, o Rei Divino/Deus Sacrificado recebia o melhor que a comunidade pudesse lhe oferecer durante o último ano de sua vida (enquanto em sua plenitude). Hoje, nossos heróis esportistas ganham milhões de dólares e grande admiração quando jogam. Será que eles valem mesmo os milhões de dólares que ganham apenas para nos entreter ou será que estamos extraindo deles mais do que realmente percebemos?

Quando vemos nosso próprio *self* mais elevado na representação que o ator faz de um herói valente ou quando ganhamos prestígio através das vitórias de nossos atletas, o que realmente estamos fazendo é nos conectar com um princípio muito antigo. Somos, nesses momentos, um antigo caçador-coletor admirando nossos mais poderosos caçadores e guerreiros e querendo ser iguais a eles. Neles, percebemos

aquela qualidade maior que a soma de suas partes; é, talvez, algo de um outro mundo ou de outro reino; talvez seja até algo dos próprios deuses.

As velhas procissões feitas a reis e rainhas continuam hoje em nossas celebrações de vitória. Em muitas culturas antigas, o chefe era considerado pelo povo como um deus ou descendente de um deus. Já que os chefes representavam a base espiritual de poder do próprio clã, era então necessário preservar a *pureza* de sua linhagem sanguínea, assegurando que fosse passada através de sucessivas gerações. Identificar-se com eles, ser um com eles, era um princípio que dava poder aos indivíduos; isso os fazia de algum modo mais próximos daquele *algo* que era *do sangue*.

Nos primitivos tempos do Culto da Bruxa, ensinava-se que os *doms* de habilidade psíquica eram transmitidos e conservados através de um elo de sangue direto com os sacerdotes/sacerdotisas. Eles próprios eram considerados descendentes diretos da Antiga Linhagem de Sangue ou indiretamente descendentes, pelo fato de terem consumido o *Sangue Real* durante sua iniciação na classe de sacerdote/sacerdotisa.

Num sentido metafísico, qualquer um que consumisse a *essência* de tal *descendente* também possuiria o princípio oculto; isso lhe dava poder para passar adiante a etérea energia dentro dos bolos e vinho rituais, que depois substituíram para o verdadeiro corpo do Rei Sacrificado. Mais tarde, a passagem de poder através da troca de fluidos corpóreos sexuais substituiu certos aspectos de ritos de sangue, e pode ser encontrada hoje em alguns aspectos rituais da Iniciação de Terceiro Grau, comumente conhecida como Grande Rito.

A SEMENTE DO SANGUE

Quais são as qualidades que tornam alguém astuto, valente ou heróico? Quais os atributos de alguém que é um líder natural e gera *carisma*? Seriam apenas traços genéticos, simples química, códigos de DNA? Ou essas coisas emanam de uma outra *qualidade* semelhante, transmitida de uma geração para outra? Certamente não sou um especialista em genética, mas me aventuro a dizer que os traços mencionados não são simples programas genéticos, ativados aqui e ali quando necessários; muitas vezes, os indivíduos mais tímidos conseguem realizar os feitos mais corajosos e até mesmo indivíduos obscuros podem subir a poderosas posições de liderança.

Na Strega, acredita-se que uma propriedade oculta é passada pelo sangue para as outras gerações; ela aparece mais pronunciada em alguns indivíduos do que em outros, e portanto, é chamada *O Dom*. Esta qualidade pode surgir em qualquer indivíduo, não importando sua nacionalidade, e acredito que seja a força de poder que está por trás de qualquer um que realize seus sonhos ou consiga seu lugar na história. Muitas pessoas famosas afirmam que sempre se sentiram destinadas à fama ou à fortuna; desde crianças, ouviram uma voz interna ou sentiram que seriam alguém especial.

Depositada em estado latente na pessoa comum, está a antiga semente que contém o poder de atingir grandes objetivos. Isso é facilmente visto nas crianças que imitam super-heróis em brincadeiras; é vislumbrado no sonhar acordado dos adoles-

centes e naquelas pessoas únicas que "marcham ao som de um tambor diferente". Com o tempo, muitas pessoas perdem de vista essa *semente de potencialidade*, eventualmente rendendo-se ao serviço de outros, em seus empregos e famílias; no entanto, bem dentro delas (como uma semente sob a neve do inverno) está a corrente adormecida de uma era diferente, na qual o mundo era novo e a mágica estava viva.

Essa antiga corrente é como um rio fluindo do passado; é, em parte, a Consciência Espiritual de nossos Anciãos que pode ser aberta pelas técnicas mágicas explicadas mais adiante neste livro; mas é também a consciência remanescente dos próprios Grandes Deuses, esperando nas sombras por alguém que coloque diante deles as velhas oferendas familiares. A memória está lá, dentro de nossa própria linhagem sanguínea, levada durante inúmeras Eras por nossos próprios Anciãos pagãos; é preciso apenas uma leve mudança na consciência para acessar a corrente ancestral, junto com um simples ponto focal conhecido como altar.

CASA LARE/SACRÁRIO LASA

Os *Lare* são espíritos Anciãos que evoluíram muito além da necessidade de existência física no nosso mundo. Eles nos assistem nesta vida e tradicionalmente atuam como protetores do lar e da família. Um pequeno sacrário, semelhante à fachada de um templo romano, era colocado na parte leste ou oeste da casa. Nos primitivos tempos romanos, a Casa Lare era colocada em cima da lareira—o local de honra das reuniões de família e da preparação das refeições.

Uma imagem do espírito Lare era colocada dentro do sacrário, junto com uma tigela de oferenda. Tipicamente, a imagem de um Lare era a de um jovem romano vestido com uma túnica e segurando uma taça e uma tigela (veja Figura 5). Os Lare são invocados em todas as ocasiões importantes da família, tais como partidas, casamentos, nascimentos e funerais. Tradicionalmente nessas ocasiões, os sacrários são decorados com uma guirlanda e à sua frente colocam-se oferendas de incenso, frutas e vinho. Nos tempos romanos, uma noiva, quando carregada através da entrada de seu novo lar, fazia oferendas ao Lare e colocava uma moeda no sacrário.

Os Lare são a evolução de primitivos espíritos, conhecidos nos tempos etruscos por Lasa. Os Lasa eram conhecidos como os primeiros espíritos e acreditava-se que tivessem existido muito antes da humanidade; são espíritos da Antiga Religião, a essência daquilo que sentimos quando contemplamos a beleza da Natureza; na verdade, eles podem ser encarados como as forças de animação e de poder da Natureza; esta é a razão pela qual às vezes nos referimos a eles como Os Anciãos, ou como os espíritos dos Antigos Caminhos.

Neste item, fornecemos instruções para a montagem de um sacrário, tanto para os Lare quanto para os Lasa. Se você é descendente de italianos, pode querer montar uma Casa Lare; se não tiver nenhuma conexão com a ancestralidade italiana, pode montar um Sacrário Lasa; qualquer um deles é ótimo, não importa o antecedente étnico; portanto, escolha aquele que mais combinar com você.



Figura 5
Espírito Lare. Réplica moderna de uma estátua romana, mostrando um espírito ancestral. Da coleção do Autor.

PREPARAÇÃO DA CASA LARE OU DO SACRÁRIO LASA

Escolha uma estrutura adequada de sacrário para acomodar os espíritos Lare ou Lasa. Coloque-a numa parede (ou sobre um aparador) no alinhamento leste ou oeste da casa; coloque dentro da abertura da estrutura do templo (porta/portal) uma imagem representando o espírito. Disponha uma pequena tigela de oferenda na prateleira do sacrário e, se escolher um sacrário Lare, perto dela coloque um feijão de fava não cozido; se quiser um sacrário Lasa, ponha um ramo de arruda, uma chave e um pouco de sal.

Acenda incenso de pinheiro ou sândalo, ou qualquer perfume similar de "terra". Passe a fumaça por baixo do sacrário, de modo que ela suba pelo sacrário e em volta dele; enquanto faz isso, diga:

*Espíritos do éter, despertem, reinam
Os antigos aqui, que eram no Tempo Antigo
chamados Lare (ou Lasa).
Abençoem este sacrário em nome de
(dê nomes divinos de deus e deusa)
assim como era no nosso princípio,
assim é agora, assim será.*

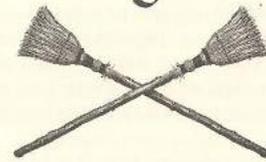


Agora o sacrário foi abençoado e consagrado. Faça uma oferenda aos espíritos, colocando-a na tigela de oferenda. Sente-se em silêncio diante do sacrário e visualize uma pequena e delicada luz azul em volta da imagem Lare ou Lasa. Com o tempo, você vai realmente ver essa luz indo e vindo dentro do sacrário e talvez haja até mais do que uma única luz; isso, contanto que você faça a oferenda em cada lua cheia e em todas as ocasiões familiares tais como aniversários, casamentos e assim por diante. Acenda uma vela sempre que se sentar diante do sacrário. Faça pedidos ou peça por ajuda em assuntos pessoais e esforce-se para manter uma comunicação mediúnica.



Figura 6
Sacrário Lasa do Autor, com oferenda de feijões de fava numa casca de noz, uma vela branca e um cordão com talismãs folclóricos.

3



A Antiga Religião

O uso mais antigo da expressão *Antiga Religião* apareceu em registros do Senado romano, no primeiro século d.C. Foi usado pelo imperador Cláudio I e pelo orador Sêneca, ao falar da religião etrusca. Também foi usado por eles ao falarem das artes ocultas praticadas pelos etruscos — particularmente da arte de adivinhação e preságios. Charles Leland registrou em seus escritos do século XIX que as Bruxas italianas da Toscana se referiam a suas crenças como *La Vecchia Religione*, a Antiga Religião. Mais tarde, Gerald Gardner usou o mesmo termo para escrever sobre Bruxaria em seus livros da metade do século XX.

Os elementos abrangidos pela Antiga Arte ou Bruxaria Hereditária diferem em muitos aspectos da Bruxaria moderna; é uma mistura daquilo que hoje chamamos Wicca cerimonial e Wicca xamânica. A Bruxaria hereditária emprega muitas práticas primitivas, tais como tambores e estados mediúnicos, diferentemente da Wicca xamânica; também incorpora aspectos cerimoniais, como o estabelecimento de círculos rituais e o uso de instrumentos rituais. No entanto, os sistemas hereditários mais antigos não possuíam, originalmente, os mesmos rituais formais completos de *Treguenda* (Sabá), encontrados na moderna Arte. Em minha opinião, provavelmente só depois de 600 d.C. é que podemos encontrar na Bruxaria hereditária italiana algumas semelhanças com a estrutura atual dos rituais contemporâneos da Arte. A única exceção seriam os ritos lunares.

O ritual da lua cheia e os ritos de iniciação datam de antes da *Treguenda*, compreendendo a maior parte do antigo material hereditário original; no entanto, encontramos também simples ritos de fertilidade, feitos para abençoar a vida vegetal e animal. Naturalmente, tais ritos eram realizados conforme fosse mais apropria-

do à estação do ano; assim, muitos deles marcam solstícios e equinócios e contêm elementos sobreviventes das antigas Tradições de Mistério européias. Os ritos religiosos associados aos mortos, à purificação pessoal, à criação de gado e à produção da safra marcavam os quartos da cruz (períodos das estações que caíam exatamente entre o solstício e o equinócio). No entanto, esses ritos se pareciam mais com bênçãos simplistas de um sacerdote ou sacerdotisa, práticas primitivas, miméticas e mágicas, do que com o tipo de estrutura ritualística formal, que se vê nos ritos da moderna Bruxaria.

As Bruxas hereditárias são tudo o que resta da velha linhagem de sacerdócio da Antiga Religião. Ali pelo começo da Idade Média encontramos elementos tanto do caçador-colhedor quanto de comunidades rurais, expressos nas práticas e crenças das Bruxas hereditárias. A Antiga Religião do povo pagão e aquela dos sacerdotes e sacerdotisas eram duas religiões ligeiramente diferentes. Para o povo, a Treguenda era a época de assegurar safra e gado abundantes, ou então uma ocasião para festivais alegres. Para os sacerdotes e sacerdotisas, eram tempos de se alinhar com as forças da Natureza e de redirecionar as correntes de energia a fim de manifestar as necessidades da comunidade. Podemos comparar isto às diferenças experimentadas entre um padre católico e sua congregação durante a missa; ambos estão fazendo coisas diferentes durante o mesmo ritual e, portanto, vivenciam o mesmo cerimonial de adoração de modo um pouco diferente.

Se isolarmos aqui as duas facções católicas, vemos duas estruturas diferentes de adoração. Imagine o que poderia evoluir separadamente se essas duas facções fossem separadas uma da outra devido a uma violenta perseguição, como a que existiu durante a Inquisição; agora visualize cada facção continuando a praticar independentemente, em segredo. O sacerdote persiste em ajeitar o altar, manipular os instrumentos, invocar a deidade e assim por diante. O povo continua a se reunir, a apontar um facilitador que tenta se lembrar daquilo que o padre fazia no altar (e porquê) e todos se ajoelham e ficam em pé sempre que uma deixa parece familiar. Dentro de poucas gerações, você encontraria muitas diferenças, mas mesmo assim veria um fio similar correndo pelas duas facções sobreviventes. Com efeito, você poderia acabar com duas religiões um pouco diferentes, alicerçadas na mesma base; isso é semelhante ao que aconteceu ao Culto da Bruxa e é a base para as diferenças entre Bruxaria hereditária e muitas tradições wiccanianas modernas.

SANGUE DE BRUXA NA IDADE MÉDIA

O antigo Sangue de Bruxa da Europa data dos dias das sacerdotisas e sacerdotes que serviam à comunidade pagã européia pré-cristã. De acordo com a lenda, Arádia da Toscana foi iniciada e ensinada por uma mulher com ascendência de Sangue de Bruxa. Arádia era provavelmente uma Bruxa de Sangue, pois a lenda diz que foi sua tia que a iniciou (este assunto será explicado com mais detalhes no Capítulo 12).

No Capítulo 6 do *Compendium Maleficarum* (um manual de caça às bruxas publicado em 1609) encontramos várias referências à tradição hereditária dentro da Bruxaria. O autor, Francesco Guazzo, afirma que a Bruxaria é passada dos pais para os filhos. Guazzo também escreve sobre Bruxaria dizendo que há muitos exemplos deste "traço herdado nas crianças". Outro aspecto da Antiga Arte é revelado por Guazzo em vários relatos, nos quais jovens adolescentes são iniciados na seita das Bruxas através da união sexual, geralmente com o líder, homem ou mulher, do Boschetto. Embora isso possa parecer chocante para a sensibilidade moderna, em parte esse ato assegurava que a primeira união sexual do adolescente fosse com alguém mais velho e mais experiente, que teria o cuidado e o tempo necessários para fazer da experiência algo positivo. A rendição a algo tão íntimo era também, por parte do iniciado, um ato de total e completa devoção à senda religiosa de alguém.

A Tradição da Antiga Arte empregava alguns camponeses que eram leais à velha Linhagem de Sangue da Bruxa na Europa pré-cristã. Essas pessoas zelavam pelos locais de ritual, realizavam várias tarefas mundanas e recebiam faixas vermelhas para usar como um sinal de seu serviço à Antiga Religião; em outras palavras, essas faixas simbolizavam a aceitação do Sangue de Bruxa por parte do clã, e concediam certos direitos e privilégios. Tecido vermelho não era comum e isso limitava a presença casual de alguém usando uma faixa vermelha.

Aqueles que eram da antiga linhagem usavam cordões vermelhos curtos em volta da coxa. Esta prática eventualmente evoluiu para o uso de bandanas vermelhas, geralmente no braço esquerdo ou em volta da perna esquerda. Uma série de gestos foi estabelecida para testar qualquer pessoa que pudesse estar se apresentando como Bruxa; a troca adequada de sinais assegurava a correta identidade da pessoa, portanto, apenas o cordão ou a faixa não era suficiente. Durante os festivais, aqueles que usavam faixas vermelhas na cintura eram identificados como *Affine* (afins); os que usavam cordões vermelhos eram identificados como *Parentado* (sendo de Sangue de Bruxa). As Bruxas mais velhas usavam cordões verdes em volta da cintura como sinal de sua experiência iniciatória dentro da Arte. Uma conta branca, uma concha ou uma fita de linho atada ao cordão verde identificava a Bruxa/o Bruxo como sacerdotisa/sacerdote da Antiga Religião. Os Anciãos que dirigiam os ritos usavam a máscara ritual a fim de serem identificados durante os rituais noturnos.

A inclusão de máscaras e outros itens contribuiu para haver vários e sérios mal-entendidos a respeito das práticas de Bruxaria; quando vistos à noite, iluminados apenas por tochas oscilantes, levavam os ignorantes observadores dos rituais a interpretar erradamente muitas coisas que iam acontecer. Pequenas efígies usadas em ritos folclóricos mágicos para fertilidade e cura eram muito facilmente confundidos com bebês humanos. O líder do ritual, vestido com pele de gamo ou bode, era interpretado como o diabo; no entanto, outras acusações feitas contra as Bruxas, como o intercuro sexual, realmente aconteciam embora não pelas razões alegadas pela Inquisição. É importante lembrar que a Antiga Religião evoluiu de um velho culto pagão de fertilidade.

Não é implausível que alguns grupos de Bruxas fizessem os membros pisarem numa cruz ou profaná-la de algum outro modo, a fim de se protegerem contra espiões cristãos infiltrados no culto. O fervor religioso era intenso durante a Idade Média e o Renascimento; é altamente improvável que um cristão arriscasse a profanar a cruz, mesmo que só para expor Bruxas. Se dermos o benefício da dúvida aos caçadores de Bruxas deste período, podemos presumir que, em vez de inventar histórias sobre reuniões de Bruxas, eles relataram grandes mal-entendidos, originados do medo e da ignorância.

Para ilustrar este e outros aspectos da Bruxaria italiana, alguns entalhes italianos do período mostrados no livro *Compendium Maleficarum*, escrito em 1609 por Francesco Guazzo, são reproduzidos aqui (Figuras 7-14, p. 58-61). Os entalhes tratam do tema da iniciação de novos membros no Culto da Bruxa. Em primeiro lugar, devemos ver a figura demoníaca que preside o ritual como uma má-interpretação e um grosso exagero do facilitador ritual, vestido com a fantasia do Deus Cornífero; depois podemos examinar a colocação dos entalhes da perspectiva da Antiga Religião e obteremos uma visão mais realista da micro-história das Bruxas. Se trocarmos a figura demoníaca pela de um sacerdote em fantasia de animal, então toda a percepção do entalhe se transforma. É na comparação da figura de chifres com o demônio que os caçadores de Bruxas erroneamente coloriram suas próprias percepções das Bruxas e seus ritos.

Na Figura 7, vemos um grupo de Bruxas reunidas num círculo marcado no chão. Este é um dos primitivos desenhos associando a Bruxaria italiana com locais de círculo ritual. A Figura 8 mostra um homem sendo tocado na testa, remanescente do ato de iniciação de primeiro grau, no qual os sentidos psíquicos são despertados por este centro.

As Bruxas declaram sua dissociação com a cristandade na Figura 9, pisando numa cruz. Sem dúvida, este era um ato importante para os novos membros praticarem durante uma época em que agentes da Igreja caçavam Bruxas para serem julgadas e executadas. Esta prática não mais existe em nenhum grupo que conheço.

Na Figura 10 vemos uma família de Bruxas se apresentando em sua primeira Treguenda. Este entalhe é interessante, de nossa perspectiva já mencionada, porque a família não está sacrificando seus filhos (uma acusação popular feita pela Inquisição); a mãe parece estar sorrindo, crianças mais velhas estão sendo apresentadas, em vez de bebês, e ninguém parece estar com medo. Em outras palavras, não se encontra nada que indique sacrifício ritual de bebês neste entalhe.

Na Figura 11, dois livros são mostrados no que parece ser um ato de comparação ou de entrega de um livro. Será que estamos vendo livros copiados sendo dados a novos membros do Culto? Como já foi mencionado no capítulo primeiro, cópias manuscritas de livros ocultos particulares foram encontrados na casa de uma Bruxa em Veneza; no entanto, se usarmos esses entalhes como prova de nossa história alternativa, devemos, com justiça, olhar também para entalhes menos favoráveis.

Existem três entalhes em especial que criam um problema de imagem para as Bruxas; um, retrata uma Bruxa aparentemente no ato de beijar a parte posterior de

uma figura com chifres (Figura 12). Sabemos muito bem que a Antiga Religião era um antigo culto de fertilidade que incorporava imagens da genitália masculina e feminina. A base da espinha (algumas vezes chamada o osso da cauda) há muito tem sido encarada como o centro onde reside a Kundalini ou poder da serpente na energia sexual. Talvez o que se vê neste entalhe seja a colocação de um beijo de reverência no centro sagrado do Deus Cornífero, O Senhor da Fertilidade. De acordo com a Inquisição, todas as Bruxas realizavam este ato na figura chifruda. Em nosso cenário, isto teria sentido porque as Bruxas estão fortalecendo o Deus Cornífero, passando a ele suas energias unidas e conectando-se ao poder primário fértil que ele carrega em benefício delas.

O segundo entalhe problemático mostra um bebê nu, deitado no chão, em frente a um grupo de Bruxas (Figura 13). Guazzo afirma que aqui as Bruxas prometem sacrificar crianças ao demônio. Primeiro, precisamos considerar se a figura da criança era real ou era um boneco empregado em mágica popular. Neste último caso, o boneco pode ter simbolizado o Filho da Promessa, uma entidade mística pré-cristã européia que aparece em muitas cerimônias de Bruxaria (veja glossário). Se, ao contrário, a criança era real, não poderia isto ser apenas a apresentação do bebê para uma bênção do sacerdote do Deus Cornífero? Talvez fosse simplesmente uma forma de "batismo" da antiga seita.

A terceira imagem negativa entalhada mostra o que parece ser uma criança sendo assada sobre fogo (Figura 14). Presumo que as Bruxas estão usando um boneco, como símbolo de morte e regeneração no contexto de um ritual de imolação. A queima de imagens é muito comum na mágica popular e está associada a rituais de morte e renovação por toda a Europa. À noite, iluminada apenas pela luz de uma tocha, a figura flácida do boneco provavelmente pareceria um bebê humano morto. O boneco era presumivelmente amarrado a um pequeno cadafalso e colocado no fogo; essa imagem poderia ser interpretada como verdadeira por um observador horrorizado, escondido nos bosques.

Na Bruxaria hereditária também encontramos a inclusão do "homem de preto", que a Inquisição acreditava ser o diabo. Na doutrina da Bruxa hereditária italiana, o homem de preto era um emissário da Antiga Religião enviado aos camponeses; ele era conhecido como *Capinera*. O sacerdote da Antiga Religião ainda existia e periodicamente mandava tais figuras numa tentativa de assegurar a sobrevivência do Culto da Bruxa. O *Capinera* inspecionava os vilarejos e observava indivíduos que procuravam a solidão dos bosques ou lugares isolados. Geralmente, essas pessoas só eram abordadas se o seu comportamento sugresse um interesse em crenças populares ou se parecessem proscritos da cidade ou vilarejo.

Às vezes, esses indivíduos formavam um *Boschetto* (um coven), no início organizado e conduzido pelo emissário. Os membros usavam máscaras para esconder sua identidade, a fim de evitar serem traídos e entregues à Inquisição. Se os membros provassem ser dignos de confiança e estivessem abertos para as primitivas práticas, envolvendo trajes de fantasia, objetos fálicos de culto, temas de fertilidade e outras práticas pagãs, eram finalmente iniciados na Arte por um sacerdote ou sacerdotisa da Antiga Religião.



Figura 7
Bruxas reunidas num círculo marcado no chão. Entalhe italiano de Francesco Guazzo, extraído do *Compendium Maleficarum* publicado em 1609. (Re-impreso por acordo com Dover Books, New York.)



Figura 8
Bruxa sendo iniciada na Arte. Entalhe italiano de Francesco Guazzo, extraído do *Compendium Maleficarum* publicado em 1609. (Re-impreso por acordo com Dover Books, New York.)



Figura 9
Bruxos declarando não-sujeição à Igreja Cristã. Entalhe italiano de Francesco Guazzo, extraído do *Compendium Maleficarum* publicado em 1609. (Re-impreso por acordo com Dover Books, New York.)



Figura 10
Uma família de Bruxos se apresenta a duas figuras com chifres, em sua primeira Treguenda. Entalhe italiano de Francesco Guazzo, extraído do *Compendium Maleficarum* publicado em 1609. (Re-impreso por acordo com Dover Books, New York.)



Figura 11
Livros são apresentados a um novo Bruxo. Entalhe italiano de Francesco Guazzo, extraído do *Compendium Maleficarum* publicado em 1609. (Re-impreso por acordo com Dover Books, New York.)



Figura 12
Bruxa dando o beijo ritual na base da espinha. Entalhe italiano de Francesco Guazzo, extraído do *Compendium Maleficarum* publicado em 1609. (Re-impreso por acordo com Dover Books, New York.)



Figura 13
Bruxas apresentando uma criança para a bênção de fertilidade do Deus Cornífero. Entalhe italiano de Francesco Guazzo, extraído do *Compendium Maleficarum* publicado em 1609. (Re-impreso por acordo com Dover Books, New York.)



Figura 14
Bruxos preparando bonecos para o ritual simbólico de morte e renascimento. Entalhe italiano de Francesco Guazzo, extraído do *Compendium Maleficarum* publicado em 1609. (Re-impreso por acordo com Dover Books, New York.)

OBJETOS DE CULTO

Caldeirão, crânio humano, vassoura, bastão e falo, todos figuram de maneira importante na Bruxaria hereditária. Muitas Bruxas modernas se envergonham de tais objetos devido às imagens estereotipadas da Bruxaria que são comuns hoje em dia; a imagem da velha feiticeira estéril, fazendo encantamentos supersticiosos sobre um caldeirão fumegante surgiu durante a Idade Média. Sempre achei curioso que essa pobre figura fosse tão temida pela Igreja a ponto de ser necessário caçá-la e matá-la.

A imagem pré-cristã de uma Bruxa como Medéia ou Circe era bem diferente. Nessa época, a Bruxa era competente nas artes de magia e também sexualmente sedutora. Por volta de 30 a.C., essa imagem começou a mudar, como se vê nas *Épodes de Horácio*, escritas durante este período; aqui, a Bruxa já não era fisicamente atraente, mas ainda talentosa em suas habilidades mágicas. Horácio observa, por exemplo, que as Bruxas italianas tinham o poder de "baixar a lua do céu"; no entanto, quando o poder patriarcal se tornou cada vez mais firmemente implantado, a figura fêmea, outrora autopoderosa, foi transformada numa velha que murmurava encantamentos e cacarejava na noite. É interessante notar que os Bruxos não tinham esse estigma e sempre apareciam como figuras poderosas e misteriosas. Embora seja curioso, certos elementos de Circe e Medéia persistiram na Idade Média em personagens como Morgana Le Fay, da mitologia arturiana.]

Na Antiga Arte, o crânio humano simbolizava o princípio de morte e renascimento e também representava o Deus Sacrificado e Senhor do Submundo. O caldeirão complementava esta imagem como símbolo do útero, o próprio portal da vida; desse modo, o caldeirão era também um símbolo da Grande Deusa, sendo ao mesmo tempo útero e túmulo. A vassoura evoluiu para um composto de fertilidade masculina e feminina; isso era devido em parte ao fato de que era feita de plantas do campo, mas também simbolizava a genitália masculina e feminina. O cabo era o falo do macho e a folhagem era o triângulo púbico da fêmea. A vassoura ritual não era amarrada fortemente e o cabo podia ser facilmente removido para o uso ritual como varinha.

Dentro da Antiga Arte, o falo ritual era tanto simbólico quanto operacional. Antigos ritos de fertilidade freqüentemente exigiam atos sexuais múltiplos, feitos para que a essência da vida retornasse aos campos e florestas. Já que os homens têm um limite na sucessiva freqüência de realizar uniões sexuais, o falo era empregado como substituto. Isso permitia que os ritos continuassem, sem serem interrompidos por qualquer circunstância mundana que pudesse ocorrer.

O bastão era o símbolo da deusa. Escolhia-se um galho em forquilha de uma árvore frutífera para representar a imagem da mãe. A forquilha em forma de "Y" simbolizava a vagina sagrada da deusa; um bastão de carvalho ou nogueira simbolizava o deus e, neste caso, os galhos em forquilha não eram aparados como dois forçados separados; ao contrário, eram deixados com vários brotos, para simbolizar os

chifres de um gamo. Os bastões rituais eram colocados nos vários quadrantes do círculo, dependendo do tema da estação. O quadrante leste era empregado em temas de ganho e o oeste em temas de perda. Os quadrantes norte ou sul (norte no inverno e sul no verão) eram freqüentemente incorporados em épocas de poder.

Num grau menor, outros itens ritualísticos como hera, arruda, sal e vinho também eram utilizados como objetos de culto, tradicionalmente carregados na bolsa Nanta. Cada um deles é ligado a um instrumento ritual (respectivamente: agulha, varinha, pedra e dedal). A agulha é associada à hera por causa de seu movimento na costura de serpentear e entrelaçar; a varinha se liga à arruda por causa de seu talo longo; o sal é simbólico da pedra porque ambos são tirados da própria terra; o dedal, que é um objeto em forma de taça, representa o vinho. Cada um desses pequenos itens representa os instrumentos rituais clássicos do Ocultismo ocidental, desenhados no Tarô italiano do século XV (baralho Cary-Yale Visconti). A agulha é a espada ritual, a varinha é paus, a pedra é o pentáculo e o dedal é o cálice.

DEUSES DA VELHA EUROPA

A Bruxaria hereditária preservou muitas formas de deidades do velho Neolítico da Europa antiga. Os velhos deuses da Europa se originaram de uma cultura pré-indo-européia que contrastava profundamente com a cultura resultante proto-indo-européia patriarcal. Esta última se impôs por toda a Europa, com exceção das fronteiras sul e oeste. Entre 4500-2500 a.C., três ondas de infiltração do nordeste varreram a Europa, substituindo (em muitos casos) as deusas da Velha Europa pelos deuses dos indo-europeus. O resultado desta fusão de tradições foi uma mistura de dois sistemas míticos de culturas religiosas da velha Europa e do Indo-europeu.

No sétimo milênio a.C. estabeleceram-se aldeias no sul da Europa que dependiam de plantações e domesticação de animais para a contínua sobrevivência; os habitantes do sul da Europa há 7.000 anos não eram os primitivos aldeões da incipiente Era Neolítica. Durante os períodos do sétimo ao quinto milênio, os fazendeiros do sul da Europa haviam desenvolvido um sistema agrário (e as correspondentes associações culturais típicas deles mesmos) que era contemporâneo de desenvolvimentos similares estabelecidos na Mesopotâmia, Egito, Anatólia e Síria-Palestina. Pelo quinto milênio a.C., esta cultura tinha atingido seu pico na velha Europa.

Na velha Europa, o antigo Mito da Deidade não era polarizado no poder feminino ou no masculino, *per se*, como parece ter sido nos povos indo-europeus. Ambos os aspectos da Deidade se manifestavam lado a lado, ou eram representados com seus gêneros opostos sob a forma de companheiros animais, servindo para afirmar e fortalecer suas respectivas forças (tais como a Deusa Diana com um gamo ou cães de caça). Por razões óbvias, o povo das comunidades agrárias começou a observar as forças da Natureza mais intimamente do que o de comunidades de caçadores-colhedores; as deidades começaram a ser remodeladas em deuses e deusas dos campos e colheitas. Esses povos mantinham suas antigas associações de caçador-coleitor,

tanto de natureza mágica quanto religiosa, mas freqüentemente as figuras eram renomeadas e surgiam numa forma domesticada (tal como o deus gamo chifrudo que aparecia como o deus bode chifrudo da comunidade agrária).

Marija Gimbutas (antiga professora de Arqueologia Européia na UCLA) escreve em seu livro *The Goddesses and Gods of Old Europe* (Deusas e Deuses da Antiga Europa) (veja nota 6, p.10):

Significativamente, quase todas as deusas do Neolítico são imagens compostas com um acúmulo de traços das eras pré-agrária e agrária. A ave aquática, o cervo, o urso, o peixe, a serpente, o sapo, a tartaruga e a noção de hibridização entre homem e animal foram herdadas da Era Paleolítica e continuaram a servir de avatares de deusas e deuses. Não havia algo como religião ou imagens míticas, criadas de uma nova maneira por agricultores no começo do período de produção alimentar.

Podemos ver facilmente que as mais precoces formas de deidade que prontamente reconhecemos como deuses e deusas foram em sua origem poderosos totens animais. Algumas das formas mais antigas e persistentes desses animais são:

Urso

Desde 4500 a.C. imagens de ursos aparecem em velhos entalhes e artefatos religiosos. O urso era uma imagem poderosa da Deusa Mãe – forte, nutridora e protetora. Como já referido, o urso era associado a Ártemis/Diana como um de seus animais de culto.

Gamo

Desde o sexto milênio a.C. entalhes de gamo aparecem em artefatos religiosos. No quarto milênio a.C. imagens de gamos aparecem com o simbolismo do crescente lunar, associando o gamo à lua na antiga crença religiosa; a associação do gamo com Diana originou-se desta antiga conexão. O gamo também é o consorte fértil e fecundador de Diana, que vive em seu domínio florestal.

Javali/Porco

Imagens de porcos são conhecidas em todas as partes da Europa e datam de todos os períodos. O corpo rapidamente desenvolvido de um porco veio a simbolizar a própria terra. O porco tornou-se um animal sagrado provavelmente em 6000 a.C.; era também fortemente ligado ao Submundo e aparece como um totem animal de muitas deidades do submundo, incluindo Deméter e Perséfone.

Lobo

Imagens de cachorros e lobos aparecem em entalhes e pinturas desde o quarto milênio a.C. Muito desse simbolismo é conectado a temas de proteção e caça. Ca-

beças de lobo eram usadas por xamãs e por alguns porta-estandartes romanos, simbolizando uma conexão atávica com este antigo espírito animal. Cultos de lobo floresceram por séculos, abrangendo tanto a classe de guerreiros quanto de sacerdotes (lembrados atualmente apenas em lendas e folclore, como histórias distorcidas de lobisomens).

Bode

Bodes têm sido, há muito tempo, símbolos de fertilidade e virilidade sexual. Durante a Idade Média, as Bruxas foram acusadas de manter intercurso sexual com bodes (uma prática antiga em certos cultos de mistério originários das regiões do Egito e da Caldéia, vistos também em algumas Tradições de Mistério Gregas). Formas primitivas de deificação do bode podem ser vistas no deus Pã, bem como nas lendas dos sátiros. Na Itália surgiram lendas de Bruxas que cavalgavam bodes, diferente das Bruxas do norte da Europa que, segundo referências, voavam em vassouras.

ESPÍRITOS FAMILIARES

O conceito de espírito familiar entre as Bruxas hereditárias italianas está relacionado com os Lare ou Lasa. É o espírito ancestral do clã, o guia animal do Outro Mundo. Os primitivos povos itálicos eram migrantes e levavam animais sagrados como seus guias. Era muito comum que cada clã usasse o nome de seu animal guardião: os Piceni eram guiados por um pica-pau, em latim *picus*, e os Lucani escolheram o lobo, *lupos* em grego.

O guia animal era visto como o ancestral, o que alimenta e protege. A prática de integrar o guia animal com a estrutura do clã foi espalhada por toda a Itália pré-histórica; evidência disso e sua sobrevivência no pastoralismo é abundante na chamada Idade Apenina do Bronze. A loba etrusca de Roma é um exemplo de um espírito-guia animal italiano, derivado do antigo rito itálico de *ver sacrum*, a primavera sagrada. Era tradição que, a cada primavera, todo clã se dividisse e estabelecesse novas colônias. A fundação de Roma por Rômulo e Remo, que se alimentaram da loba etrusca, é uma interessante consequência do conceito de *ver sacrum*. Etrúria era o clã original, a mãe; Roma tornou-se o novo clã.

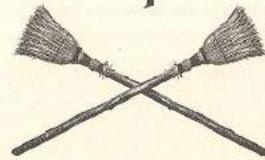
O conceito de espírito animal que guia e protege mudou para espírito ancestral quando os humanos se estabeleceram em vilas e cidades. O primeiro estágio desta evolução resultou no espírito Lasa, originalmente o espírito dos campos e florestas, reflexo do espírito animal silvestre. Após a conquista da Etrúria pelos romanos, o Lasa tornou-se o espírito da casa, conhecido como Lare. Mesmo com essa imagem humanóide, ainda encontramos o espírito animal, que aparece no copo em formato de chifre segurado pelo Lare; o copo tem a forma de uma cabeça de gamo ou qualquer outro animal com chifres. Esse recipiente é o símbolo da antiga natureza animal do Lare.

O espírito familiar das Bruxas, bem conhecido da Idade Média, é o ressurgimento atávico do antigo guia animal das velhas tribos itálicas. Atualmente, esse conceito

está mais comumente associado aos gatos de estimação das Bruxas, aos pássaros, cobras e assim por diante. Como podemos ver, o familiar físico de estimação é um conceito relativamente novo; durante o período medieval, os não-bruxos acreditavam que os agentes do diabo apareciam às Bruxas sob a forma de servos animais. O animal de estimação é uma extensão totêmica do espírito familiar, ajudando a Bruxa.

Os familiares são usados para fins mágicos na Bruxaria. Eles podem levar um encantamento a alguém ou a algum lugar, se você quiser; podem obter informação nos planos (físico ou astral) ou servir como guardiães e assim por diante. Na lista de leituras no fim deste livro, selecionei várias obras sobre como obter e empregar um espírito familiar. Se você estiver interessado em experimentar, achará a lista muito útil.

4



Mágica Popular Italiana

Um legado muito rico de mágica e de crença religiosa primitiva originou-se da velha Itália. Para os antigos povos itálicos, o universo era controlado por uma grande quantidade de espíritos e deidades. Os humanos, como usuários de ferramentas, reuniam objetos que acreditavam exercer influência sobre as entidades habitantes do mundo *sobrenatural*. Muitos pagãos antigos eram pessoas pobres e comuns, com pouco acesso aos tipos de instrumentos associados à moderna Bruxaria, tais como o cálice de prata, sino ritual, pano do altar, e assim por diante; em vez disso, eles empregavam material e objetos facilmente acessíveis.

As ferramentas básicas da Mágica popular na Itália eram chaves antigas, fitas coloridas, tesouras, fios, anéis, ferraduras e alfinetes. O almofariz, o pilão e certos tipos de instrumentos de cozinha também são incorporados aos encantamentos, junto com objetos de costura, como dedais e agulhas. Esses itens simples eram comuns no lar durante a época da perseguição e não trariam suspeita a quem os possuísse.

Velhas chaves do tipo *esqueleto* (comumente encontradas em lojas de antiguidades hoje) são consideradas amuletos de boa sorte; podem ser levadas com a pessoa, no bolso ou numa bolsa, ou podem ser penduradas num fio vermelho perto de uma janela ou na porta. Quando se encontra uma chave, é considerado má sorte simplesmente passar por ela; deve-se sempre pegá-la e dizer as seguintes palavras, enquanto se segura a chave na mão esquerda:

*Não é uma chave que achei
Nem que carregue por aí
Mas a sorte, que eu creio
Estar comigo, sempre aqui.*

As chaves são freqüentemente usadas para obter sucesso em relacionamentos com mulheres. A palavra *chiave*, que significa "chave" em italiano, simboliza o falo e a expressão "chavear" é um velho termo de gíria para o intercuro sexual. A chave também simbolizava "lareira e lar" e acredita-se que podia atrair a futura esposa quando usada magicamente. Suas propriedades mágicas podem ser rastreadas desde sua associação com o lugar de moradia e, portanto, com os espíritos do lar conhecidos como Lare. Os Lare são os espíritos Anciãos da família e do lar, comumente venerados nos tempos antigos de Roma.

O folclore diz que se você assoprar através da abertura de uma chave, ou assoviar através dela, é possível conchamar os espíritos ou fadas para ajudá-lo em qualquer tarefa mágica. Esta técnica é empregada especialmente nos assuntos de amor. Amarração mágica é usada na magia da chave e em outras formas de mágica; atar uma madeixa do cabelo de sua amada a uma chave é considerado como certeza de fidelidade. Fechar um cadeado enquanto se pronunciam os nomes de um casal faz cessar toda a intimidade entre os dois.

As fitas possuem correspondências mágicas e são freqüentemente usadas em adivinhação. Um código de cores estabelecido séculos atrás é lembrado quando vemos fitas em sonhos ou encontramos uma em algum lugar:

Vermelho:	boa sorte, prosperidade e sucesso em assuntos amorosos
Escarlate:	paixão
Verde:	cura em andamento
Amarelo:	ciúme, mexerico
Azul:	bênçãos
Laranja:	má sorte
Prata:	espíritos ou forças espirituais trabalhando
Dourado:	sucesso material e ganho
Cinza:	calma, neutralidade, contentamento
Preto:	forças ocultas, segredos, possíveis intrigas

A crença no poder mágico da cor vermelha (especialmente lã vermelha) data dos antigos tempos romanos, em que simbolizava sangue e fogo (a sagrada seiva da vida e o calor da chama sagrada). O azul era a cor da chama espiritual, associada às bênçãos divinas. Prata, como cor lunar, atraía poder sobre os espíritos do Mundo Astral. O preto estava associado a coisas ocultas na noite e o dourado tornou-se o símbolo comum de riqueza.

Muitos instrumentos e símbolos continuam a manter suas antigas conexões e ainda evocam veneráveis respostas; os velhos espíritos ainda podem ser ativados por chamados antigos e gestos feitos com técnicas comprovadas. As Bruxas italianas

continuam a realizá-los desde os dias da Antigüidade e, portanto, as conexões nunca foram perdidas.

Na Itália, a Mágica Popular está contida dentro da estrutura ritual/mágica da Antiga Religião e se conecta com os reinos não-físicos onde vivem os espíritos da Bruxaria. A Arte na Itália não sofreu perseguição tão violenta quanto no norte da Europa, e assim, muito do antigo conhecimento foi preservado. Devido a uma fragmentação relativamente pequena na Antiga Religião da Itália, a Tradição Strega ainda existe como um dos sistemas mais completos atualmente. [Nota: para a conveniência dos leitores interessados, o texto original italiano de muitos encantamentos contidos neste capítulo está reproduzido no Apêndice 5, começando na página 267.] Ao utilizar os instrumentos da Mágica Popular e a parafernália do Folclore italiano, estamos usando conexões vivas com os Espíritos de Outrora. As Streghe Anciãs dizem que nunca houve um tempo em que os velhos ritos não fossem realizados; nunca houve um tempo em que as antigas oferendas a deuses e espíritos não tivessem sido feitas. Um de meus professores dizia que se os Antigos Caminhos tivessem de desaparecer, os espíritos da Natureza se afastariam da humanidade; o sol e a lua não mais se ergueriam, as estações não retornariam e o mundo murcharia e morreria, mas se uma Strega ainda inflamar a Chama do Espírito, tudo voltará a ser como era no início.

ENCANTAMENTOS DA MÁGICA POPULAR

Apresento estes encantamentos e pequenos trabalhos de mágica por amor à Antiga Tradição e ao saber popular. A origem do poder destes encantamentos parece ser tanto o poder pessoal quanto a intervenção de um espírito ou deidade; a maioria deles em particular é muito antiga e é meu desejo preservá-los neste livro. A forma italiana usada na maior parte destes encantamentos data, pelo menos, do século XIX; isto também é confirmado por encantamentos similares registrados por Charles Leland em vários de seus livros sobre Bruxaria italiana, de cerca de 1896 (veja bibliografia e lista de leituras sugeridas).

Mágica do Nó

Mágica do nó é a arte de usar cordões ou barbante para centralizar a energia, de modo a influenciar uma pessoa ou uma situação. Os nós podem ser dados de acordo com o objetivo, seja para ligar alguma coisa ou para evitar que algo aconteça; também podem ser usados para fixar a energia mágica num lugar, guardando-a para liberar mais tarde. Alguns sistemas de mágica se referem a isto como mágica do cordão.

A amarração pode ser usada para impedir que alguém fira outra pessoa, espalhe mentiras e boatos ou que desintegre uma comunidade; também pode manter alguém à distância de você ou de sua propriedade, caso em que deve levar consigo o cordão ou fixá-lo em sua propriedade. Como verá no encantamento seguinte, o

espírito de Terminus protege a intenção (e amaldiçoa aquele ou aquela que violar sua proteção).

A Strega da velha Itália compilou correspondências mágicas que servem como linhas-guia para empregar vários cordões coloridos. As correspondências básicas se originam de suas conexões *elementais*, através das quais a mágica da Natureza é realizada. As seguintes cores e associações rituais são as mais comumente usadas na mágica de nó:

- Vermelho: (fogo) energia, agressão, destruição, paixão etc.
 Amarelo: (terra) artesanato, habilidade, resistência etc.
 Azul: (ar) alegria, intelecto, atividade mental, criatividade, expressão artística.
 Verde: (água) emoções, amor, relacionamentos, família etc.

O método básico de amarrar o encantamento é segurar o cordão, uma ponta em cada mão, olhando para o norte. Levante o cordão, como se o apresentasse a alguém, e diga:

*Ouçam-me, ó espíritos deste mundo
 E do além
 Eu vos conclamo agora em nome
 De Diana,
 Ela que é a Rainha
 De todas as bruxas e fadas,
 Pois eu sou uma de Suas escolhidas
 E vos peço ajuda neste encantamento.*

Em seguida, vire-se para o sul e comece a elevar seu poder pessoal. Para fazer isto, enrole o cordão em volta de sua mão esquerda e depois junte as pontas dos dedos de ambas as mãos (semelhante a mãos "em prece", mas os dedos não devem se entrelaçar); deve parecer que você está segurando uma esfera entre as mãos. Vire a palma esquerda para cima e comece a pressionar para juntar as palmas, resistindo com uma firme pressão da ponta dos dedos, mas não permita que as palmas realmente se toquem.

Empurre e solte a pressão de novo, repetindo esta ação por trinta e seis vezes. Se você estiver fazendo corretamente, sentirá uma *presença* começando a se formar entre os dedos; parece muito com uma folha de vidro. Um de meus professores chamava isto de "uma aranha fazendo abdominais no espelho" (isso pode ajudá-lo a visualizar a posição das mãos e os movimentos). Conte cada compressão que fizer e movimente as mãos num ritmo rápido e leve.

Quando terminar a contagem, coloque as mãos de volta na posição de "segurar uma esfera". Vire-se para o leste agora, e afirme o que deseja que o encantamento faça. Olhe firmemente para o cordão e comece outras três compressões (visualize o efeito desejado do encantamento). Desta vez, as compressões deverão ser lentas e

mais fortes (como se você estivesse *empacotando* o poder). Antes de fazer cada uma das compressões, diga o seguinte:

*Espíritos de Matter,
 Liguem, torçam e fixem!
 Espíritos do Fogo,
 Queimem, liguem e misturem!
 Espíritos do Éter
 Movam-se agora no meu!*

Agora o cordão está pronto para ser amarrado a fim de fixar seu encantamento. Retire o cordão da mão e amarre um nó em uma ponta, dizendo, enquanto o faz:

Término seja.

Término é o espírito guardião das ligações e amarrações. Faça o mesmo com a outra ponta do cordão e repita:

Término seja.

Agora, segure um nó em cada mão e faça um terceiro nó no centro do cordão, dizendo:

Aqui para Vos ligar.

Puxe firmemente para forçar o nó. Concentre sua mágica aqui e focalize bem enquanto puxa o nó.

Quando quiser liberar o efeito mágico, fique perto do alvo do encantamento e simplesmente desamarre primeiro os nós das pontas, dizendo:

Término livre.

Depois, desamarre o nó do centro, dizendo:

Assim para Vos livrar.

Complete o encantamento girando o cordão acima da cabeça três vezes e soltando-o, de modo que seja libertado de você; o poder do encantamento estará liberado. Se não quiser liberar o que amarrar, coloque o cordão numa bolsinha e esconda-a num lugar secreto. Lembre-se sempre de que você é totalmente responsável por impor sua vontade a outra pessoa; certifique-se de que o custo compensa o ganho, mas acredite-me, raramente isso acontece.

Outro aspecto da mágica do cordão aparece na chamada Escada das Bruxas. Leland menciona em *Etruscan Roman Remains in Popular Tradition* (Vestígios Etrusco-

1 LELAND, Charles. *Etruscan Roman Remains in Popular Tradition*. New York: University Books, 1963.

romanos na Tradição Popular) ter mostrado um desenho da Escada das Bruxas, que havia surgido numa edição de 1886 do *Folk-Lore Journal*, a uma mulher italiana e ela prontamente a identificou e começou a descrever seu uso na Bruxaria. Na Wicca gardneriana também encontramos menção da Escada das Bruxas. Observe a referência feita por Leland, meio século antes dos escritos de Gardner, pois esta não é uma invenção gardneriana (entretanto, um objeto similar foi encontrado no campanário de uma Igreja na Inglaterra, em fins do século XIX, conforme registrado no *Folk-Lore Journal* referido por Leland).

Essencialmente, a Escada das Bruxas é um cordão usado para amarração. Também é empregado para contar, escorregando os dedos pelos nós enquanto se realiza um ritual de lançar encantamento e outros trabalhos de mágica. Se o encantamento requer que um nome seja repetido dez vezes, fazem-se dez nós no cordão. Para amarração, o nó é feito no centro do cordão, ladeado por três nós em cada ponta. O nó central é amarrado em volta de um objeto de ligação com a pessoa ou situação que requeira o encantamento. Os nós laterais são amarrados em volta de penas de galinha preta ou corvo ou urubu. A cada nó que é atado, recite:

*Aqui, penas negras como a noite,
Amarrem bem com mágica o vilão,
E os atos susfoquem nas Trevas
Até que eu o libere deste açoite.*

O cordão deve ser entregue então à pessoa ou ao local da situação. O encantamento pode ser revertido quando a Escada das Bruxas for devolvida a quem o enviou; este deverá desamarrear cada nó e jogar todos os itens em água corrente.

Mágica do Anel

A mágica do anel é usada para lançar encantamentos, para adivinhação, proteção, cura e para amarração em assuntos amorosos. Um dos usos mais antigos do anel em mágica é a mágica do sigilo; esta forma utiliza barro mole, calcado pelo anel que é rolado sobre a superfície do barro, deixando certos símbolos mágicos delineados no material; depois o barro é deixado para secar e deste modo se torna um amuleto, um talismã ou feitiço.

Para fins de cura, o anel é purificado pela chama aberta; depois de esfriado, o anel deve ser segurado entre os dedos, como se segura uma caneta. Vários símbolos denotando o efeito desejado são então traçados na área a ser curada. Um número de círculos que delimite a doença é traçado com o anel, seguido de algumas linhas radiais que começam da parte ferida e se movem para fora do corpo. Os movimentos devem ser decisivos e rápidos, a fim de retirar a doença da área afetada. Essa traçagem de círculos e linhas deve ser feita três vezes.

O praticante repete certas palavras durante o trabalho, e o processo inteiro deve ser repetido por três dias. Ao final dos três dias, o anel é lavado e mergulhado em

água salgada para descarregar a energia negativa. Uma lavagem final de água mineral é aplicada ao anel, que pode ser considerado normal outra vez. Os anéis podem ser usados em enfermidades de pele, como eczema, erupções, queimaduras, verrugas e herpes.

Encantamento da Chama Tripla

O objetivo deste encantamento é descobrir quem lançou um encantamento sobre você (isto é, causando-lhe má sorte) ou está trabalhando contra você de alguma maneira. Se sentir que alguma coisa está lhe acontecendo devido a forças invisíveis, ou a alguém que conhece, faça o seguinte:

Numa mesa quadrada de seu quarto, coloque três velas votivas em triângulo. No centro do triângulo, arranje uma faca afiada e três alfinetes retos, com a lâmina da faca apontando para o norte e os alfinetes apontando para o leste, oeste e sul.

Se você suspeita de alguém em particular, escreva o nome dele ou dela em uma das velas. Se achar que pode ser qualquer uma de várias pessoas, marque as outras duas velas com um nome também. Como você verá, a primeira vela a queimar terá o nome da pessoa envolvida. Se a primeira vela que queimar não tiver um nome, significa que a má sorte não está sendo causada por ninguém.

À meia-noite, sente-se numa cadeira ao lado da mesa e faça o gesto de *jettatura*² sobre os itens. Volte-se para cada quadrante do aposento e repita a ação. Depois diga o seguinte:

*Ouça-me, ó Grande Mãe.
Se a má sorte que sinto vem de
Mãs ações de outrem, peço-lhe
Que fale comigo em meu sono esta noite.
Rezo para que esta má sorte seja
Expulsa por você e que a boa sorte*

*Venha no lugar dela. Se outro jogou
Um feitiço, peço que uma destas velas
Seja apagada e que você me revele
Essa pessoa em meus sonhos
Esta noite. Então, que o poder
Deles seja diminuído em Seu nome
E vá embora com a queima
destas velas.*

² *Jettatura*, dialeto do sul da Itália, provavelmente napolitano. É o gesto com as mãos que transmite poder; é feito colocando o indicador e o médio juntos, pressionando o polegar contra as pontas dos dedos; assemelha-se à posição de um beliscão. (N.T.)

A esta altura, vá para a cama e procure dormir. Você acordará em dado momento e verá que uma ou mais velas se apagaram e então terá a sua resposta. No dia seguinte, queime todas as velas que sobraram e derrame a cera num buraco cavado na terra. Enterre a cera e não mexa mais. O encanto então estará quebrado.

Encantamento da Pedra Sagrada

Este encantamento origina-se da crença popular de que olhar através do buraco de um objeto sagrado permite que se olhe dentro do mundo das fadas e outros espíritos. Na Toscana, acredita-se que esta *outra visão* pode ser obtida olhando-se através de um anel consagrado ou de uma grinalda feita de verbena.

Uma pedra com furo é um poderoso talismã, consagrado à Deusa Diana. Existem várias versões deste encantamento e vou mostrar duas delas.

A) Para procurar uma pedra sagrada, levante-se ao nascer do sol e siga uma estrada em direção a um prado ou às montanhas. Leve junto uma bolsa de lã vermelha e colha alguns galhos de arruda e verbena. Se, ao procurar pelas ervas, você encontrar uma pedra com um furo, apanhe-a e diga:

*Encontrei uma pedra sagrada no chão.
Ó destino, agradeço pelo feliz achado
E também pelo espírito que nesta estrada
Deu-a a mim,
Que ela seja para meu bem e
Verdadeira sorte!*

Agora é a hora de pedir ao espírito que entre na pedra para que ela se transforme num objeto de poder. Para fazer isso, jogue a pedra para cima e apanhe-a três vezes, coloque-a em seu bolso e diga o seguinte:

*Bom espírito do augúrio
que vieste em minha ajuda,
acreditando que eu precisava de ti,
espírito da fada vermelha
desde que vieste para me ajudar
em minha necessidade,
rezo para que não me abandones!
Suplico que entres agora nesta esfera
Que carregue em meu bolso,
E quando eu precisar de qualquer coisa,
Que eu possa chamar-te
Qualquer que seja a necessidade,
E nem de dia nem de noite
Jamais me abandonarás.*

Depois, coloque a pedra e as ervas dentro da sacola de lã, agradeça a Diana e volte para casa.

B) Se você encontrar uma pedra com um furo numa praia ou no mar, este é um poderoso talismã para olhar o mundo espiritual. A pedra é consagrada da mesma maneira que no primeiro encantamento.

Leve a pedra adequadamente preparada a um cemitério e fique em pé diante dos locais de sepultamento. Segure a pedra na altura do olho esquerdo e olhe através do furo, mantendo o olho direito fechado. Depois diga o seguinte:

*In nome di San Pietro,
E di San Biagio,
Fate che da questa pietra
Possa vedere che forma
Fanno gli spiriti.*

*De profunda clamao
In te Domine, Domine!
Et Domine, et fiantatis,
Bugsein et regina materna,
Edognis Domine!*

A crença popular é que você verá os espíritos dos que já partiram; também poderá ver o aspecto Cronos da deusa, andando com uma tocha acesa.

Encantamento contra *Malocchio* (Mau-olhado)

Para afastar ou exorcizar o mau-olhado, faça o seguinte: estenda o dedo indicador e o dedo mínimo da mão esquerda, baixando os outros para dentro (parecendo dois chifres). Depois, diga a fórmula:

*Chifre, grande chifre, chifre torcido;
Vermelho o pano,
Torto o chifre,
Zombo de você:
Eu vou e volta,
Chifre! Chifre! Chifre!*

Um outro encantamento envolve o uso do fogo. Acenda um fogo, pegue um pedaço de papel e desenhe um símbolo representando o mal feito a você. Jogue o papel no fogo e, enquanto o observa queimar, diga:

*Ó fogo abençoado,
Que queima tão intensamente,
Que aquece toda a humanidade,*

*Rogo-lhe que queime este mau encanto
E aquele que me atingiu com ele!*

A Mágica da Arruda

Quando alguém está sofrendo de dor nos olhos, pegue um galho, uma *coccha*, de arruda e amarre-o como uma coroa, *in forma di una corona*, com uma fita vermelha. O paciente deve estar na cama e não pode ver a guirlanda sendo feita; deve ser sempre preparada por uma mulher, num outro cômodo, e não deve ser vista por crianças ou por qualquer animal. Aquela que amarra deve dizer:

*Eu preparo esta coroa
Para colocar nos olhos
Desse sofredor,
Que sua vista eu possa restaurar,
E que ele nunca mais venha a sofrer!*

Quando entregar ao doente, ele ou ela deve olhar através da coroa três vezes e dizer:

*Santa Luzia, Santa Luzia, Santa Luzia!
Faça-me sarar deste mal dos olhos!*

Depois o doente deve cuspir através da coroa por três vezes.

Santa Luzia, a moderna santa católica da luz, é a descendente direta da Losna etrusca, Deusa da Lua, também do Sol (veja Losna), que novamente fornece mais credenciais à associação da arruda com a visão. O culto medieval dos Benandanti invocava Lúcia antes de sair à noite em batalha contra os Malandanti. Lúcia dava visão noturna aos Benandanti, proporcionando-lhes uma vantagem sobre seus inimigos.

Encantamentos de Boa Sorte

Este é um velho encantamento de boa sorte conhecido em italiano como *le quattro cose della buona fortuna*.

Pegue uma pequena bolsa de lã vermelha; dentro dela, coloque uma migalha de pão, uma pitada de sal grosso, um raminho de arruda e uma pitada de cominho. Costure a sacola com um fio vermelho de lã e, enquanto costura, repita as seguintes palavras:

*Costuro este saquinho
Para minha boa sorte,
E também de minha família,
Que esteja sempre longe
Da desgraça e da doença.*

Depois, a bolsinha deve ser carregada no corpo da pessoa noite e dia. De acordo com a tradição, a bolsa não pode ser usada por mais de uma pessoa.

Um outro encantamento de sorte envolve um certo salmo, falado quando se vê um vaga-lume. Em italiano, os vaga-lumes são chamados *lucciola*, que significa "acesinhos". Quando vir um vaga-lume, diga este salmo para trazer boa sorte:

*Vaga-lume! Vaga-lume!
Venha para a competição!
Ponha a rédea
na égua,
ponha a rédea
no filho do rei
para que a sorte
venha comigo,
meu vaga-lume,
venha para mim!*

Encantamentos de Cura

Pegue uma moeda de prata que tenha estado sob a lua cheia da meia-noite à uma hora da manhã. Unte a moeda com azeite de oliva que também tenha estado sob a lua cheia. Coloque a moeda com a face para baixo na área dolorida e movimente a moeda de maneira circular no sentido anti-horário (escorregando a moeda untada em volta da área). Ao fazer isso, diga as palavras:

*Dor que açoita
Com a fúria do sangue de dragão,
Pelo amor de todos os espíritos
Deixa este corpo,
Remove tua mancha.*

Para a cura mágica de qualquer sofrimento, existe uma oração da Bruxa siciliana para ser dita; suas palavras são passadas de professor a aluno na manhã do Solstício de Inverno, mas ao passar adiante, o professor perde a habilidade de curar com esta prece. Esta é a prece:

*Maizina'd bo, maizina'd vaca
Chi la mal a stu grata.

Maizina'd vaca, maizina'd bo,
Chi la mal, le tut so.*

ADIVINHAÇÃO

Geralmente se pensa que adivinhação é a previsão de acontecimentos futuros por meio de vários instrumentos, tais como cristais, cartas de tarô, runas e outros. No sistema italiano, vemos a adivinhação como a previsão daquilo que tem possibilidade de acontecer, se nada mudar os padrões que se formam no momento presente. A Strega não acredita que eventos futuros são fixados no tempo e no espaço; acreditamos que o papel da adivinhação é prever o resultado dos padrões que se formam, permitindo que possamos fazer as necessárias mudanças para alterar os resultados possíveis.

Se o futuro está determinado e é imutável, então a adivinhação não tem sentido, além de permitir que nos preparemos para o destino. Felizmente, os poderes-que-virão são muito mais bondosos e compassivos, e nos deram os meios pelos quais podemos alterar seu curso. A astrologia, a leitura das mãos, a visão por meio de cristais e outros tipos de artes adivinhatórias, todas servem para revelar os padrões astrais que se formam a nossa volta.

Nesta parte, vamos ver diferentes maneiras pelas quais os padrões atuais podem ser revelados e os eventos futuros podem ser previstos. A mais antiga forma de adivinhação ainda usada pela maioria da Strega é a runa adivinhatória; em segundo lugar, estão as cartas, seguidas pelo uso de óleo e água. Certamente, a observação de presságios e sinais na Natureza veio antes destas técnicas, mas não estou me referindo especificamente a elas neste texto.

As Streghe acreditam que tudo se forma primeiro nos planos astrais, antes de se manifestar dentro do mundo material; num nível mundano, podemos comparar a um pensamento que ocorre antes de uma ação acontecer. De uma perspectiva oculta, os padrões de energia estimulam a substância astral e as formas começam a surgir, refletindo o resultado desejado. *Pensamentos* literalmente se tornam *coisas* dentro da dimensão astral; por meio das artes de adivinhação, podemos ver esses padrões e discernir as imagens que estão se formando e se movendo em direção à manifestação.

Na Bruxaria italiana, a astrologia revela a marca estelar de uma alma no momento em que nasce num corpo físico. Na mitologia das Streghe, o reino de Áster é a dimensão estelar na qual vivem os deuses e onde também reside a comunidade de almas que já completaram seu ciclo de renascimento dentro do mundo físico. A marca astrológica é um lembrete para a alma das lições que a aguardam dentro da atual existência física em que se encontra. O mapa astral desenha as forças e fraquezas que a alma carrega dentro de si numa experiência de vida específica; no entanto, na Strega, o livre-arbítrio suplanta os padrões das estrelas; desse modo, na Stregheria, a astrologia se torna uma ferramenta para a reflexão e a correção pessoal.

A quiromancia, na Strega, está relacionada com a psicometria (a arte de receber impressões através de contato físico). Os padrões de energia se formam na aura de um indivíduo e são grandemente influenciados pelos centros de poder do corpo. Na moderna Arte, esses centros são freqüentemente chamados chacras; o sistema de

chacras originou-se do Misticismo Oriental; cada chacra — há sete — é ligado a uma das sete dimensões do universo oculto (veja Figura 15, abaixo). Os chacras enviam e recebem fluxos de energia para e das dimensões com as quais estão associados e, portanto, a aura contém informações concernentes aos padrões que existem em qualquer dimensão relacionada com o indivíduo.

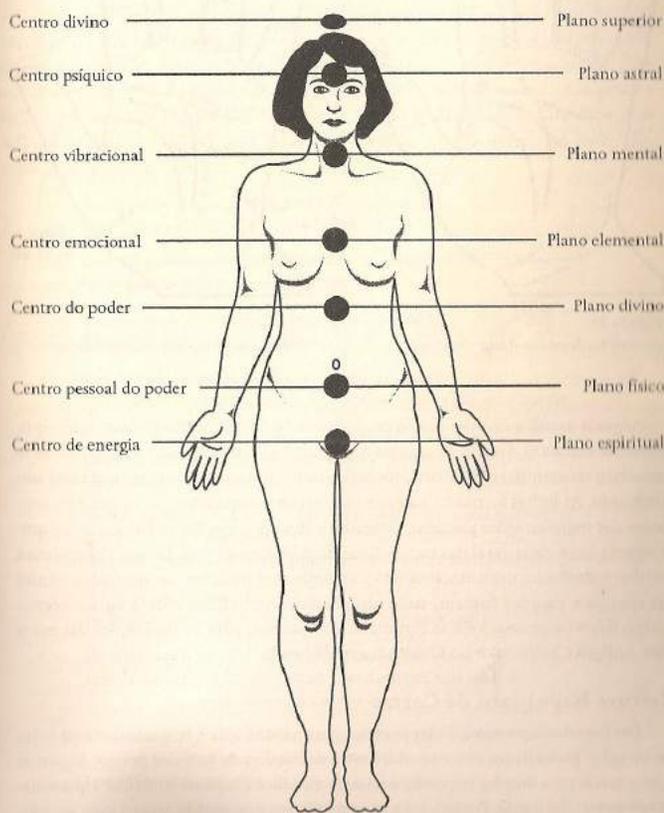


Figura 15

Sistema Moderno de Chacras com associações de passagem para as sete dimensões.

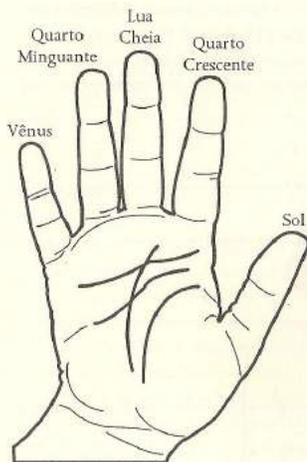


Figura 16
Associações da mão no Antigo Ocultismo.



Figura 17
Associações da mão no Ocultismo Moderno.

Segurar as mãos de uma pessoa enquanto se “lê” suas palmas permite que o quiromante extraia as marcas de energia de dentro da aura da pessoa. As impressões se mostram enquanto o quiromante focaliza o indivíduo para quem ele ou ela está adivinhando. As linhas formadas na palma são realmente padrões de energia – os símbolos das manifestações passadas, presentes e futuras; essas linhas fornecem ao quiromante uma visão geral das experiências da pessoa nesta vida. De uma perspectiva oculta, entretanto, o quiromante está acessando memórias astrais, marcas presentes de energia e padrões futuros, tudo através do contato físico com a aura e com o corpo físico da pessoa. Veja as Figuras 16 e 17 (acima) para as associações das mãos nos Antigos Caminhos e no Ocultismo tradicional.

Leitura Napolitana de Cartas

Em Nápoles o costume de ler as cartas para adivinhação é bastante comum entre as Streghe; poderíamos chamar estas cartas de baralho de tarô dos pobres. Jogam-se cinco cartas para simples respostas sim ou não; o leitor simplesmente olha a quantidade de naipes das cartas. Pentáculos e taças significam sim; espadas e paus indicam não.

A pessoa pode querer saber, por exemplo, quanto tempo vai demorar para encontrar um emprego. O leitor coloca duas linhas horizontais paralelas de seis car-

tas, viradas para baixo. Cada carta é então virada para cima, da esquerda para a direita, começando da linha de cartas de cima. Todo este procedimento é repetido até que o ás de paus apareça. Cada carta virada representa um mês.

Para adivinhar uma situação em especial, sete cartas são colocadas numa linha vertical. A carta do meio é virada e representa a situação (qualquer coisa que esteja no meio). Em seguida, as cartas são viradas aos pares, começando com uma carta de cima e uma de baixo. Cada par é interpretado no contexto de como cada carta se relaciona com a outra e com o centro. Continua-se a fazer os pares até que todas as cartas sejam viradas. Para uma leitura longa, as cartas devem ser tiradas cinco vezes. Cartas que não têm significado são usadas numericamente ou simbolicamente, para serem acrescentadas ao significado do par. Em outras palavras, os números podem indicar períodos de tempo e as cartas com figuras podem indicar outras pessoas influenciando a situação. Cartas invertidas são lidas com o significado invertido, como nas leituras de Tarô:

Ás de paus: alegria, felicidade, prazer, fertilidade
Invertida: nenhum filho, tristeza, indiferença

Dois de paus: comunicação, notificação, carta vinda de perto
Invertida: más notícias, pessoa distante

Três de paus: mortificação, más notícias, agitação
Invertida: Mudança para melhor

Rei de paus: homem jovem, estudante, poderoso
Invertida: pessoa que não gosta de estudar; pessoa que quer sair da situação atual

Cavaleiro de paus: ansioso, ansiedade, perturbado
Invertida: tudo está bem

Pajem de paus: prostituta, mulher má, ignorante, azarada, sempre comete erros
Invertida: mulher de sorte, procurando marido com dinheiro

Ás de taças: lar, família
Invertida: pensando no lar, retornando logo para casa

Dois de taças: triunfo, bons amigos, união, justiça
Invertida: tempos maus passando rapidamente, um casal se separando mas se reunindo logo

Três de taças: choro, tristeza, descontentamento, mulher com o coração partido, tempos infelizes
Invertida: Homem triste, más notícias de longe

Quatro de taças: trabalho, pessoa de mente ativa, pessoa sem problemas, um Sonhador
Invertida: indecisão, sonhar acordado, insucesso

- Rei de taças: professor, comerciante, idéias claras, matemático
Invertida: estudando, estudante, artista, criativo
- Cavaleiro de taças: boa viagem, longa viagem, procurando novo trabalho no futuro
Invertida: dificuldades, má viagem, procurando emprego em breve
- Pajem de taças: jovem mulher, cabelo castanho, cabelo ruivo, virgem, honestidade
Invertida: mulher ansiosa, procurando casamento, aborto
- Ás de pentáculos: cama, doença, casamento
Invertida: virgindade, futuro casamento, recuperação em breve
- Dois de pentáculos: muito dinheiro, mudança para melhor, pessoa próxima
Invertida: pouco dinheiro, fantasia
- Três de pentáculos: criatividade, dinheiro
Invertida: dinheiro que vai chegar, boas notícias
- Rei de pentáculos: homem loiro, dinheiro, boa posição financeira, conforto
Invertida: procurando emprego, procurando nova casa em breve
- Cavaleiro de pentáculos: mudança para melhor, viagem de negócios, pessoa de fora que traz dinheiro
Invertida: uma viagem que não pode ser feita, falta de dinheiro
- Pajem de pentáculos: mulher roca, velha, ansiosa, casada
Invertida: preocupação, viúva
- Ás de espadas: conversa sem sentido, coração partido
Invertida: procurando amor, solidão
- Dois de espadas: união que é um erro, amigos enganadores, más notícias, roubo, um ladrão
Invertida: necessidade de atenção médica, más notícias
- Três de espadas: tristeza, desespero, morte, doença, melancolia
Invertida: lenta convalescença, maus amigos
- Rei de espadas: homem rico (geralmente casado), médico, advogado, juiz
Invertida: homem desesperado por trabalho, possível casamento em breve
- Cavaleiro de espadas: viagem má ou triste, solidão ao viajar, más notícias
Invertida: uma pessoa viajando bem, mudança

- Pajem de espadas: mulher má, uma pessoa em particular, palavras, jovem solteira
Invertida: casamento infeliz para acontecer em breve, casamento por dinheiro

Mágica do Sonho com Cartas

Quando estiver se preparando para dormir, coloque em baixo de seu travesseiro um livro de orações aberto na parte do serviço matrimonial. Na página, coloque uma chave, um anel, uma flor, um ramo de salgueiro, um pequeno pedaço de bolo ou um biscoito em forma de coração e uma migalha de pão. Em cima desses itens, coloque as seguintes cartas: 10 de paus, 9 de taças, ás de espadas e ás de pentáculos; embrulhe o conjunto em pano de linho ou gaze de algodão. Coloque tudo embaixo do travesseiro, deite-se, ponha as mãos em concha sobre o coração e diga:

*Luna, amiga de todas as mulheres,
Rogo que me envieis vossa mágica.
Deixai-me esta noite vislumbrar
Os símbolos de meu destino.*

Símbolos de visão:

- Chave: poder, status na comunidade, prosperidade
Anel/Ás de pentáculos: casamento
Flor: alegria
Salgueiro: amante infiel
Bolo/biscoito: vida próspera
Pão: vida laboriosa
Paus: lugares longínquos esperam
Taças: filhos nascidos fora do casamento
Espadas: morte prematura
Pentáculos: riqueza
Mau tempo: vida atribulada
Pássaros: família grande
Galo: mais de um casamento

Adivinhação pelo Fogo

O acender do fogo e o modo como ele queima podem ser usados para propósitos divinatórios. Antes de acender o fogo é costume dizer o seguinte:

*Fogo, bendito fogo!
Minha casa espera a sorte,
E sempre a ti vem na esperança
De que o desejo de boa sorte
Tu me queiras trazer!*

Para começar, declare o que você quer adivinhar ou peça para receber um preságio concernente a determinado assunto. Isto deve ser feito diante de uma lareira com madeira comum; se for difícil acender o fogo, ou se ele queimar com pequenas chamas fracas, este é um sinal negativo.

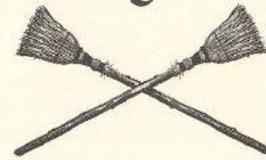
Para adivinhar uma situação, estude as chamas enquanto pensa no assunto em questão. Assim como o fogo queima bem ou fracamente, assim também acontecerá com a situação. De modo geral, se o fogo queima com uma simples chama atraente, é sinal de boa sorte. Várias chamas mudando de posição ou pulando, com um estalo, significa que amigos ou conhecidos vêm visitar você.

Outro tipo de adivinhação pelo fogo emprega a efígie de Befana. Faz-se um boneco de madeira com a figura de Befana segurando nas mãos um fuso e uma roca. A figura oca é preenchida com uvas, figos secos, castanhas, pêras, maçãs, alfarroba e com *sapa* e *colnognata*.

Constrói-se, então, uma pira na forma de um monte cônico de seis ou sete metros de altura. Coloca-se madeira cortada na base do monte; em seguida, colocam-se amoras silvestres, castanhas de cavalo e finalmente palha. Quando estiver tudo pronto, serra-se a Befana e distribuem-se seus ingredientes aos celebrantes. Em seguida, a imagem é queimada na pira; enquanto o fogo queima, fazem-se perguntas para responder com sim ou não; se as castanhas explodem, tem-se um sinal positivo. A chuva de fagulhas resultante também é adivinhada pelo seu padrão e pelo modo como as fagulhas caem. Explosões para cima indicam abundância; para baixo significam declínio; explosões para a direita indicam algo que chega à vida de alguém, mas para o lado esquerdo, significa perda. Uma chuva de fagulhas diretamente na pessoa significa que ela estará em perigo.

Parte Dois Mitos e Saber Popular





A Deusa e o Deus

O antropólogo Julio Caro Baroja¹ nos conta que até o século VI d.C. o culto de Diana e seu consorte "Dianum" ainda florescia entre os camponeses do sul da Europa. São Martim de Braga escreveu sobre a Deusa Diana e os espíritos chamados *dianae* durante suas viagens pelo sul da Europa. O templo de Diana² ficava no lado norte do lago Nemi, na Itália. Referências históricas indicam que uma grande floresta cobria as montanhas Albanas, cheias de carvalhos, faias, elmos, castanheiras, nogueiras e outras árvores. Escondido nessa floresta ficava o sacrário de *Diana Nemorensis* (Diana dos Bosques). Como já vimos antes, um guardião chamado *Rex Nemorensis* patrulhava o sacrário silvestre de Diana.

Oferendas votivas descobertas em Nemi indicam que Diana era venerada como uma deusa ligada à fertilidade, ao nascimento e à abundância de caça selvagem. Seu festival anual acontecia em 13 de agosto, quando em honra a Diana, o bosque luzia com centenas de tochas. À noite, a luz dessas tochas se refletia no lago sagrado, cintilando magicamente sobre a superfície da água. Diana também era conhecida como "Diana Vesta"; lampiões semelhantes aos usados pelas virgens vestais para o fogo perpétuo foram encontrados com imagens de Vesta em Nemi.

O sacrário de Diana também era o lar de uma ninfa-deusa chamada Egéria. Egéria era a Senhora do Lago, em Nemi, intimamente ligada não só ao lago, mas também a rios e cascatas. As virgens vestais de Roma recolhiam água de um riacho

1 BAROJA, Julio. *The World of Witches*. Chicago: The University of Chicago Press, 1975, p. 65-66.
2 Reconstruído por volta de 500 a.C. após um terremoto.

consagrado a Egéria e usavam essa água para lavar o templo de Vesta. Esta é uma conexão interessante entre água e fogo e pode estar ligada ao conceito do espírito da chama das Streghe. Os Anciãos dos povos que fundaram Roma tinham vivido nas montanhas Albanas e trouxeram Egéria e sua conexão com as fontes sagradas, quando se estabeleceram nas margens do rio Tibre.

Egéria estava muito ligada a Vírbio, o filho nascido de um encontro marcado entre Diana e Hipólito. Vírbio foi o primeiro guardião do bosque de Diana em Nemi e foi indicado *Rex Nemorensis* (Rei dos Bosques). O bem-estar do Rei dos Bosques era atribuído, em parte, ao relacionamento dele com Egéria. De acordo com James Frazer, em *The Golden Bough*³ (O Ramo Dourado), o riacho de Egéria brotava das raízes do Carvalho Sagrado em Nemi. Devido ao fato de que o carvalho queima a uma temperatura mais alta do que a maior parte das madeiras, ele era usado nos tempos antigos para aquecer a forja na qual se fabricavam as espadas. A crença mágica primitiva dizia que o espírito do Carvalho Sagrado passava para as chamas e daí para a espada que o Rei dos Bosques portava. Além da espada, o Rei dos Bosques também levava um bastão esculpido em um galho de carvalho quebrado e tirado do bosque de Nemi. O sacrário de Diana em Nemi viu uma longa sucessão de guardiães, com registro até no reinado do imperador romano Calígula. A história nos diz que Calígula contratou um guerreiro habilidoso para matar o *Rex Nemorensis* daquela época, na esperança de abolir o culto em Nemi.

O mito do *Rex Nemorensis* apresenta algumas interessantes semelhanças entre a espada do Rei Artur e o bastão do Rei no sacrário de Diana do lago Nemi. Somente uma pessoa que possuísse certas forças poderia tirar a espada da pedra ou quebrar o galho do carvalho em Nemi; para fazer isso, em qualquer dos casos, era preciso ser da realeza. O Carvalho Sagrado representava o Deus Sol e estava sob a proteção do Guardião do Bosque. Este mito não é diferente da lenda celta do Rei Artur e a espada Excalibur; nos mitos primitivos, a espada mágica de Artur é dada a ele por Nimue, a Senhora do Lago, cujo braço se levanta da água portando a Excalibur na mão. Versões posteriores deste mito mostram Artur tirando a espada de uma pedra, na qual ela havia sido enterrada. É interessante notar a semelhança entre os nomes Nimue e Nemi, ambos ligados a mitos similares relacionados a um lago.

Em Nemi, o *Rex Nemorensis* devia quebrar um galho do Carvalho Sagrado para ser digno de seu reino. O galho era um desafio de combate ao Guardião do Bosque, uma posição pela qual se lutou durante séculos em Nemi. O galho era parte da árvore enraizada na terra, preenchida pela água que brotava do riacho de Egéria. Não é difícil ver a espada Excalibur se levantando do lago e o Galho de Carvalho subindo da Árvore Sagrada dentro do rio de Egéria, como uma única imagem.

Uma tradição de grande antiguidade ligada à realeza do antigo Lácio está centrada em volta do carvalho. Era costume coroar os reis latinos com ramos de carvalho

e fazer casamentos de brincadeira com Egéria. A primeira referência disso nos tempos antigos relata que o Rei Numa casou-se com Egéria nos bosques de Nemi. A lenda de Numa e Egéria conta o relacionamento entre os dois e tem sido comparada por alguns escritores ao casamento do Rei e da Rainha de Maio. Sabemos que os antigos acreditavam numa íntima conexão entre o Rei e a terra, refletida até mesmo nos mitos celtas do Rei Artur e do Rei Pescador. O casamento sagrado entre os reis latinos e Egéria sugere fortemente uma união propositada entre a humanidade e a Deusa da Natureza, para assegurar a vitalidade e a fertilidade do rei.

DIANA E DIANO

Em Nemi, Diana era a Deusa do Bosque Verde e do Carvalho, em especial; naturalmente, seu consorte deveria partilhar essas associações também. Diano, o consorte de Diana, também tinha os atributos de um deus maior, Júpiter, que do mesmo modo era ligado ao carvalho. Alguns folcloristas acham que eles eram a mesma deidade, em níveis diferentes. Lendas antigas apóiam isto, especialmente a lenda do *Rex Nemorensis*. Neste mito, o Guardião do Bosque personificava o Deus do Carvalho e, deste modo, extraía o poder do deus para proteger o Bosque de Diana. Sua íntima relação com Egéria, da qual evoluiu o casamento cerimonial dos reis latinos, simboliza a união com a própria Diana nos bosques. Em muitos casos, antigos escritores equiparam Diana a Egéria.

A famosa imagem de Diana de Éfeso contém uma história visual do antigo culto de Diana nos tempos paleolíticos. Cobrindo seu corpo, há imagens de vários animais, todos sagrados no Culto da Bruxa da antiga Europa. Quanto mais recuamos no tempo para pesquisar sobre Diana, mais próximo nos encontramos dos totens de animais que antecedem sua forma humana. A partir de estudos arqueológicos e antropológicos de antigos clãs, sabemos que as primeiras deidades a serem veneradas apareceram sob a forma de animais. A forma mais primitiva de Ártemis/Diana parece ter sido um urso e foi somente muito tempo depois que imagens de sua forma humana surgiram. Na Arte Antiga, Diana é mostrada com um cachorro (lobo domesticado) ou um gamo. O gamo e o lobo são símbolos das forças crescentes e minguantes da Natureza, influenciando tanto a vida vegetal quanto a animal sobre as quais Diana reina.

Achados arqueológicos indicam que a primeira deidade lunar era um animal, seguida pelo espírito da deidade em forma animal (em outras palavras, um ser sobrenatural). Mais tarde, a deidade é assistida por esses mesmos animais que evoluíram para animais litúrgicos do deus ou deusa específica. Mais tarde ainda, assistentes animais são substituídos por figuras humanóides usando máscaras de animais e executando danças de animais. Os assistentes e os emblemas animais que rodeavam a deusa em sacrários de deidades lembravam aos cultores os primitivos aspectos dos quais a natureza dos deuses descendia. Este tipo de simbolismo tornou-se a chave para compreender os íntimos segredos do culto e dos próprios deuses. Fundir com a natureza animal através da imitação é invocar a força primitiva do deus ou deusa.

3 FRAZER, James. *The Golden Bough*. New York: Macmillan Company, 1922.

A imagem clássica da Diana romana era a de uma jovem vestida com uma túnica de caçador. Ela é uma jovem virgem poderosa, uma caçadora e uma guerreira. Em estátuas antigas, Diana é retratada em pé, com um gamo; um arco em uma das mãos e a outra tentando alcançar uma flecha da aljava em suas costas. O gamo é, entre outras coisas, o símbolo de seu consorte chifrudo Diano, habitante das florestas. Em formas de arte posteriores, Diana aparece com cães de caça (um remanescente do lobo que mata seu amante na Roda do Ano). A partir destes símbolos antigos, podemos concluir que esses animais são reflexos do seu poder original e de sua natureza espiritual animal, datando do período neolítico, se não do paleolítico.

No sul da Europa, observava-se que a vegetação florescia em grande parte devido ao frescor da noite e à acumulação de orvalho. O orvalho fornecia um substituto para a falta de chuva durante os meses secos. Os povos antigos sabiam muito bem que o orvalho era mais pesado quando o céu estava claro e o luar brilhava sobre os campos; em parte, isso servia para conectar a Deusa da Lua com a fertilidade da plantação e também ligava a Deusa da Lua aos pântanos, lagos, fontes e outros elementos aquosos. O efeito da lua sobre as marés também era conhecido, é claro, assim como a influência da lua sobre os ciclos menstruais.

Na Itália, Diana jamais perdeu sua primitiva associação com a era do caçador-coletor. Mesmo nas comunidades agrárias, persistiam os mitos de Diana perambulando à noite pelos campos e pelas florestas com suas ninfas e seus sátiros. A presença da lua cheia iluminava as Trevas e, portanto, Diana era vista como a protetora dos viajantes e rebanhos (já que era mais fácil enxergar animais selvagens e lutar contra eles sob a luz da lua do que sob a luz do fogo). Entretanto, algumas vezes, a lua ficava escura e assim, o lado escuro também era atribuído a Diana, tornando-a também a Deusa dos Animais Selvagens.

Na Arcádia, a Deusa era conhecida como Caliste e era venerada na forma de um urso. Como a Mãe-Ursa, ela nutria, criava e protegia seus filhos. Às vezes, as meninas eram chamadas ursos, em alusão à sua Deusa-padroeira. Quando atingiam a puberdade, era costume que dedicassem seus cintos a Diana. A pura e delicada luz da lua sugere a idéia de modéstia ou de uma natureza "imaculada" e, por extensão, Diana também era vista como a Deusa "casta" em seu aspecto de donzela.

Mulheres atenienses bem-educadas, na idade de casar, dançavam como ursos em honra a Ártemis de Braurônia e durante os ritos de iniciação tornavam-se ursos (usando máscaras de animais e imitando as feras). As jovens e mulheres da Lacedemônia executavam danças orgíacas para glorificar Ártemis e mais tarde os homens se juntaram a elas na dança da fertilidade. Oferendas a Ártemis incluíam falos e todas as espécies de animais e frutas, pois ela era a protetora de toda a vida, concedendo a fertilidade a humanos, animais e campos. Bodes e gamos eram muito valorizados como oferendas à Deusa, assim como a lebre.

Os primitivos povos itálicos conheciam Diana como Leucotéia e também como Atimite. Leucotéia era a Deusa do Oceano e de Todas as Marés, adorada pelos marinheiros. Atimite era a Deusa das Florestas e dos Animais Selvagens, casta e intocada

pelos homens. Estes eram os dois aspectos de Diana como Deusa da Lua, a quem os etruscos chamavam Losna. Atimite foi caracterizada como uma Deusa da Vida Selvagem Livre; como caçadora, ela domina o mundo animal. Esta é uma projeção simbólica de seu papel de regente das forças inconscientes, que tomam uma forma animal em nossos sonhos. Diana governa também a noite, quando sonhamos, assim como Diano rege o dia, durante o qual trabalhamos.

Na Antiga Religião da Itália, a força divina tem três aspectos, comumente conhecidos como O Cornífero, O Encapuzado e o Ancião. Cada um destes aspectos é pertinente aos conceitos religiosos dos Antigos Caminhos. Nos primeiros dias da vida em clãs, os povos eram nômades caçadores-coletores. Caçar era extremamente perigoso porque as armas primitivas exigiam que o caçador chegasse muito perto de sua presa; os caçadores mais valentes usavam uma pele de gamo, na tentativa de chegar bem perto do rebanho. Para conseguir isso, ele tinha de agir como a própria fera que estava caçando. Sua bravura era muito reverenciada pela tribo e ele se tornava um símbolo de poder. Por outro lado, evoluiu o conceito de que ele deveria estar em contato com um grande espírito do mundo animal, ou ser favorecido por ele. Isso era bem refletido em sua habilidade de se tornar o gamo que caçava.



Figura 18
Figura de bronze do século XIX do deus
Pã. (Da coleção Clá Umbra.)

A primeira deidade masculina dos primitivos clãs de Bruxas era O Cornífero, que em latim é *Cornuano*. O deus é conhecido por muitos nomes: Fauno, Silvano, Diana e muitos outros. Ele era o Deus das Florestas, fornecendo comida para o clã e peles para roupas e abrigos. Era retratado como parte humano e parte fera, tipicamente usando chifres de gamo na cabeça. Desta maneira, ele representava o poder do herói-caçador, um humano que podia se fundir com o mundo animal e se tornar Um com as feras; o deus também era um grande espírito que podia se fundir com os humanos e tornar-se Um com eles. Assim, o clã estava sob a proteção de um poder maior do que eles mesmos, ou seja, um deus.

O segundo aspecto da deidade masculina era O Encapuzado, o *Rex Nemorensis*, o Rei dos Bosques. Ele evoluiu do Cornífero quando os conceitos religiosos começaram a amadurecer na espiritualidade humana. O Encapuzado é, portanto, considerado o filho do Cornífero e representa o reino vegetal, da mesma maneira que Diana representa o reino animal. Costuma-se dizer que O Encapuzado está com a cabeça coberta de verde, literalmente coberto com o verdor da floresta. Quando os humanos começaram a confiar mais nas plantas, aprendendo a plantar e colher, o deus que provia sua subsistência começou a mudar também; evoluiu do Senhor dos Bosques para o Senhor da Colheita.

O terceiro aspecto do deus é o Anciã. Este aspecto abrange os outros dois, representando ainda um outro estágio na evolução da espiritualidade humana. O Anciã é mais humano na aparência e é retratado como um velho. Ele carrega um bastão que ostenta um par de chifres, em volta dos quais está enroscada uma videira viva; não parece um homem no declínio da idade, mas sim um homem poderoso, experiente e sábio, transformado pelos anos que viveu. Ele ganhou a barba, mas não perdeu o vigor.



Figura 19
Figura de bronze, do começo do século XX,
da personagem mítica Acteão transforman-
do-se em gamo. (Da coleção Clã Umbrea.)

ASPECTOS LUNARES DA DEUSA

Na Antiga Religião da Itália, o aspecto feminino da Deidade é visto como tendo quatro aspectos individuais. Já que a Antiga Religião é um culto lunar, cada um desses aspectos está associado a uma das quatro fases da lua. Estes são os nomes usados pela maioria das Bruxas italianas:

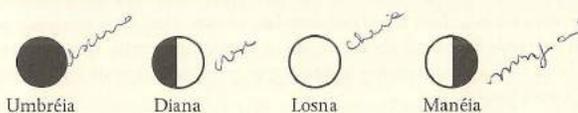


Figura 20
As fases da Lua.

Quando a lua está escura e invisível (durante três dias), associamos esta fase à Deusa Umbréia, cujo nome significa Sombra. Quando a lua é nova, um crescente ficando cheio, associamos esta fase à Deusa Diana. Quando a lua está cheia, associamos esta fase à Deusa Losna, que é Diana como a Grande Mãe. Quando a lua está num crescente em declínio, associamos esta fase à Deusa Manéia (que é a Deusa dos Espíritos Noturnos e das Almas Finadas).

Umbréia é o nome da Deusa do Submundo; é a esposa de Dis, o Deus dos Mortos; é a Deusa das Sombras, dos Segredos e de todas as coisas que estão escondidas e obscuras.

Diana é o nome mais comum associado à Bruxaria italiana. Ela é a Deusa dos Pobres e Oprimidos; é a Deusa dos Proscritos e de todos os que são rejeitados pela sociedade (aqueles que não "se encaixam" na corrente principal da sociedade). Diana é a Deusa da Lua, vista como o aspecto de casta donzela da divindade feminina; é a caçadora e a guerreira amazona. Todo um culto de Bruxas devotadas exclusivamente à Diana floresceu na Itália até a Idade Média; elas a consideravam a única Deusa e reconheciam nela três aspectos: a Donzela, a Mãe e a Anciã. Em cada aspecto, elas pronunciavam o nome da Deusa de modo diferente, para evocar um aspecto separado:

Donzela:	Die-ana
Mãe:	Dee-ah-nah
Anciã:	Dea-nah

Os romanos acreditavam que Diana estava presente em todos os nascimentos e chamavam-na "Abridora de Útero". Através desta associação com a Deusa Lunar Diana, o aspecto da Grande Mãe tornou-se ligado à lua. Porfírio escreveu que Hécate era Ártemis (Diana) na terra e Hesíodo nos conta na *Teogonia* que Hécate reina sobre os três grandes mistérios: Nascimento, Vida e Morte. A Grande Deusa era também associada à lua devido ao aumento da lua e seu subsequente declínio, refletindo as mudanças no corpo da mulher durante a gravidez.

Losna é um velho nome etrusco para a Deusa da Lua em sua forma maternal. Os etruscos também a conheciam como Tana e Leucotéia. Losna era literalmente a própria lua e os etruscos primitivos acreditavam que ela era uma Deusa viva; por consequência, Losna é a lua como entidade viva, mais do que uma Deusa da Lua. Leucotéia era um aspecto da deusa da lua associado ao oceano e às marés; portanto, Leucotéia é a Deusa do Poder da Lua ou a Luz da Lua (para os etruscos, era a mesma coisa).

Quando a lua está cheia, associamos esta fase a Losna. Tana é o nome usado para denotar a Grande Deusa que abrange todos os aspectos; portanto, Tana é o aspecto universal da Deusa. Nos primeiros tempos etruscos, ela era chamada *Uni*, que significa "A Deusa Única".

Manéia é a deusa dos espíritos noturnos e dos espíritos dos mortos. Na mitologia romana clássica, ela é a Deusa dos Mortos e a mãe dos Lare e Manes. Os Lare são espíritos Anciãos coletivos e os Manes são os fantasmas individuais dos mortos. Manéia é o aspecto velho da deusa e reina sobre o declínio e a morte. Quando a lua começa a minguar, em seguida à lua cheia, associamos esta fase a Manéia.

Os romanos antigos faziam pães de festa chamados *maniae*, que tinham o formato de uma pessoa; esses pães representavam os *manii*, ou espíritos dos mortos, e faziam parte dos elementos rituais que datavam do nativo Culto Neolítico dos Mortos. Um pão era sempre maior que os outros e era chamado *Manéia*. Efigies humanas feitas de lã eram dedicadas no festival romano de *Compitalia*, durante o qual eram penduradas nas casas. Com efeito, as efigies eram oferendas aos mortos; essa consagração era feita na esperança de que os espíritos dos mortos, vagando pela terra nessa estação, levassem o espírito da efigie em vez do espírito da pessoa que vivia na casa.

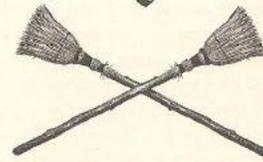
A Deusa da Lua é aquela que traz a Vida e a Morte, envia chuva, tempestades e inundações e movimenta as marés do oceano. A chuva que ela manda à terra para que a vida exista também pode se transformar nas tempestades, pelas quais ela tira a vida. Isto reflete sua dupla natureza lunar: Luz e Escuridão, Crescente e Minguante. Escuridão é a Mãe da Lua; é o primeiro poder primordial e em consequência, era abordada com medo e reverência sob o nome de *Antéia*, a Rainha do Submundo. Seu nome significava "A Mensageira das Visões Noturnas". Mais tarde, ela foi conhecida como Hécate Triforme, a Deusa Grega da Lua, associada aos poderes das Trevas e da lua. Assim como se considerava que a lua tinha poder sobre as forças do mundo de fora, também se acreditava que ela tinha poder sobre as forças do mundo interno da humanidade, a mente e o espírito; portanto, a Deusa da Lua podia conceder visões psíquicas ou insanidade a um indivíduo, como melhor lhe aprouvesse.

Nos tempos antigos, a luz da lua era literalmente o poder da lua; eis porque os antigos mostravam Hécate e Diana com tochas nas mãos, exercendo o poder da própria luz. Deste conceito surgiu a prática ritual de empregar velas, tochas e fogueiras nas cerimônias lunares; isso era feito para fortalecer a luz da lua, como se vê no antigo rito de carregar tochas em volta de um campo recém-plantado, à noite.

Na antiga Grécia, as tochas de Hécate eram colocadas num círculo em volta de campos recém-semeados para ajudar na germinação do grão. As Bruxas italianas empregam uma invocação durante a época da lua cheia, pedindo que a luz da lua empreste o conhecimento oculto a elas, em seus sonhos. Na antiga Itália, no dia festivo de Diana (13 de agosto), uma grande quantidade de tochas era acesa para honrar a deusa lunar e garantir seu favor de não enviar tormentas que pudessem prejudicar a futura colheita.

Nos *Mistérios Wiccanianos* (1997), mencionei a conexão entre Diana e o reino das fadas. Também demonstrei que as fadas evoluíram do Culto dos Mortos, em cujo tempo elas eram simplesmente espíritos dos mortos. Os antigos espíritos Lasa etruscos eram entidades dos campos e, portanto, dos grãos; também aparecem na arte tumular, conectados a espíritos Anciãos. Os espíritos Lare romanos mais tarde evoluíram a partir das figuras Lasa. No próximo capítulo vamos ver com mais detalhes o lugar da fada na Bruxaria italiana.

6



A Crença nas Fadas

Assim como muitos países europeus, a Itália tem um rico legado de conhecimento sobre fadas e práticas populares. Na Antiga Religião, as fadas são uma parte integral do sistema de crenças. O autor Italo Calvino, em seu livro *Italian Folktales* (Contos Populares Italianos),¹ nos diz que os contos de fadas (*fiaba*) da tradição oral foram registrados em trabalhos literários muito antes do que em qualquer outro país. O livro *Pianevoli Notti* (de Straparola) foi escrito em Veneza durante a metade do século XVI. Do século XVII vieram os contos de fadas de Nápoles, recontados por Giambattista Basile em seu livro *Pentameron* (Diversão para as Crianças).

Antes de 1637, Giambattista Basile viajou pelo Mediterrâneo, Veneza e Creta, ouvindo os velhos contos narrados por camponeses italianos. Os contos de fadas italianos diferem de outros contos europeus (especialmente franceses e alemães) porque são menos violentos e mais humorísticos. Temas de amor familiar e lealdade permeiam todos os contos populares italianos, demonstrando a importância da família e da tradição cultural para o povo italiano. Outro tema visto com frequência nos contos de fadas italianos é a adoção pela família de uma pequena árvore ou de uma personagem animal para fazer o papel da figura de uma criança ou substituto; tipicamente isto se deve a que uma criança morreu ou a esposa é estéril.

Os contos de fadas italianos são ricos em metáforas e fortes em natureza. As ações se passam em cidades reais e aldeias onde encontros fantásticos acontecem entre fadas errantes e humanos, que de algum modo foram vítimas de injustiça. As fadas

1 CALVINO, Italo, *Italian Folktales*. New York: Pantheon Books, 1980.

também aparecem para os sofrendores e desesperados. Os contos de *Pinóquio* e de *Cinderela* são dois bons exemplos. Na versão original italiana de *Cinderela*, a fada-madrinha é na verdade a falecida mãe de *Cinderela*, voltando na forma de fada para ajudar a filha. O pai de *Cinderela* traz de presente para ela uma pequena tamareira, tirada do Bosque das Fadas, que ele obteve durante suas viagens pela Sardenha. Depois de vários dias de cuidado, a árvore cresce completamente e dela sai uma fada, o espírito da mãe falecida de *Cinderela*. No caso de *Pinóquio*, a fada é a falecida esposa de Gepeto, o fabricante de brinquedos. Na personagem de *Pinóquio*, novamente encontramos a antiga conexão entre a árvore (o boneco de madeira) e as fadas.

Em *The Fairy Faith in Celtic Countries* (A Crença nas Fadas nos Países Celtas), de W.Y. Evans-Wentz (que tem doutorado em folclore pela Universidade Oxford), vemos que as palavras *fata*, *fata* (respectivamente fada em grego e em romano) e *fee* (fada em inglês) são todas a mesma palavra. No Capítulo 3 desse livro, lê-se:

... a raça de donzelas imortais
a quem os antigos habitantes da
Itália chamavam Fatuae deram
origem a todas as famílias de fadas...²

A origem do que pode ser chamado crença italiana nas fadas data dos tempos etruscos. A cerâmica antiga e a arte tumular da cultura etrusca retratam criaturas fadas, conhecidas como *Lasa*. Os *Lasa* etruscos eram originalmente espíritos dos mortos, que eventualmente evoluíram para espíritos dos campos e das florestas. Os romanos antigos absorveram as crenças *Lasa* em sua própria religião, chamando tais espíritos "Lare". Os *Lare* eram protetores dos campos e dos cruzamentos de estradas. Cada lar tinha um sacrário *Lare* porque eles também eram protetores da casa. Na religião romana, os *Lare* estavam associados aos espíritos Anciãos. Faziam-se oferendas aos *Lare* para cada evento familiar, como nascimento, morte ou casamento. Tradicionalmente, essas oferendas eram de grãos, ligando os mortos ao renascimento e à renovação. Esta é ainda a prática entre as *Streghe*. Venerar um ancestral é uma prática honorável, encontrada em muitas culturas. Raízes bem cuidadas produzem uma árvore saudável, que, em troca, produz frutos e boas sementes para o futuro.

Na Bruxaria italiana também encontramos espíritos conhecidos como *Fata* ou *Folletto*. As *Fata* são velhos espíritos da Natureza, mais antigos que a humanidade; são o mecanismo interno da Natureza e concedem vitalidade à vida vegetal e animal. No folclore encontramos uma relação de longa data entre fadas e Bruxas; a Deusa das Bruxas *Diana* também é conhecida pelo nome "Rainha das Fadas". Fadas e Bruxas partilham a reverência pela Natureza e o respeito por todas as coisas vivas.

2 EVANS-WENTZ, W.Y. *The Fairy Faith in Celtic Countries*. New York: University Books, 1994. (1ª ed., 1912).

Na ilha da Sicília pode-se encontrar talvez a forma mais pura de adoração às fadas do sul da Europa. A ilha sofreu muito pouca influência estrangeira no correr dos séculos, se comparada a toda a península italiana. No entanto, a Sicília foi parte do Império Espanhol de 1282 a 1713, e a Inquisição espanhola residiu em Palermo de 1487 a 1782. De 1547 a 1701, transcritos relacionados com a prática local de magia e Bruxaria são registrados em 3.188 casos preservados pela Inquisição. Entre esses registros há um estudo bem documentado da crença nas fadas da Sicília.

A seita das fadas na Sicília era conhecida como *Donna di fuora*. A seita era dividida em grupos chamados companhias e seus membros incluíam tanto fadas quanto humanos. Cada companhia era composta de um número ímpar de indivíduos, geralmente variando de sete a nove membros, dirigidos por uma mulher chamada Rainha das Fadas. Ela era também conhecida como *La Matróna* (a Mãe), *La Maestra* (a Mestreira) ou *Donna Zabella* (Senhora Sabedoria/Senhora Sibila). Permitia-se apenas um homem na companhia. Os nomes conhecidos dessas companhias aparecem em registros da Inquisição sob estes títulos: Companhia dos Nobres, Companhia dos Pobres, Companhia de Palermo, Companhia da Mesa e da Roca, Companhia da Mãe e Companhia de Ragusa.

O objetivo principal das *Donna di fuora* era servir como curandeiras da comunidade. Elas praticavam uma forma antiga de magia de fadas, pela qual tanto podiam curar como ferir. As *Donna di fuora* também serviam de mediadoras entre humanos e fadas. Acidentes graves e doenças repentinas eram frequentemente atribuídos a fadas encolerizadas. Membros das *Donna di fuora* podiam ser persuadidos a ajudar membros atormentados da comunidade apaziguando as fadas; somente a *Donna di fuora* sabia quais eram os encantamentos e as oferendas necessários para apaziguar o povo das fadas, em cada caso particular. De acordo com registros da Inquisição, os membros da *Donna di fuora* possuíam um poder chamado *Tocadura de Brujas* (Toque de Bruxas), pelo qual podiam curar ou ferir através da imposição das mãos.

Assim como as Bruxas no resto da Itália, as *Donna di fuora* reclamavam seu direito de assistir a cerimônias sob a noqueira em Benevento; elas afirmavam viajar em corpo espiritual de modo a voar a Benevento para suas cerimônias. De acordo com a Inquisição, as *Donna di fuora* afirmavam assistir aos jogos de *Diana* que aconteciam em Benevento. As Bruxas do continente na Itália "confessavam" ser membros da Sociedade de *Diana*, apesar das tentativas da Inquisição de fazê-las confessar a adoração ao diabo.

OFERENDAS, MÁGICAS E RECEITAS

Mesmo depois do advento do Cristianismo e do declínio do Paganismo, os camponeses italianos ainda honravam os lugares antes consagrados ao povo das fadas. No livro *Legends of Florence* (Lendas de Florença), escrito em 1895 por Charles Leland, existem vários e belos contos de encontros com fadas. Na Itália, acredita-se que as fadas habitam fontes, pontes, poços, torres, bosques e lindos jardins. Nas

lendas, elas sempre recompensam os humanos que as honram e trazem má sorte aos que as insultam.

Oferenda para Apaziguar as Fatas

Na Antiga Religião, acredita-se que se alguma vez alguém ofender uma Fata, ele ou ela ficará gravemente doente. Se uma pessoa estiver sob o feitiço de uma Fata, as seguintes oferendas devem ser feitas para que o encantamento possa ser removido. Esta oferenda não força a Fata a remover o feitiço, mas a acalma e, portanto, restaura sua amizade e boa vontade.

Numa terça-feira, quinta ou sábado, decore o quarto da pessoa doente com flores delicadas; coloque uma mesa com jarras de água e vinho, doces, cinco filões de pão, cinco guardanapos, um bolo de mel, uma taça e talheres. Cubra a cama do doente com um pano vermelho e perfume o quarto inteiro com incenso doce.

Quando tudo estiver pronto, saia do quarto silenciosamente sem olhar para trás. As velhas lendas dizem que nunca se deve olhar para trás para uma fada; elas se sentem ofendidas com essa atitude, que mostra falta de confiança. Algumas lendas dizem que as fadas percebem um olhar para trás na tentativa de dar uma olhada nelas. As fadas preferem aparecer aos humanos de sua própria vontade e ficam ofendidas quando eles tentam enganá-las ou preparar-lhes uma armadilha.

Oferenda para a Bênção de uma Criança pelas Fatas

Na terceira noite após o nascimento de uma criança, você deve realizar o seguinte para obter a bênção de uma Fata. Prenda o cachorro e destranque a porta da casa ou deixe-a aberta. Dentro de casa, mantenha uma vela queimando e no centro do quarto da criança coloque uma mesa baixa com três almofadas ou banquinhos no chão em volta da mesa. Sobre a mesa, coloque um recipiente aberto com mel, três amêndoas brancas, um filão de pão e uma taça com água. No centro da mesa coloque a jóia mais cara que a família possuir.

Oferendas para Fadas e Espíritos da Natureza

A Strega moderna ainda acredita nos mesmos espíritos de pedras e rios, poços, cavernas e florestas em que os Anciãos toscanos dos tempos antigos acreditavam. Deste modo, as mesmas oferendas continuam a ser feitas a eles de acordo com as velhas maneiras preservadas pela Antiga Religião.

Se alguém passa por um bosque ou uma pedra onde *folletti* ou fadas vivem, ele ou ela deverá pôr três moedas (ou alfinetes) no chão para agradá-los e dizer:

*Entero estas coisas
Para gratificar
Espíritos ou bruxas
Para que nunca*

*Precisem destas coisas
Ou venham contra mim,
Mudando minha sorte
De boa para má!*

(Se a pessoa passar por uma fonte ou um rio habitado por fadas, deverá jogar o presente na água e repetir as mesmas palavras, adaptando-as.)

Às vezes, um espírito chamado *Linchetto* pode entrar dentro de casa à noite e causar perturbações ou pesadelos; as lendas dizem que tal espírito pode sentar sobre o peito da pessoa adormecida, sufocando-a. Se o indivíduo mostrar medo, o *folletto* rasgará as cobertas da cama e jogará a pessoa no chão, indo embora com um rugido de riso.

Para evitar o tipo de ações descritas, as lendas prescrevem que se deve fazer uma oferenda para o espírito; o *Linchetto* gosta muito de flores e a melhor oferenda é colocar três girassóis no parapeito de fora da janela e dizer:

*Na janela, três girassóis coloco;
que o espírito não mais esteja
aqui para me atormentar
e assim contente estarei,
se enquanto o sol brilhar
ele nunca mais volte à minha casa,
que ao menos sua tribulação cesse
para que eu possa dormir em paz!*

Quando isto tiver sido feito e dito, o espírito vai parar de atrapalhar a casa e os pobres habitantes poderão descansar.

A tradição de colocar girassóis na janela, de acordo com o antigo simbolismo, é para detectar ou descobrir o ofensor de qualquer ato contra a casa ou seus habitantes. Antigamente era costume colocar três girassóis na janela como sinal para o ofensor de que sua identidade era conhecida. Na tradição da Mágica Popular, se alguém é roubado, o ofensor aparecerá num sonho da vítima que tiver girassóis embaixo do travesseiro. Essa flor é, há muito tempo, um símbolo do sol que brilha no mundo; portanto, o espírito do sol que tudo vê durante sua jornada pelo céu confere a este símbolo o poder de ver e procurar todas as coisas. Como símbolo do poder da luz, o girassol também espanta os espíritos das Trevas.

Mágica da Fada do Dente

Itens necessários:

- Um dente recém-perdido
- Um pequeno copo (como um copo de suco)
- Uma pitada de púrpura (confete de estrelas)

Areia colorida (verde é melhor)
 Uma caixinha para guardar a poeira da fada
 Uma criança adormecida

Coloca-se o dente embaixo do copo virado para baixo, que é posto na saliência da janela; isso é o que a criança vê antes de ir dormir. Quando ela estiver dormindo, você vai substituir o dente por algumas moedas, doce embrulhado ou algum tipo de gostosura. Em seguida, salpique o dente com um pouco de purpurina e areia (poeira de fada), recoloque o copo por cima e salpique um pouco de purpurina e areia sobre o copo, murmurando estas palavras:

*Fadas da lareira, porão e telhado
 Bendigam agora esta mistura de poeira para o dente.
 Fadas do campo, prado e árvore,
 Que os desejos de meu filho
 Se tornem realidade!*

De manhã cedo, faça a criança recolher a poeira de fada e colocá-la na caixinha; então a criança pode abrir os presentes.

Aqui, a mágica tem dois lados: primeiro, temos o pensamento mágico da criança e a beleza que emana de sua alegria; segundo, se a criança guardar a poeira de fada, ela poderá ter um talismã mágico. A crença mágica da criança fica impressa na poeira de fada. Mais tarde na vida, a poeira de fada pode ser usada para um desejo ou para lançar um encantamento. Tradicionalmente, deveria ser carregada num saquinho como um amuleto de sorte; se a criança crescesse e algum dia perdesse seu sentido de mágica, a poeira de fada poderia ser usada para restaurá-lo. A pessoa deveria salpicar a poeira em si mesma e dizer:

*Fadas do tempo e da crença há muito perdida,
 Lembrem-se da criança que esperava dormindo.
 Fadas dos sonhos frágeis como cinzas
 Ajudem agora meu coração e minha alma a lembrar.*

*Despertem a criança que dorme em mim,
 Que antes juntava a poeira da velha fada do dente
 E acreditava que sonhos e desejos podiam se realizar,
 E que com um salpico de poeira meus olhos podiam ver.*

*Venham agora e restituam o que foi perdido,
 Pois o preço que pago é muito alto.
 Venham agora dos prados, dos campos e das árvores,
 E concedam-me o coração que conhecia as fadas.*

Velha Receita de Poeira de Fadas

Itens necessários:

Conteúdo de três vagens de semente de erva-dedal madura
 Pitada de raspa da pedra riolito (um grão fino de granito vulcânico)
 Pitada de pólen (de selenotrópio ou dama-da-noite)
 Sete botões de verbena
 Pitada de botões de lavanda
 Pitada de areia (praia oeste)

Numa noite de lua cheia, misture as sementes de erva-dedal com a areia e os grãos de riolito. Depois salpique as pequenas verbenas e os botões de lavanda sobre a mistura. Está pronto.

Disco para ver as Fadas

Itens necessários:

Pitada de folhas de murta
 Pitada de pólen de margarida-do-campo
 Três botões de verbena
 Argila mole

Numa noite de lua cheia, misture os ingredientes e modele a argila em forma de um disco; faça um furo no meio e queime a argila para endurecer. Pinte o disco de preto e depois quatro linhas brancas, igualmente espaçadas, nas beiradas do furo (semelhante a pontos da bússola). Diz a lenda que é possível ver as Fadas através do furo desse disco.

AS FADAS E O FOLCLORE ITALIANO

De acordo com a Tradição Popular Italiana, os primeiros espíritos eram os *Fauni* e os *Silvani*. Os *Fauni* eram guardiães dos campos e florestas e os *Silvani* eram protetores de toda a vida selvagem animal. Eventualmente, essas duas raças se casaram e tiveram filhos conhecidos por *Folletti*, o povo das fadas da velha Itália. Uma terceira raça de espíritos femininos apareceu, conhecida como *Aguane*. As *Aguane* eram os primeiros espíritos dos montes e montanhas, bem como dos riachos e rios que cruzavam por eles. As *Aguane* cruzaram com os *Silvani* e produziram uma prole chamada *Salvanelli*. O nome "Salvanelli" (também conhecido por *Sanguanello*) refere-se à luz que brilha na superfície da água ou ao reflexo de um espelho. As tradições populares falam de seres conhecidos como *Salbanelli*, que são filhos das *Streghe* e dos *Salvanelli*. Na Bruxaria italiana, a *Strega* e a fada partilham uma íntima relação consanguínea.

As *Streghe* viam a Natureza cheia de espíritos que habitam objetos e lugares. Os *Fauni* e os *Silvani* são espíritos que vivem nas florestas; os *Monachetto* são espíritos

gnomos associados a cavernas, fendas, vales e túneis; os *Linchetto* são espíritos de elfos, criaturas da noite e de todos os lugares escuros; dizem que causam pesadelos e estranhos barulhos na noite. Os *Linchetto* são nativos da Toscana, que era a região da civilização etrusca.

Na Bruxaria hereditária toscana, o quadrante norte é um lugar de grande poder. Espíritos elementais conhecidos como Pala (ou Palos) são associados ao norte. O quadrante leste está ligado aos espíritos chamados *Bellarie*. No sul estão os *Settiano*, que são espíritos do Fogo Elemental. No oeste estão os *Manii* (um tipo de Lasa) que são espíritos da Água Elemental. Através da interação de todos esses espíritos, a vegetação floresce, as chuvas caem e a vida continua. Os espíritos elementais são as forças internas da Natureza.

Existem diferentes tipos de espíritos no folclore italiano, embora a maioria pertença à raça geral conhecida como *Folletti*. As Fata são espíritos dos bosques e da água; são belas, gentis e bondosas. Também são excelentes transformadoras e frequentemente aparecem sob forma humana ou animal. Há muitas lendas nas quais uma pessoa parou para ajudar um animal ou um velho e descobriu que era uma Fata. Aqueles que ajudam uma Fata disfarçada são sempre muito bem recompensados, mas quem é malvado com elas se arrisca a grande perigo. O *Lauru* é um espírito *folletto* com brilhantes olhos negros, longo cabelo crespo e roupas do mais fino veludo; Lauru é considerado enganador, mas quando tratado com respeito pode revelar tesouros ocultos ou ganho na loteria.

Todos os *Folletti* viajam no vento e frequentemente aparecem como redemoinhos de pó, conhecidos na Itália como "Nós de ventos". Os *Folletti* também podem aparecer na forma de borboletas, um de seus truques favoritos. Tradicionalmente, os *Folletti* são conhecidos por serem gentis com os humanos, mas podem ser enganadores e perturbadores. Não é incomum que um *Folletto* (um *Folletti* masculino) levante o vestido de uma mulher ao vento ou bata em objetos com um estrondo repentino. No norte da Itália, alguns *Folletti* são chamados *Basadone* (beijoqueiro de mulher) e seu beijo é disfarçado em uma brisa passando pelo rosto de uma mulher. Os espíritos femininos são conhecidos como *Folletti*, que é também o termo usado para a raça como um todo.

Um aspecto mais sombrio ou escuro do espírito das fadas é o *Fouchi Fatui* ou *Fiammetta*. Estes espíritos são muitas vezes vistos em cemitérios ou pântanos, aparecendo em esferas fugidias de luz; não são diferentes do fogo-fátuo das terras celtas. Os *Fouchi Fatui* também são considerados almas perdidas dos mortos. A *Fiammetta* é um espírito que guia os mortos (ou os que estão para morrer) para dentro do Outro Mundo. Esses espíritos são remanescentes do antigo Culto dos Mortos, originário do sul da Europa.

AS FADAS E O CULTO DOS MORTOS

A região que compreende Itália, Grécia, Checoslováquia, sul da Polônia e oeste da Ucrânia é chamada pelos arqueólogos "Velha Europa". Nesta região se originou

o que é atualmente conhecido por Culto dos Mortos. Aqui encontramos o surgimento de costumes de sepultamento distintos, que incluem a colocação de objetos pessoais e ferramentas junto ao cadáver. Estas práticas refletem a crença entre os humanos primitivos de uma existência além-túmulo.

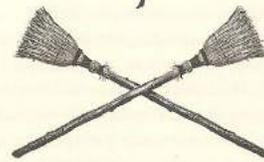
O Culto dos Mortos produziu certos objetos rituais que apareceram como símbolos universais em todos os lugares onde o culto se estabeleceu ou espalhou. As entradas de túmulos associadas a este culto são alinhadas com a posição da lua no Solstício de Inverno. O simbolismo do túmulo reflete as imagens solares e lunares associadas à medição do tempo. Outros símbolos também aparecem, tais como serpentes, plantas e forças místicas controladas por deusas, mas o símbolo principal do culto era o crânio humano. Tudo do simbolismo tumular diz respeito à crença do culto na regeneração da vida.

Este culto antigo se espalhou do sul da Europa até a costa mediterrânea da Espanha e através do Egito por volta de 4000 a.C. Da Ibéria, ele se espalhou pela Europa ocidental e norte, para as Ilhas Britânicas. Por volta de 3000 a.C., os mesmos símbolos que tinham sido encontrados antes na região do Mediterrâneo foram achados na Bretanha. A crença nos espíritos dos mortos também se espalhou pelo País de Gales e pelas Ilhas Britânicas, junto com o costume de fazer colinas artificiais ou aterros para o sepultamento. Os espíritos estavam ligados às tumbas, indo e vindo através de uma pequena abertura feita com este propósito.

No Culto dos Mortos, poços, pântanos e todas as aberturas no chão eram considerados passagens sagradas para o mundo dos espíritos. Para marcar esses locais como sagrados, frequentemente se colocavam pedras verticais ou um cercado de pedras; isso era especialmente verdadeiro se o local de oferendas tivesse a reputação de corresponder aos resultados esperados. Os aterros de sepultamento da Velha Europa, ligados ao Culto dos Mortos, e os aterros das fadas nas terras célticas são exatamente iguais.

Nos mitos etruscos, as fadas estavam associadas a túmulos, vegetação e segredos da Natureza. Na arte, elas eram mostradas nuas e aladas, carregando um pequeno frasco de elixir. O líquido contido no frasco podia produzir qualquer um de três resultados: uma gota podia curar qualquer doença, duas gotas abriam os olhos para os segredos da Natureza e três gotas transformavam matéria em espírito ou espírito em matéria. Tais transformações eram necessárias para passar do mundo das fadas para o mundo físico e vice-versa.

As habilidades mágicas das fadas são um tema constante nos mitos e lendas de fadas; seu antigo poder de transformar a matéria física ainda é lembrado em contos de fadas italianos, tais como *Pinoquio* e *Cinderela*. Mitos e lendas preservam muitas crenças antigas e práticas da Antiga Religião; no próximo capítulo vamos narrar mitos da *Stregheria*, muitos dos quais estão intimamente ligados à raça das fadas.



Mitos da Antiga Religião

Este capítulo apresenta os mitos completos de uma das mais velhas seitas da Bruxaria italiana. A maioria das traduções que aparecem aqui data do século XIX. No interesse da preservação e do sentimento de antigüidade, deixei-as no estilo singular em que foram originalmente apresentadas. O único mito que parecia não existir individualmente a partir de referências rituais é o mito de Lupus e Cern; na Bruxaria italiana, Lupus é o deus-lobo, representativo das forças minguantes da Natureza e Cern é o deus-gamo, simbolizando as forças crescentes. Esses deuses também são referidos como poderes da Luz e das Trevas.

Se examinarmos o material ritual e extrairmos todas as referências a Cern e Lupus, poderemos formar os mitos a seguir. No dia do Equinócio de Primavera, enquanto caçava um cervo, Lupus é atacado por um relâmpago de luz em forma de flecha e, aparentemente, morre. Na manhã seguinte, ele se levanta do Submundo como Sol. Sabendo da morte de seu irmão Lupus, Cern se torna o deus deste mundo e reina na terra no lugar dele. O único vestígio de Lupus é sua pele de lobo, encontrada na floresta por um caçador; a pele se torna mágica e tem o poder de transformar homens em lobos. O primeiro homem a usar a pele de lobo de Lupus tornou-se um sacerdote de Lupercus e fundou a sociedade dos Luperci.

Lupus representa o Outono e o Inverno, as estações minguantes do ano, embora apareça como deus-sol no material ritualístico. Seu irmão Cern (o deus-gamo da floresta) representa a Primavera e o Verão, as estações crescentes. Neste mito encontramos a rivalidade entre Inverno e Verão, Primavera e Outono; forças opostas e, mesmo assim, relacionadas uma à outra, "irmãs", o equilíbrio necessário no esquema da Natureza. Lupus morre durante a caçada na qual Cern é caçado; é assassina-

do por um centauro que recebeu um relâmpago de luz para o arco, dado por Diano (persuadido pela irmã Diana). Cern mais tarde é morto também, mas por Marte, no Equinócio de Outono, durante outro incidente de caça.

É interessante notar que o centauro da constelação Centauro aponta seu arco para a constelação de Lupus, o lobo. Na mitologia, o centauro era amado por Apolo e Diana, os quais o instruíram em muitas das antigas artes. Diana e o gamo são grandemente associados ao culto da Bruxa; em sua clássica estátua romana, ela é mostrada em pé, com um gamo. É também interessante notar que o lobo era consagrado a Marte e talvez possamos ver algum tipo de assassinato por "vingança" no mito de Cern.

A história de Lupercus é um conto de nossa própria jornada e luta com nossas naturezas mais elevadas e mais baixas. No ciclo do deus-sol nascido nas Trevas, crescendo para a totalidade da luz, morto e descendo de volta às Trevas apenas para renascer de novo, encontramos a jornada de nossa própria alma. É um mito de transformação, renovação, desafio e realização. No ritual de Lupercus, libertamos o lobo dentro de nós, aquele que é indomado e não possuído (até mesmo por nós próprios). Por meio da purificação das contaminações da vida moderna e das restrições impostas por uma sociedade opressiva, nos realinhamos com a natureza interna e, com isso, podemos então focalizar novamente nossa jornada em direção ao esclarecimento. Nesta caçada de nós mesmos, somos "atingidos por um relâmpago" e transformados em uma nova luz.

VELHOS MITOS E LENDAS

Nesta parte, coletei um antigo conjunto de mitos, designados para explicar as origens dos vários aspectos das crenças da Bruxa. Sempre apreciei muito esses mitos porque indicam um sistema completo e coeso do Saber da Bruxa, claramente originário de uma florescente tradição de Bruxaria. Alguns dos mitos parecem se desdobrar numa ordem cronológica; outros parecem se sobrepor e algumas vezes até repetem vários temas. Para mim, isso indica a evolução dos conceitos que, por sua vez, indicam um breve espaço no tempo. Em outras palavras, o que temos aqui é a tradição viva, enraizada no passado.

Fragmentos de velhas lendas também apontam para a antiguidade de uma Tradição da Arte. Um exemplo está relacionado com o culto dos Benandanti que usavam um talo de erva-doce. Os Benandanti lutavam contra as Bruxas más (Malandanti) usando talos de erva-doce num combate ritual. Na antiga mitologia grega, o herói Prometeu roubou o fogo dos deuses e trouxe-o para a humanidade escondido num feixe de talos de erva-doce. Assim encontramos a conexão entre erva-doce e as Forças da Luz. Os talos de erva-doce também eram usados como tochas porque sua medula queima muito vagarosamente, produzindo uma pequena chama no final do talo. Nos tempos antigos, a erva-doce era usada para transportar o fogo de um lugar para outro; marinheiros gregos e romanos estocavam-na nos navios também para estes usos. Encontrar a erva-doce nos

mitos de Bruxaria italiana e nos rituais de séculos depois, confirma a antiguidade da Antiga Religião.

Devo destacar que alguns dos mitos a seguir aparecem em outras tradições italianas e alguns, não; os nomes das deidades e entidades algumas vezes diferem nesses mitos, de acordo com a tradição de que provêm. Que eu saiba, há apenas duas Tradições italianas nas quais todos os seguintes mitos aparecem juntos. A Itália tem uma diversidade de Bruxas e Tradições, como qualquer outro país europeu, mas infelizmente não posso apresentar todas as tradições italianas neste livro. Algumas, como a siciliana, não quiseram se abrir comigo, nem gostariam de ser incluídas num livro. Em respeito a seus desejos, não incluí o pouco que conheço sobre suas crenças e práticas internas.

Nos velhos mitos e lendas encontramos crenças antigas e mistérios que dão vida aos Antigos Caminhos. A própria alma da *La Vecchia Religione* reside nesses contos eternos. Aquilo que as Bruxas murmuraram uma para a outra através dos tempos ainda ressoa na voz das velhas histórias passadas de geração em geração.

Como o Universo Começou

Naqueles tempos, antes que o Povo vagasse pelo mundo, viviam na terra os espíritos dos elementos. E com eles estavam os espíritos das árvores e dos prados, rios, pedras e montanhas. Mas antes de tudo isso existir, não havia nada, senão Trevas. Dentro das Trevas morava a Bruma, que estava sozinha, chocando na Solidão. Então, a mão direita da Bruma segurou o Desejo pela Criação e a mão esquerda segurou a Origem da Criação. E a Bruma esticou ambas as mãos nas infundáveis Trevas pronunciando os nomes Divinos e assim nasceram os Grandes, Tagni e Uni, nascidos do sopro da Bruma.

Então a Deusa moveu-se através da noite e Seu perfume acendeu a Paixão do Deus. E Ele moveu Sua mão para frente puxou-A para Si. Tal era seu amor pela Deusa que Ele tirou sua Flauta Divina de sete palhetas e tocou para Ela. E os Mundos se formaram a cada nota que Ele tocava.

Eles se amaram e se tornaram Um sob as estrelas sagradas e de sua União surgiram uma bruma dourada e uma prateada, trazendo Vida aos quatro ventos. Então, juntos, eles modelaram a Terra.

Como Surgiram o Sol e a Lua

Muitos séculos atrás, havia um Folletto que andava na companhia de um deus chamado Teramo. Este deus, conhecido por seus poderes de velocidade e rapidez, gostava muito do Folletto, tanto que lhe concedeu o dom de correr como o vento, de modo que qualquer coisa que ele perseguisse (fosse espírito, animal ou humano) com certeza alcançaria e pegaria.

O Folletto tinha uma linda irmã que, como ele, levava mensagens (não para os deuses, mas para as deusas). Diana deu a esta fada, no mesmo dia, o poder de nunca ser alcançada por nada que a perseguisse.

Um dia, o irmão viu a irmã correndo como um raio pelos céus e sentiu um desejo estranho e repentino de alcançá-la. Arremessou-se então em sua direção enquanto ela esvoaçava velozmente; mas embora fosse seu destino agarrá-la, ela estava destinada a nunca ser alcançada; desse modo, o desejo de um deus supremo era equilibrado pelo do outro.

Assim, os dois continuaram a voar em volta do céu; no começo, todos os deuses riram a valer, mas quando entenderam o que acontecia, ficaram sérios e se perguntaram como aquilo iria acabar.

Então o Grande da Bruma disse: "Vou transformar a irmã em lua e seu irmão em sol. Desse modo, ela sempre escapará dele, mas ele a pegará com sua luz, que cairá sobre ela de longe, pois os raios do sol são as mãos dele, se estendendo numa captura incandescente, mas sempre evitada".

E desse modo se diz que a corrida começa de novo a cada princípio do mês, quando a lua, estando com frio, se veste com tantas mantas quanto uma cebola; mas enquanto a corrida acontece, a lua se esquentava e vai tirando uma vestimenta após a outra até ficar nua e então ela pára; quando se veste de novo, a corrida recomeça.

Como Surgiram os Espíritos da Natureza

Há muito tempo, após a Criação dos Velhos Deuses, os Seres de Luz apareceram. Havia uma rivalidade entre esses espíritos e eles começaram a se opor um ao outro. Um dia, enquanto se preparavam para a batalha, suas legiões se reuniram para tomar posições. Os Velhos Deuses olharam para baixo, lá de Áster, e perceberam o que estava para acontecer. Com raiva, os Deuses fizeram o Tempo parar e todos os espíritos ficaram imobilizados no lugar onde estavam.

Alguns estavam no céu e alguns no mar; outros estavam nas montanhas, nas cavernas e nos bosques; outros estavam nas profundezas da terra. Os Deuses disseram-lhes que não seriam liberados até que concordassem em não mais lutar. Os que estavam imobilizados concordaram, com a condição de que o Tempo nunca mais tivesse poder sobre eles. Os Deuses concordaram e todos os espíritos foram libertados. Eis por que o Tempo não afeta os espíritos do modo como afeta os mortais.

Mas os Deuses, em sua sabedoria, não permitiram aos espíritos voltar a suas moradias originais; em vez disso, foi ordenado que cada um vivesse no reino onde o Tempo os havia aprisionado. Esta é a razão por que os espíritos agora habitam rios, cavernas, lagos, florestas e todos os outros lugares. Esta foi a origem de todas as fadas e de outros espíritos da Natureza.

Como Diana se Tornou a Rainha das Fadas

Todas as coisas tinham sido feitas por Diana: os grandes espíritos das estrelas, os homens em seu tempo e lugar, os gigantes que eram velhos, os anões que viviam nas pedras e todos os que, uma vez por mês, a homenageavam com bolos.

Diana não se dera a conhecer aos espíritos, fadas e duendes que viviam em lugares desertos. Um dia ela se escondeu na humildade e tornou-se mortal, mas por seu

desejo, se elevou novamente sobre todos. Ela tinha tamanha paixão por magia e tornou-se tão poderosa que sua grandeza não pôde mais ficar escondida.

E assim, aconteceu que uma noite, na reunião de espíritos e fadas, Diana declarou que podia fazer as Trevas dos céus brilharem com muitas luzes. Todas as fadas responderam: "Se você pode fazer tal maravilha, tendo ascendido a tanto poder, você será nossa Rainha".

Diana saiu para uma clareira nos bosques. Tomou a vesícula de um touro e, com um amuleto de prata, cortou a terra e encheu a vesícula com o pó e muitos ratos do campo; então, Diana soprou dentro da vesícula até que ela estourasse.

E aconteceu uma grande maravilha, pois a terra dentro da vesícula tornou-se o céu redondo e por três dias houve uma forte chuva. Depois, quando a chuva parou, todos os ratos tinham-se transformado em estrelas brilhando no céu noturno. E tendo feito o céu e as estrelas, Diana se tornou a Rainha das Fadas. Dali em diante, ela ficou conhecida como a gata que reinava sobre os ratos-estrelas, o céu e a chuva.

Depois disso, houve homens e mulheres na terra. Uma noite, uma jovem pobre e sem família sentou-se num lugar solitário sob a lua cheia. Embora estivesse sozinha, pensou em como era bela a lua que brilhava. Então, apareceram mil fadinhas brilhando e dançando à luz da lua. "Quem são vocês?", ela perguntou às fadas. "Nós somos os raios de luar, as filhas de Diana," respondeu uma delas. E começaram a cantar: "Nós somos as filhas da lua, nascemos da luz brilhante, quando a lua manda um raio, ele toma a forma de uma fada".

Então, uma das fadas se aproximou e disse: "Você é uma de nós porque nasceu quando a lua, nossa Mãe Diana, estava cheia. Você é nossa parenta e pertence a nossa raça, pois crianças que nascem na lua cheia são filhos e filhas da lua".

Depois as fadas deram-lhe um encantamento enviado por Diana pela luz da Lua e a mulher se tornou a primeira de todas as Strega.

Como Surgiram as Estações do Ano

Nos tempos primitivos, Diana e Diano viviam na antiga floresta de Nemí. Diana era a Senhora da Terra e Soberana da Lua. Diano era o Senhor da Terra e o Sol. Diana amava Diano e na aurora de um dia, enquanto estavam os dois deitados num lindo prado, ela o seduziu. E assim ela recebeu a Sagrada Semente do Deus, da qual todas as coisas brotam.

Juntos, eles reinaram sobre o mundo e todas as coisas que viviam nele; mas Diano não conhecia o segredo que apenas a Deusa logo compreenderia, pois ela havia criado a vida por meio dele. O mundo tornou-se rico em todos os tipos de criaturas e em tudo que cresce da terra.

Veio, então, um tempo em que todas as coisas cresciam por completo e eram colhidas por caçadores e camponeses igualmente. Um dia, quando Diano estava correndo atrás de Diana nos bosques, os deuses erradamente o tomaram por um gamo e atiraram nele com uma flecha dourada. Diana apareceu e o levou a um

campo para descansar enquanto ia procurar Péon¹ a fim de que ele curasse Diano. Mas aconteceu que um camponês estava trabalhando no campo, ceifando erva-doce e não viu o deus; para grande azar, Diano foi cortado em sete pedaços.

Quando Diana retornou, tão grande foi seu desgosto que ela partiu deste mundo e foi para o Reino Oculto das Sombras, para onde todos os mortos são levados por Dis, a fim de encontrar seu amado. Mas o mundo ficou frio e sem vida e o sol não mais fornecia calor; o mundo se tornou árido e improdutivo; então, as pessoas fizeram oferendas aos Deuses e foram à presença dos Anciãos, que mantinham o poder sobre o mundo e suplicaram-lhes que trouxessem Diana e Diano de volta. Os Antigos partiram para o Submundo à procura do Deus e da Deusa ausentes.

Antes que fosse muito tarde, os Grigori voltaram trazendo o filho de Diano, que colocaram no céu, dizendo: "Olhai o recém-nascido Deus Sol". Então, aconteceu que o novo deus cresceu forte e tornou-se completo. Tal era seu esplendor que a Deusa voltou do Submundo dizendo: "Como se parece com meu Senhor este novo Deus dos Céus". Então eles viveram juntos na floresta de Nemi e a Deusa desejou o novo Deus e planejou seduzi-lo. Murmurando uma canção que era como o som das abelhas, ela lançou um feitiço para o Deus dormir e sonhar com o amor. Ele dormiu e a Deusa deitou-se com ele e recebeu a Sagrada Semente do novo Deus.

O Mito de Diana

Diana foi criada antes de toda a criação; nela estavam todas as coisas. De si mesma, a primeira Escuridão, ela se dividiu em Trevas e Luz: Diano, seu irmão e filho, ela mesma e sua outra metade, eram a luz.

Quando Diana viu que a luz era tão bela, a luz que era sua outra metade, seu irmão Diano, ansiou ardentemente e com grande desejo por essa luz. Desejando receber a luz novamente em sua escuridão, sorvê-la em êxtase e em delírio, ela tremeu de desejo. Este desejo era a Aurora.

Mas Diano, a luz, fugiu dela e não se deixou submeter aos seus desejos; ele era a luz que voa para as mais distantes partes do céu, o rato que voa na presença do gato.

Então Diana foi aos Pais do Início, às Mães, os Espíritos que existiram antes do primeiro espírito, e queixou-se de que não podia vencer Diano. E eles a elogiaram por sua coragem e disseram-lhe que para levantar é preciso cair; para tornar-se a chefe das deusas ela deveria se tornar mortal.

E na Antigüidade, no curso do Tempo quando o Mundo foi criado, Diana foi à Terra, como o fizera Diano, que havia descido; e Diana ensinou magia e feitiçaria, das quais vieram as Bruxas e os Magos e tudo o que é como o Homem, mas não mortal.

¹ Péon é o nome pelo qual é chamado Esculápio, médico que teria restituído a vida a um morto, segundo a Mitologia clássica. (N. T.)

E aconteceu que Diana tomou a forma de um gato. Seu irmão tinha uma gata a quem amava mais do que a qualquer coisa e que dormia com ele em sua cama; uma gata mais linda que todas as criaturas, uma fada (mas ele não sabia disso).

Diana convenceu a gata a trocar de forma com ela; e assim pôde se deitar com seu irmão e na escuridão assumiu sua verdadeira forma; deste modo, por meio de Diano, ela se tornou mãe de Arádia. Mas quando, na manhã seguinte, ele descobriu que se deitara com a irmã e que a luz havia sido conquistada pelas Trevas, Diano ficou extremamente zangado; Diana então cantou um feitiço para ele, uma canção de poder e ele ficou em silêncio; era a canção da noite que acalma para dormir, e ele não pôde dizer nada.

Assim, Diana com seu ardil de Bruxaria encantou-o tanto que ele se submeteu a seu amor. Esta foi a primeira fascinação; ela cantarolou a canção que era o zunido das abelhas e o giro da roda; o giro da roda tecendo a Vida. Ela então teceu as vidas dos Homens e todas as coisas foram criadas da Roda de Diana. E foi Diano que girou a Roda.

O Mito de Diana e Diano

Numa época anterior ao Tempo, quando nosso Senhor e nossa Senhora tinham corpos, antes que o véu entre os Mundos existisse e na época em que os Grigori comandavam a Terra, começa o nosso mito.

Nesse tempo, Diano, nosso Senhor e Criador, era jovem, mas reconhecido de muitas maneiras. Em sua juventude, ele se alegrava nos espíritos da Natureza com quem passava os dias; ele os amava porque eram de seu sangue e de sua irmã.

Diana, nossa Senhora e Deusa, achava que seu irmão Diano era de uma beleza esplêndida e maravilhosa e ela o desejava; porém, Diano encarava seus avanços como brincadeira e corria quando ela o perseguia.

Diana sentia-se solitária e queria a companhia de outras pessoas e decidiu seduzir o irmão para, desse modo, obter uma descendência. Então, quando Diano foi dormir, ela foi à cama dele e o seduziu em segredo, enquanto ele sonhava.

Diano amava a irmã, mas ficou zangado ao se ver enganado dessa maneira; então, ele colocou um véu entre os Mundos, entre ele e seu filho que era humano. E sobre a Terra colocou o sol e a lua, como símbolos dele próprio e de Diana, dizendo: "Para sempre a lua seguirá e procurará aquele que é o sol". Dito isso, ele partiu.

Diana amava a Terra e seus filhos, mas seu amor por Diano causou-lhe grande sofrimento. Assim, ela mandou mensageiros para procurá-lo e proclamar seu amor por ele. Um dia, ele retornou e disse-lhe: "Eu também amo, mas não posso ficar com você". Então, Diana levou-o para ver toda a beleza da Terra e todos os seus filhos e ele foi tocado pela compaixão. "Eu ficarei com você por um tempo a cada ano e partirei durante outro", ele disse, "pois nossos filhos precisam de minha essência, de nossa União e de nosso amor". Então, durante um tempo ele ficou e depois caiu sobre o campo e desapareceu no solo.

Assim, aconteceu o tempo em que a Morte apareceu na Terra e Diana não compreendeu. Ela foi até os Gregori para que a aconselhassem, mas os Gregori, embora nada pudessem lhe contar a respeito da Morte, disseram-lhe: "Se você quiser conhecer e entender a Morte é preciso se render ao frio de seu abraço".

Diana pensou: "É verdade. Eu descerei às maiores profundezas, pois preciso ter conhecimento de todas as coisas. Quando tiver tal conhecimento, trarei meu amado Diano de volta à vida novamente". Então Diana se aprontou para a busca da Verdade. Os Grigori prepararam o corpo dela e fizeram um Grande Barco no qual ela poderia viajar através do Céu Noturno, entre as estrelas, até as grandes profundezas. Quando a hora chegou, Diana entrou no barco, em busca de Diano e dos Mistérios.

O Mito da Descida da Deusa

Diana, nossa Senhora e Deusa, queria resolver todos os mistérios, até mesmo o Mistério da Morte; assim, ela viajou ao Submundo em seu barco, sobre o Sagrado Rio da Descida. Então, aconteceu que ela chegou ao primeiro dos sete portões do Submundo; o guardião a desafiou, pedindo uma peça de sua vestimenta pela passagem, pois nada podia ser recebido, a não ser que algo fosse dado em troca. A cada portão a deusa devia pagar o preço da passagem, pois os guardiães lhe diziam: "Despe tuas vestes e põe de lado tuas jóias porque nada poderás trazer para dentro deste nosso reino".

Então, Diana entregou suas jóias e roupas aos guardiães e se submeteu como todos os seres devem se submeter, aqueles que procuram entrar no Reino da Morte e dos Poderosos. No primeiro portão ela deu o cetro; no segundo a coroa, no terceiro o colar, no quarto o anel, no quinto o cinto, no sexto as sandálias e no sétimo a túnica. Diana ficou nua e foi apresentada a Dis; tal era sua beleza que ele se ajoelhou aos pés dela, dizendo: "Benditos sejam teus pés que te trouxeram por este caminho". Depois ele se levantou e disse a Diana: "Fica comigo, eu te peço, e recebe meu toque sobre teu coração".

Diana respondeu a Dis: "Mas eu não te amo; por que tu fazes todas as coisas que amo e aprecio fenecerem e morrerem?"

"Minha Senhora," replicou Dis, "tu falas contra a idade e o destino. Nada posso fazer, pois a idade faz todas as coisas sumirem, mas quando os homens morrem ao final de seu tempo, eu lhes dou descanso, paz e força. Durante certo tempo eles vivem com a lua e os espíritos da lua; depois eles podem voltar ao Reino dos Vivos. Mas tu és tão linda, que te peço que não retornes, fica aqui comigo."

Ela respondeu: "Não, pois não te amo". Então Dis falou: "Se te recusares a ficar comigo, deverás te ajoelhar diante do açoite da morte". A Deusa respondeu: "Se assim deve ser, então é o destino e melhor assim!" Diana se ajoelhou em submissão diante da mão da morte e ele a açoitou tão ternamente que ela exclamou: "Eu conheço a tua dor e a dor do amor".

Dis levantou-a e disse: "Bendita sejas, minha Rainha e Senhora". Então ele lhe deu os cinco beijos de iniciação, dizendo: "Que somente assim te atenhas ao conhecimento e à alegria".

Ele ensinou a ela todos os seus mistérios e lhe deu o colar que é o círculo do renascimento. E ela ensinou a ele mistérios do cálice sagrado que é o caldeirão do renascimento.

Eles se amaram e se uniram e, por um tempo, Diana viveu no Reino de Dis.

Pois existem três mistérios na vida do homem: Nascimento, Vida e Morte (e o amor controla todos eles). Para realizar o amor, é preciso voltar de novo ao mesmo tempo e lugar, como aqueles que amam antes e é preciso encontrar, reconhecer, lembrar e amá-los novamente. Mas para renascer, é preciso morrer e estar pronto para um novo corpo; e para morrer, é preciso nascer; mas sem amor, não se pode nascer entre os de nossa própria espécie.

Nossa Deusa se inclina a favor do amor, da alegria e da felicidade. Ela guarda e acalenta seus filhos ocultos nesta vida e na próxima. Na morte, ela revela o caminho para a comunhão com ela; na vida, ensina a mágica do mistério do Círculo (que é colocado entre o mundo dos homens e o dos deuses).

O Mito da Ascensão da Deusa

E veio o tempo no Reino Oculto das Sombras em que Diana daria à luz o Filho do Grande Deus Negro. Os Senhores dos Quatro Cantos vieram e olharam o Deus recém-nascido. Contaram a Diana a respeito do sofrimento do povo que vivia sobre o Mundo e como eles amargavam no frio e na escuridão; então, ela pediu aos Senhores que levassem seu filho para o Mundo e assim o povo se rejubilou, pois o Deus Sol havia voltado.

E aconteceu que Diana sentiu saudade da Luz do Mundo e de seus muitos filhos; assim, ela viajou para o Mundo e foi recebida com grandes festas.

Figura 21

Tigela de cristal âmbar com adornos de prata, feita especialmente para o avô do Autor, no final dos anos 30 e mais tarde presenteadas à mãe do Autor. É a única peça de um conjunto de oito, mostrando temas míticos da Antiga Religião. A tigela é decorada com nove imagens idênticas da deusa, em pé, no rio da descida ao Submundo, segurando o colar do renascimento. A parte de cima da tigela é um pegador de prata, representando a lua cheia.



Então, Diana viu o esplendor do novo Deus que cruzava os céus e o desejou. Mas a cada noite ele voltava para o Reino Oculto e não podia ver a beleza da Deusa no céu noturno.

Assim, uma manhã, a deusa se levantou quando o Deus saiu do Reino Oculto e se banhava nua no lago sagrado de Nemi. Os Senhores dos Quatro Cantos apareceram ao Deus e disseram: "Veja a doce beleza da Deusa da Terra". E ele olhou e foi atingido de tal modo pela beleza dela que desceu à terra na forma de um grande gamo.

"Vim brincar ao lado de seu banho," disse ele, mas Diana encarou o gamo e replicou: "Você não é um gamo, mas um Deus!" E ele respondeu: "Eu sou Cornunno, Deus da Floresta, e quando me ponho de pé sobre o mundo, também posso tocar o céu; sou Lupercus, o sol, que expulsa o Lobo da Noite, mas além de tudo, sou Diano, o primeiro de todos os Deuses!"

Diana sorriu e saiu da água em toda a sua beleza. "Eu sou Fauna, Deusa da Floresta; quando estou em sua presença, sou Jana, Deusa da Lua, mas além de tudo, sou Diana, a primeira de todas as Deusas!"

E Diano a tomou pela mão e juntos andaram pelos campos e florestas, contando suas histórias de antigos mistérios. Eles se amaram e foram Um e juntos reinaram sobre o Mundo. No entanto, mesmo apaixonados, Diana sabia que o Deus logo faria a travessia para o Reino Oculto e a Morte voltaria ao Mundo. Então, ela deveria descer e aceitar o Senhor Negro e dar à luz o fruto de sua união.

O Mito de Lupercus

Houve um tempo na terra do Povo que foi a Era do Grande Sofrimento, a Era do Lobo. Diano, Senhor do Sol, havia viajado para longe e tudo sumira com sua ausência; então, os Grigori dos Quatro Ventos saíram à procura dele para suplicar-lhe que voltasse.

Mas aconteceu que os Grigori foram trazidos perante o trono de Dis, O Senhor Negro das Sombras, e disseram: "Então encontramos você aqui, no Reino da Vida Obscura?" "Sim," Diano respondeu; "agora vocês realmente viram minhas duas faces." Então os Grigori suplicaram a Diano que voltasse, contando o sofrimento que ele deixara atrás de si no mundo, mas ele declinou, dizendo: "Os Deuses das Brumas, que são mais fortes do que eu, ordenaram que seja assim e não tenho forças para mudar o que deve acontecer".

Diana tinha entre ouvido a conversa e levou os Grigori para o lado, em segredo. "Vocês precisam levar meu filho Lupercus, que será gerado de Diano, para que ele possa devolver a luz ao mundo." Então, quando chegou a hora, os Grigori pegaram o Deus recém-nascido e começaram sua jornada de volta do Reino das Sombras. Enquanto viajavam, comentavam como provar ao Povo do Mundo o valor desse novo Deus e decidiram, então, submetê-lo ao teste dos Doze Trabalhos de Lupercus:

1. Transportar o carneiro sagrado e colocá-lo entre as estrelas.
2. Purificar o esconderijo do sagrado touro branco.

3. Domar as serpentes gêmeas de Téramo.
4. Levantar o Grande Caranguejo do Mar para o horizonte ocidental.
5. Libertar o leão sagrado.
6. Modelar um arco para a Deusa Diana.
7. Forjar as Grandes Balanças da Justiça para os Deuses.
8. Prender novamente o Escorpião gigante dentro da Terra.
9. Fazer uma flecha de ouro para o Rei dos Centauros.
10. Modelar dois chifres de ouro para o Grande Peixe-Cabra.
11. Purificar as jarras de água dedicadas aos Deuses.
12. Amarrar os dois Grandes Peixes do Mar e colocá-los entre as estrelas.

Corajosamente o jovem deus completou as tarefas designadas e foi recebido pelo Povo do Mundo em todo o seu brilhante esplendor. Devido à ausência do sol, muitos lobos atacavam à noite as manadas e os rebanhos e as pessoas estavam desesperadas; então Lupercus desceu de Áster e foi viver com os lobos; tendo-se transformado num poderoso lobo dourado, ele se tornou o Rei deles; se estivesse zangado, à sua presença, todos os lobos fugiam para os bosques e montanhas. Então, o Povo se rejubilou, clamando: "Grande é Lupercus, Senhor do Sol, Rei dos Lobos, Expulsor da Noite do Lobo Negro".

Assim, a cada dia, Lupercus se levantava e viajava pelos céus, carregando sua tocha de erva-doce. Enquanto passava, Lupercus reunia as almas dos que haviam morrido durante sua ausência do céu e as entregava a seu Pai Diano no Grande Reino Oculto, que ficava para além das águas ocidentais. Lá, elas recebiam refrescos e eram preparadas para uma nova vida, quando então os Grigori as escoltariam ao Reino da Deusa em Luna, para aguardar o renascimento. Toda noite Lupercus descansava no Reino Oculto, para fazer novamente sua jornada através do mundo dos mortais.

O Mito do Corvo

Na Era que aconteceu muito antes do tempo, quando os Deuses reinavam sobre o Reino de Áster, houve uma guerra entre as forças da Luz e as das Trevas. No entanto, nem todos os Deuses tinham declarado sua adesão; um desses Deuses era Corvo. Corvo era o filho da Deusa Telete e do Deus Téramo. Quando a guerra irrompeu em Áster, Corvo viajou à Ilha da Lua para descobrir seu lugar entre os Deuses. Lá, Cata lhe disse que, se desejasse o verdadeiro conhecimento de Si-Mesmo, ele devia passar através da lagoa de Umbréia e recuperar uma pérola que jazia no fundo.

A lagoa de Umbréia era cheia de um líquido negro e calmo e ninguém conhecia sua profundidade. Reunindo coragem, Corvo mergulhou na lagoa, suas penas brancas parecendo, por um momento, a lua no céu noturno, e depois desapareceu nas profundezas de Umbréia. Ele não reapareceu por três dias, mas na terceira noite Corvo saiu da lagoa trazendo a pérola. Suas penas tinham se tingido de preto e ele

podia ver tão claramente na escuridão quanto na luz. É por isso que hoje em dia os corvos são pretos e recolhem várias bugigangas, pois são todos filhos Dele.

Devido à sua nova visão, Corvo não se juntou à batalha entre Luz e Trevas; ao contrário, viajava entre os dois campos, servindo de mensageiro. Nenhum dos lados confiava em Corvo e ambos o ameaçavam a cada vez que ele devia entregar uma mensagem, para se assegurarem de que ele faria o que tinha sido ordenado. Cata ficou com pena de Corvo e ensinou-o a usar a pérola para ganhar a introversão dos corações e mentes dos outros; também lhe ensinou as artes da magia para que ele se protegesse.

Na Terra, Corvo encontrou adoradores e um lar. Ele deixou a companhia dos Deuses por muitos anos e viveu na Terra. Um dia, o Oráculo de Tanes falou com ele e revelou que os Poderes das Trevas estavam vencendo e o Mundo dos Humanos logo estaria em perigo. Corvo então reuniu muitos dos Deuses da Terra e outros Espíritos sob sua bandeira, que era vermelho-sangue, com um corvo voando para baixo.

Corvo levou seu exército contra as Forças das Trevas, pois elas estavam atacando Áster também. Devido à sua intervenção, o equilíbrio entre Luz e Trevas foi restaurado e Corvo pôde retornar a seu Reino da Terra.

O Mito do Corvo (Parte Dois)

Nos dias de Áster, quando os mundos tinham sido formados, Corvo foi o primeiro dos Deuses a descer ao Mundo da Humanidade. Corvo percorreu o mundo, analisou todas as criaturas que tinham sido feitas e ficou contente; porém, quando viu os homens e as mulheres que viviam neste mundo, ficou muito preocupado. Disse a si mesmo: "Essas pobres criaturas não têm garras para cavar raízes, nem podem correr tão rápido quanto outras criaturas e não têm penas ou pele para protegê-las dos elementos". Corvo achou-as criaturas realmente muito pobres.

Corvo perguntou ao Povo se eles tinham fome e eles disseram que tinham muita fome; então, Corvo os ensinou a caçar e a fazer roupas; ensinou a tomar conta do mundo e a não abusar de nada que tivesse sido criado. Então, Corvo presenteou-os com uma de suas penas, cujo poder lhes deu o Conhecimento e eles se tornaram mais inteligentes do que qualquer outra criatura no mundo. O Povo estava feliz e assim estava Corvo, mas ele notou, em suas muitas viagens de volta ao Mundo do Povo, que eles estavam começando a mudar.

O Povo estava começando a lutar uns com os outros e a maltratar os animais e as terras que lhes tinham sido dados. Então, Corvo foi aos Deuses e Deusas de Áster e pediu-lhes ajuda, mas eles estavam muito ocupados com outros mundos que tinham criado e disseram a Corvo para voltar mais tarde. Corvo retornou ao Mundo do Povo, dividindo-os em diferentes clãs, separando todos os que estavam lutando entre si. Depois, ensinou-os como plantar para comer, para que não se encontrassem quando viajavam em suas caçadas.

Corvo não sabia que outros Deuses tinham vindo visitar o Povo enquanto ele estava fora. O Povo começou a se separar em grupos adoradores de diferentes Deu-

ses e Deusas. Corvo chamou todos os Deuses e Deusas que estavam no mundo naqueles dias, os quais eram nove: Dracos, Lupus, Cern, Cata, Canus, Civetta, Falca, Ursa e Corvo. Uma vez reunidos, Corvo falou-lhes e suplicou que mantivessem a paz entre todos os do Povo que viviam neste mundo; mas cada um dos Nove favorecia um certo clã e eles não conseguiam concordar em nada.

Corvo então voou de volta a Áster e uma vez mais foi à presença dos Grandes Deuses, pedindo ajuda e, uma vez mais, eles lhe disseram para voltar mais tarde. Enquanto estava em Áster, Corvo começou a pensar num modo de enganar os Grandes para que fossem ao Mundo do Povo. Então, ele foi a cada Deus e Deusa separadamente e disse a cada um que era o mais belo de todos. Como os Deuses e Deusas jamais tinham visto a si mesmos, começou a haver muita discussão em Áster para saber quem era o mais Belo. Então, Corvo contou que havia um espelho no Mundo do Povo e eles deveriam ir lá e julgar por si mesmos, olhando no espelho. Os Grandes concordaram em ir e Corvo disse que iria antes, para fazer os arranjos necessários.

Quando Corvo voltou ao mundo, contou aos Deuses na terra que os Grandes tinham de algum modo ouvido dizer que os Nove tinham criado um lindo espelho para eles e que viriam vê-lo. "Que vamos fazer agora?", disseram um ao outro, pois estavam preocupados que os Grandes ficassem zangados. "Eu tenho um plano," disse Corvo. "Faremos um grande espelho e vou mostrar-lhes como". Então Corvo mandou Dracos soprar as chamas para clarear um lugar na floresta. Na clareira, ele mandou Ursa, Canus e Lupus cavarem um grande buraco no chão. Depois, Corvo, Falca e Civetta voaram aos mares e trouxeram água nos bicos e logo encheram o buraco com água. Depois, Cern fisgou um pedaço da luz da lua para dentro da água com seus chifres e arrastou-o sobre o lago. Cata misturou a luz da lua na água, prendendo-a em volta das beiradas do buraco. Deste modo, formou-se o lago, que até hoje é chamado o Espelho da Deusa.

Quando os Grandes desceram sobre o Mundo do Povo, começaram o concurso para ver qual, dentre os que habitavam Áster, era o mais belo. Depois de muito debate, Uni, a Grande Deusa, foi a escolhida e o Povo do mundo deu-lhe o espelho como presente de seu amor e respeito. O Povo então viveu em paz sob os cuidados dos Nove. Desse dia em diante, os Grandes Deuses jamais esqueceram o Mundo do Povo e visitavam-no freqüentemente, de Tempos em Tempos.

O Mito da Roda do Ano

Abaixo e nas páginas seguintes estão reproduzidas imagens que refletem o Mito da Roda do Ano. Essas ilustrações apareceram pela primeira vez na obra de Charles Leland sobre a Bruxaria italiana, *Etruscan Roman Remains* (Remanescentes Etrusco-romanos) (1892). As gravuras originais foram feitas por meio de fricção da parte anterior de antigos espelhos de latão recolhidos por Leland.



Figura 22

Início do Mito. O Deus e a Deusa no Reino do Submundo, conhecido como Achru. Aqui eles se amam e são Um. Desta união nascerá o novo Deus Sol do ano vindouro. Seu nome será Lupercus, filho de Dis e Umbréia. Note que Tagni segura o Disco da Lua e que o bastão do poder pertence a Umí. Isso simboliza o reino que é transmitido da Deusa para o Deus, na Época das Sombras: Festa Dell'Ombra.



Figura 23

O segundo estágio do Mito. O novo Deus Sol nasce. Manea o dá à luz no Solstício de Inverno, embora tenha sido o útero de Umbréia que o carregou até o fim. Note o surgimento da Árvore da Fruta da Lua sobre o pilar. O novo Deus Sol está sentado aos pés da Deusa da Lua e o disco solar é visto perto de seus próprios pés, conforme se vê no ombro direito do Deus Sol anterior. Observe que ele levanta o braço esquerdo para a lua crescente e os três pontos de manifestação aparecem em seus gestos. Estes também aparecem flaqueando os frutos da Árvore da Lua.



Figura 24

O terceiro estágio do Mito. O novo Deus Sol Lupercus é preparado para reinar como o Deus do Ano. Na mão esquerda, ele segura o Dardo do Trovão de Tagni, símbolo do reino divino. Na mão direita, segura o Bastão do Sol. Atrás de Téramo estão as espirais, sinais do Labirinto e do retorno. A Busca e o julgamento dos 12 trabalhos agora estão diante de Lupercus.



Figura 25

O quarto estágio do Mito. A Deusa parte do Submundo e retorna ao mundo dos vivos. Árvores brotando e outros sinais de nova vida mostram seu retorno. O Senhor do Submundo segura a romã, símbolo da essência da vida: a semente do masculino e o sangue da Deusa. O suco da romã não é apenas o sangue do hímen, mas também o sangue da menstruação. O sangue da Deusa liga todas as almas à origem do renascimento.



Figura 26
O quinto estágio do Mito. O Deus corteja a Deusa e se tornam amantes. O cisne colocado entre os dois é um sinal da sedução divina, significando que esta união está predestinada e dirigida pelos Grandes Deuses de Áster. O pássaro empoleirado na lira do Deus é a Deusa Carmen disfarçada, cantando a canção do encantamento. O cervo é um símbolo do Gamo e da Corça, a corte original.



Figura 27
O sexto estágio do Mito. O Deus e a Deusa se casam no Solstício de Verão, o Tempo da Promessa de Fartura. Aqui, nesse dia, as forças da Luz e das Trevas se juntam. Esta época também é marcada pelas batalhas rituais, como as travadas entre os Benandanti e os Molandanti, um tema de festival de Verão desde os tempos mais antigos.



Figura 28
O sétimo estágio do Mito. O Tempo de Fartura e a antecipação da Colheita. O Mundo produziu em abundância para celebrar a União entre o Deus e a Deusa. Espíritos dos campos abençoaram a dádiva e tudo que frutifica. Tudo está fértil no Mundo e os Deuses recompensaram os trabalhos de todos os homens e mulheres. É o tempo da Cornucópia, o Chifre da Fartura.

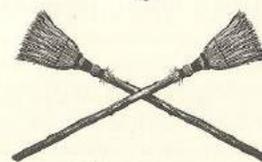


Figura 29
O oitavo estágio do Mito. O Deus do ano é sacrificado, ceifado até o máximo de seu poder. Seu espírito é amarrado nos feixes da Colheita para que não escape da terra quando os campos são ceifados. Note o espírito na base do desenho. Ele segura um peixe, o símbolo da abundância, e suas pernas formam serpentes, símbolos da regeneração e da fertilidade. A serpente também se move entre o Mundo da Humanidade e o Submundo (fendas e tocas), assim como o Sol e a Lua desaparecem abaixo do horizonte para voltar de novo do outro lado.

Parte Três
Os Rituais



8



Rituais Solitários

Os rituais apresentados neste capítulo são baseados em rituais grupais constantes de meu livro anterior *Ways of the Strega*. São extraídos do sistema aridiano da Tradição da Strega — que emprega os nomes divinos de Diana e Diano — e modificados para a prática solitária. Vamos começar com o arranjo básico do altar e o método de traçar um círculo ritual. O capítulo termina com o ritual da lua cheia e ritos sazonais. Realizar esses ritos constante e consecutivamente fará com que você se alinhe com os padrões harmoniosos da Natureza que fluem ativamente nas épocas do ano marcadas por cada ritual.

É importante que você se dedique por completo no momento de praticar cada ritual; mantenha sempre na mente consciente o simbolismo das ações prescritas e, mais importante, não encare os rituais como um processo mecânico. Esses rituais são princípios orientadores e passos específicos no desdobramento de uma experiência espiritual. Sinta-se à vontade para acrescentar coisas a cada rito, conforme lhe ditar sua intuição; no entanto, certifique-se de não omitir um passo prescrito ao realizar o ritual.

Os rituais são formas físicas por meio das quais as energias espirituais fluem e se manifestam. Assim como a alma requer uma forma física para agir completamente no mundo material, o mesmo também acontece aos seres espirituais e aos princípios com os quais procuramos nos relacionar neste período vital. Os ritos familiares permitem que nossa consciência se movimente além do momento; podemos comparar isso a aprender a dirigir um automóvel. Num primeiro momento, o ato de virar a direção, usar os pedais e assim por diante ocupam completamente nossa consciência; não podemos apreciar o passeio porque estamos muito ocupados dirigindo o

veículo. No entanto, em breve tudo se torna um ritual familiar e não precisamos mais nos preocupar com o ato de operar a máquina; ao contrário, nos sentimos livres para experimentar as maiores atrações do próprio transporte.

O ARRANJO DO ALTAR

O altar é sempre orientado para o quadrante norte do local ritual; em outras palavras, você deverá estar olhando para o norte quando estiver em frente ao altar. O norte é considerado o lugar de poder; tradicionalmente, o altar é de forma redonda, mas também se pode usar uma mesa retangular ou quadrada. O arranjo do altar é uma parte importante do ritual; deve ser realizado com atenção e concentração nos significados interiores de cada item colocado no altar; na verdade, você está criando um microcosmo do Universo ao arrumar o altar e traçar o círculo. Tudo que você criar neste trabalho mágico estabelecerá sua própria realidade.

Primeiro, coloque um pano preto sobre a mesa para simbolizar as Trevas da "procriação", da qual todas as coisas se manifestam. Ponha uma vela verde (representando a Deusa) no canto noroeste do altar; coloque uma vela vermelha (simbolizando o Deus) no canto nordeste. Estátuas da Deusa e do Deus são colocadas próximo às velas para representar a presença deles supervisionando o processo de criação refletido no arranjo do seu altar.

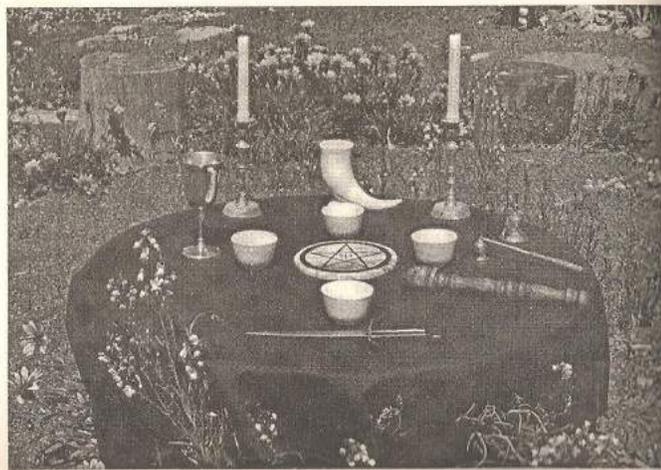


Figura 30
Os instrumentos rituais do Autor estão dispostos em formação tradicional neste altar ao ar livre.

Coloque o pentáculo no centro do altar e a tigela espiritual contendo líquido inflamável diretamente sobre o pentáculo; este líquido é o fluido espiritual que vai produzir uma bela chama, representando a presença da Divindade. A seguir, ponha as tigelas elementais em volta do pentáculo para representar as substâncias criativas elementais, das quais todas as coisas se manifestam. Coloque a tigela contendo areia ou pequenas pedras, representando a terra, na posição norte. No lado leste, deposite a tigela com incenso (fumaça) para representar o ar; no lado sul coloque a tigela com uma vela votiva para o fogo e, no lado oeste, uma tigela com água purificada.

A varinha ritual é colocada no altar, próxima à tigela elemental do ar. A lâmina espiritual é posta no lado sul, junto à vela votiva, e o cálice no lado oeste, junto à tigela de água. Instrumentos mundanos, como faca, apagador de vela e outros, podem ser postos ao norte. Com este arranjo, o altar agora está completo.

PREPARAÇÃO DO CÍRCULO RITUAL

Quando a lua estiver cheia ou quando ocorrer a treguenda, trace o círculo ritual para celebração e união com a deidade. Delimite uma área formando um círculo no chão para o círculo ritual e depois siga os seguintes passos:

1. Purifique a área do ritual com água salgada.
2. Disponha o altar conforme explicado antes. Trace o gesto de poder no ar (veja Figura 31) e acenda a Tigela Espiritual, recitando a invocação:

*Desperta agora, ó Espírito dos Antigos Caminhos,
Com vossos braços azuis estendidos,
Acordai agora completamente, muito completamente,
Eu que guardo o fogo ancestral vos invoco,
Acordai, Chama Espiritual, acordai.*



Figura 31
Gesto Ritual de Poder.

3. Acenda as velas do altar assim que a chama azul estiver queimando e recite as invocações do altar:

*(Para a Deusa): Linda Diana,
Deusa da Lua e além,
Pensa por um momento em nós
Que nos reunimos em teu nome.*

*(Para o Deus): Diana, deus do Sol e além
pensa por um momento em nós,
que nos reunimos em teu nome.*

4. Conjure os elementais: toque o sino três vezes sobre cada tigela elemental, começando pelo norte e circulando no sentido horário e recite:

*Conclamo dentro da bruma dos Reinos Ocultos,
E conjuro-vos, espíritos da Terra e Ar,
Fogo e Água. Reuni-vos neste círculo sagrado,
Concedei-me a união com vossos poderes.*

5. Toque o sino novamente três vezes sobre as tigelas elementais, depois bata três vezes delicadamente sobre cada tigela com a lâmina espiritual.
6. Coloque a lâmina espiritual dentro da Chama Espiritual e mentalmente extraia a chama azul para a lâmina.
7. Começando pelo norte, trace o círculo, deitando o poder azul por toda a ponta do círculo (visualize a chama azul se derramando pela lâmina dentro das beiradas do círculo enquanto caminha), e recite:

*Em nome de Diana e Diano,
E pelos anciãos,
Eu conjuro este círculo de poder:
Torne-se uma esfera de proteção,
Um vaso para conter o poder
Que será elevado dentro dele,
De onde eu o desafio
E me fortaleço.*

8. As velas dos quadrantes são tocadas com uma tigela elemental (começando pelo norte e movendo no sentido horário), depois cada vela é colocada e acesa no quadrante associado com o elemento.
Norte = Terra; Leste = Ar; Sul = Fogo e Oeste = Água.
9. Chamar os Grigori: dirija-se a cada quadrante, começando pelo norte e movendo-se no sentido horário, e balance um incensário com incenso para frente e para trás quatro vezes. Volte ao altar e toque o sino três vezes, antes de recitar as invocações dos quadrantes.

*Eu vos conclamo, ó Anciãos!
Vós que viveis além dos Reinos,
Vós que uma vez reinastes no Tempo antes do Tempo.
Vinde! Ouvi o chamado!
Ajudai-me a abrir o Caminho, dai-me o Poder!
Descerrei os portais dos Reinos dos Deuses
E aparecei por estes nomes:*

*(Olhe para o norte e toque o sino três vezes)
TAGO!*

*(Olhe para o leste e toque o sino três vezes)
ALPENA!*

*(Olhe para o sul e toque o sino três vezes)
SETTRANO!*

*(Olhe para o oeste e toque o sino três vezes)
MEANA!*

10. Bata levemente a varinha três vezes no altar e declare em voz alta que o círculo está feito.

Banir um Círculo Feito

O círculo deve ser dissolvido quando o ritual for completado.

1. Começando pelo quadrante norte, toque o sino três vezes, faça a saudação e recite:

*Ouvi-me, Anciãos, eu vos honro
Por vossa assistência e vos suplico agora
parti para vossos Reinos sagrados.
Em paz vos digo agora: Ave, Vale!*

2. Repita a ação acima em cada um dos quadrantes (movendo-se para oeste, sul, leste e norte de novo).
3. Aponte a lâmina espiritual para baixo em direção ao círculo e caminhe no sentido horário a partir do norte, mentalmente extraindo o poder da chama azul, do perímetro do círculo para a lâmina. Depois de voltar ao quadrante norte, fique em frente ao altar e coloque a ponta da lâmina ritual na Chama Espiritual. Visualize o poder fluindo de volta para a tigela. Recite a seguinte invocação enquanto observa a chama espiritual refluir:

*Dormi, Espírito da Chama, com vossos braços azuis
Esticados e vosso cabelo vermelho.
Dormi profundamente, profundamente, muito profundamente
Até que eu, vosso amigo, volte outra vez.*

*Para vos acordar. Dormi, Espírito da Chama,
Dormi.*

Quando a chama se extinguir, dissolva os elementos dentro de cada tigela elemental estalando os dedos três vezes sobre cada uma delas. Comece pelo norte e mova-se no sentido horário.

4. Apague todas as velas dos quadrantes e todas as chamas rituais. Declare que o círculo foi dissolvido.

RITUAL DA LUA CHEIA

1. Faça o círculo da maneira usual.
2. Fique em frente ao altar e olhe para a lua, ou um símbolo dela, dizendo:

*Venho nesta noite sagrada
Da Senhora, sob a Lua Cheia,
Para adorar Seu símbolo, que ela colocou
Entre as estrelas. E para prestar a devida
Adoração junto à Grande Deusa,
Pois esta é a época adequada
Que a Sagrada Strega me manda observar.
Assim como era no início, assim
É agora e assim será.*

3. Abra as palmas das mãos voltadas para fora, na sua frente, e forme um triângulo com as mãos juntando os dedos indicadores e os polegares (o gesto da manifestação). Enquadre a lua ou seu símbolo na abertura do triângulo formado pelos dedos e recite:

*Salve e devoção a Vós,
Ó Grande Diana. Salve Deusa da Lua
E da Noite. Vós estais aqui desde antes do início,
Vós fizestes todas as coisas surgirem,
Ó Doadora e Sustenedora da Vida,
Devoção a Vós.*

4. Faça o Ritual da União enquanto olha fixamente para a lua (veja Figura 32, página 135):
Em pé ou de joelhos diante da Luz (ou símbolo) levante as mãos como na posição 1, dizendo:

*Salve e devoção a Vós,
Ó Fonte de Toda Iluminação.
Imploro-vos, conferei a mim Vossa iluminação.*

Abaixe os braços na posição 2, dizendo:

*E iluminai minha mente para que
Eu possa perceber mais claramente
Todas as coisas em que me empenho.*

Abaixe os braços na posição 3, dizendo:

*E iluminai minha alma, compartilhando
Vossa essência de Pureza.*

Abaixe os braços nas posições 4 e 5, dizendo:

*Eu revelo meu Eu Interior
A Vós e peço que tudo dentro
seja limpo e purificado.*

5. Coloque as oferendas para a Deusa no quadrante oeste.
6. Ajoelhe-se diante das oferendas e recite:

*Ó Grande Diana, pensai apenas por um momento
Neste adorador que se ajoelha
Em Vosso nome. Sob o Sol as pessoas
Labutam e andam e atendem afazeres mundanos.
Mas sob a Lua, Vossos filhos sonham
E acordam e atraem o poder. Portanto, abençoai-me,
Ó Grande Diana e conferei a mim Vossa mística
Luz, na qual encontro meus poderes.
Abençoai-me, ó Grande Diana.*

7. Olhe para a lua cheia e recite:

*Ó Viandante dos Negros Céus
Mistério dos Mistérios
Emanai Vossa sagrada essência sobre mim
Enquanto espero nesta época determinada.
Iluminai minha mente interior
E meu espírito, como iluminais
as Trevas da noite.*

8. Sente-se em silêncio dentro do círculo e recite a Veglia:

*Uma vez, há muito tempo, todas as Bruxas
Adoravam nos campos abertos
E nos lugares antigos.
E nossos cantares eram levados pelos ventos.
Nossas preces eram recebidas
Na fumaça de nosso incenso
Pelos Anciãos. Mas, com o tempo, fomos escravizadas*

*Pelos adoradores de um deus ciumento,
E nossas vilas foram dadas
Aos Senhores cruéis; os Antigos Caminhos
Foram proibidos e fomos forçadas a aceitar
Os caminhos de nossos opressores.*

*Agora é o tempo de se reunir nas sombras.
Temos sofrido perseguição
Por nossas crenças, e muitas de nós
Morreram. No entanto, renascemos
Entre os nossos novamente. Sempre
Aconteceu que os ciclos de Vida passam
E retornam. Todas as coisas são lembradas
E todas as coisas restauradas.*

*Eu sou uma das filhas secretas
Da Deusa. De geração em geração
O conhecimento tem sido passado
E os Antigos Caminhos mantidos
Pelos que acendem a chama. Como
Lembrança, venho esta noite
Sob a Lua Cheia, para honrar o passado,
Assegurar o futuro e receber
A essência dos Anciãos. Assim como era
No tempo do nosso princípio, assim é agora
E assim será.*

9. Coloque algo feito de grãos num prato. Junto a este, coloque um cálice de vinho e os abençoe, traçando um crescente sobre eles; depois, recite:

*Bênçãos sobre esta refeição, que é
Meu próprio corpo. Pois sem tal
Sustento, eu desapareceria deste mundo.
Bênçãos sobre este grão,
Que como semente foi para dentro da terra
Onde se escondem profundos segredos. E lá
Dançou com os elementos e brotou como
Planta florida, escondendo segredos
Estranhos. Quando este grão estava-se abrindo,
Espíritos do campo vieram para lançar
sua luz e ajudá-lo a crescer. E, através dele,
Serei tocada por aquela mesma Raça
E os mistérios escondidos dentro dele
Eu conhecerei, até o último destes grãos.*

Posição
1Posição
2Posição
3Posição
4Posição
5

Figura 32
Posições do Rito de União.

10. Trace um crescente sobre o vinho com a lâmina espiritual e recite:

*Pela virtude desta lâmina sagrada
Que este vinho seja a essência vital
Da Grande Deusa.*

- Trace um crescente sobre os bolos e recite:

*Pela virtude desta lâmina sagrada
Que estes bolos sejam a substância vital
Do Grande Deus.*

11. Levante o prato e o cálice, olhe para a lua e recite:

*Por estes bolos e por este vinho,
Diana e Diano me abençoem e me dêem
A força e a visão interior. Que eu possa
Conhecer aquilo dentro de mim que
É dos deuses. Que seja esta bênção
Em nome de Diana e Diano.*

Coma uma porção da refeição e beba um pouco do vinho. Deixe um pouco para as libações no final do ritual.

12. Levante o cálice num brinde a Arádia e em sua memória recite a Sagração:

*Sempre que precisarem de algo,
Uma vez por mês, quando a Lua está cheia,
Venham juntas a um lugar deserto
Ou onde haja bosques e façam as devoções
A Ela que é a Rainha de todas as Bruxas.
Venham todas juntas para dentro de um círculo
E segredos ainda desconhecidos
Serão revelados.*

*Sua mente deve estar livre e também
Seu espírito. Como sinal de que é
realmente livre, você deverá estar nua
Nos ritos. E você irá se rejubilar e cantar,
Fazendo música e amor. Pois esta é a essência
Do espírito e o saber da alegria.*

*Seja fiel a suas crenças e mantenha-se
Nos Caminhos, acima de todos os obstáculos.
Pois nossa é a chave para os mistérios e
Para o ciclo de renascimento, que abre caminho
Para o Útero da Iluminação.*

*Eu sou o espírito de todas as Bruxas
E isto é alegria, paz e harmonia. Na vida
A Rainha de todas as Bruxas revela
O conhecimento do Espírito. E da morte
A Rainha entrega você à paz e renovação.*

*Quando eu tiver partido deste mundo,
Em memória de mim façam bolos
De grãos, vinho e mel. Você deverá
Moldá-los como a lua e depois
Compartilhar de vinho e bolos, tudo
Em minha memória. Pois fui enviada a vocês
Pelos Espíritos dos Anciãos e vim
Para livrá-las de toda a escravidão.
Eu sou a filha do Sol e da Lua,
E embora tenha nascido neste mundo,
Minha Raça é das estrelas.*

*Façam oferendas a Ela, que é nossa Mãe.
Pois Ela é a beleza do Verde Bosque
e a luz da lua entre as estrelas e o mistério
que dá vida e sempre nos chama para nos
reunirmos em nome Dela.*

*Que a adoração por Ela seja o caminho
Em nossos corações, pois todos os atos de amor
E prazer são favorecidos pela Deusa.*

*Mas, para os que a buscam, saibam que
Sua procura e desejo não serão recompensa,
Até que compreenda o segredo. Pois se o que busca
Não se encontra dentro do seu Eu Interior,
Você nunca o encontrará no exterior. Ela
tem estado a seu lado desde que você entrou
para os caminhos; ela é aquilo que a aguarda
no final de sua jornada.*

13. Sente-se agora diante do altar, de frente para o norte. Olhe para a lua e visualize-a como a deusa aparecendo numa esfera de luz. Beije a palma da mão esquerda e estenda-a para ela; depois recite:

*Ó Grande Diana, Rainha das Bruxas,
Ouça minha devoção. Ouça minha voz
A tecer-lhe elogios. Receba minhas palavras
Subindo aos céus, quando a Lua Cheia tão*

Brilhante preenche os céus com Sua beleza.
Veja-me, pois venho à Sua presença e
Estendo-lhe a mão. Enquanto brilha sobre mim
A Lua Cheia, dê-me todas as Suas bênçãos.

Ó Grande Deusa da Lua, Deusa dos Mistérios
Da Lua, ensina-me os segredos ainda não revelados
Antigos ritos de invocação de que a Sagrada Strega falou,
Pois creio nas palavras da Strega quando ela contou
De sua glória infundável, quando ela disse para
Suplicar a Você, e quando buscar pelo conhecimento
Para A encontrar, além de todas as outras.

Dê-me o poder, ó Senhora Secretíssima,
Para subjugar meus inimigos. Receba-me
Como sua filha, receba-me, embora eu seja
Da terra. Quando meu corpo descansar
À noite, fale ao meu espírito interior,
Ensine-me todos os Seus Sagrados
Mistérios. Creio em Sua antiga promessa
De que todos que buscam Sua Sagrada
Presença, receberão Sua sabedoria.

Contemple, ó Deusa ancestral, venho
Sob a Lua Cheia nesta hora determinada.
Agora a Lua Cheia brilha sobre mim.
Ouça-me e lembre-se de Sua Antiga Promessa.
Que sua Glória brilhe sobre mim. Abençoe-me,
Ó Graciosa Rainha do Céu. Em Seu nome,
Que assim seja.

14. Antes que o círculo seja fechado, três trabalhos de magia podem ser feitos, se o desejar. Instrumentos rituais podem ser abençoados tocando cada um dos quatro elementos representados no altar. Termine a celebração e feche o círculo. Ofereça libações à terra e à lua. A celebração está completa.

FESTA DA SOMBRA (*La Festa dell'Ombra*)

Itens necessários (além dos itens comuns do altar):

- 1 frasco de óleo de essência (perfume do deus)
- 2 velas vermelhas para o altar
- 4 velas pretas para os pontos cardeais
- 1 símbolo de Caveira Humana colocado no quadrante oeste

Incenso da Treguenda de Inverno
Raiz de arruda
Uma pequena vela branca
Folhas secas (folhas de carvalho ou agulhas de pinheiro)
Oferenda Pessoal para o Deus
Caldeirão

O Rito:

1. Trace o círculo do modo costumeiro.
2. Dirija-se ao altar e diga:

*Eu venho nesta noite sagrada quando
O véu entre os mundos se transforma em bruma.
Junto-me agora em espírito com aqueles
Que já foram. Assim como era no princípio,
Assim é agora, assim será.*

3. Coloque a caveira no quadrante oeste. Fique em frente a ela na Posição do Deus Sacrificado e diga:

*Ó deuses antigos dos meus Anciãos, abençoem
este conjunto sagrado, para que eu, que venero
segundo os seus caminhos, seja protegida
dos poderes que virão.*

4. Fique em pé no quadrante oeste e leia o Mito da Descida da Deusa em voz alta:

*Diana, minha Senhora e Deusa, decifrou
Todos os mistérios, até mesmo o mistério
Da Morte. E ela viajou para o Submundo
Em seu barco, pelo Sagrado Rio da Descida.
Então aconteceu que ela entrou no primeiro
Dos sete portais para o Submundo.
E o Guardião a desafiou, pedindo
Uma de suas vestes para a passagem,
Pois nada pode ser recebido, a não ser
Que algo seja dado em troca.*

*E em cada um dos portais, a Deusa
Devia pagar o preço da passagem
Pois os guardiães disseram a ela:
"Dispa suas roupas e ponha de lado
suas jóias, pois nada poderá trazer
para este nosso reino".*

Então, Diana entregou suas jóias
E roupas aos guardiães e submeteu-se
como todos os vivos que buscam entrar
no reino da Morte e dos Poderosos.
No primeiro portal ela entregou o cetro,
No segundo a coroa,
No terceiro o colar,
No quarto o anel,
No quinto o cinto,
No sexto as sandálias
E no sétimo a túnica.

Diana ficou nua e foi levada
à presença de Dis, e tal era sua beleza,
Que ele se ajoelhou quando ela entrou.
Ele pôs a coroa e a espada aos pés dela
Dizendo: "Abençoados sejam seus pés
Que a trouxeram a esta senda".
Então, ele se levantou e disse
A Diana: "fique comigo, eu imploro,
E receba meu toque sobre seu coração".

E Diana respondeu: "Mas eu não o amo,
Pois qual a razão de você permitir,
que tudo que amo e aprecio,
possa murchar e morrer?"

"Minha Senhora," respondeu Dis, "é contra
o tempo e o destino que você fala. Assim,
nada posso fazer, pois o tempo faz todos
murcarem; mas quando morrem, ao fim
de seu tempo, dou-lhes descanso,
paz e força. Por um período, eles vivem
dentro da luz da lua e com os espíritos
da lua, depois voltam ao reino dos vivos.
Mas você é tão linda que eu lhe peço
Não retorne, e sim, permaneça aqui comigo."

Mas ela respondeu: "Não, pois não o amo".
Então, Dis respondeu: "Se você se recusa
A me aceitar, então deve se ajoelhar diante
Do castigo da Morte". A Deusa respondeu:
"Se assim deve ser, então é o destino,

e seja bem servido!" Diana se ajoelhou
em submissão à mão da morte,
e ele a açoitou tão ternamente,
que ela gritou: "Eu conheço a sua dor
e a dor do amor".

Dis a levantou e disse: "Abençoada seja,
Minha Rainha e minha Senhora". Então,
Ele lhe deu os cinco beijos
Da iniciação, dizendo: "Somente assim
Possa você se ater ao conhecimento
E à alegria". E ele lhe ensinou todos os
Seus mistérios e lhe deu o colar
Que é o círculo do renascimento.
E ela ensinou a ele todos os mistérios
Do cálice sagrado, que é o
Caldeirão do renascimento.

Eles se amaram e se uniram; e, por um tempo,
Diana viveu no reino de Dis. Pois há três mistérios
Na vida do homem, que são: Nascimento
Vida e Morte (e o amor controla todos eles). Para
satisfazer o amor, você deve voltar
ao mesmo lugar e época, assim como aqueles
que amou antes. E você deve encontrar,
Reconhecer, lembrar e amar novamente
Todos eles. Mas para renascer, você deve morrer
E se preparar para um novo corpo.
E para morrer você deve renascer, mas
Sem amor, não poderá nascer
Entre os de sua espécie.
Mas a Deusa se inclina a favor
Do amor, da alegria e da felicidade.
Ela guarda e acalenta seus filhos
ocultos nesta vida e na próxima.
Na morte, revela o caminho para a
Comunhão com ela e na vida, ensina
A magia do mistério do Círculo
(que é posto entre os mundos
dos homens e dos deuses).

5. No quadrante oeste, coloque uma vela branca acesa. Faça uma pausa e depois a apague, dizendo:

*Diana vive agora no Reino do Venerável
Senhor das Sombras. O mundo ficou frio e sem vida.
Mas não lamento esta estação sombria, pois
Tudo é como deve ser. Portanto, me aproximo
Do Senhor Negro e o abraço. Conforto-me
No conhecimento de Sua Essência.
Que meu caminho seja abençoado
Em nome do Deus.*

6. No quadrante norte coloque a lâmina espiritual e a varinha. Depois assuma a Posição do Deus, olhando os instrumentos (sul). Recite o seguinte:

*No amor, o reino da Deusa
se rende ao reino do Deus.*

- Pegue os instrumentos rituais e coloque-os no quadrante norte novamente. Sente-se de frente para a caveira e recite a Proteção do Deus:

*Estas são as palavras do Deus:
"Numa pedra caída de um templo, ou
numa ravina esquecida, lá se reunirão
todos os que buscam saber meus mistérios
sagrados. Eu sou Aquele que protege e
Aquele que revela todas essas coisas.*

*Eu sou o Senhor da Terra e do Céu,
Dos rochedos pedregosos e florestas escuras
E profundas. Eu estava lá quando o mundo
Era novo e ensinei-os a caçar
E a colher plantas para comer. Olhem
Dentro de vocês, pois estou aqui. Eu sou
A força a que vocês recorrem
Em tempos de necessidade. Eu
Sou o que conquista o medo. Eu sou
Seu anseio de ser livre e sua
Necessidade de ser preso.*

*Em meu amor por vocês, desisto de minha vida.
Morro, mas levanto-me de novo. Preparo
O caminho para sua jornada, indo
Sempre à sua frente. Pois é me tornando
Um de vocês, que vocês se tornam como eu.*

*Ouçam o trovão, lá estou eu. Vejam
O falcão e o corvo pairando nos ares, lá estou.*

*Vejam o grande lobo e o gamo surgirem
Na clareira da floresta, lá estou.
Fechem os olhos no final de seus dias
E lá estou eu, esperando na pedra do templo".*

7. Leve o ícone da Deusa do altar para o quadrante oeste e coloque-o lá. Recite:

*Estas são as palavras da Deusa:
"A roda do ano girou,
de Ciclo a Ciclo, de Tempo a Tempo.
Viajei ao Reino Oculto das Sombras
Para preparar-lhes um lugar.
A agudeza da estação, deixo atrás de mim.
Acendam para si mesmos um fogo de amor
E me lembrarei de vocês e retornarei a vocês.
Pois vocês são os Guardiões da Chama
E aqueles que acendem a chama,
Jamais abandonarei.*

*Na mudança da estação sombria
Vocês saberão que me aproximo
De novo. E farei voltar então
A verdura das plantas e árvores;
Então, saberão que eu cheguei".*

8. Dirija-se ao altar e retire o cálice. Coloque a vela no quadrante oeste, depois coloque o cálice de vinho em frente ao ícone da Deusa. Levante o cálice e coloque a ponta da varinha nele (ponta para baixo).
9. Coloque a vela em frente ao cálice e acenda-a. Dirija-se para o quadrante norte, pegue a caveira, volte ao quadrante oeste e ponha a caveira em frente à vela.
10. Pegue a vela em uma das mãos e a caveira na outra. Depois recite:

*Esta é a luz que nasce
Na estação anterior. Aceito agora
A essência do Deus.*

11. Apague a vela com a caveira.
12. Sinta o sabor de um pequeno pedaço de raiz de arruda mergulhada no vinho.
13. Coloque o caldeirão no quadrante norte. Encha-o com as folhas secas e acenda-as. Coloque a oferenda em frente ao caldeirão. Olhe para as chamas do caldeirão e recite:

*Contemplem o útero da Deusa
Da Noite, que desperta a Criança
Do ano vindouro. Ó símbolo do Mistério
Pelo qual retornamos, eu homenageio
Sua Essência e a magia que emana
Da União com você.*

14. Faça o gesto de manifestação ao caldeirão e recite:

Oh, apresente o Filho da Promessa.

15. Retire a caveira do quadrante oeste e segurando-a, recite:

*Estarei segura no poder protetor
Do Deus. Não terei privações
Nem sofrerei, pois estou sob seus cuidados.
Portanto, festejo e celebro tudo
Em honra dele.*

16. Celebre com vinho e bolos.

17. Feche o círculo ritual e apague todas as velas.

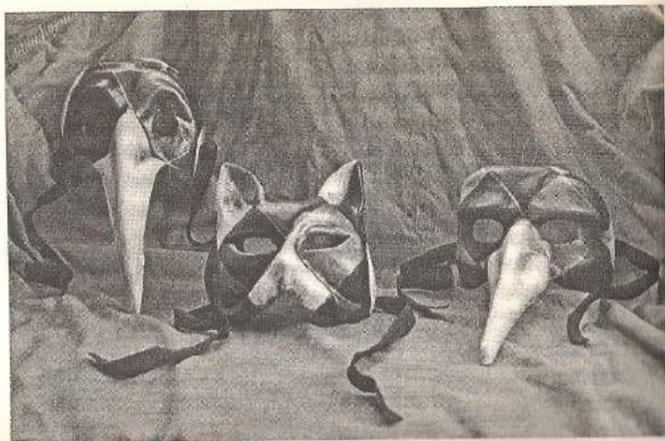


Figura 33
Máscaras do Festival Veneziano. Estas são réplicas modernas das máscaras medievais tradicionais usadas em ritos sazonais. (Da coleção Clá Umbrea.)

SOLSTÍCIO DE INVERNO (*La Festa dell' Inverno*)

Itens necessários (além dos itens rituais comuns):

Ramo de sempre-verde
Pequena tora de carvalho
Pequena vela "deus recém-nascido" para a chama do deus
Caldeirão
Oferendas

1. Faça o círculo ritual.
2. Junto ao altar, recite:

*Assinalo agora, nesta época sagrada,
O renascimento do Deus Sol. É a Grande
Mãe que o dá à luz. É o senhor da vida nascido de novo.
Da união do Senhor e da Senhora,
Ocultos no Reino das Sombras, apresenta-se
Agora o Filho da Promessa!*

3. Coloque o ícone divino no quadrante norte. Faça o Rito da União com a imagem do Deus e recite:

*Convoco agora no Portal do Poder do Norte,
Peço ao Antigo Deus, Aquele que trouxe as feras
Do campo e da floresta. Chamo o antigo Deus,
Aquele que foi o amado das tribos Anciãos.*

4. Assuma a Posição do Deus e recite:

*Meu Senhor, eu o saúdo, ó Cornífero,
Ornado com os raios do Sol,
Por cujas bênçãos e graça a vida
Renascera sempre. Veja, venho
À sua presença nesta hora determinada.
Abençoe-me e aos dias antes de mim.
Estes presentes lhe ofereço.*

5. Coloque um vaso no quadrante norte e ponha a oferenda dentro dele.
6. Sente-se em frente ao caldeirão e recite:

*Ó antiquíssimo provedor, Senhor da Luz
E da Vida, rogo-lhe que cresça forte
Para eu passar o inverno em paz
E fartura. Emane seu calor e seu amor*

*Para que o frio e o rigor do Inverno
Não façam definharem Seus seguidores.*

*Ó Antiquíssimo, ouça-me! Proteja
E abasteça no rigor destes tempos.
Eu o venero e me coloco em seus cuidados.
Abençoados sejam todos em Deus!*

7. Unte-se com óleo e experimente a ruta (ramo de arruda) preparada, dizendo:

Abençoado seja na proteção Dele.

8. Leia em voz alta o Mito da Estação:

*Chegou o tempo no Reino Oculto
das Sombras, que Diana daria à luz
O Filho do Grande Senhor Negro.
E os Senhores dos quatro cantos vieram
E contemplaram o Deus recém-nascido. Então, aconteceu
Que os Grandes Senhores foram trazidos
Ao trono do Senhor Negro. E eles disseram:
"Aqui o encontramos, ó Diano?" e o Grande replicou:
"Sim, sou eu. Agora verdadeiramente
viram minhas duas faces". Depois Diana foi
aos quatro Senhores, dizendo: "Levem meu filho,
que nasceti de Diano, para que ele possa
trazer vida ao Mundo, pois o Mundo
tornou-se frio e sem vida". Então,
os Senhores dos quatro cantos partiram
para o mundo dos homens, levando o novo
Senhor do Sol. E o Povo se alegrou,
Pois o Senhor tinha vindo para que
Tudo na terra pudesse ser salvo.*

9. Coloque uma vela no caldeirão e acenda-a. Simbolicamente, faça-a nascer por meio do caldeirão.

10. Uma vez nascida, leve a chama para o quadrante leste. Apresente-a e proclame:

*Salve o Sol recém-nascido.
Salve Diano, Salve Lupercus,
Salve Senhor do Sol.*

11. Repita em cada quadrante.

12. Pegue a chama divina do norte e faça uma passada completa em volta do círculo. Ao voltar ao norte, levante a chama no seu quadrante e depois coloque-a no altar.

13. Recite no altar:

*Que o espírito esteja alegre e o coração
Não se desespere. Pois neste dia sagrado
Nasceu Aquele cuja Luz vai salvar
O mundo. Ele veio das Trevas
E Sua Luz foi vista no leste. Ele é
O Senhor da Luz e da Vida.*

14. Faça o gesto do Deus Cornífero com a mão, em direção à chama divina.

*Contemple o Sagrado, o Filho
Da Promessa! Ele que nasce no mundo,
Sacrifica-se pelo mundo
E sempre se levanta de novo!*

15. Agora traga o ramo de sempre-verde e coloque-o diante do altar. A pequena tora de carvalho deve ser colocada no centro do ramo. A chama divina é então colocada em cima de tudo (simbolizando o Senhor da Luz e o Senhor da Vegetação como sendo um e o mesmo).

16. Estenda as palmas acima da chama divina e recite:

*Vejam o Deus, cuja vida e luz
Vivem dentro de mim. Ele é o Cornífero
Senhor da Floresta e o Encapuzado; Senhor da Colheita e
O Ancião; Senhor dos Clãs.
Portanto, eu lhe presto homenagem.*

17. O ritual é então concluído com a refeição de bolos e vinho. Feche o círculo quando terminar.

LUPERCUS (*Festa de Lupercus*)

Itens necessários (além dos itens rituais costumeiros):

Manto de pele simbólica de lobo

Pele simbólica de cervo ou tira de pele de bode (para açoite).

Pequena peça de pêlo ou pele para energizar o cálice (geralmente lobo ou bode)

Uma pequena vela para uso pessoal

Uma tocha de Lupercus ou Vela (para a apresentação)

1. Disponha o círculo da maneira usual.
2. Recite a abertura do rito:

*Venho a esta hora sagrada para fazer o devido
Louvor e veneração ao Senhor da Luz.
Aquele que era Diano se levantou
Novamente, e entra no Mundo para
que todos os Povos da Terra possam
Ser salvos. Assinalo agora, nesta hora
Determinada, o crescente esplendor do jovem
Deus. Ele que é Lupercus, Senhor da Luz,
Exterminador das Trevas, o Grande
Lobo Dourado.*

3. Acenda uma vela do altar e marque o círculo a partir do norte, voltando outra vez ao norte, enquanto recita:

*Olhe o Deus da Luz, Ele que
Dominou os doze trabalhos dos
Grandes Senhores. Ele que faz o mundo
Se alegrar com seu nascer. Ele cuja Luz
Traz a Salvação para a terra.*

4. Dirija-se ao quadrante leste e comece a invocação tonal ao Deus enquanto assume a posição do Deus:

*Vorte tu apro esa datae Lupercus!
Orphae il athe daei aldus ayeo kae
Aeto. Nigla gai avato kiel nada omnae,
Arae il athe okri maedeta, doma akaes
Lae il ba!*

5. Pegue uma vela não acesa e vá até o norte, faça uma pausa, prossiga para o sul, dizendo:

*Ó Ancestral, irradiado de esplendor
E ornado com poder, abraça-me, pois
sem Você com certeza morrerei.
Agora é a hora determinada e ofereço
Esta veneração. Aqueça agora
As sementes adormecidas sob a terra fria,
Dentro do útero da Grande Mãe.
Conforte-me e renove minha força!
Olhe este círculo que preparei;*

*Acendi os antigos fogos
E fielmente o sirvo. Espero
Sua emanação de calor.*

No quadrante sul acenda a vela e depois vá para o leste e coloque uma oferenda a Lupercus.

6. Vá para o leste e energize o cálice de vinho (embrulhe-o na peça de pele e gire-o no sentido horário enquanto visualiza no vinho um sol recém-aceso).
7. Segure o cálice na direção leste e diga:

*Veja a fria bebida da Imortalidade.
Pois de ora em diante é a Essência da Vida
E a Doação da Vida. Que agora meu coração
Fique alegre enquanto bebo da Luz do
Rejuvenescimento, recebendo isto
Em meu sangue para ser realizado.*

8. Beba o vinho.
9. Recite a prece final:

*Rendo agora o devido elogio e veneração
Ao Senhor da Noite. Pois ele é
O símbolo do Mistério pelo qual
Renaço de novo. Passa eu sempre me alegrar
Com o Seu levantar, pois com este, me junto
À Essência do Rejuvenescimento e
Renascimento. Salve e adoração a Você,
Ó Senhor da Luz.*

10. Cubra-se com o manto do lobo e sente-se diante do altar. Apague todas as velas, exceto as do altar e abra uma passagem para fora do círculo.
11. Pegue a tira de couro com a mão dominante e diga:

*Acordo agora para o açoite do Deus.
Assim, serei purificada e me erguerei nova
Por dentro.*

Estale o chicote por cima do ombro, batendo nas costas pelo menos três vezes. A força do açoite deve atingir apenas de leve. Tradicionalmente, deve-se bater também nos seios, nas costas e nas nádegas.

12. Termine a celebração com bolos e vinho.

EQUINÓCIO DE PRIMAVERA (*Equinozio della Primavera*)

Itens necessários (além dos usuais):

Caldeirão

Tocha para representar a "Luz Divina"

Tocha para representar a luz restituída da Deusa

Oferendas para a Deusa

Toalha pequena (de mão)

Cordão vermelho, longo o suficiente para amarrar estátuas

Pequena toalha branca com uma mancha vermelha

(originalmente de pele de lobo)

Bolsa para guardar oferendas

Bolsa com terra

Bolsa com sementes

Sementes para bênção e para plantar (você pode substituir por símbolos de suas necessidades ou desejos)

1. Faça o círculo da maneira habitual, e coloque a estátua do Deus no quadrante norte, junto com a bolsa de sementes.
2. Fique em pé diante do altar e diga:

*Determino agora, neste momento de reunião,
o início da Ascensão de nossa Senhora, vinda
do Reino Oculto das Sombras.
Pois esta é a hora, por vontade Dela,
para a Luz e a Vida do Mundo.
Determino também a morte do Deus Lobo
e o esplendor do novo jovem Deus,
irradiado de poder, Senhor do Céu.*

Realize o Rito de União com o altar (olhando fixamente as estátuas ou as tochas simbólicas). Depois coloque as sementes sobre a toalha branca manchada com a marca vermelha e abençoe as sementes para plantar:

*Abençoadas sejam estas sementes, em
Nome de Diana e Diano. Que elas cresçam
Fortes e exuberantes, fornecendo uma
Colheita abundante para todos. Em nome de
Diana e Diano, que assim seja.*

Coloque a bolsa com as sementes de volta no quadrante norte.

3. Recite o Mito da Ascensão:

*Aconteceu que Diana sentia falta
Da Luz do Mundo e de Seus muitos Filhos.
Ela partiu do Reino Oculto em segredo,
Deixando o Senhor Negro com sua
Solidão.*

*No Reino Oculto das Sombras,
Diana teria o Filho do Grande Senhor Negro.
E os Senhores dos Quatro Cantos
Vieram e contemplaram o Deus
Recém-nascido. Depois, eles contaram
A Diana sobre a angústia do Povo
Que vivia no Mundo e como sofriam
No frio e na escuridão. Então, Diana
Suplicou aos Senhores que levassem Seu filho
Para o Mundo e assim o Povo se alegrou,
Pois o Deus Sol tinha voltado.*

*E aconteceu que Diana sentia falta
Da Luz do Mundo e de Seus muitos
Filhos. Então, ela viajou para o Mundo
E foi recebida com grandes festas.*

*Depois, Diana viu o esplendor do novo Deus
A cruzar os céus e O desejou. Mas toda noite
Ele voltava para o Reino oculto
E não podia ver a beleza da deusa
No céu noturno.*

*Assim, uma manhã a Deusa se levantou
Logo que o Deus apareceu, vindo do
Reino Oculto e se banhou nua
No sagrado lago de Nemi. Então os Senhores
Dos Quatro Cantos apareceram a Ele
E disseram: "Veja que doce beleza tem
A Deusa da Terra". Ele olhou para Ela
E foi atingido de tal modo por Sua beleza,
Que desceu à terra na forma de um grande gamo.*

*"Vim brincar perto de seu banho," Ele falou,
mas Diana olhou fixo para o gamo
e disse: "Você não é um gamo, mas um Deus!"
Ele respondeu: "Eu sou Faunus, Deus da Floresta.
Mas quando me levanto no Mundo, também toco*

*O céu e sou Lupercus, o sol, que expulsa
O Lobo da Noite. Mas além de tudo isso,
Sou Diana, o primeiro Deus nascida!"*

*Diana sorriu e saiu da água com toda sua beleza.
"Eu sou Fana, Deusa da Floresta, mas diante de você,
sou Jana, Deusa da Lua. Mas além de tudo isso,
sou Diana, a primeira deusa nascida!"*

*Diano tomou-a pela mão e juntos passearam
pelos campos e florestas, narrando seus contos
de antigos mistérios. Eles se amaram e foram Um
e juntos reinaram sobre o Mundo. Mesmo apaixonada,
Diana sabia que o deus logo passaria
para o Reino Oculto e a Morte viria ao Mundo.
Então Ela deveria descer e abraçar
O Senhor Negro e dar à luz o fruto de sua União.*

4. No quadrante norte, levante a estátua do Deus e diga:

Onde está minha Senhora?

5. Ponha a estátua de volta no lugar e levando uma vela acesa, comece a andar a partir do norte para cada um dos quadrantes. Depois de passar novamente pelo quadrante norte, pare no leste.

6. Levante a vela na direção norte e diga:

*Ó Senhor Negro, Sua Senhora vem a mim
E eu A recebo com grande alegria.
Todas as coisas vivas sabem
Que Ela está perto e o mundo se movimenta
Com Vida outra vez. A Senhora viaja agora
Para devolver Sua Essência
À floresta, campo e vale.*

7. Pegue a estátua da Deusa e diga:

*Ouçam-me, pois me aproximo!
Ouçam-me, todos os que dormem nos
Braços do Inverno, acordem para renascer,
Apresentem-se agora. Recebam minha essência
E se tornem cheios de Vida e de desejo
Pela Vida.*

8. Ponha a estátua no lugar, estenda as palmas das mãos sobre ela e diga:

*Ó Grande Deusa da Terra, retorne em sua abundante
Natureza, linda Donzela da Juventude, Alegria e Amor.
Só você pode quebrar o feitiço do Inverno e
Encantar a Terra com Sua Essência. Salve a Grande Deusa!*

9. Pegue a bolsa com terra e amarre-a na estátua da Deusa. Retire a estátua do Deus e a bolsa de sementes do quadrante norte. Coloque as duas estátuas juntas e amarre a bolsa de sementes na estátua do Deus. Pegue um cordão vermelho para amarrar as duas estátuas juntas, como um casal.

10. Abra a bolsa de terra e derrame um pouco de vinho dentro dela. Depois abra a bolsa de sementes e empurre algumas sementes na terra molhada. Tire a mistura e coloque-a na toalha pequena. Ponha a toalha dentro do caldeirão (quadrante leste). Coloque a varinha dentro do caldeirão, faça o gesto de triângulo de manifestação sobre o caldeirão e diga:

Abençoados sejam o Arado, a Semente e o Sulco.

11. Coloque as estátuas amarradas diante do caldeirão e diga:

*Vejam a Beleza da Deusa! Ela, que é Fana,
Senhora da Terra; Ela que é Jana,
Mestra da Lua; Ela que é Diana,
Soberana do Universo!*

*Vejam o Poder do Deus! Ele que é Faunus,
Senhor da Terra; Ele que é Lupercus,
Mestre dos Céus; Ele que é Diano,
Soberano do Universo!*

12. Coloque suas oferendas pessoais no caldeirão. Preces, pedidos ou bênçãos podem ser oferecidos agora.

13. Pegue uma vela acesa e, começando pelo norte, caminhe por todos os pontos do círculo, três vezes.

14. Faça o gesto do triângulo de manifestação sobre o caldeirão e as estátuas, dizendo:

*Você é verdadeiramente o Poder de todas as coisas.
Você é a terra, o céu e além.*

A celebração termina com vinho e bolos. Posteriormente, os itens do caldeirão são recolhidos e colocados dentro de uma bolsa. Para carregar a área com energia fértil, enterre a bolsa num campo de plantação (para aumentar a colheita) ou pendure-a numa árvore dentro de um bosque (para uma caçada abundante). Você pode

adaptar esta parte do ritual a suas necessidades pessoais; por exemplo, pode carregar a bolsa escondida no corpo quando for a uma entrevista de emprego, quando quiser um empréstimo para a casa própria ou precisar comparecer a uma corte judicial.

DIA DE DIANA (*La Giornata di Diana*)

Itens necessários:

Uma pequena coroa de flores
Uma vela pequena
Uma flor fresca
Espada ritual

1. Trace o círculo da maneira usual.
2. Faça a saudação no altar:

*Nesta época alegre eu dou boas-vindas
À volta da Senhora. Aquilo que começou
No Tempo das Sombras chegou à sua
Totalidade. De Ciclo a Ciclo, de Tempo
A Tempo, de Era a Era.
Assim como era no princípio,
Assim é agora, assim será.*

3. Dirija-se ao quadrante sul e faça a saudação:

*Todas as coisas passam, de estação
A estação, de ano a ano. A Senhora
Voltou novamente para seus Ocultos Filhos
Do Tempo. E a Deusa sempre concede
Amor e paz e guarda e acalenta
Seus Filhos Ocultos na Vida.*

*Na Morte, Ela ensina o caminho para
Sua Comunhão e neste mundo, Ela
Ensinou o mistério do círculo mágico,
Que é colocado entre os mundos
Dos homens e dos deuses. E para isto
A Senhora desceu, em tempos antigos,
Ao Reino das Sombras.*

*E o Senhor das Sombras ficou
Enfiteicado por Sua Beleza. Ele
Ensinou-Lhe os mistérios da Morte e
Renascimento. E apaixonado, curvou-se
Diante Dela e Lhe deu todo o Poder.*

Coloque a coroa de flores na cabeça da estátua da Deusa. Realize o Rito da União, olhando para a estátua da Deusa.

4. Ponha a espada em frente da estátua e diga:

*Minha Senhora, todo o poder lhe foi dado,
Pois assim foi ordenado. Com amor existe
a submissão aos Seus caminhos,
E o reino foi entregue em Suas mãos.*

5. Recite a Exortação de Arádia:

*Sempre que precisar de alguma coisa,
uma vez por mês, quando a lua estiver cheia,
venha a um lugar deserto ou onde
houver bosques e faça sua devoção a Ela,
que é a Rainha de todas as Bruxas.*

*Venham todas juntas para dentro de um círculo
e segredos que são ainda desconhecidos
serão revelados. Suas mentes devem estar livres,
assim como seus espíritos; e como sinal
de que são realmente livres, deverão
estar nuas em seus ritos. E vocês se alegrarão
e cantarão, fazendo música e amor.
Pois esta é a essência do espírito
E o conhecimento da alegria.*

*Sejam fiéis a suas crenças e não se afastem
dos Caminhos, seja qual for o obstáculo.
Pois nossa é a chave para os mistérios e
Para o ciclo de renascimento, que abre os
Caminhos para o Útero da Iluminação.
Eu sou o espírito de todas as Bruxas, e isto
É alegria, paz e harmonia.
Na Vida, a Rainha de todas as Bruxas
Revela o conhecimento do espírito.
E na morte, a Rainha as entrega à paz.*

*Quando eu tiver partido deste mundo,
em minha memória façam bolos
de grãos, vinho e mel. Façam-nos
em forma de lua e depois partilhem
o vinho e os bolos, tudo em minha memória.
Pois fui enviada a vocês pelos Espíritos dos*

*Anciãos e vim para que possam ser
Livres de toda escravidão. Eu sou a filha do sol
E da lua, e mesmo tendo nascido neste mundo,
Minha raça é das estrelas.*

*Façam oferendas a Ela, que é sua mãe.
Ela é a beleza do Verde Bosque e a luz da lua
Entre as estrelas; é o mistério
Que dá vida e sempre nos chama
Para nos reunirmos em Seu nome.*

*Que a devoção a Ela seja os caminhos
dentro de seus corações, pois todos
os atos de amor e prazer são rituais
para a Deusa. Mas aqueles que a procuram,
saibam que sua busca e seu desejo
não terão recompensa até que compreendam
o segredo. Porque se o que procuram
não está dentro de vocês, nunca o encontrarão
fora. Ela tem estado com vocês desde
que entraram para os caminhos e ela é
quem as espera no fim de sua jornada.*

6. Dirija-se ao quadrante leste e recite:

*Salve e adoração, Ó Grande Diana!
Você que é a Grande Deusa da Lua
Rainha do Céu, Senhora da Terra,
Eu lhe dou boas-vindas e me alegro
Em sua presença.*

Coloque a flor fresca diante da estátua da Deusa, beije a estátua e diga:

Abençoadas sejam na Deusa.

7. Pegue um cálice de vinho, murmure o nome da Deusa na superfície do vinho e beba-o.
8. A celebração ritual continua com bolos e vinho.

FESTA DO VERÃO (*La Festa dell'Estate*)

Itens necessários (além da estrutura ritual costumeira):

Flores para a procissão
Símbolos para o Deus e a Deusa

Caldeirão

Líquido para libação (néctar/ambrosia)

Quatro tigelas pequenas para libação (nos quadrantes)

Oferendas (uma para as Deidades e outra para os espíritos da Natureza)

Talo de erva-doce

Talo de sorgo

1. Trace o círculo da maneira usual.
2. Estando fora do círculo, abra um portal no ponto nordeste.
3. Passe através do portal, jogando flores ao entrar.
4. Sele o portal.
5. No altar, recite:

*Venho nesta noite sagrada da Véspera do Verão
e me junto aos poderes e forças desta mística
Estação. Nesta noite, os Folletti se reúnem,
assim como os espíritos da Natureza,
dos quais sou semelhante. Pois a Bruxa e a Fata
são da mesma Raça.
Assim como era no nosso princípio,
Assim é agora e assim será.*

6. Ponha os símbolos do Deus e da Deusa diante do caldeirão, colocado no quadrante sul, e recite:

*Aqui está o Casal Divino, cuja União
Dá Vida ao Mundo. Abençoados sejam todos
No Deus e na Deusa.*

Execute o Rito da União olhando para os símbolos.

7. Coloque as oferendas à Deidade no caldeirão, no quadrante sul.
8. Dirija-se a cada um dos quatro quadrantes e derrame uma libação de néctar nas tigelas ali dispostas com esse intuito.
9. Coloque as oferendas ao espírito da Natureza nos quatro quadrantes.
10. Recite no altar:

*Ó espíritos das forças elementais, ouçam-me
E recebam estas bênçãos. Ó espíritos da terra,
Ó poderes, ouçam-me e recebam estas bênçãos.
Ajudem-me, nesta noite sagrada, a conservar
O equilíbrio natural que mantém vital*

*A essência da terra. Que sempre haja água
Corrente e clara, frescura no ar, fertilidade no solo
E vida abundante no mundo.*

11. Execute a peça dramática da luta entre as forças da Luz e das Trevas. (O talo de erva-doce representa os poderes da Luz e o sorgo representa os poderes das Trevas.) Segure os dois talos na forma de um "X" diante de você. Começando pelo quadrante leste, caminhe em volta do círculo e termine no norte. No final, quebre o talo de sorgo e levante o de erva-doce, em sinal de vitória. Depois apresente o talo de erva-doce a cada quadrante, dizendo:

*Abençoado seja o poder da Luz.
Abençoado seja o poder da Vida.*

12. Ponha o caldeirão no quadrante leste. Corte fora uns quatro ou oito centímetros do talo de erva-doce e coloque no caldeirão, junto com um pouco de incenso em pó. Acenda o incenso e recite:

*Liberto o poder da luz, a força crescente,
Pela qual exorto Você, ó Sagrado Éter
De nosso mundo. Que esteja livre de todo o mal
E negatividade. Eu o exorto para o bem
De toda a vida neste nosso mundo.*

13. Visualize o poder da Luz se elevando na fumaça do incenso. Mentalmente, dirija o poder para o éter da Comunidade.
14. Termine o ritual com celebração de bolos e vinho. Feche o círculo. Deixe as tigelas de libação ao ar livre durante a noite, para os espíritos da Natureza. Costuma-se dizer que na noite da Véspera do Verão, todos os espíritos da Natureza se reúnem em celebração. Fadas, gnomos e todos os "pequenos" se reúnem nos bosques, florestas e em qualquer lugar secreto ou escondido. Se na manhã seguinte você os vir, ou encontrar alguma evidência da festa deles, receberá uma bênção especial. Se passar por acaso em qualquer um de seus locais de reunião, tenha o cuidado de não mexer em nada. Deixe tudo como encontrou.

CORNUCÓPIA

Itens necessários (além dos itens rituais costumeiros):

Ícone da cornucópia
Oferendas para a colheita
Incenso de cornucópia
Caldeirão

1. Trace o círculo da maneira usual.
2. No altar, recite:

*Venho neste dia determinado
Em antecipação de fartura. Reconheço
A Graça da Mãe Terra e do Pai Céu.
Dele recebi a Sagrada Emanação, que a Mãe nutriu
E entrega a mim.*

Execute o Ritual da União para as tochas/símbolos do Deus e da Deusa.

3. Coloque oferendas no sul e recite:

*É bom e correto fazer oferendas
ao Grande Deus e Deusa. É adequado
agradecer por tudo que é bom em minha vida.
Pois os Grandes me abastecem e devo sempre
Lembrá-los e dar graças.*

4. Acenda o caldeirão no quadrante sul e coloque nas suas chamas um símbolo de suas necessidades ou pedidos. Podem ser escritos em pergaminho ou tecido e queimados no fogo do caldeirão.
5. Coloque o caldeirão diante do altar e derrame incenso perfumado nas suas chamas, dizendo:

*Eu os invoco, Diana e Diano e oro para que
Recebam meus anseios e desejos que se elevam
Na fumaça deste incenso. Rogo que me concedam
Meus pedidos e os façam se completar, assim
Como trazem à vida o fruto da semente.
Em seus nomes, que assim seja.*

6. Sente-se diante do caldeirão e recite:

*Pronuncio agora as palavras de Arádia, a Strega Sagrada:
"Saibam que cada ação traz uma semente e que essas
ações juntas são ligadas através de suas naturezas.
Portanto, o que quer que mande adiante,
Do mesmo modo receberá. Um lavrador
Não pode colher para si mais do que planta.
Portanto, vamos considerar o que é bom
Em nossas vidas e o que é cheio.
Consideremos, também, o que é ruim e
O que é vazio. E meditemos sobre as razões
De todas essas coisas".*

7. Abençoe os bolos rituais e o vinho. Levante a varinha, dizendo:

Bendito seja o arado.

Depois levante o cálice e diga:

Bendito seja o sulco.

Abaixe a varinha no vinho, dizendo:

*Aqui está a Essência da União
De Diano e Diana, da qual todas as coisas
São renovadas e tomadas vivas.*

Trace um "X" sobre os bolos, abra a palma da mão esquerda sobre eles e diga:

*Aqui está a substância da União
De Diano e Diana, da qual todas as coisas
São estabelecidas e renovadas.*

8. Coloque os bolos e o vinho no altar e diga:

*Em nome de Diana e Diano,
Benditos sejam estes símbolos.
Benditos sejam o Arado, a Semente e o Sulco.
Benditos sejam seus mistérios.*

9. Termine o ritual com a celebração de uma festa de vinho e bolos.

EQUINÓCIO DE OUTONO (*Equinozio di Autunno*)

Itens necessários:

Uma vela branca para representar a chama divina
Ruta (galho de arruda)
Vaso receptor para a "essência" do grão
Caldeirão de oferendas (quadrante oeste)
Grão e Bolsa
Um filão de pão
Cordão vermelho para amarrar em volta da vela do Deus no altar
Folhas de carvalho e vaso para contê-las
Ícone do Deus sacrificado
Ícone da Deusa

- Trace o círculo da maneira usual.
- No altar, recite o seguinte:

*Venho nesta época sagrada para me rejubilar
Pela abundância que veio ao mundo.*

*Também ainda para honrar Diano,
O Senhor sacrificado por mim.
Chegou o tempo em que todas as coisas
Cresceram em sua totalidade
E são colhidas pelo caçador e pelo camponês.
Assim como era no princípio,
Assim é agora e assim será.*

3. Fique em pé no quadrante leste; depois dirija-se ao oeste, levando a vela da chama divina e recitando:

*Adeus, ó Senhor das Duas Faces, que fica
Na Luz e dentro das Trevas. Deus Oculito
Que sempre permanece e sempre parte
Para o Reino Oculto através do Portal das Sombras;
Soberano das Alturas e das Profundezas.
Adeus, ó Senhor da Terra. Em você está
A União entre a humanidade e os Deuses.
Você vive dentro da Semente Sagrada,
A semente do grão maduro e a semente da carne.
Você se esconde na Terra
E se levanta para tocar as estrelas.*

- Amarre a bolsa com grão no cordão de sua cintura, colocando-a de modo que fique acima da área genital. Pegue a vela da chama divina e caminhe em volta do círculo três vezes, começando pelo quadrante norte.
- Dirija-se ao quadrante oeste carregando a chama divina. Remova a bolsa suspensa na cintura e coloque-a no vaso receptor colocado dentro do Caldeirão de Oferendas.
- Apague a chama divina com um ramo de arruda e depois recite:

*O Deus partiu de sua moradia brilhante nos céus,
Pois a Estação chegou. A Morte virá para o mundo,
Pois o Inverno se aproxima. O Deus da Luz
Agora se torna o Senhor das Trevas.*

- Pegue um vaso e coloque-o no oeste. Ponha algumas folhas de carvalho dentro dele e depois prove alguns grãos colocados ao lado do vaso.
- Recite:

*Nos tempos antigos, o Senhor e a Senhora viviam
na antiga floresta de Nemi. A Senhora seduziu
o Senhor e lá ela recebeu a Semente Sagrada
Da qual todas as coisas brotam.*

*Mas o Senhor não sabia do segredo
Que apenas a Deusa conhecia,
Pois Ela tinha extraído dele a Vida.
E o Mundo ficou cheio de todas as formas
De animais e de tudo que cresce da terra.*

*Então veio o tempo em que todas as coisas
Cresceram por inteiro e foram colhidas
Por caçadores e camponeses. E nesse tempo
O Deus foi morto e arrastado na Colheita.*

9. Coloque o ícone do Deus Sacrificado no quadrante norte, junto com o ícone da Deusa. Agora você deve fazer o diálogo sagrado, segurando o ícone adequado em ambas as mãos e dizendo:

Deusa: *Venho em busca de Vós, é aqui que começo?*

Deus: *Comece a me procurar e eu ficarei pequeno como uma semente
E você passará por mim, sem me ver.*

Deusa: *Então eu partirei a casca,
racharei o grão e quebrarei a vagem.*

Deus: *Mas eu me esconderei debaixo da terra
Tão quieto que você passará por mim, sem me ver.*

Deusa: *Então eu o levantarei em louvor
E o cobrirei com um manto de Verdura.*

Deus: *Mas eu me esconderei dentro do Verde
E me cobrirei e você passará por mim sem me ver.*

Deusa: *Então eu rasgarei a casca,
arrancarei a raiz e baterei a palha.*

Deus: *Mas eu me espalharei e dividirei
E serei tantos que você passará por mim sem me ver.*

Deusa: *Então eu o recolherei, juntarei os pedaços
E o farei Um outra vez.*

10. Coloque o Sagrado Filão de Pão no altar.

11. Segurando o punhal ritual, apontado para o pão, recite:

*Vejam o Senhor da Colheita.
Bendito seja o Senhor da Colheita.*

12. Afunde o punhal no pão e corte-o em oito pedaços. Depois recite:

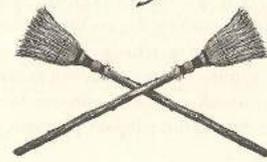
*Vejam o Senhor, o Homem Verde, o Rei Gamo,
O Encapuzado. Agora ele foi juntado para ser Um de novo.*

13. Coma um pedaço de pão e beba uma porção de vinho tinto. Recite:

*Com isto sou agora Um com Ele.
Sou do Sangue Sagrado. O que era no princípio
É agora e sempre será.*

14. Ponha um pedaço de pão em cada um dos quatro quadrantes. Os três pedaços restantes representam os três aspectos do Deus: o Encapuzado, o Cornífero e o Ancião. Enterre esses pedaços no jardim, em terra fértil ou nos bosques. A celebração termina com bolos e vinho.

A arruda usada neste ritual é tirada de uma planta inteira, da qual dois pedaços são usados no Equinócio de Outono e o resto é posto para secar e guardado para o Solstício de Inverno. É o símbolo de Morte e Renascimento, Crescente e Minguante, é a Planta da Raiz Divina. Esta planta germina da semente plantada no Equinócio de Primavera.



Ritos e Símbolos Rúnicos

Quase todas as sociedades secretas possuem um alfabeto especial ou um conjunto de símbolos. De modo geral, o objetivo de empregar esses símbolos é evocar um sentido de mistério, o que ajuda a afinar e alinhar a mente, estabelecendo o fato de que a pessoa agora entrou em algo não mais mundano; marca o momento com uma mentalidade oculta e os símbolos atraem antigas correntes de energia, latentes em nossa memória genética.

Os alfabetos secretos também são usados para manter vários escritos longe de olhos curiosos. O conhecido Escrito Tebano, também chamado Alfabeto das Bruxas, é um desses exemplos. Durante o século XVI, o famoso ocultista italiano Giovanni Porta empregou um alfabeto secreto usado por Bruxas italianas. Em 1589, Porta publicou seu famoso texto clássico sobre astrologia e magia natural intitulado *Magiae Naturalis Libri Viginti*. Seus escritos foram grandemente influenciados pelos trabalhos de Platão, Empédocles, Pitágoras e por várias outras obras herméticas da época. Porta fundou mais tarde uma fraternidade mágica em Nápoles.

A maioria dos historiadores acredita que as runas se originaram durante o período neolítico, segundo descobertas de símbolos gravados em pedras. Os exemplos mais antigos e em maior quantidade foram encontrados no norte da Itália, Áustria e Alemanha. As chamadas Runas Manx são originais da Sicília e foram trazidas pelos normandos que invadiram a ilha de Man. Alguns historiadores acreditam que as runas germânicas e celtas foram simplesmente grosseiras tentativas destes povos primitivos de copiar as letras latinas.

O MANUSCRITO DAS BRUXAS TOSCANAS

O alfabeto rúnico (Figura 34) que aparece na próxima página é uma forma arcaica do alfabeto etrusco usado por muitas Bruxas hereditárias italianas. Pode ter sido empregado para preservar material secreto de olhos curiosos ou para designar instrumentos e outros objetos rituais. As runas também podem ser utilizadas para etiquetar garrafas ou jarros contendo poções ou misturas de ervas. O mais importante é lembrar que este é um manuscrito religioso, portanto, não deve ser usado para objetivos mundanos.

AS RUNAS DAS BRUXAS TOSCANAS

Na Stregheria existe um conjunto de símbolos rúnicos empregados para adivinhação; as runas são colocadas sobre um glifo ou mapa, simbolizando o universo macrocósmico ou microcósmico, como se vê na cosmologia da Strega (veja Figura 35, p. 168). O círculo interno do glifo diz respeito às relações pessoais e nosso lugar no universo microcósmico. O círculo externo corresponde à nossa interação no mundo, o universo macrocósmico de nossa experiência maior de vida. O glifo podia ser representado numa grande folha de papel ou pintado ou desenhado num tecido ou tela; o tamanho adequado seria de 30 a 40 centímetros quadrados.

Cada círculo está dividido em quatro seções relacionadas aos quatro pontos cardeais: norte, leste, sul e oeste. O círculo interno contém a *família, relacionamentos íntimos, forças opostas nos relacionamentos* e o *eu interior*. O círculo exterior abrange as *bases* ou *poderes* que afetam a vida de alguém, *espiritualidade* acumulada, *forças contrárias* à vida da pessoa e *transformação*.

Nesta forma de adivinhação, 33 pedras são usadas, 27 das quais são inscritas com antigos símbolos rúnicos. Cada runa tem um significado específico (veja Figura 36, p. 169). Esses símbolos são chamados Runas Toscanas. Três das pedras sem inscrição são pretas e outras três são brancas. Uma pedra sem inscrição é cinza. As pedras pretas e brancas representam as influências negativas e positivas na vida de alguém; a pedra cinza pertence ao grupo climático mágico de quatro pedras e representa a seca. Existem também duas pedras marcadoras, indicativas de gênero: uma tem a forma de uma varinha (masculino) e a outra, a forma de uma tigela (feminino).

Para começar a adivinhação, o glifo é colocado no chão. Acende-se incenso e faz-se uma prece, pedindo pela orientação divina.

A pedra indicativa do gênero do consulente é colocada na interseção das linhas do "X", no centro do círculo interior. A seguir, tomam-se quatro pedras pretas e quatro brancas dentro das mãos em concha e mistura-se muito bem, chacoalhando-as para baixo e para cima. Quando parecer tempo suficiente, as pedras são jogadas levemente no ar, diretamente sobre o centro do glifo. A posição em que elas caem nos dá uma visão geral das forças da luz e das trevas operando na vida da pessoa.

Olhe atentamente o padrão de pedras pretas e brancas, observando em qual círculo elas caíram; isso dirá ao adivinhador onde as forças negativas e positivas estão mais fortes. Qualquer pedra que caia fora do glifo é desconsiderada. Observe se há mais pedras de uma cor do que de outra, pois isso revelará o equilíbrio (ou desequilíbrio) do positivo e do negativo. Se duas ou mais pedras caírem numa seção do círculo interno ou do externo, isso mostra uma influência muito forte trabalhando

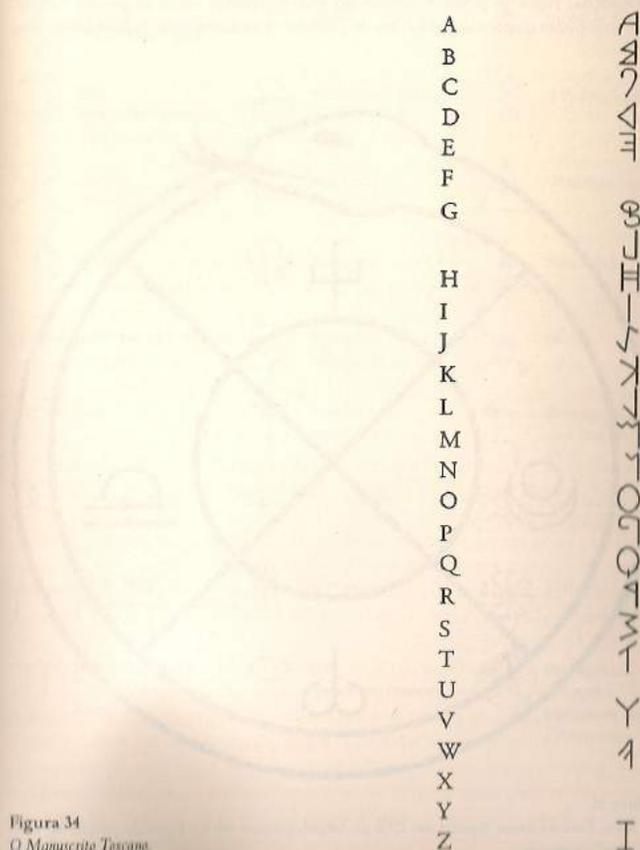


Figura 34
O Manuscrito Toscano

naquela área. Veja com muita atenção se pedras caem no círculo interior e ocupam a seção do eu interior; esta é uma indicação de determinação da pessoa para quem você lê as runas.

Uma vez determinado o equilíbrio de forças da luz e das trevas, é hora de continuar a adivinhação dos aspectos específicos. Ponha de lado as runas climáticas, junto com todas as pedras pretas e brancas; pegue as 27 pedras restantes e misture-as muito bem num saco. Em seguida, retire três pedras, coloque-as dentro das mãos em concha, jogue-as sobre o centro do glifo e observe onde as pedras caíram. Qualquer pedra que tenha caído fora do glifo deve ser descartada. Pedras caídas jun-

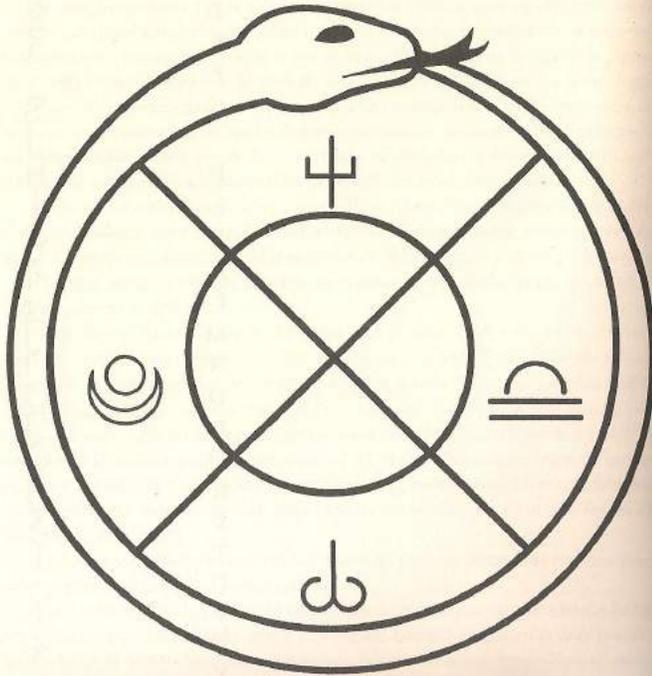


Figura 35
As Runas Toscanas seriam dispostas num Glifo de Adivinhação como este e a leitura das posições das runas está na página seguinte.



Figura 36
Runas Toscanas.

tas na mesma seção são interpretadas tanto individualmente quanto juntas, de acordo com seu simbolismo. A leitura sempre começa pelo círculo onde a maioria das pedras coloridas caiu primeiro, indo depois para a seção mais ocupada, no sentido horário.

A título de exemplo, imagine a seguinte ordenação de pedras: as coloridas dominam o círculo interior e a maioria das pedras caiu na seção da família, portanto, começamos a leitura por aqui. Três pedras tiradas ao acaso são jogadas agora: *portal mágico, sacrifício para iluminação e transformação*. A pedra do *portal* e a do *sacrifício* caem juntas na seção da família, no círculo interior. A pedra da *transformação* cai na espiritualidade, círculo externo. Se qualquer outra pedra branca ou preta originalmente caiu em qualquer destas seções, a interpretação muda para positiva ou para negativa.

Ainda em nosso exemplo, duas pedras pretas caíram na *família* e uma branca na *espiritualidade*. Assim, lemos a pedra do portal como um evento negativo iniciado pela família imediata, levando a uma situação existente ou prestes a acontecer. A pedra do sacrifício é lida como um sacrifício egoísta ou negativo (devido à pedra preta). Como duas pedras ocupam a mesma seção, lemos novamente como um sacrifício negativo/egoísta levando a um final ou a um começo negativo. Entretanto, a pedra da transformação na seção da espiritualidade nos diz que este evento leva a um crescimento positivo para o consulente. Continuando a leitura, as pedras devem ser jogadas mais quatro vezes (três pedras por jogada). A cada vez, as pedras já jogadas são misturadas de novo no saco de pedras. Depois da quinta jogada, um total de quinze pedras terá sido jogado. Todas que restam agora são para jogar a pedra do resultado final. Na cosmologia toscana, há dezesseis esferas de influência oculta, portanto, a pedra final completa o ciclo adivinatório. Misture as pedras muito bem dentro do saco e tire uma, escolhida por sua intuição. Segure-a sobre o centro do glifo e lance-a como se lança uma moeda. Leia a posição da pedra de acordo com a posição das outras pedras e da seção em que ela está. Se a pedra cair fora do glifo, tente outra vez, duas ou três vezes. Se, na terceira jogada, a pedra ainda cair fora do glifo, então se entende que forças ocultas estão trabalhando contra o resultado da leitura. O resultado, portanto, é indefinido e adiado para uma outra vez. Sete dias (uma fase lunar) devem passar antes de fazer nova leitura com o mesmo objetivo.

Se nenhum resultado puder ser lido nas pedras, a pessoa precisa fazer uma purificação pessoal antes que as pedras sejam jogadas outra vez. Devem-se colocar oferendas no sacrário Lare para assegurar influências ancestrais positivas. Também é aconselhável que a pessoa dê passos mágicos para carregar um amuleto ou talismã para proteção. Oferendas para boa sorte às *Morae* ou para *Bona Dea* também são uma ótima idéia. Espere pelo menos sete dias antes de fazer a leitura de novo. Sete é para o período de fluxo astral; em outras palavras, são necessários sete dias para que padrões de energia se formem e se dissolvam no meio astral. Depois de sete dias as novas formações astrais podem ser interpretadas por meio da adivinhação contínua.

RUNAS MÁGICAS DO MAR

Desde tempos antigos as Bruxas têm sido associadas a vários organismos aquáticos, como poços, fontes, lagos, lagoas e até mesmo o oceano. Metafisicamente falando, a água representa a mente subconsciente e as emoções. A Bruxa frequentemente é a encantadora ou a guardiã do local em que existe água. Os mitos e as lendas dos quais extraímos esses contos retêm a memória antiga dos poderes da Bruxaria.

Há muito tempo, as Bruxas já empregavam os poderes e as forças inerentes ao mar para seus objetivos mágicos. O mar está profundamente ligado aos ciclos da lua por meio das marés. Nas regiões costeiras da Itália central, as Bruxas janárricas criaram um conjunto de símbolos pelos quais se podem fazer encantamentos com o poder extraído do mar. Os símbolos são pintados ou desenhados em conchas (veja Figura 37, p. 172) e estas são então deixadas na areia para serem levadas pela maré. Desta maneira, o mar recebe o encantamento e lhe confere poder.

Quando se faz um encantamento, sempre é preciso considerar a fase da lua. Mágica para conseguir alguma coisa é feita durante a fase crescente; para perder, durante a lua minguante. Quando se deseja poder puro e natural, a época da lua cheia é melhor. Oferendas para o Deus e a Deusa também devem ser deixadas na areia quando se pede seus favores. Oferendas tradicionais incluem flores brancas, pérolas ou objetos de prata. Uma oferenda tradicional de devoção é simplesmente uma concha grande cheia de néctar (partes iguais de leite e vinho, misturado com um pouco de mel), colocada na praia.

As runas mágicas do mar podem ser pintadas em conchas para lançar encantamentos. Você pode usar corante alimentar ou suco de uma fruta silvestre escura (a runa deve ser solúvel na água do mar). Pegue uma concha seca e pinte nela o símbolo adequado, correspondente ao resultado final desejado do encantamento. Coloque a concha na praia num lugar onde a maré fará com que as ondas a cubram. Rodeie a concha com uma oferenda de flores para as deidades do mar e declare seu pedido. Observe a fase da lua e o signo do zodíaco em que ela se encontra; você deve empregar as correspondências ocultas destas associações.

Empregar mágica para objetivos construtivos ou para obter alguma coisa é mais efetivo quando é lua cheia ou crescente. Feitiços designados para o declínio, dissolução ou maldição são melhor realizados quando a lua é minguante. Os signos do zodíaco imprimem energia estelar à energia lunar quando a lua entra na esfera ou na influência da constelação. Antigos ocultistas prescrevem efeitos específicos para a lua, a seguir:

Lua em:

Touro, Virgem e Capricórnio: todos os trabalhos envolvendo o sobrenatural

Áries, Leão e Sagitário: todos os trabalhos de amor e amizade

Câncer, Escorpião e Peixes: todos os trabalhos envolvendo união/cruzamento

	Enviar		Lançador do Feitiço		Maldição
	Receber		Espírito do Mar		Inimigo
	Mandar embora		Deus do Mar		Aumento
	Unir		Deusa do Mar		Diminuição
	Destruir		Masculino		Realização
	Amor		Feminino		Nascimento
	Vitória		Alma		Morte
	Riqueza		Proteção		Vida
	Saúde		Poder		Renascimento
	Doença		Justiça		Sabedoria
	Strega		"De fora"		Conhecimento
	Stregone		Mágica		Iluminação

Figura 37
Runas Mágicas do Mar.

Gêmeos, Libra e Aquário: todos os trabalhos de natureza incomum

Quando a concha estiver no lugar, desenhe um triângulo em volta dela na areia (circundando a concha completamente). O símbolo da concha deve ficar virado para cima. Agora diga as palavras do encantamento antes de deixar o local:

*Deusa da Lua, Terra e Mar
Cada desejo em teu nome deve-se realizar.
Poderes e forças na maré a dançar,
Chamem as ondas pra meu feitiço levar.*

Além do uso de conchas e runas, há outras maneiras de utilizar a mágica do mar. Para obter o favor da Deusa, forme seu nome na areia com pétalas de flores brancas e deixe a maré levar as flores. Esta maneira é sempre recomendada para novos iniciados dos autodedicantes. Há muito tempo as Bruxas têm sido associadas ao mar e antigos marinheiros até compravam sacos de vento vendidos pelas Bruxas, antes de içarem as velas. A calmaria ou a tempestade no mar sempre foram relacionadas à Bruxaria nas antigas lendas. Em tudo isso, vemos uma íntima conexão entre as Bruxas e o oceano.

Encantamentos malignos ou amarrações podem ser quebrados pela mágica do mar. Para isso, faça uma torre de areia perto da água; apanhe três conchas escuras e marque uma delas com uma runa indicando a natureza do feitiço que você quer quebrar. Coloque essa concha no meio das duas outras conchas e, nestas últimas, ponha a runa que indica "mandar embora" ou "destruir" (veja Figura 37, p. 172).

Para ajudar uma alma a voltar para a vida física, procure uma concha branca e marque nela o nome da pessoa que morreu; acima do nome, ponha o símbolo do signo do zodíaco a que ela pertencia; em seguida, arrume quatro conchas menores em volta da concha da pessoa, de modo a formar uma cruz elemental. Na concha do quadrante norte, marque o símbolo da alma; na concha do quadrante leste, ponha o símbolo do renascimento; a concha do sul é marcada com o símbolo da realização e a do oeste é pintada com o símbolo da vida. Para terminar, faça um círculo de nove rosas vermelhas em volta das conchas. Isto simboliza o período de gestação do feto humano e vermelha é a cor do sangue que conecta o feitiço ao nascimento.

RUNAS MÁGICAS ESTELARES

Mágica estelar, astrologia e astronomia são artes muito antigas, datando das remotas culturas mesopotâmicas. Manuscritos ocultos da Idade Média e da Renascença mostram muitos símbolos antigos e desenhos relacionados com as estrelas. Muitos dos velhos mitos falam dos deuses que vieram das estrelas, especialmente aqueles do antigo Egito. O famoso texto ocultista do período renascentista, *The Book of the Secrets of Enoch* (Livro dos Segredos de Enoque) nos conta que a escrita

foi ensinada aos humanos por uma raça de deuses que desceram do monte Hennon. Remanescentes deste mito são encontrados em várias lendas gregas sobre os titãs.

Um alfabeto estelar comumente encontrado em grimoires da Renascença é muito empregado por algumas Bruxas hereditárias italianas (veja Figura 38). Essas Bruxas também usam runas estelares mágicas desconhecidas (veja Figura 39, p. 176). As Bruxas tanárricas da Itália, que chamam a si mesmas de Bruxas estelares, são o clã que mais tipicamente usa essas runas.

As runas estelares de variedade mágica são normalmente usadas para marcar instrumentos rituais, objetos ou conjuntos rituais em geral. Podem ser desenhadas



Figura 38
Alfabeto Estelar Rúnico

sobre papel e colocadas no caldeirão para lançar o encantamento. Um dos métodos mais antigos de usar runas estelares era o de traçar linhas na areia ou na terra e colocar tochas ou velas nas áreas circulares do símbolo; isso era feito para imitar as estrelas e, portanto, extrair sua influência mágica. Pedras ou pedregulhos eram às vezes usados para marcar as linhas de conexão entre cada círculo; isso fazia com que o desenho todo fosse mais visível à noite, que era naturalmente a hora mais indicada para empregar a mágica estelar.

As constelações são consideradas zonas poderosas de energia oculta. Na Arte, símbolos talismânicos estão relacionados a uma tábua de correspondências por meio de símbolos místicos (veja Figura 40, p. 177). As correlações tradicionalmente aplicadas em trabalhos de mágica estelar são as seguintes:

Cauda da Ursa

Metal: prata ou cobre

Pedra: magnetita

Planta: artemísia, chicória, pervinca

Amuleto: dente de lobo

Figura: touro

Cauda da Ursa pertence à natureza de Vênus e da Lua. Quando atada a um anel, diz-se que faz nascer amor e amizade. Também se diz que protege o viajante e aproxima pessoas com idéias semelhantes.

Ala Corvi (Gienah nas asas do corvo)

Metal: prata ou chumbo

Pedra: ônix preto

Plantas: confrei, meimendo negro

Amuleto: rã

Figura: corvo

Ala Corvi pertence à natureza de Marte e Saturno. Quando amarrada a um anel, diz-se que restringe ou amarra a mágica de outra pessoa. Também se diz que confere poder sobre os espíritos.

Spica (Estrela de primeira magnitude em Virgem)

Metal: cobre

Pedra: esmeralda

Planta: salva, mandrágora

Amuleto: galho de trigo

Figura: pássaro bicando uma jóia

Spica pertence à natureza de Vênus e Mercúrio. Sua influência é similar à da Cauda da Ursa, mas também amarra inimigos e intensifica a telepatia.

Plêiades

- Metal: mercúrio
- Pedra: cristal, diodoco
- Planta: erva-doce, diacedon
- Amuleto: pentáculo
- Figura: tocha

Plêiades pertence à natureza da Lua e de Marte. Sua influência é similar à de Ala Corvi, exceto que seus poderes se manifestam dentro da terra e do mar. Sua maior influência é sobre a Natureza, através das forças que estão por trás dela.

Cão Maior

- Metal: prata
- Pedra: berilo
- Plantas: artemísia, dragontéia
- Figura: cão de caça

Cão Maior pertence à natureza de Câncer e Vênus. Sua influência é sobre a mente subconsciente e as emoções. Diz-se que ajuda a desenvolver poderes psíquicos.

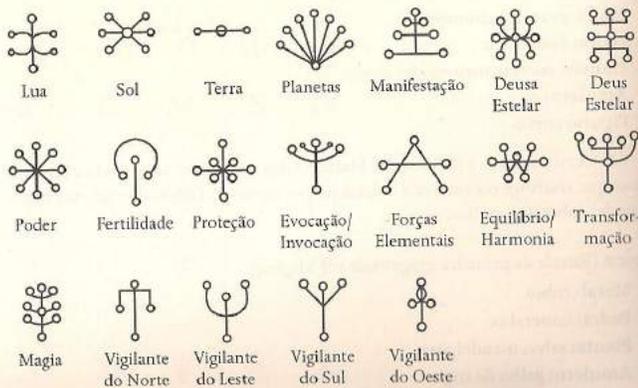


Figura 39
Runas Estelares Mágicas.

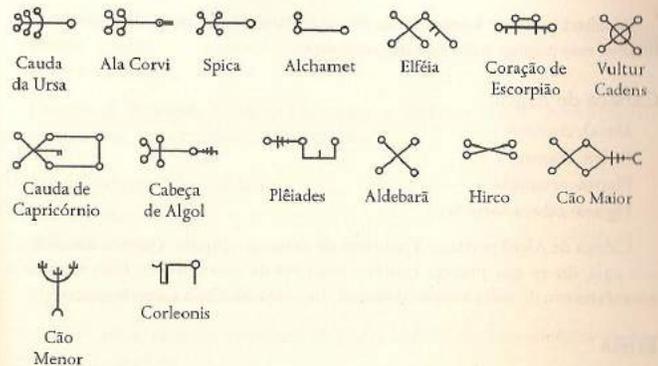


Figura 40
Símbolos Estelares Talismânicos.

Cão Menor

- Metal: mercúrio
- Pedra: ágata
- Planta: poejo
- Figura: galo

Cão Menor pertence à natureza de Mercúrio e de Marte. Quando amarrado a um anel, diz-se que une a Bruxaria de outra pessoa e traz a ajuda dos deuses e espíritos.

Hirco (Capella em Auriga)

- Metal: estanho
- Pedra: safira
- Planta: marroio-branco, mandrágora
- Figura: menestrel

Hirco pertence à natureza de Júpiter e Saturno. Diz-se que atrai os favores de autoridades e ajuda a curar ossos e dentes.

Aldebarã

- Metal: ferro
- Pedra: rubi
- Planta: cardo leitoso
- Figura: deus ascendente

Aldebarã pertence à natureza de Vênus e Marte. Diz-se que é destrutivo e aglutinante, mas protege e defende magicamente.

Cabeça de Algol

Metal: chumbo
Pedra: diamante
Planta: artemísia
Figura: cabeça cortada

Cabeça de Algol pertence à natureza de Saturno e Júpiter. Quando amarrado a um anel, diz-se que protege contra a bruxaria de outra pessoa. Pode mandar o encantamento de volta a quem o enviou. Também vitaliza o corpo físico.

Elféia

Metal: cobre
Pedra: topázio
Planta: alecrim
Figura: pessoa coroada

Elféia pertence à natureza de Vênus e Marte. Pode amarrar a sexualidade de alguém, forçando-a à castidade. Também pode gerar amor e boa vontade.

Alchameth

Metal: ferro
Pedra: jaspe
Planta: banana-da-terra
Figura: lobo saltitante

Alchameth pertence à natureza de Marte e Júpiter. Sua influência é sobre o sistema sanguíneo. Também se diz que é eficiente contra febres.

Coração de Leão (Regulus in Leo)

Metal: ferro
Pedra: granada, granito
Planta: mástique, artemísia
Figura: gato sentado num trono

Coração de Leão pertence à natureza de Júpiter e Marte. Diz-se que influencia os temperamentos de modo positivo.

Coração de Escorpião (Antares in Scorpio)

Metal: ferro

Pedra: ametista
Planta: açafraão
Figura: escorpião

Coração de Escorpião pertence à natureza de Júpiter e Marte. Quando amarrado a um anel, junta ou afasta maus espíritos.

Vultur Cadens (Vega em Lira)

Metal: estanho
Pedra: crisólita
Planta: chicória
Figura: abutre descendente

Vultur Cadens pertence à natureza de Vênus e Mercúrio. Sua influência é sobre feras e maus espíritos.

Cauda de Capricórnio

Metal: chumbo
Pedra: calcedônia
Planta: erva-dos-gatos, manjerona
Figura: bode

Cauda de Capricórnio pertence à natureza de Saturno e Mercúrio. Sua influência é sobre a riqueza física ou material.

SÍMBOLOS DO ESPÍRITO LUNAR

Na Bruxaria italiana, empregam-se os espíritos da lua para ajudar nos trabalhos mágicos. Os sigilos cerimoniais que aparecem neste sistema foram, muito provavelmente, derivados de textos ocultistas como *The Key of Solomon* e outros manuscritos que datam dos períodos da Idade Média até a Renascença. Como vimos no Capítulo primeiro, os registros da Inquisição revelam que, por volta de 1654, Bruxas italianas de Veneza já estavam copiando a *Chave de Salomão*.

O primeiro passo para assegurar a ajuda desses espíritos é evocar a assistência de Ofânio, um espírito lunar que gira a roda da lua. Isso se refere ao mecanismo oculto que opera dentro da substância etérica das emanações lunares. A roda então traz à cena as influências dos espíritos lunares; em seguida, podemos chamar qualquer um dos 28 espíritos das Casas da Lua (veja os símbolos na Figura 41, p. 183).

Ofânio pode ser chamado por meio de um desenho sobre um pedaço de papel, feito com corante de um alimento escuro. Depois, jogue o papel dentro de uma xícara de chá de ervas fervente, para que o símbolo se dissolva e levante no vapor. Tradicionalmente deve-se dizer algo como:

*Ouça-me, Ofânio, por todos os nomes
Que você obedece, eu o chamo agora
Para me ajudar neste trabalho de mágica.
Gire sua roda e permita-me entrar pelos portais
que se abrem para o reino dos vinte e oito
espíritos da lua.*

Para evocar os outros espíritos, simplesmente desenhe os símbolos deles dentro de um triângulo colocado no quadrante oeste do seu círculo ritual. O símbolo deve ser desenhado do lado externo de uma garrafa de vidro cheia de água purificada. Queime um incenso contendo cânfora e recite a evocação desta natureza, afirmando o que deseja que o espírito faça por você:

*Ouça-me, _____, espírito da lua,
venha agora em meu auxílio pelas nomes de Ofânio, Fio, Lucino
e Menso, e pelo nome de Diana, a cuja alocação nos ajoelhamos.
Chamo-o agora, _____.*

Depois de terminada esta parte, coloque uma oferenda de flores brancas na garrafa de água. Quando evocar espíritos lunares, naturalmente deve querer chamar o espírito apropriado, que tenha o poder sobre o resultado do seu desejo. As associações que seguem são as mais comuns nos velhos grimoires.

CASAS LUNARES

As Casas Lunares são marcadas pelas constelações pelas quais a lua aparentemente passa em seu curso de 28 dias (as 28 Casas da Lua). Os nódulos Norte e Sul da Lua, conhecidos como Dragões da Lua, também são de grande importância na mágica. A velha ordem das Casas da Lua começa com a estrela Alcione, que é das Plêiades. A ordem atual agora começa em Áries. O problema de usar o Sistema das Casas da Lua é que ele difere de sistema cultural para sistema cultural, com relação à correspondência estelar. O sistema mais comumente usado hoje é o Caldeu, que também aparece nos grimoires da Idade Média e do Renascimento.

CASAS CALDÉIAS

- | | |
|----------------|----------|
| 1. Al Thurayya | (Touro) |
| 2. Al Dabaran | (Touro) |
| 3. Al Hak'ah | (Órion) |
| 4. Al Han'ah | (Gêmeos) |
| 5. Al Dhira | (Gêmeos) |
| 6. Al Nathrah | (Câncer) |
| 7. Al Tarf | (Leão) |

- | | |
|------------------------|----------------------|
| 8. Al Jabhah | (Leão) |
| 9. Al Zubrah | (Leão) |
| 10. Al Sarfah | (Leão) |
| 11. Al Awwa | (Virgem) |
| 12. Al Simak | (Virgem) |
| 13. Al Ghafir | (Virgem) |
| 14. Al Jubana | (Libra) |
| 15. Iklil Al Jabhah | (Escorpião) |
| 16. Al Kalb | (Escorpião) |
| 17. Al Shaulah | (Escorpião) |
| 18. Al Na'am | (Sagitário) |
| 19. Al Baldah | (Sagitário) |
| 20. Al Sa'd Al Dhabih | (Capricórnio) |
| 21. Al Sa'd Al Bula | (Aquário) |
| 22. Al Sa'd Al Su'ud | (Aquário) |
| 23. Al Sa'd Al Ahbiyah | (Aquário) |
| 24. Al Farch Al Mukdim | (Pégaso) |
| 25. Al Fargh Al Thani | (Pégaso e Andrômeda) |
| 26. Al Batn Al Hut | (Andrômeda) |
| 27. Al Sharatain | (Áries) |
| 28. Al Butain | (Áries) |

INFLUÊNCIA LUNAR DAS CASAS

Quando a lua ocupa uma das constelações das Casas Caldéias várias influências ocultas são geradas. Estas são as correspondências tradicionais dessas influências:

1. Boa sorte
2. Má vontade, separação, vingança
3. Garante favores de autoridade
4. Garante o amor
5. Garante desejos materiais
6. Ajuda na batalha
7. Causa doença
8. Ajuda no parto e na cura
9. Causa medo ou reverência
10. Causa desarmonia entre apaixonados
11. Cria harmonia entre apaixonados
12. Influencia divórcio e separação
13. Influencia amizade e boa vontade
14. Garante aumento de ganhos materiais
15. Espanta ladrões

16. Ajuda contra venenos
17. Ajuda no parto
18. Ajuda o caçador
19. Causa má sorte aos inimigos
20. Ajuda o fugitivo
21. Influencia destruição e declínio
22. Ajuda a fertilidade nos animais
23. Ajuda a colheita e plantas em geral
24. Influencia o amor e a estima
25. Polui líquidos
26. Ajuda pescadores
27. Ajuda na destruição dos inimigos
28. Ajuda na reconciliação

OS 28 ESPÍRITOS DAS CASAS LUNARES

Os símbolos dos 28 espíritos da casa lunar mostrados neste livro (veja página 183) bem podem ter sido influenciados por um grupo hermético napolitano do século XIX, chamado *Fratellanza Terapeutico-Magica di Myriam*. Muitos dos símbolos são similares aos usados por Guilian Kremmerz, seu fundador. Alguns poucos símbolos até mesmo se parecem com alguns usados pelo ocultista alemão Franz Bardon. A verdadeira origem é desconhecida.

Os nomes pagãos dos Espíritos Lunares toscanos que regem as casas da Lua são mostrados abaixo, junto com seus símbolos na página seguinte (Figura 41).

- | | |
|---------------|--------------|
| 1. Arisham | 15. Trutus |
| 2. Estanacohn | 16. Tiniah |
| 3. Evonacus | 17. Satur |
| 4. Miracohn | 18. Venu |
| 5. Sendomahr | 19. Totorum |
| 6. Therassus | 20. Arogus |
| 7. Viracus | 21. Diona |
| 8. Lucinus | 22. Pahnus |
| 9. Selahna | 23. Niah |
| 10. Mensus | 24. Silvus |
| 11. Kirahm | 25. Aquosus |
| 12. Morgronus | 26. Undia |
| 13. Thera | 27. Cosus |
| 14. Atava | 28. Poscinia |

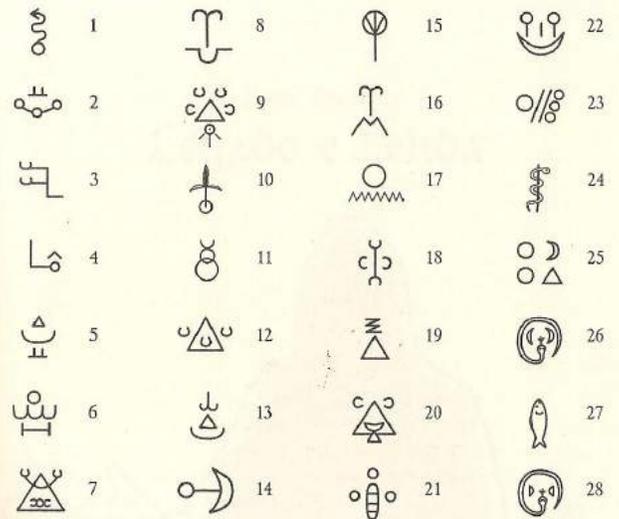
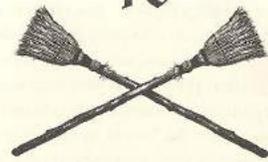


Figura 41
Símbolos Espirituais da Casa Lunar.

Parte Quatro
Legado e Lenda



10



Bruxaria Hereditária

Este capítulo é uma coleção de doutrinas de Bruxa, extraída em parte dos estudos de campo de Charles Leland, no século XIX, sobre Bruxaria italiana. Acrescentei um material hereditário a que ele não se referiu e também corrigi e completei vários elementos de sua pesquisa. Apresento aqui os velhos contos de Bruxa principalmente para preservar os conceitos e as doutrinas, pois os livros de Leland são muito difíceis de achar, já que não têm sido mais editados há quase um século. Mesmo as poucas reedições das duas décadas passadas rapidamente desapareceram e é realmente uma perda para os que gostam de folclore relacionado à Bruxaria. O material hereditário que acrescentei aos estudos de campo de Leland sobre Bruxaria italiana deve permitir ao leitor uma visão prática e mais acurada da Velha Arte.

Acho que é importante preservar estas crenças singulares porque elas são o modo de vida de um povo quase extinto agora. A beleza de seus conceitos e costumes aparentemente antiquados está deslizando silenciosamente nas sombras das coisas esquecidas. Lembro-me de uma conversa cibernética no *Wicca Fórum* da Compuserve, ocasião em que transmiti um material sobre a mágica da fada do dente; depois acrescentei que se alguém quisesse uma receita dos Antigos Caminhos para a fada da poeira, poderia me pedir e eu mandaria. Em resposta, recebi uma porção de pedidos para mais técnicas mágicas sobre a fada do dente, mas ninguém jamais me pediu a velha receita. Sentei-me em frente ao computador e senti, pela primeira vez na vida, que os Antigos Caminhos estavam mesmo perdidos.

Quando sinto isso agora, fico em silêncio pensando nas palavras de meus professores. Penso nas velhas crenças de que, sem a Strega, o sol e a lua não mais surgirão. Lembro-me do ensinamento de que, a não ser que os velhos ritos sejam realizados,

de estação a estação, a Natureza se afastará da humanidade. Em tudo isso, abraço a metáfora e sei que é preciso haver alguém que conte a história da Strega. É preciso sempre alguém para cuidar da antiga fogueira, pois são as Bruxas e as fadas-irmãs que fornecem a essência da vida ao mundo mundano de homens e mulheres. Nós somos as possibilidades e o sonho inquebrantável, somos o que dá mágica à vida. Assim, vou contar as velhas histórias e tentar preservá-las para mais uma geração, ainda. Espero que, depois que eu me for, um outro venha, sobre as brasas e cuide da velha fogueira para um outro que possa vir um dia. Vamos, então, ouvir as coisas há muito murmuradas apenas à noite, diante das lareiras crepitantes das Bruxas de família.

A CIMARUTA

A cimaruta, às vezes chamada talismã das Bruxas, é talvez o mais antigo símbolo que restou da Bruxaria hereditária (veja Figura 42, p. 189). Provavelmente deriva do antigo amuleto de arruda etrusco, feito de bronze, atualmente guardado no museu de Bolonha. Até o século XIX passado, os antigos amuletos cimaruta eram feitos de prata, o que ainda se faz hoje. O símbolo da cimaruta é um galho da planta conhecida como arruda, usada como sinal de admissão na Sociedade de Diana, a antiga Religião das Bruxas. O símbolo do galho de arruda se divide em três outros galhos, representando a Diana Triformis, a Deusa de Três Lados (o equivalente italiano da Hécate grega). Cada galho termina em botões, dos quais brotam vários símbolos ocultistas.

Entre as Bruxas hereditárias, a cimaruta contém os símbolos de peixe, galo, lua, serpente, chave, adaga e flor. O peixe é dedicado a Diana-Proserpina, Deusa do Mar e, como tal, uma criatura do Submundo.

O peixe simboliza a força vital oculta ou o poder procriador fértil, submerso, e apenas ligeiramente visível sob a superfície quando ativo.

O galo é consagrado ao sol e é apelidado "guardião vigilante". É o arauto do nascer do sol, mas também é muito agressivo e costuma perseguir até mesmo animais maiores que ousem invadir seu território. As lendas dizem que o galo também espanta espíritos indesejáveis e aqui podemos ver a associação com o nascer do sol, que dispersa as trevas; assim, o galo aparece como símbolo de vigilância e proteção.

A lua aparece na cimaruta como sinal de seguir a Deusa Lunar, pois nos tempos antigos, a lua era considerada a própria deusa viva. Portanto, ter o símbolo da lua era declarar fidelidade ao que ela representava.

A serpente é sinal de saúde, como se vê no antigo simbolismo caduceu. A entrada para o submundo era guardada por cobras, às vezes representadas por cordas, e isso serve para nos lembrar que a saúde impede a morte. A serpente está associada também ao submundo porque costuma desaparecer em buracos e fendas. Os tempos antigos também a associavam aos temas de sensualidade e sexualidade (a essência vital da força da vida). Neste tema, vemos ambas as naturezas da serpente: a essência fértil e o falo que se move para dentro e para fora da fenda para o



Figura 42
Amuleto Cimaruta da Bruxa.

Submundo do renascimento. Na Arte Antiga, é comum ver a serpente formando um círculo, com a cauda na boca, simbolizando a união perpétua. A serpente venenosa é um símbolo dos poderes transformadores dos aspectos sexuais dos fluidos mágicos, produzidos no corpo através da estimulação do sistema endócrino.

A chave é o símbolo do porteiro. Chaves dão acesso a lugares proibidos ou res- tritos. A chave que aparece na cimaruta indica que o portador possui a chave para os Mistérios.

A adaga é o dardo de Diana *Venatrix*,¹ que tem o poder de matar e transformar (muito semelhante à serpente venenosa). É o símbolo do poder do mago. A flor da cimaruta é a flor de verbena, com suas cinco pétalas simbolizando o pentagrama de proteção e o sinal da Bruxa. É interessante notar que na antiga iconografia, Hécate Triforme, de quem Diana descende, segura os símbolos da chave, da serpente e da adaga.

¹ *Venatrix* em latim, caçadora. (N.T.)

ERVAS DA ANTIGA RELIGIÃO

Verbena

Verbena é uma das ervas sagradas da Bruxaria italiana. O amuleto cimaruta da Bruxa italiana apresenta uma flor de verbena, simbolizando proteção. A erva também é usada como oferenda para a Deusa e pode ser plantada em volta de sacrários dedicados a ela. Quando se faz um círculo para trabalhos mágicos, a verbena pode ser pulverizada em volta do perímetro do círculo como proteção extra.

A verbena também é uma planta que traz boa sorte. Se comprar uma, você deve dizer:

*Não compro esta verbena por causa da planta,
Mas por causa da sorte que ela traz.*

Nos tempos antigos, a verbena era considerada uma planta mágica muito potente, especialmente se usada para evocar espíritos ou para adivinhação. Neste último atributo, encontramos a conexão com destino ou sorte, associada ao pequeno feitiço falado quando se compra a planta. Bruxas hereditárias dizem que se alguém se oferece para lhe vender verbena, você não deve recusar ou pechinchar o preço. Isso está conectado à crença de que uma fada vive dentro da planta e concede boa sorte a quem a invoca, se a pessoa encostar a planta no coração, nos lábios e depois no nariz (neste momento, ela deve inalar profundamente o perfume da planta para invocar a fada).

A verbena também é conhecida como *Erva da Graça*, *Herba Sacra* e *Herba Veneris*, devido às qualidades afrodisíacas que lhe atribuem. Sacerdotes a usam para sacrifícios e daí o nome *Herba Sacra*. O nome "verbena" era o nome romano clássico para plantas de altar em geral e para esta espécie em particular. Quando esmagada, era usada em volta do pescoço como amuleto contra dores de cabeça e também contra mordida de serpente e outros animais venenosos, bem como para boa sorte. No contexto da serpente, a presença da flor de verbena na cimaruta indica que a Bruxa tem o poder de controlar a transformação.

O velho folclore diz que a verbena abre fechaduras e solta a ferradura de qualquer cavalo que pisar sobre ela. Este história vem do fato de que os cavalos eram proibidos no arvoredo aricano em Nemi, onde a verbena cresce, em memória de um dos amantes de Diana (Víbrio), morto por cavalos. Entre as Bruxas, a verbena é às vezes chamada "pé de rã" e os registros de julgamentos de Bruxas italianas muitas vezes mencionam o uso de verbena junto com arruda. Grinaldas de flores de verbena algumas vezes têm sido usadas em volta do pescoço como amuleto, assim como saquinhos de cânfora ainda são usados por camponeses para proteger contra doenças ou evitá-las.

Arruda

O nome desta planta deriva do grego *reuo*, que significa "libertar". Arádia ensina que as Bruxas devem ser livres, como vemos no *Gospel of the Witches*, de Leland:

(...) e você será libertada da escravidão e será livre em tudo; e como sinal de que é verdadeiramente livre, deverá ficar nua nos seus ritos (...)

A conexão aqui nos leva de volta à Diana – Arádia era filha dela – o que explica a conexão da arruda com Diana por meio da cimaruta. A arruda também é o símbolo do deus que sempre morre e sempre retorna, conforme se vê na etimologia da palavra "arruda", derivada da palavra grega que significa "libertar".

Curiosamente, durante o período medieval, a arruda também era usada nas missas católicas para borrifar água benta. Na Bruxaria italiana, a arruda é associada ao Senhor da Colheita e é chamada a *essência amarga do Deus*. Magicamente, é uma planta de proteção contra os poderes das Trevas e é associada às forças da Luz. Através desta conexão, liga-se ao leste, o quadrante da luz nascente. A arruda é uma planta lenhosa perfumada, associada com a varinha; é colocada no quadrante leste para conferir poder a um lugar sagrado.

Hera

Embora não seja verdadeiramente uma erva, a hera é usada na Bruxaria italiana. Pode ser usada para união por causa de sua natureza parecida com uma corda e de sua habilidade para subir e envolver coisas. Também está associada à agulha e a tecer e costurar. Através da associação com a agulha, ela se liga ao ritual da adaga, ao dardo de Diana *Venatrix*, e às presas da serpente (já que a hera parece uma serpente). Eis por que as agulhas são usadas na mágica dos bonecos (similar à boneca vodu). A hera é colocada no quadrante sul de um círculo ritual para dar poder a um lugar sagrado.

Erva-doce

Esta é uma erva de proteção e um "curinga" para a magia negra. Misturada à erva de São João na Véspera do Solstício de Verão, era usada para banir o mal. Talos grandes de erva-doce eram colocados junto a galhos de arruda pelas Bruxas italianas que travavam batalhas rituais para uma colheita abundante nos dias de tempos, até os séculos XVI e XVII. É interessante notar que essas Bruxas também usavam galhos de arruda amarrados como um cordão na cintura. As sementes de erva-doce também podem ser queimadas como incenso para proteção.

Nogueira

Durante a Idade Média e em tempos mais antigos, a noqueira era considerada sagrada para os espíritos noturnos e para as Bruxas. Muitas lendas do sul da Europa identificam o local de uma noqueira como lugar de reunião para celebração mágica e ritual. Para os antigos romanos, a noqueira era um símbolo da noite e das trevas. Era também associada à fertilidade e ao erotismo em geral, e segundo o folclore

re italiano, as mulheres podiam ficar grávidas simplesmente passando um tempo perto da noqueira. Talvez isso derive do fato de que as nozes são semelhantes, na aparência, aos testículos humanos. No sul da Europa, era, e ainda é, costume espalhar nozes em volta do local de um casamento.

Durante a Idade Média, na Itália, era costume plantar uma noqueira para marcar o nascimento de uma filha; quando a filha crescia e se casava, a noqueira era cortada e a cama nupcial era feita da madeira dela. Um licor conhecido como *nocello* ou *nocino*, feito de nozes, era a bebida tradicional do brinde aos noivos. É interessante notar que o *nocello* era também a bebida tradicional do Solstício de Verão, como ainda é hoje.

No norte da Europa, o lendário lugar de reunião das Bruxas era conhecido como Brocken ou Blocksberg.² Na Itália, as Bruxas se reuniam no local de uma antiga noqueira em Benevento. Peter Pipernus escreveu em seu *De Nuce Maga Beneventana* e em *De Effectibus Magicis* a respeito dos poderes mágicos e curativos da noz e afirmou que ela era “sobrenatural ao mais alto grau”. Dizia-se que as nozes protegiam contra acidentes e terremotos, o que não surpreende, já que a noqueira era igualmente sagrada para deuses e deidades do Destino no Submundo. Pipernus escreve que a noqueira era consagrada à Prosérpina, à Noite e aos Deuses Infernais.

Registros da Inquisição italiana sobre vários julgamentos de Bruxas mencionam a noqueira de Benevento. Destes transcritos, emerge uma lenda na qual uma certa noqueira ficava em Benevento e “dava folhas o ano inteiro”. As nozes desta noqueira eram de forma piramidal ou triangular, *qua triangularibus lineis emittebat*. Altos preços eram pagos às Bruxas de Benevento que vendiam as curiosas nozes como amuleto. Leland diz que faziam rosários das nozes triangulares, os quais eram vendidos em Florença até o século XIX. Pipernus também nos conta que a grande noqueira de Benevento foi cortada por São Barbato, que converteu Romualdo (o soberano de Benevento) ao Cristianismo. Pipernus continua, dizendo que uma outra noqueira cresceu no lugar e, na época em que viveu, ele encontrou evidências de que banquetes de Bruxas ainda aconteciam embaixo da árvore. Leland conta em *Etruscan Roman Remains in Popular Tradition* que as Bruxas de Benevento “não pareciam, de modo algum, ter sido um bando de pessoas más”. Lendas das Bruxas de Benevento contam que elas curavam corcundas e juntavam amores “escritos nas estrelas”. Frequentemente elas eram chamadas “Bruxas das Nozes”.

BRUXAS ITALIANAS

Em *Aradia: Gospel of the Witches* (1899), Leland menciona a imagem popular cristã da bruxa malvada e desprezando isso, devido a suas investigações sobre a Bruxaria italiana, ele escreve:

2. *Blocksberg*: do alemão, monte das Bruxas. (N.T.)

Mas a Strega italiana ou feiticeira é, em certos aspectos, uma personagem diferente dessas. Em muitos casos, ela vem de uma família na qual o chamado ou Arte vem sendo praticado há muitas gerações. (...)

No capítulo oitavo de *Etruscan Magic Occult Remedies*, de Leland, encontramos uma seção intitulada “Diana e Herodias”, contendo estas palavras:

É notável que, enquanto nos tempos antigos a Bruxaria era considerada entre as raças do norte como uma criação de Satã, na Itália ela nunca perdeu um caráter clássico. Neste país a Bruxa é apenas uma feiticeira e muitas vezes uma fada bondosa. Sua soberana não é o diabo, mas Diana... É bem verdade que os monges importaram fortes infusões do diabo e as forçaram sobre a superstição popular italiana. Mas, mesmo assim, bem no fundo, a verdadeira Bruxa italiana não tem nada a ver com Satã ou o inferno cristão e permanece, como outrora, uma filha de Diana. Há algo quase de revivescência ou de frescor na idéia de que existe um lugar no mundo — na própria Itália papal — onde o veneno do diabolismo finalmente não prevaleceu.

A conexão entre Bruxas e Fadas, mencionada por Leland, está preservada num velho conto de fadas italiano narrado em *Etruscan and Occult Remedies*. Nesta lenda, um jovem rapaz é auxiliado por fadas que vivem na grande noqueira de Benevento e que emergem de cada noz que ele abre. Então, ele recebe de presente três nozes mágicas, uma das quais o torna muito rico, a outra o transforma num belo rapaz e com a terceira ele ganha o amor da princesa e finalmente se casa com ela. Depois de alguns meses, ela dá à luz um lindo bebê a quem eles dão o nome de “Noz de Benevento”.

As fadas deste conto são remanescentes das Bruxas de Benevento e é seguro dizer que são a mesma coisa. Isso está implícito no cenário de Benevento: a união de amantes dessemelhantes e talismãs mágicos feitos para atrair um amante. Mesmo hoje, o famoso licor Strega, feito em Benevento, relembra a conexão entre o amor mágico e as Bruxas. Um adendo da companhia, numa publicação festiva de *licor Strega*, diz que tudo começou quando “as Bruxas boas de Benevento” fizeram uma poção de amor que tinha o poder de unir pela eternidade um homem e uma mulher que se amassem de verdade.

Leland nos diz (*Etruscan Magic & Occult Remedies*) que a Bruxaria italiana é:

... como um dote e pode ser aceito ao fazer companhia às Bruxas, estudar sua doutrina e tomar parte em seus encantamentos.

Como já vimos neste livro, as Bruxas hereditárias acreditam que uma propriedade oculta é passada pelo sangue através das gerações. Mas também pode ser passada para outros de fora da linha sangüínea através de vários fluidos, empregados segundo um rito mágico prescrito. As Bruxas de família muitas vezes se referem a esta propriedade oculta como *o legado* ou *a dádiva*. Leland, em *Etruscan Magic & Occult Remedies*, escreve sobre isso:

Em famílias nas quais a Stregheria ou o conhecimento de encantos, velhas tradições e canções são conservadas (...) enquanto uma criança cresce, se qualquer aptidão for observada nela, uma avó ou tia toma a criança sob sua orientação e a inicia na antiga fé.

Uma velha lenda diz que antes de morrer, uma Bruxa hereditária deve passar a Arte pelo menos para um outro indivíduo. Leland menciona isto em *Etruscan Magic & Occult Remedies*. Aqui ele conta a história de um sacerdote cristão que se tornou Bruxo contra a própria vontade; um dia, ele foi chamado para ouvir a confissão de uma mulher moribunda e, depois de ouvir a confissão, a Bruxa disse que havia algo que ela queria lhe dar e perguntou se ele aceitaria. Ele respondeu que sim e ela rapidamente disse: "Então eu lhe deixo minha Bruxaria", e imediatamente a transmitiu, sem que ele pudesse protestar.

Lendas da Velha Arte dizem que quando as Bruxas morrem, tornam-se grandes espíritos que varrem o país em nuvens, vapores ou tempestades, ou vagueiam novamente pela terra como mortais. Também se acredita na Romagna que, quando aqueles que são especialmente *da fé Strega* morrem, reaparecem novamente em forma humana no meio de sua antiga família de sangue. Leland diz que isto é uma doutrina esotérica meio obscura, conhecida nas famílias de Bruxas, mas não muito discutida. Quando uma criança nasce, depois da devida consulta à família, uma Strega muito velha e sábia procura detectar nela um membro já falecido da família, pelo sorriso, compleição ou expressão. Por este processo de morte e renascimento, a Bruxa se torna mais poderosa e passa para um estágio espiritual mais elevado. Como Leland diz, "a crença de que os homens podem se tornar deuses é típica dos etruscos".

OS ANCIÃOS

Os Anciãos (*i spiriti di vecchio*) é o título referente aos primeiros espíritos que viveram na terra — os espíritos que agora chamamos Grigori. Também significa todos os espíritos preexistentes em geral, tais como os elementais e os espíritos da Natureza —; em outras palavras, todos os espíritos que existiram antes da humanidade. Leland ressalta a existência dos Antigos em *Aradia: Gospel of the Witches*, onde se lê:

Então Diana foi aos pais do Infício, às mães, aos espíritos que existiram antes do primeiro espírito...

Entre muitas linhas sangüíneas da Velha Bruxa, os nomes toscanos dos antigos espíritos foram preservados: Tago, Bellaria, Settrano e Meana. Algumas Tradições usam antigos nomes romanos dos quatro ventos, quando falam dos espíritos elementais: Boreas, Eurus, Notus e Zephyrus. De modo geral, entretanto, a associação deles com o céu indica que são de um nível mais alto do que seres elementais; uma percepção mais acurada os faz pertencer à raça Grigori.

As raças elementais associadas à Bruxaria hereditária italiana são chamadas Pala, Bellarie, Settiano e Manii. Os Pala são criaturas da terra, os Bellarie do ar,

Settiano do fogo e os Manii da água. Norte é o quadrante associado à terra, leste ao ar, sul ao fogo e oeste à água. Essas associações muito provavelmente vieram do fato de que a Itália ao norte é montanhosa, os ventos do comércio sopram do leste, as áreas desérticas da África ficam ao sul e o Mediterrâneo se abre para o Oceano Atlântico a oeste.

Cada reino elemental tem seu soberano. Os Pala são regidos por Tago que, em algumas tradições, também é conhecido como Taga. Os Bellarie são regidos por Bellaria, os Settiano por Settrano e os Manii são regidos por Meana. Em meu livro *Ways of the Strega*, modifiquei essas designações verdadeiras porque eu não estava preparado na época para divulgar o material hereditário interior. Substituí os Manii pelos Lasa, que estão muito próximos. Embora o presente livro não seja um "contato" sobre a Antiga Religião, quero garantir ao leitor que nada foi intencionalmente alterado neste volume.

ESPÍRITOS DOS MORTOS

Em latim, a palavra *anima* pode significar várias coisas: vento, brisa, sopro de vida; *anima* também pode significar a alma como princípio de vida (em oposição a *animus*, o princípio de pensamento e sentimentos, o fantasma ou espírito). Nos tempos antigos, a respiração era a vida; era o primeiro ato de um recém-nascido e o último de um moribundo. O pensamento primitivo afirmava que a alma era exalada no momento da morte e então subia para o ar, como um pássaro. Na antiga Roma, era costume "dar o último beijo" a um ente querido que morria, o que era feito soprando um beijo para cima, no ar.

A associação entre o pássaro e a alma é encontrada entre Bruxas hereditárias italianas; assim que a alma começa sua jornada na forma de uma ave, os inimigos dessa alma circulam por cima, também em forma de pássaros, na tentativa de apanhá-la antes que a alma se liberte do plano físico. É provável que esse conceito tenha evoluído dos tempos neolíticos quando os humanos primitivos perceberam a reunião de pássaros em volta de uma carcaça morta. No conceito metafísico "assim em cima, como embaixo", eles tentavam também se alimentar da alma em fuga. É interessante notar que na velha Europa alguns dos desenhos mais antigos de deidades, encontrados por arqueólogos, são pássaros humanóides.

Para evitar que os pássaros caçadores de alma apanhem o espírito que parte, o corpo do morto é marcado com certos sinais ocultos, conhecidos como símbolos de linhagem. O símbolo de pássaro do clã da linhagem familiar é pintado no antebraço esquerdo; logo abaixo são desenhadas quatro linhas paralelas, significando os quatro mundos pelos quais a alma deve passar: físico, lunar, solar e estelar. O sinal de união é desenhado no pulso, simbolizando a junção entre este mundo e o mundo espiritual. No antebraço direito, é desenhado o totem da ave-de-rapina (um importante sinal de poder) e embaixo dele ficam as linhas dos quatro mundos outra vez. O símbolo protetor dos Anciãos, os Grigori, é desenhado no pulso direito.

Imediatamente após a cerimônia do funeral, coloca-se uma cesta para o morto, contendo ovos, pão, lentilhas, sal, farinha e vinho. Isto se repete de novo exatamente nove dias depois e é conhecido como festa da lua. Tudo isso vem da antiga crença de que a alma que parte precisa de nutrição durante o estágio de transição entre a existência física e a espiritual. Nas observâncias do ritual de morte hereditário, encontramos uma sobreposição de conceitos, o que não é surpresa, considerando a antiguidade da seita.

O conceito da alma que parte em forma de ave, imediatamente após a morte, é misturado com o conceito do morto num período de transição, em que ele fica preso à terra por um tempo. Adicionalmente, também encontramos o rito de memória ritual, conhecido como *Festa da Sombra*, em que novamente se prepara comida para os mortos que retornam na Véspera de Novembro. Tudo isso é esclarecido pela velha crença hereditária de que uma Bruxa pode se transformar num espírito poderoso logo após a morte, usando os símbolos de linhagem pintados em seu antigo corpo e assim evitando ameaças futuras de seus inimigos imateriais.

Na estação do outono, prepara-se um néctar especial de vinho, leite e mel, misturado com três gotas de sangue. O sangue deve ser de um parente do morto ou do antigo cônjuge. Também uma refeição especial de sopa de feijão de fava é preparada para o retorno dos mortos. Estas observâncias terminam em três de novembro. A Tradição manda que, no primeiro dia de maio, se decore o sacrário Lare com rosas, em lembrança de membros falecidos de uma família. Na Roma antiga, era costume enfeitar o túmulo com rosas no dia do festival de Rosália, em maio; também há uma antiga crença de que os mortos experimentavam sua última alegria terrena na bebedeira dos que celebravam durante o velório (um tipo de possessão ritual do corpo por Baco).

Uma vez finalmente liberta do corpo, a alma passa para o mundo lunar, o reino de Luna. Uma velha crença, ligada às fases da lua, diz que enquanto colhe as almas que partiram, a lua cresce cheia de luz e, quando as liberta, sua luz diminui. Luna é algo como a Terra do Verão dos wiccanianos, um paraíso pagão de seres míticos onde a alma descansa e se prepara para o próximo estágio de seu desenvolvimento. Depois de Luna, a alma reencarna numa dimensão física ou passa para o reino solar. Do reino solar, ela finalmente passa para o reino estelar e volta a Áster, onde se reúne com a Fonte de sua origem.

Devido ao poder que uma Bruxa acumula no curso de muitas vidas, ela ou ele tem mais controle sobre o que acontece à alma após a libertação da dimensão física. É aqui que a crença hereditária surge, afirmando que uma Bruxa pode se tornar um espírito poderoso se escolher continuar a interação com o mundo dos vivos, em vez de partir do reino físico; segundo esta crença, encontramos-nos no meio de uma conexão ainda mais antiga, na qual o espírito do morto e a fada são verdadeiramente uma e a mesma criatura. Esta associação aparece em detalhes em meu livro anterior, *The Wiccan Mysteries* (1997).³

3 *Os Mistérios Wiccanianos*. Tradução de Cláudio Crow Quintino. São Paulo: Gaia, 2001.

NÚMEN ESPIRITUAL

De acordo com antigos ensinamentos, em todos os objetos vive um *poder consciente*, conhecido como *númen*. Em algumas tradições não-italianas, é referido como *mana*, embora na realidade mana não seja exatamente o mesmo que númen; os dois são semelhantes, exceto com relação à consciência. Mana é tradicionalmente visto como um tipo de energia bruta ou força, que pode ser recolhida e empregada com objetivos mágicos. Númen é uma força residente que é ao mesmo tempo energia e consciência. Númen tem uma *percepção* tanto de si mesmo quanto dos arredores; abriga um certo *sentimento* e é ele que responde dentro de um objeto quando se *sente que é certo* tocá-lo (aquilo que uma pessoa experimenta quando escolhe um cristal ou qualquer outro instrumento).

Quando os antigos ocultistas estabeleceram as correspondências mágicas, comumente associadas hoje a ervas e cristais, foi a emanção do númen específico residente que os induziu a fazer essas conexões. Esta é a razão pela qual plantas e cristais podem ter certas propriedades mágicas: é o poder de seu númen espiritual. É preciso se comunicar com o númen, geralmente por meio de imagem visual e/ou sons (vibração), a fim de estabelecer o elo necessário para empregar seu poder, senão, tudo o que fica é um belo bloco de formação mineral ou uma perfumada pilha de material herbáceo morto. Em essência, o númen pode ser visto como uma centelha divina dentro da matéria; não é, entretanto, uma alma viva ou o próprio espírito, mas simplesmente um reflexo da consciência Divina. De certo modo, pode ser entendido como uma impressão divina ou uma forma de energia contagiante, deixada pela mão da Fonte de Todas as Coisas. O Mana, por outro lado, é mais como uma radiação ou calor que emana do objeto — um vazio de ação independente e cujo efeito sobre outros objetos está limitado pela proximidade.

Uma das artes da Bruxaria é transmitir imagens mentais (formas de pensamento) ao númen; através disso, uma comunicação mágica se estabelece entre a Bruxa e o cristal ou erva etc. Feito isso, o objeto pode ser empregado de acordo com o desejo ou necessidade da Bruxa, como é costume com o lançamento de um feitiço e coisas similares. No caso de ervas, é melhor começar com a semente e continuar com a imagem mental quando o broto aparece e a planta cresce totalmente. Deste modo, o númen da erva pode formar e condensar o efeito mágico necessário que se deseja dele.

Para a mágica do cristal, é preciso primeiro despertar o cristal antes de transmitir imagens mentais a ele, ou o efeito é enfraquecido e a carga é diminuída. Tradicionalmente, para despertá-lo deve-se bater no cristal três vezes com uma outra pedra (ou outro cristal), enquanto se olha para a lua cheia. O termo "despertar" neste contexto significa alinhar o cristal com a pessoa que o possui. Durante as cerimônias de iniciação, o iniciador pode bater no cristal do iniciante com seu próprio cristal três vezes e assim passar o poder para ele. Existe uma certa beleza em possuir um cristal que recebeu a carga do cristal de um iniciador (cujo cristal também a recebeu de outro e assim por diante).

A ANTIGA RELIGIÃO

A Bruxaria é conhecida por seus seguidores como a Antiga Religião (*La Vecchia Religione*); também é referida simplesmente como "os caminhos" (*di modi*). Em essência, a Antiga Religião é uma visão primeva da Terra como uma criatura viva, a Mãe da Vida. Vários seres físicos e espirituais vivem sob os cuidados dela; os seres físicos são os zeladores da Natureza, expressos sob forma material; os seres espirituais vitalizam e animam as contrapartes etéricas das formas materiais; em outras palavras, concedem vitalidade e a *essência da vida* a plantas e animais. É por isso que se fazem oferendas a vários espíritos, numa tentativa de conseguir que eles façam determinadas plantações renderem mais e os rebanhos de certa pessoa crescerem mais.

Entre as Bruxas hereditárias italianas, sempre se faz uma oferenda específica quando se procura a ajuda de um espírito ou deidade. Colocam-se os seguintes itens numa bolsa vermelha: sal, hera e arruda; leva-se também vinho tinto junto com a bolsa e a oferenda é tradicionalmente feita à meia-noite durante a lua cheia. Algumas Bruxas preferem fazer isso numa encruzilhada, um velho costume itálico que durou até os tempos romanos; outras preferem colocar as oferendas veneráveis na beira de um lago, num riacho ou num campo aberto.

O círculo ritual, tanto para a cerimônia mágica quanto para a religiosa, era tradicionalmente estabelecido diante de uma grande árvore, perto de água corrente. A água corrente tinha dois propósitos: primeiro, criava um fluxo de energia nas redondezas do círculo, simplesmente pelo movimento de sua própria corrente; a mente subconsciente era estimulada pelo som da água, conectando, portanto, a energia mágica provocada pelo ritual no nível emocional. Segundo, a correspondência da água com as emoções e das emoções com o subconsciente criavam, por extensão, uma passagem para o astral. A presença da água corrente também permitia colocar as libações diretamente no espírito vivo do cenário, a água fluente.

Árvores são seres mágicos, enraizados na terra e estendidos para o alto, até o céu. O tronco da árvore é uma ponte entre os mundos; é por isso que uma tora era quase sempre usada como altar. Também é por essa razão que os deuses assassinados eram pendurados ou sacrificados numa árvore (Lupus, Odin, Quetzalcoatl, Jesus etc.); ali, eles mesmos se tornavam uma ponte entre a humanidade e os deuses. Fazer um ritual em frente de uma árvore é conectar-se com o submundo (através das raízes) e com os céus (através dos galhos). As velhas lendas dizem que a árvore não pode ser retorcida porque os maus espíritos costumavam ser magicamente atados a árvores ou aprisionados nelas e a árvore se tornava desfigurada pelo espírito residente; portanto, era mau presságio fazer um ritual diante de uma árvore retorcida.

O foco das celebrações de Bruxas está na deidade personificada como Deusa ou Deus. A Deusa das Bruxas é a antiga Grande Deusa Neolítica, Aquela que dá vida e recebe-a de volta para Si mesma; o Deus é Seu consorte animal neolítico, o Deus Cornífero da Natureza. Juntos, o Deus e a Deusa dão poder à Natureza e a todas as coisas vivas. Na *Anadia* de Leland, ele nos conta que as Bruxas italianas adoravam

Diana e Lúcifer, ambos deidades romanas da luz; ambas as luzes, da noite e do dia, eram vitais para os ciclos de crescimento das plantas, animais e humanos. A ciência moderna agora está apenas alcançando o conhecimento concernente à luz e seus efeitos sobre os ciclos de reprodução. O pedido feito pela Bruxa, sob a luz da lua cheia, para aprender os antigos mistérios durante o sono é característico da Bruxaria italiana; nisto, vemos o reflexo metafísico do princípio da luz (iluminação) e a semente adormecida da reprodução.

As celebrações rituais do ano da Bruxa servem não apenas como atos devocionais, mas também funcionam para dar poder ao ambiente. A dança circular, a dança sensual ou outros atos que provocam energia, impregnam o cenário com o que se chama energia ódica.⁴ Atos de calor para libertar a energia ódica se concentravam dentro do círculo ritual. É por isso que se acendem fogueiras e porque velas ou tochas estão sempre presentes; deste modo, a energia provocada pode ser solta na atmosfera. A qualidade magnética da energia ódica absorve as imagens mentais dirigidas a ela pelos participantes do ritual e condensa-as numa força vital. Essa energia está contida dentro da cera da vela, do vinho, da madeira da fogueira e de qualquer outra coisa dentro do círculo ritual. Uma vez adequadamente liberta, a energia se funde com a atmosfera e influencia o campo de energia coletiva ou "aura" da comunidade ao redor, bem como o material astral da dimensão conectiva.

Várias plantas e vários animais eram considerados aliados das Bruxas. Desta percepção surgiu o conceito do familiar e do espírito habitante dentro de uma variedade de plantas. O conceito popular de um familiar como gato, pássaro ou outra criatura física é relativamente moderno; originalmente, o familiar era um espírito evocado pela Bruxa para ajudá-la a lançar um encantamento, num trabalho astral ou em outros atos ocultos. Devido ao fato que um espírito do outro mundo só pode existir por um breve período de tempo na dimensão física, ele requer um veículo físico para estender sua existência aqui; portanto, tornou-se muito comum a prática de unir um espírito a uma criatura física como o gato. Isso resultou numa consciência compartilhada entre o animal de estimação e o espírito. A comunicação natural com o gato tinha uma influência controladora sobre o novo espírito habitante; o espírito do outro mundo dava poder ao gato e elevava a própria consciência do animal, permitindo que a Bruxa trabalhasse com o familiar tanto no mundo físico quanto no espiritual.

Se uma pessoa está em contato com um espírito animal ou um espírito do outro mundo que reside no mundo não-físico, dizemos que essa pessoa tem um Guia Espiritual. O objetivo de um Guia Espiritual é auxiliar um indivíduo em sua vida física a experimentar as coisas que o levarão à evolução de sua alma. Tais espíritos falam conosco em pensamentos, através de nossos sentimentos, e estão presentes nas situações às quais nos direcionam. Os Guias Espirituais caminham conosco em nossa

⁴ *Ódica*: de ou pertencente à força hipotética Od. (N.T.)



Figura 43
Máscara ritual do século XIX, representando o Espírito dos Antigos Caminhos. (Da coleção Clá Umbrea.)

Senda e nunca estamos verdadeiramente sozinhos quando abraçamos os Antigos Caminhos, pois somos parte da comunidade de espíritos.

Esta é a Consciência da Alma Grupal, aquele aspecto do “Grande Espírito” que ensina os pássaros a fazer ninhos e a migrar, os lobos a caçar, as baleias a voltar às águas de procriação e assim por diante. Quando falamos do Espírito do Corvo ou do Espírito do Lobo, por exemplo, estamos falando da Consciência Coletiva do Reino Animal, fortificada pela presença da Consciência Divina que reside dentro dela (muito semelhante a uma semente dentro da uva). Isso não é um mero princípio, mas muito mais uma entidade consciente (um aspecto da Fonte de Todas as Coisas, o Espírito dos Antigos Caminhos).

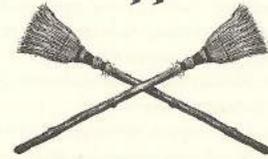
Ao unir todos nós numa teia de energia, a Natureza manifesta uma força espiritual inerente nela, que é a essência de todas as coisas, o princípio fortalecedor. Andar pelos Antigos Caminhos é aprender a acessar o mecanismo interno da Natureza, do qual podemos extrair o conhecimento interior para realizar curas e outros atos de poder. Conhecer os Antigos Caminhos nos confere a habilidade de discernir padrões de energia e medidas vibratórias e de compreender como interpretá-los. Tal conhecimento se manifesta na compreensão do que é ação e reação dentro da ordem natural e da ordem sobrenatural. Na compreensão deste mecanismo interior está a habilidade de alguém de manifestar um desejo pela extração, condensação e direcionamento da energia etérica para um objetivo pessoal. Algumas pessoas chamam a isto mágica.

Mágica é, no entanto, um aspecto secundário da Antiga Religião; é o benefício de praticar a Arte, não a razão dela. A Antiga Religião ensina o alinhamento com as maneiras da Natureza; quando falamos dos Antigos Caminhos, estamos falando de

conceitos pré-cristãos, originados entre os povos primitivos que viviam em harmonia com a Natureza. Todo país tinha um Povo dos Antigos Caminhos, fossem eles xamãs da Europa ou índios americanos da América do Norte; eram povos cujas vidas e espíritos estavam intimamente ligados aos Ciclos da Natureza e, deste modo, nós os chamamos de Povos dos Antigos Caminhos.

Os Antigos Caminhos são ensinamentos coletados que contêm o conhecimento da Senda responsável pela união com o Grande Espírito. A evolução espiritual é a base das práticas encontradas entre os Povos dos Antigos Caminhos e Tradições; existem tantas Sendas para o Grande Espírito como há pessoas na Terra. As Grandes Deidades criaram tudo isto e dentro da própria criação podemos perceber algo do Criador. Assim como um artista deixa algo de sua natureza numa pintura ou escultura (para a qual podemos olhar e saber quem é o artista), assim também podemos descobrir algo de Divindade nos trabalhos da Natureza. De certo modo, a Natureza é um reflexo diminuto da natureza maior da qual foi tirada. Os Povos dos Antigos Caminhos cuidam dos princípios e dos trabalhos interiores da Natureza a fim de entender melhor a Consciência que os fez se manifestar.

Existe um velho ditado que diz: “o que está em cima é como o que está embaixo”; nós o encurtamos para “em cima como embaixo”. Nossas próprias naturezas interiores também são reflexos diminutos daquilo que nos criou; reconhecendo nossos próprios espíritos e examinando o reflexo da Natureza, podemos chegar mais perto de entender a Divindade, o Universo e nossa relação dentro dele. Talvez, acima de tudo, esta seja a verdadeira dádiva de praticar os Antigos Caminhos.



Mágica dos Antigos Caminhos

O conhecimento mágico das Bruxas hereditárias é uma fé antiga; baseia-se na crença de que espíritos habitam todos os objetos físicos e todos os cenários da Natureza. A mágica é, em parte, o conhecimento dos mecanismos internos que animam e fortificam a Natureza; além disso, mágica é a compreensão dos modos de agir do espírito; como passar além do véu que separa o mundo dos vivos do mundo dos espíritos. Esse conhecimento é a Arte da Bruxa, que tem levado pessoas através dos tempos a procurar Bruxas para fazer feitiços ou adivinhação, ou para caçá-las e matá-las por medo desse poder.

A Arte da Bruxa se compõe das seguintes artes: herbalística, divinatória, mágica, farmacêutica, talismânica e invocacional/evocacional. Tudo que se possa atribuir à Bruxaria pode ser delegado a uma dessas artes antigas. Existem essencialmente dois modos primários de elevar o poder da bruxa; o poder é provocado dentro da Bruxa ou é dirigido para ela. O poder provocado surge dentro da mente ou é gerado por energia emocional ou sexual. O poder dirigido é a invocação ou a evocação de uma deidade ou de um espírito de algum tipo (veja glossário).

Uma grande quantidade de mágica popular está presente na Bruxaria moderna. Na mágica popular freqüentemente encontramos a crença de que uma determinada erva pode produzir resultados específicos se empregada como amuleto. Esse tipo de mágica é o auto-encantamento, do qual são extraídos os poderes da mente. O auto-encantamento se apóia na crença pessoal, fortalecida pelo catalisador de um símbolo, amuleto, erva, salmo ou instrumento ritual.

Na Bruxaria dos Antigos Caminhos encontramos o poder da mente direcionando a batida do coração, a respiração e a descarga de secreções endócrinas na corrente

sangüínea. A mente se torna inflamada com a aplicação emocional e o corpo se torna fortalecido pelas mudanças químicas dentro dele. Algumas vezes isso é auxiliado pelo uso de várias poções herbais; a mente, então, direciona a energia acumulada para a aura — ou pela respiração ou pela extensão de energia bioeletromagnética gerada. Para a Bruxa hereditária, mágica é uma questão de sangue, respiração e espírito. A mente é o mecanismo diretor e controlador que supervisiona a criação de energia e então dirige seu lançamento.

Outro aspecto da mágica dos Antigos Caminhos está relacionado com a crença no mundo espiritual. A Bruxa hereditária levava uma bolsa vermelha que significava a conexão do sangue; ela usava nessa bolsa as ervas sagradas da Antiga Religião: hera e arruda. Hera é o símbolo do tecelão, pois as Bruxas são tecelãs de mágica; a arruda é o símbolo dos Antigos Caminhos. Assim como a planta da arruda se divide em três galhos, do mesmo modo os clãs das velhas Bruxas eram divididos em três: os mantenedores dos mistérios da terra, da lua e das estrelas.

A Bruxa se mostrava levando esses itens quando procurava por objetos de poder, tais como uma pedra com um furo. Acreditava-se que uma fada podia ser ligada à pedra e deste modo ser um auxiliar mágico da Bruxa. As Fata ou seres-fadas reconheciam a Bruxa por meio desses símbolos e prazerosamente a ajudavam em seus encantamentos ou rituais. A Bruxa compartilhava o poder do sangue com a Fata ao untar a pedra com três gotas; esta é a origem da lenda segundo a qual as Bruxas se alimentavam de seus familiares ou os sugavam. No compartilhamento do sangue vemos a antiga conexão entre fadas e espíritos ancestrais.

No panteão de espíritos das Bruxas há uma raça conhecida como os Grigori, que são os guardiães dos portais que ligam o mundo material aos mundos dos espíritos.

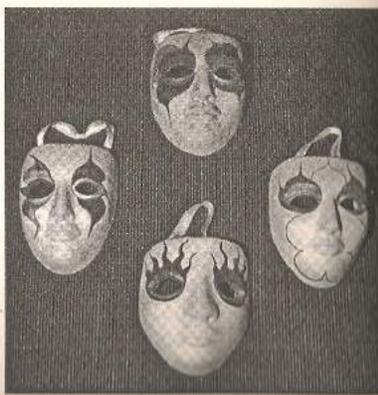


Figura 44
Máscaras dos Grigori ou Vigilantes, do século XIX. Tradicionalmente as máscaras são penduradas nas tochas dos quadrantes, durante os rituais. (Da Coleção Clã Umbra.)

Há muito tempo atrás, criaram-se gestos e posturas para a comunicação com esses espíritos poderosos. Quando uma pessoa é iniciada na Antiga Religião, é apresentada aos quatro quadrantes dentro do círculo ritual e em cada quadrante um Grigori fica de vigia; fazendo um gesto ritual ou assumindo uma postura, a Bruxa anuncia que é herdeira das chaves que abrem os portais.

Os Grigori reconhecem os sinais rituais que apenas um iniciado pode conhecer e isso lhes serve de afirmação de que a pessoa diante deles é treinada na Arte e agirá com responsabilidade, por causa de seus juramentos; nesse caso, as posturas rituais e os gestos se tornam *sinais de passagem*, permitindo que a Bruxa acesse os mundos espirituais através dos portais, desobstruídos pelos Grigori. Os Grigori têm o poder de permitir ou negar que um encantamento ou trabalho de mágica passe para a dimensão astral, onde a mágica está enraizada; portanto, o poder de uma Bruxa é freqüentemente ligado a sua comunicação com os Vigilantes.

Ainda a respeito dos Grigori, cada quadrante elemental é influenciado por um regente elemental; a Bruxa pode evocar essas entidades e pedir a ajuda delas em seu empenho ritual e mágico. Os espíritos elementais podem conceder a essência vital do poder elemental para a fabricação do encantamento; a vantagem é que o poder elemental é puro. O poder elevado apenas pela Bruxa carrega as qualidades internas dela e sendo humanos, nós somos menos que perfeitos; fundir a energia elemental com a nossa faz com que a qualidade de energia seja elevada ao mais alto nível, mais em harmonia com as dimensões não-físicas.

Num sentido ocultista, semelhante atraindo semelhante; a energia enviada para os outros mundos tende a se mover em direção a reinos harmoniosos que ressoam com sua própria vibração. Para começar, isso não é sempre uma coisa boa, especialmente quando ambição, manipulação, raiva ou mal é o motivo do encantamento. A vantagem em evocar uma energia elemental para o encantamento é que isso ajuda a alinhar o encantamento com a Natureza, em vez de com a natureza humana. A Natureza não tem nenhum compromisso, a não ser com a harmonia e com a lei de causa-e-efeito; mais ainda, os Grigori estão presentes para sentir a intenção do encantamento e para servir como advertência de que os vigilantes estão por perto. Bem, existem modos de contornar isso, mas no final das contas, todos temos nossas dívidas cármicas para pagar.

As Bruxas hereditárias têm um ditado que diz que há somente duas razões para que sua mágica falhe: ou você executou incorretamente ou forças maiores estão se opondo. Executar incorretamente quer dizer que você estava trabalhando contra as ondas naturais de energia ou que estava usando associações ou alinhamentos errados. Tudo na Natureza tem suas estações e seus alinhamentos; plantar uma semente na neve do inverno não vai resultar no crescimento da planta nessa estação; cortar um broto na primavera não vai lhe dar uma cenoura no verão. Para a maioria das pessoas, o poder da mente ou a crença pessoal não vai mudar esta verdade.

O mesmo se aplica às energias lunares associadas às fases da Lua, bem como às marés de energia que fluem durante solstícios e equinócios (e seus quadrantes).

Algumas dessas marés e energias são naturalmente proveitosas para ganho e crescimento, outras para perda e declínio. A Bruxaria é uma religião da Natureza e as Bruxas trabalham a favor dela, não contra ela. Trabalhar segundo as fórmulas da Natureza resulta em trabalhos de mágica consistentes e bem-sucedidos, mas trabalhar contra as fórmulas naturais somente traz resultados infelizes e não confiáveis. A melhor regra empírica é considerar que a Natureza é a cópia heliográfica pela qual formulamos mágica e sobre a qual nossa religião é construída.

DESEJO MÍSTICO

Há um misterioso poder mental que aparentemente trabalha por si só. Temos uma rápida imagem dele quando uma auto-sugestão bem-sucedida na hora de dormir, para acordar numa determinada hora, se torna realidade no dia seguinte. Essa consciência silenciosa, atrás-dos-bastidores, é também a mente que aceita símbolos ocultos como conceitos tangíveis e se funde com o nível astral para manifestar o efeito desejado dentro da dimensão física. Para servir aos objetivos deste capítulo, podemos dizer que há dois tipos de desejo: um é o concentrado e poderoso poder da mente — o foco pessoal que realiza a tarefa; o segundo tipo, do qual falo aqui, é o que pode ser chamado desejo místico.

Se pudermos dizer que o desejo poderoso é uma criatura de mente consciente, poderemos igualmente afirmar que o desejo místico é do subconsciente. A mente subconsciente está ligada no nível astral, assim como a mente consciente está ligada no nível material. A estimulação dos sentidos físicos na dimensão material faz a mente consciente reagir de um certo modo; o mesmo se pode dizer da mente subconsciente quando acontece uma estimulação dos sentidos astrais. A estimulação pode ocorrer no cérebro, dizendo que o corpo precisa de comida ou de bebida; a mente consciente pesquisa as opções e inicia uma ação que vai produzir um resultado. Do mesmo modo, a estimulação pode ocorrer dentro do cérebro, sugerindo que o espírito precisa de cuidados e a mente subconsciente então vai recorrer ao material astral para estabelecer uma imagem que possa criar o resultado desejado.

Junto com a mente consciente, a mente subconsciente conectou todas as nossas experiências numa teia de caminhos de memória. Tudo está ligado e associado, classificado e mapeado; devido a isso, possuímos realmente mais conhecimento do que percebemos. Não estamos conscientemente a par da total integração de todas as nossas memórias e fatos estocados. É o desejo místico que supervisiona os dados acumulados e os recupera quando as correlações se fazem necessárias. O conhecimento consciente do desejo místico é uma coisa poderosa.

Os cinco preceitos seguintes sobre o desejo místico são tirados integralmente do livro de Charles Leland *Gypsy Sorcery and Fortune Telling* (Feitiçaria Cigana e Leitura da Sorte, New York, Dover Publications, 1971). Foi somente quando li essas palavras em voz alta que entendi realmente seu significado e sugiro que o leitor faça o mesmo:

1. Temos um desejo consciente que, embora possa ser um espírito independente e incompreensível ou simplesmente o resultado correlativo ou ação de todos os nossos outros poderes cerebrais, realmente existe e que durante nossas horas de vigília direciona nossos pensamentos e atos. Quando trabalha no mundo de influências sociais, sua tendência geral é em direção ao senso comum médio.

2. Esse desejo consciente dorme quando dormimos, mas as imagens coletivas que formam a memória, cada uma delas sendo uma memória separada como um conjunto de casulos de abelhas que formam um favo, estão sempre prontas para se apresentarem, assim como o mel é sempre doce, límpido e fluído. Existe entre elas toda uma faculdade associativa ou um poder estranho e singular que começa a agir quando o desejo dorme. Se é também um Self independente que brinca caprichosamente enquanto a consciência dorme, ou o resultado de forças correlatas, ainda não é possível determinar. O que sabemos é que ele chama as imagens por associação e, de uma maneira fantástica e caprichosa, imita e combina o que já experimentamos ou lemos ou pensamos, durante as horas de vigília.

3. Nosso desejo em vigília só pode perceber tais imagens ou agir sobre elas se estiver familiarizado com elas ou se tiverem sido lembradas tantas vezes que ocorrem espontaneamente. Mas todos os tesouros da memória parecem estar disponíveis para o dono do sonho e, com eles, um poder dócil e afável para agrupá-los em combinações caleidoscópicas. Assim, se imaginarmos um caleidoscópio que a cada volta forma vários grupos de imagens humanas ou outras figuras em diferentes atitudes, teríamos uma idéia da ação dos sonhos. É provável que a função cabal do poder do sonho seja evitar que as imagens se tornem totalmente esquecidas ou desbotadas e exercer a faculdade do simples ou da combinação aleatória para manter a originalidade e a criatividade alertas no homem; pois é quase certo que, se não fosse pela intrusão desta faculdade em nossos pensamentos ativos, o homem se tornaria um simples animal, sem uma idéia além de apetites comuns desorganizados, instintos e emoções da mais baixa espécie.

4. O poder do sonho se infiltra, mais ou menos, em toda a vida ativa; depois age, embora irregularmente, e no entanto em harmonia, com o desejo consciente. Quando é poderoso e tem grande habilidade para formar associações de imagens — e com imagens quero dizer "idéias" — e pode também submeter estas imagens à sabedoria ativa, o resultado é poesia ou arte. Ao lembrar de imagens belas e estranhas, e ao imaginar cenas, parcialmente deslizamos para o sonho; de fato, sonhamos realmente, embora o desejo consciente esteja ao nosso lado o tempo todo e até ajude nosso trabalho. Muitos poetas e artistas e muitos inventores testemunharão que, ao imaginar e inventar, eles abstraem a "mente" do mundo e dos eventos lugares-comuns,

procuram o silêncio e a quietude e tentam entrar num "estúdio marrom", que é um sonho ativo; quer dizer, uma condição que é, em certos aspectos, análoga ao fato de que dormir é necessário para estimular o fluxo e a combinação de imagens. Esse estúdio marrom é um estado mental no qual as imagens fluem e se misturam e formam novas formas muito mais facilmente do que quando o Desejo e a Razão estão no comando, pois eles agem apenas numa trilha convencional e batida e lidam somente com o conhecido e o familiar.

5. Mágica é a produção daquilo que não é mensurado pela capacidade do desejo operante consciente; o espírito do sonho, ou aquilo que conhece todas as nossas memórias, e que combina, mistura, separa, espalha, une, confunde, intensifica, embeleza ou torna terríveis todas as pessoas, por um raciocínio instantâneo ou intuição, percebe aquilo que o bom senso ativo não percebe. Visitamos um homem doente e o espírito do sonho, de inextricáveis estoques de memória ajudados pela associação que resulta num raciocínio sutil e oculto, percebe que o paciente vai morrer num determinado tempo, e este resultado é apresentado num sonho dramático. A quantidade de milagres, mistérios, aparições, presságios e teurgia¹ que a ação dessas faculdades latentes causa, ou parece causar, é simplesmente ilimitada, pois nenhum homem sabe quanto ele sabe.

Poucos, realmente, são os europeus cultos com experiência média de vida, cujas memórias não são uma enciclopédia interminável, e cujos intelectos não são infinitos; se tudo isso que está realmente dentro deles pudesse ser despertado do sono, o "conhece-te a ti mesmo" significaria "conhece o universo". Agora, há pessoas que, sem saberem porquê, são freqüentemente inspiradas por esse poder que intuitivamente adivinha ou imagina, sem revelar o processo; tons, gestos, semblante e endereço imediatamente sugerem uma asserção ou predição que prova ser verdadeira.

Considerando que o poder do sonho tem milhões de experiências ou imagens sob seu comando, que ele se espalha sobre todas elas como um relâmpago, que ele pode combinar, abstrair, comparar e deduzir, que é, por assim dizer, mais um artista taumaturgo do que qualquer outra coisa, que excede a sabedoria ativa numa trapaga sutil, a maravilha é, não que tantas vezes costumemos ouvir falar do maravilhoso e de maravilhas mágicas e inexplicáveis, que elas não são de ocorrência diária ou horária. Quando pensamos no que poderíamos ser se pudéssemos ser mestres de nós mesmos, requisitar o vasto oceano de conhecimento que está no cérebro de cada um que lê estas linhas, se pudéssemos aceitar sua onda e cada gota sua de

água e cada concha, pedregulho, destroço, erva daninha ou grão de areia sobre os quais ela rola, e com tudo isso comandar as forças que fazem suas marés e tempestades, então poderíamos compreender que todo o poder fazedor de maravilhas atribuído a todos os feiticeiros dos tempos antigos não era nada, comparado ao que realmente existe dentro de nós.

CERIMÔNIA DA LUA CHEIA

Um aspecto do Desejo Místico desempenha um papel importante na cerimônia da Lua Cheia. Este ritual termina com uma prece pedindo que a Deusa fale conosco em sonhos, nos ensinando enquanto dormimos. Já que o desejo místico, com efeito, se mantém em vigília enquanto dormimos, ele é o recipiente consciente dos ensinamentos enviados a nós no sono. A prece solicita:

Deusa dos Mistérios da Lua, ensine-me os segredos recém-revelados, antigos ritos de invocação de que a Strega sagrada falou, pois creio na história da Strega quando ela falou de Sua glória intemporal, quando ela disse para lhe suplicar, e quando procurar pelo saber para procurar e encontrar você acima de todas as outras.

Dê-me poder, ó Mais Secreta Senhora, Para amarrar meus inimigos. Receba-me Como sua filha, receba-me embora eu seja Da terra. Quando meu corpo jazer à noite Descansando, fale com meu espírito interior, Ensine-me todos os seus Mistérios Sagrados. Creio em sua antiga promessa de que Quem procura sua Sagrada Presença partilhará de sua sabedoria.

Este conceito é uma das chaves para a Bruxaria italiana hereditária. Embora seja importante para nossos professores transmitir a antiga sabedoria, também recebemos ensinamentos diretamente do nível astral; este é o ato de equilíbrio, o corpo e a alma, o material e o espiritual, todos conectados. Às vezes a mente consciente (a chamada mente racional) pode se tornar um guardião terrível, evitando que abracemos os conceitos metafísicos ou sobrenaturais ou que percebamos a validade das experiências/encontros ocultos. Esse guardião não pode ser conquistado de assalto; é preciso se insinuar imperceptivelmente por ele à noite, pois ele é rápido em transformar a mágica em artimanha, a manifestação em ilusão e o fenômeno sobrenatural em alucinação; portanto, precisamos chamar a Deusa para nos ensinar, enquanto o guardião está distraído.

¹ *Teurgia*, do grego: conhecimento das práticas necessárias para fazer agir a influência divina, quando e onde se quiser. (N.T.)

MÁGICA MAGNÉTICA OCULTA

Quando falamos de energias magnéticas ou de forças num contexto ocultista, falamos da contraparte metafísica que se manifesta na dimensão física.

Entre os iniciados, a força magnética é percebida como uma substância extremamente refinada que pode ser controlada e dirigida pela mente; pode ser condensada e armazenada dentro de objetos inanimados e esses objetos, então, se tornam carregados. Todos os tipos de líquidos e todos os metais facilmente aceitam e armazenam uma carga magnética oculta. Madeira ou produtos de madeira aceitam a carga, mas não a armazenam por longos períodos de tempo; a seda é o único material conhecido que não aceita nem armazena esse tipo de carga. É por isso que a seda tem sido usada, desde tempos antigos, como isolamento contra cargas magnéticas ocultas e contaminação magnética e, portanto, é útil para embrulhar objetos carregados, de modo que a carga magnética não escape do objeto ou se misture com a energia de outros objetos carregados.

O poder para usar o magnetismo oculto também pode ser designado como *fascinação* ou *encantamento*. Basicamente, existem dois métodos para usar o magnetismo pessoal: um é impregnar a aura de outra pessoa com uma forma-pensamento gerada por sua própria mente; o outro é persuadir o indivíduo a usar o desejo pessoal dele para modelar a forma-pensamento. Isto pode ser conseguido por acumulação de energia dentro de sua própria aura para projeção, pelo toque físico em outra pessoa, pela projeção de vapor mágico através de seus próprios olhos ou pela qualidade tonal de sua voz.

Os tons vibracionais da voz trazem consigo o magnetismo pessoal, estimulando a substância etérica da luz astral e criando um elo direto com a palavra falada e com a respiração; de uma perspectiva ocultista, o elemento ar é o mediador entre a energia elétrica e a magnética. Por meio da respiração lenta e profunda e da excitação emocional, o sangue acumula energia ódica da atmosfera prânica a nossa volta; este sangue carregado passa através dos pulmões, fornecendo energia magnética para a respiração. Quando fundida com o desejo pessoal do indivíduo, uma poderosa forma-pensamento pode ser criada dentro deste campo magnético; ela pode ser projetada pelos olhos ao focalizar uma pessoa ou objeto, ao segurar a respiração e ao visualizar uma corrente de vapor passando através dos olhos, como se você saísse deles. A chave para empregar a energia elemental está muito ligada à respiração controlada, pois esta pode ser fortemente carregada com energia ódica.

O aquecer da respiração (com uma inspiração profunda) conduz uma carga elétrica; uma respiração fria (soprada de um jato oco de ar) conduz uma carga magnética. Isso fica claro quando a respiração é remetida a uma outra pessoa, bem na base do cerebelo. Um jato envia uma corrente magnética para a aura da pessoa, resultando numa resposta elétrica; geralmente isso é desagradável e provoca uma reação de susto, um estalo elétrico. Uma expiração lenta, bem de dentro dos pulmões, envia uma corrente elétrica que resulta numa resposta magnética; esta é geralmente uma resposta erótica, a energia receptiva magnética associada à submissão sexual.

Quando se emprega a respiração ódica em conexão com qualquer forma de vida, acontece uma polaridade oposta: respiração magnética evoca resposta elétrica e respiração elétrica evoca resposta magnética. Quando se usam cargas de respiração em objetos inanimados, a carga ativa é liberada sem resposta de polaridade; uma exceção à regra é qualquer objeto inanimado que já tenha uma carga mágica ou qualquer objeto magnetizado. É importante ter em mente que energias magnéticas atraem, e energias elétricas vitalizam; com a experiência, você também verá que as energias magnéticas podem às vezes defletir cargas dirigidas, exatamente como energias elétricas às vezes causam inércia.

Com objetivos de cura, geralmente se usa a respiração magnética, a fim de que a resposta elétrica possa acelerar o processo de cura; isso é especialmente eficaz com feridas, queimaduras ou outros ferimentos leves. A respiração elétrica é mais eficiente na cura de doenças longas, somente se combinada com outras técnicas mágicas. A resposta magnética é útil para permitir que a doença seja receptiva a outros tipos de energia mágica dirigidos ao paciente. A respiração elétrica também aumenta os efeitos da medicação.

ESPELHO MÁGICO

O espelho mágico é um velho instrumento hereditário, tanto para adivinhação quanto para lançar encantamento e utiliza a superfície côncava de um material refletivo que pode ser facilmente construído com o uso da face curva do vidro de um relógio e pintando o lado convexo com tinta preta brilhante. Para preparar um espelho mágico, comece na noite de lua cheia; isso é especialmente eficaz se feito quando a lua está nos signos de Peixes, Câncer ou Escorpião.

Depois que a tinta estiver perfeitamente seca, banhe o espelho numa infusão herbácea de alecrim, erva-doce, arruda, verbena, hera e folhas de nogueira ou casca de árvore. Se quiser ser verdadeiramente tradicional, derrame um pouco de espuma do mar na mistura. Enquanto o espelho está depositado na poção, estenda as mãos sobre ele, com as palmas para baixo, e diga:

*Desperto os espíritos adormecidos dos antigos,
Cujos olhos revelam tudo que é inmemorial,
Dêem-me as visões dentro deste poço escuro,
E façam deste, um portal de mágico encantamento.*

Imagine uma névoa se formando em volta do espelho; respire profundamente e lentamente expire sobre a poção; repita três vezes. Retire o espelho da poção e seque-o por completo; ponha o espelho em pé, encaixado entre dois livros grossos para mantê-lo no lugar; os suportes não devem cobrir mais do que a metade do espelho. Estenda a mão direita, de modo que a palma fique de frente para a face convexa do espelho; depois coloque a palma esquerda de frente para o lado côncavo, cerca de sete centímetros distante da superfície do espelho. Agora, você está pronto

para magnetizar o espelho para a sua aura; com a mão esquerda, comece a fazer um movimento circular, no sentido do relógio, mantendo-se dentro das dimensões do espelho; faça isso por alguns minutos e depois faça o mesmo movimento no lado convexo do espelho, com a mão direita. A mão oposta fica sempre parada enquanto a mão em movimento circula.

Depois de terminar, leve o espelho para fora, sob a lua cheia e deixe que o luar banhe o lado côncavo. Lentamente encha o espelho com a poção de ervas até a beirada e levante-o para a lua, quase no nível de seus olhos; não se preocupe em derramar. Enquanto olha para a lua, deixe que seus olhos saiam de foco ligeiramente; se fizer isso de forma correta, você verá três linhas de luz, aparentemente emanando da lua; continue com os olhos semicerrados até que a linha vertical vinda do fundo da lua pareça tocar o espelho.

Assim que o raio de luar tocar o espelho, diga as palavras:

*Três são as linhas que vejo
E nenhuma está entre elas,
Pois a Feiticeira, por fim,
Vive dentro do vidro negro.*

Feche os olhos rapidamente para quebrar o contato visual; abra-os de novo, olhando para baixo, para o espelho. Ajoelhe-se e derrame a poção na terra, à maneira de uma libação; depois enxágüe o vidro com água fresca e limpa; por fim, embrulhe o espelho num pano de seda para proteger o magnetismo lunar. Nunca permita que a luz do sol bata diretamente nele. O espelho agora está pronto para ser usado em adivinhação ou encantamento.

A técnica é muito antiga, comum entre as Tradições xamânicas. Adivinhação é a habilidade de ver quais padrões estão se formando para serem manifestados. O que se vê é o que provavelmente vai acontecer, se nada mudar o padrão que está sendo tecido no material astral. A técnica seguinte lhe fornecerá o alicerce básico para realizar a arte da adivinhação conhecida como consultar o cristal. Coloque duas velas (como fonte de luz), de modo que a luz não seja refletida diretamente sobre o espelho (uns trinta ou cinqüenta centímetros longe, à sua frente e ladeando o espelho, deve ser o bastante).

Em seguida, faça uma série de lentos e deliberados passes com a mão sobre o espelho. De acordo com a mágica, a mão direita tem uma carga elétrica natural/ativa e a mão esquerda, uma carga magnética/receptiva. Um passe com a mão esquerda atrai a imagem em formação e passes com a mão direita fortalecem ou focalizam a imagem. Comece com passes de mão esquerda sobre o espelho, num círculo no sentido horário, alguns centímetros acima dele e com as palmas abertas e viradas para baixo. Pare e olhe fixamente o reflexo escuro — não para ele, mas dentro dele; é preciso repetir os passes enquanto aguarda a visão. Alterne a mão esquerda com a direita. Isso requer paciência e tempo. Use a intuição quando se sentar diante do espelho e certifique-se de que o local está silencioso, sem distrações. Beber uma xícara de chá

de alecrim antes da adivinhação pode ajudar o trabalho, mas lembre-se de que alecrim pode ser tóxico se ingerido em grande quantidade; portanto, limite-se a não mais de duas xícaras.

O espelho mágico também pode ser usado para lançar um encantamento. Esta é uma técnica simples que envolve reflexos e sigilos. Acenda duas velas e coloque-as em cada lado do espelho — cerca de cinqüenta centímetros distante. Coloque uma fotografia, imagem ou sigilo no alvo do encantamento, de modo que se reflita no espelho. Olhe fixamente para ele e imagine o efeito desejado. Invente uma rima curta se quiser, assim você poderá afirmar o desejo sem quebrar a concentração. Se quiser se livrar de uma influência ou situação, transforme-a num sigilo e depois o queime enquanto fixa o olhar nas chamas refletidas no espelho.

Outro método eficaz é soprar com delicadeza fumaça de incenso no espelho enquanto olha o reflexo. Deixe suas emoções se misturarem e depois inspire profundamente e lentamente expire contra o palito de incenso. Imagine que a fumaça é um vapor mágico levando seu desejo e quando ela tocar o espelho, imagine o alvo respondendo, como você quer. Faça isto três vezes. Criar uma rima curta para o encantamento também pode ajudar esta técnica.

Depois de terminar, misture a cera derretida, as cinzas do incenso e a foto ou imagem que usou; jogue tudo fora, de modo a manter a natureza elemental do encantamento. Assuntos de amor e sentimento geralmente pertencem à água; tarefas criativas ou artísticas pertencem ao ar; situações de separação ou destruição podem ser associadas ao fogo; resistência, força, fertilidade e estabilidade são tipicamente ligadas à terra.

Jogar algo na água corrente permite a fusão com o elemento água, conectando, deste modo, com a natureza mais alta do encantamento num nível macrocósmico; isso ajuda a fortalecer o ato de mágica. No caso de encantamentos relacionados com a terra, deve-se enterrar o objeto numa área conectada com o alvo. Encantamentos relacionados com o elemento fogo requerem a queima dos elementos de ligação. Finalmente, para um encantamento relacionado com o ar, deve-se usar vapor ou fumaça.

MÁGICA DO VAPOR

A expressão "mágica do vapor" se refere a uma substância etérea gerada do sistema circulatório para os pulmões. Um aspecto da mágica do vapor está relacionado com o magnetismo oculto e é conhecido como fascinação ou encantamento. Do mesmo modo que a energia magnética oculta em geral, a mágica do vapor é provocada pela respiração ódica e lançada através dos olhos, o famoso olhar fixo mágico. Em muitas culturas, este poder era temido e chegou a ser conhecido como "mau olhado". As pessoas tomadas pela influência da mágica do vapor eram consideradas enfeitigadas.

Os antigos acreditavam que forças misteriosas eram lançadas dos olhos de pessoas invejosas ou zangadas; esta energia, muitas vezes vista como malévola, contamina-

va a atmosfera ao redor da pessoa a quem era dirigida. A habilidade do olhar para transmitir poder é uma crença espalhada por toda a Europa. Na Itália, é freqüentemente referida como *jettatore*. As pessoas temiam particularmente o poder de feitiçeiros de encantar o gado com seu olhar mágico; por esta razão, amuletos ornamentais eram colocados em cavalos, bois e outras criações. Pensava-se que esses amuletos, tradicionalmente feitos com superfícies refletivas brilhantes, afastavam o mau-olhado.

Os antigos acreditavam que o poder de enfeitiçar através do olhar era mais pronunciado nas mulheres; na Itália moderna, entretanto, a crença popular agora considera que este poder é mais forte nos homens. O folclore italiano prescreve, como proteção, carregar consigo um galho de arruda, um rabo de lobo, um dente de alho ou a raiz de uma erva conhecida como Luva de Dama. O folclore italiano também afirma que para espantar o olhar mágico, é preciso mostrar dois dedos estendidos para o atacante, bem rapidamente.

Na Roma antiga, os amuletos conhecidos como *fascinum* eram vistos como proteção contra o olhar mágico; o mais popular era uma figa, uma das formas mais antigas ainda usadas hoje em dia e que está relacionada com o simbolismo fálico. O Deus Fascinus era venerado sob a forma de falo e era associado ao mar; por esta razão, tradicionalmente a figa é feita de coral, especialmente coral vermelho, que é a cor da vida e da vitalidade, uma energia que protege contra má sorte ou declínio.

O fato de que o olhar mágico podia ser usado em curas ou outras formas positivas de mágica tornou-se perdido no folclore posterior ao advento do Cristianismo; a mágica era, e ainda é, desencorajada pela Igreja e, portanto, todos os atos de magia se tornaram malévolos no folclore comum europeu. As Bruxas italianas modernas empregam a mágica do vapor especialmente para curar doenças e para carregar objetos com o poder pessoal, o que é particularmente eficaz quando combinado com a emanação mágica do luar.

ATRAIR O LUAR

Atrair o luar é, na verdade, captar o poder que emana de sua luz. Na mágica dos Antigos Caminhos, há dois métodos básicos de atrair o luar: o primeiro é fazer uma armadilha para o luar usando o gesto conhecido como *talons*. Eis a técnica: estenda a mão à sua frente com a palma para fora; dobre o dedo mínimo, deixando os outros três dedos e o polegar levantados; depois dobre esses dedos até a metade, formando uma "garra de ave"; depois, gire a mão em sua direção, com o polegar à altura dos olhos. Gire a mão novamente para fora, varrendo em semicírculo, como se estivesse limpando alguma coisa. Ao fazer isso, feche rapidamente os talons, como se fosse uma ave de rapina agarrando algo em pleno vôo.

Os talons são usados para agarrar o luar em épocas específicas. Os tempos de poder se levantam no momento em que a lua cheia clareia o horizonte (montanhas, edifícios ou qualquer outra coisa), e quando a lua está diretamente acima da cabeça.

Uma vez preso, o poder é colocado dentro de um objeto, para que fique carregado com energia astral. Para fazer isto, simplesmente agarre a luz, como ensinado, e aperte os três dedos e os polegares juntos, com força; a seguir, coloque as pontas dos dedos no objeto, aperte firme e depois abra os dedos rapidamente e afaste-os para cima. Esta ação liberta a energia e a carga é completada. Este também é um bom método de recarregar punhais rituais, pentagramas, cristais, runas adivinhatórias e itens mágicos/rituais.

A segunda técnica é moderna e emprega a força de um cristal. Segure o cristal entre o polegar e o indicador com a ponta voltada para a palma da mão e faça o mesmo movimento circular de varrer, feito para agarrar o luar; a diferença é que, assim que varrer para fora, você vai fechar os outros três dedos sobre o cristal, aprisionando-o na mão; depois, aperte o cristal firmemente na mão, coloque a outra mão sobre a fechada, e de novo, aperte com força. A carga está colocada no cristal.

A técnica dos talons pode ser usada para captar a essência da influência da lua quando ela ocupa um signo específico do zodíaco; também pode ser usada para captar a essência do arco-íris, de um cometa ou de qualquer fenômeno com o qual você deseja se alinhar. Para liberar a carga, simplesmente passe o cristal pela chama de uma vela várias vezes e depois coloque-o em água salgada por cerca de uma hora. Tire o cristal, enxágüe-o em água limpa e coloque-o ao sol por uns quinze minutos, mas não por mais de uma hora.

INSTRUMENTOS DAS BRUXAS

O mais antigo instrumento das Bruxas é o bastão ou varinha, que se originou nos primeiros tempos da adoração da árvore. As raízes das árvores se aprofundavam no chão e seus galhos subiam para o céu; o tronco da árvore, deste modo, formava uma ponte entre o Submundo e os Céus. Por esta razão, o uso de três cepos como altar era freqüente entre as Bruxas de antigamente. Essa conexão sagrada é a razão de o Deus Sacrificado ou Rei Divino ser pendurado numa árvore; desta maneira, ele próprio se tornava a ponte entre sua tribo e o reino dos deuses.

Certas árvores, como o carvalho e a noqueira, eram consideradas como deuses; assim, quando a bruxa usava um bastão ou varinha feitos do galho de uma árvore, significava que ela ou ele era um emissário dos deuses; essa era sua autoridade para agir como sacerdote ou sacerdotisa do Deus ou da Deusa. O segundo instrumento mais antigo das Bruxas é a taça ritual, que era uma simples cuia ou tigela de madeira, usada para conter vinho e outros líquidos rituais.

Seguindo a taça, vem o pentáculo, também feito de madeira, que evoluiu para um tipo de altar portátil. Nele era gravada uma estrela de cinco pontas, simbolizando o poder dos quatro elementos da Natureza, harmonizados pela presença de um quinto elemento, conhecido como espírito; costumava-se colocar objetos no pentáculo, focalizando os elementos criativos a fim de lançar encantamentos. O último da lista era a adaga, que evoluiu a partir da foice usada na colheita ou para matar animais

para o sacrifício; este instrumento só apareceu na Antiga Religião por volta do Período Agrário. No tarô de Cary-Yale Visconti, que data do século XV, as imagens dos instrumentos tradicionais do Ocultismo Ocidental (varinha, taça, pentáculo e espada) foram preservados na carta do Mago.

Durante a Idade Média e o período renascentista, muitas Bruxas de família preferiam usar o almofariz e o pilão como instrumentos rituais, para evitar acusações de Bruxaria; estes forneciam à Bruxa a varinha e o cálice. Uma simples travessa e uma faca comum completavam o conjunto de instrumentos. Os instrumentos eram marcados com tinta lavável que podia ser facilmente removida em caso de intrusos. Por volta do século XIX, seguras por trás da maçonaria, muitas Bruxas de família praticavam os Antigos Caminhos com desenhos e símbolos permanentes.

O caldeirão é característico da Bruxaria italiana, muito provavelmente devido às associações itálicas pagãs da lareira com a família, espíritos ancestrais e espíritos da casa, como os Lare ou Lasa. A Bruxa portadora de presentes, conhecida como Befana, que enche as meias das crianças durante a estação das festas na Itália, é fortemente ligada à lareira; sua cesta ou seu saco de presentes é remanescente do caldeirão mágico. Modernamente ela carrega também uma vassoura, mas nos tempos antigos Befana voava nas costas de um bode, pois ela é a Deusa Fana, cujo marido é

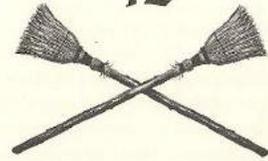
Faunus, o deus-bode com chifres. No primitivo folclore italiano, as Bruxas não voavam em vassouras, mas em bodes mágicos que as levavam para a Treguenda.

A vassoura, como instrumento ritual, é usada para limpar o local do ritual. Também é colocada como barreira protetora, atravessando a abertura do portal do círculo, quando este é deixado aberto. Simbolicamente, a vassoura representa purificação e, já que “pensamentos são coisas” para uma entidade astral, a vassoura se torna um freio muito real. No nível mágico, a vassoura da Bruxa era composta de três diferentes materiais vegetais: o cabo era feito de freixo, as cerdas de ramos de videiro e a amarração do cabo era feita de ramos de salgueiro. O freixo dava poder sobre os elementos, o videiro protegia contra maus espíritos e o salgueiro declarava a submissão à Deusa Hécate Triforme. Os três materiais que compunham a vassoura eram uma tríade simbólica, anunciando a todos os espíritos que a Bruxa estava autorizada em nome de Hécate; portanto, a vassoura pode se tornar um instrumento de banimento ao varrer em direção ao portal ou açoiar o ar para espantar espíritos indesejados.



Figura 45

A Bruxa Befana em vestimenta folclórica tradicional. Bruxas de família colocam uma estátua de Befana no console da lareira onde penduram as meias das crianças para serem enchidas com guloseimas na noite de 6 de janeiro. Befana é a presenteadora, um espírito ancestral que une as gerações passada e presente.



O Evangelho das Bruxas

A idéia, e muito menos a existência, de um *evangelho* de Bruxas é algo muito controverso na Arte de hoje em dia; no entanto, não é realmente tão estranho considerar que existam escrituras sagradas na seita das Bruxas. A maioria das religiões possui um texto sagrado de alguma espécie, seja escrito por seus fundadores, seja criado por discípulos. Nas tradições italianas, surgidas a partir dos ensinamentos de Arádia, encontramos realmente uma coleção de textos, comumente referidos como o Livro da Strega Sagrada; o chamado *Evangelho das Bruxas* é parte dessas escrituras sagradas.

Logo após a publicação de *Ways of the Strega*, alguns leitores questionaram a validade dos conceitos atribuídos à época de Arádia; primeiramente em dúvida estavam elementos como uma figura feminina do "messias", junto com a profecia de um tempo futuro em que ela se anunciaria. Para evitar mal-entendidos, vamos examinar neste capítulo as influências religiosas e o cenário histórico da Itália durante o século XIV, a época de Arádia.

No século XII, Joaquim de Flora (também chamado Joachim de Fiore), abade de Corazzo, escreveu um texto profético sobre a Idade da Razão. Seus escritos tiveram uma grande influência no pensamento religioso por todo o restante da Idade Média. Em 1200, Joaquim entregou seus escritos para aprovação da Santa Sé. Em relação à futura Idade da Razão, Joaquim escreveu:

O período do Velho Testamento estava sob a influência direta de Deus Pai. Com o advento de Cristo, veio a era de Deus Filho. A época estava, então, pronta para o reinado de Deus Espírito Santo. Uma nova era estava sendo introduzida, uma culminação; nos novos dias,

o homem não teria de se apoiar na fé, pois tudo seria fundamentado no conhecimento e na razão.

O ano de 1300 foi declarado ano do Jubileu por Bonifácio VIII; era também o ano em que Dante teve sua "visão: dos Alcoviteiros do inferno". A chamada seita dos Guglielmitas, na crença de que uma certa mulher de nome Guglielma de Milão era a encarnação do Espírito Santo, queria estabelecer uma igreja com um papa mulher e cardeais mulheres. O milenialismo muitas vezes fornece uma base para o progresso social das mulheres; historicamente, elas têm desempenhado papéis ativos e criativos, mesmo em sociedades onde suas vozes teriam sido normalmente reprimidas, como foi o caso de Guglielma de Milão.

Manfreda Visconti foi eleita pelos guglielmitas como sua papisa; o ano de 1300 anunciaria uma nova era de mulheres papas, com Manfreda oficiando uma missa na Santa Maria Maggiore. Ela foi mais tarde queimada na fogueira como herege. Na verdade, Guglielma era a princesa Blazena Vilemina, filha do rei da Boêmia. Nasceu em 1210, chegou a Milão por volta de 1260 e, segundo os registros, morreu em 12 de agosto de 1281. Guglielma apareceu em Milão vestida como uma "mulher comum", mas devido a seus antecedentes nobres, atraiu seguidores tanto da família Visconti quanto da família Torriani (nobres rivais da época) e foi vista como "pacíficadora" entre essas famílias. Há alguma conjectura sobre a possibilidade de ela ter sido influenciada pelas irmãs do "Livre Espírito", um grupo herético muito importante da época, que pregava os ensinamentos de Joaquim.

O principal discípulo de Guglielma, Andrea Saramita, disse tê-la ouvido reinvindicar "divindade". Ele era um laico bastante rico, versado nos ensinamentos de Joaquim sobre a Era do Espírito, escreveu a maioria dos documentos e era o principal teólogo da seita.

Maifreda da Pirovano, prima de Matteo Visconti, foi eleita chefe da seita guglielmita que lhe outorgou realmente o título de Papa, vigário do Espírito Santo na terra. De acordo com a lenda, o retrato na carta da Papisa no baralho de tarô Visconti é dela. Dos cerca de trinta membros da seita de sete famílias milanesas, as mulheres eram em maior número que os homens, mas dez dos membros mais fervorosos eram homens. A seita tinha uma interessante vida social, praticando a igualdade de sexos em todos os aspectos; não havia ênfase na virgindade ou castidade, embora muitas mulheres fossem viúvas ou solteiras.

O interessante é que, embora inconcebível para essa época, os membros da seita cruzavam as barreiras sociais; tanto ricos quanto pobres, inclusive servos, estavam envolvidos — a afiliação ia do filho do dirigente, Galeazzo Visconti, à pobre costureira Taria e a Bianca, uma cozeira. Devido à vontade de Guglielma de que todos os seus devotos permanecessem como uma família, eles se reuniam freqüentemente para refeições comemorativas em sua honra. Segundo consta, houve tentativas por todo o ano de 1300, de continuar a lembrança de Guglielma escondendo sua imagem em pinturas e chamando-a por vários nomes.

O tema de uma mulher messias, de refeições comemorativas e da chegada da Idade da Razão podem muito bem ter fincado os alicerces das lendas em torno de Arádia; pelo menos, isso demonstra que o tema era bem conhecido na Itália durante o começo do século XIV. A preexistência desses temas que aparecem mais tarde no material aradiano dá crédito às lendas das Streghe, deste modo fornecendo algum fundamento histórico para a aparição lógica do tema na Velha Itália.

De acordo com a lenda, Arádia nasceu em 1313 na cidade de Volterra, norte da Itália. Ela reuniu um pequeno bando de seguidores e percorreu o interior, ensinando e pregando a Antiga Religião da Itália. Arádia falava da Idade da Razão que estava para chegar e que iria substituir a Idade do Filho. Quando Arádia se foi, pediu que uma refeição fosse feita em sua honra e que fosse lembrada pelas gerações futuras.

Neste capítulo, o Evangelho das Bruxas é apresentado como foi passado para mim, mas numa forma modificada; tentei preservar a qualidade ingênua do velho estilo em respeito à tradição e ao sentimento de antiguidade. O que você vai ler é minha própria reprodução, tirada tanto da tradição escrita quanto da oral. Em 1981 escrevi uma versão do Evangelho das Bruxas, lançada em publicação particular; o Evangelho, conforme mostrado neste livro, baseia-se no trabalho anterior mas está fundamentado nos ensinamentos antigos tradicionais.

Tenha o Evangelho das Bruxas vindo do século XIV, ou tenha Arádia existido como personalidade histórica ou não, é de importância secundária, se é que é importante. O que vale a pena são os ensinamentos e a mensagem do próprio Evangelho, pois aqui está a história das lutas do espírito humano para libertar-se da escravidão; aqui também estão a força do espírito humano na adversidade, o poder para suportá-la e a tenacidade de um sistema de crença que sobrevive contra tudo.

Pessoalmente, acredito na verdadeira existência de Arádia e nos seus ensinamentos, mas também creio em muitas coisas impossíveis: creio que, um dia, as vidas das pessoas serão mais importantes do que a prosperidade das corporações e que a saúde de nosso planeta terá muito mais valor do que as margens trimestrais de lucro. Acredito que um dia todos estaremos unidos por nossas similaridades, em vez de divididos por nossas diferenças. Sim, sou um sonhador, mas os sonhos emprestam beleza ao mundo; quando contemplo o horizonte da cidade, quando olho para a superfície poluída de lagos e rios, quando absorvo os raios cancerígenos do sol passando pelos buracos da camada de ozônio da Terra, eu creio nos Antigos Caminhos, em Arádia e no impossível.

EVANGELHO DA STREGA SAGRADA

Arádia era filha do espírito e, já em sua juventude, ouvia vozes que apenas os antigos conheciam. Nas primeiras horas da aurora, caminhava pelas montanhas Albanas perto do lago Nemi; um dia, depois de ter andado para longe nas montanhas, sentiu-se fatigada e resolveu descansar sob a sombra de uma grande árvore. Ao centralizar os pensamentos, uma voz falou com ela, dizendo:

"Olhe bem dentro dos céus e saiba que você foi escolhida".

Arádia olhou para cima, os céus escureceram e a voz murmurou as palavras "sombra da lua". Algo dentro dela despertou e ela compreendeu o caminho que se estendia diante de si. Passeando o olhar pelas montanhas, viu a beleza da Criação e a igualdade das coisas; uma compreensão dos trabalhos interiores da Natureza despertou nela e, com esta iluminação, ela abriu seu coração e mente para a vastidão de tudo que captava. Então, Arádia sentiu a opressão do povo camponês, conheceu suas mágoas e ficou muito comovida e compadecida.

Na época de Arádia, muitos escravos camponeses haviam fugido para as montanhas e florestas, juntando-se em bandos de foras-da-lei para sobreviver. Arádia os procurou e viveu com eles por um certo tempo, nos campos do lago Nemi. Lá, ouviu os apuros de seu povo; muitos eram perseguidos pela Igreja porque veneravam os Antigos Caminhos; outros eram escravizados por senhores cruéis que dominavam a terra. Entre esses fugitivos, Arádia conheceu muitos Bruxos que também estavam escondidos.

Com o tempo, Arádia foi para as vilas e cidades para levar esperança ao povo, junto com seus ensinamentos, dizendo:

"Benditos sejam os livres. Benditos sejam os que se rejubilam na verdade e no amor e não querem manter os ensinamentos malignos e mal orientados. Saibam que o espírito está sobre todos vocês e que o espírito é amor. O amor não castiga, nem por um dia, nem pela eternidade. Não se dêem a ensinamentos de medo e cerceamento. Benditos sejam os livres de espírito porque seu reino é de ambos os mundos. Eles são os Filhos da Terra que não odeiam nem ensinam limitação. Do mesmo modo são os Filhos do Espírito".

Arádia reuniu discípulos e lhes ensinou os mistérios interiores dos Antigos Caminhos que seus ancestrais abraçaram; revelou a verdadeira natureza do nome Arádia, dado em honra à filha mitológica ancestral de Diana. Muitas pessoas conheciam Arádia em sua cidade natal Volterra e em Benevento, antes que ela tivesse esse nome; sua fama logo se espalhou por todas as regiões da Itália; pessoas vinham de longe para ouvir as palavras de Arádia e se juntar a ela como seguidores. Ela lhes ensinou a doutrina da reencarnação e as histórias dos deuses antigos; devido à sua fama, caiu no desagrado da Igreja e os padres conspiraram contra ela, mandando soldados prendê-la por heresia e jogá-la na prisão. Lá, Arádia foi humilhada e torturada; os oficiais temiam sua popularidade entre os camponeses e resolveram sentenciá-la à morte.

Na manhã em que deviam se reunir, os padres ordenaram que Arádia fosse trazida à sua presença, mas ela não estava na cela; começou então uma busca que não resultou em nada, pois não conseguiram localizá-la em lugar nenhum da região. Mais tarde, Arádia apareceu novamente ao sul de Roma e continuou a ensinar; o povo ficou espantado porque acreditava que ela havia sido morta ou condenada à prisão perpétua. Sabendo da notícia de seu aparecimento em Roma, os soldados vieram prendê-la, mas todos os que foram interrogados disseram não saber nada a res-

peito de Arádia. Depois que os soldados se foram, os padres enviaram espíões para viver entre os camponeses, na esperança de descobrir o paradeiro dela.

Naquele mesmo mês, algumas pessoas descobriram Arádia sentada com seus discípulos, instruindo-os; ela viu que todos estavam contentes em encontrá-la e então lhes disse:

"Benditos sejam os livres de espírito e os que amam sem interesse, pois o amor é a maior conquista, é a dádiva da bênção do espírito; portanto, nunca traiam nem decepcionem o amor. Amem uns aos outros e cuidem uns dos outros e de todas as coisas, com o coração e a alma de um poeta".

"Esforcem-se para ver o mundo através dos olhos de um artista; vão, procurem e capturem a beleza que existe, mas cuidado para não magoarem ninguém; amem e vivam ao máximo, com atenção e compaixão pelas mentes, corações e almas de todos a sua volta. Vivam em paz".

Muitos começaram a se questionar, com relação a Arádia; seus discípulos foram a ela e disseram: "Minha Senhora, alguns dizem que a senhora é profetisa, outros que é um Mago; o que devemos dizer a eles?" Arádia pegou um punhado de terra e, olhando para a multidão, disse:

"Eu sou a Filha do Sol e da Lua. Eu sou a Terra. Eu sou o amor pela liberdade que é o amor dos deuses e aquele que crer em mim, será também um filho da Mãe e do Pai, que vivem em todas as coisas".

Um espião da Igreja se aproximou e disse: "Senhora, nós sabemos que a senhora é santa; conte-nos sobre o Deus de onde vem o seu poder".

Arádia respondeu: "Embora os homens clamem por muitos deuses, há apenas Um, que é todos. Um homem é chamado por muitos nomes em sua vida: alguns o conhecem por pai, ou amigo; para alguns, ele pode ser um inimigo ou um irmão e para outro, um primo. No entanto, não é ele o mesmo homem?"

Outro espião perguntou: "Os padres nos dizem que Deus é masculino e que as mulheres devem se submeter aos homens. O que você diz?"

Arádia respondeu: "A própria Natureza não lhe mostra, de todos os modos, que tudo é igual? Na flora e na fauna, existem o masculino e o feminino; quem, entre vocês, pode dizer qual é o mais importante? Um não pode existir sem o outro".

Depois disto, o discípulo perguntou: "Senhora, se tudo que a senhora diz é verdade, por que então os padres não nos dizem isso?"

Arádia respondeu: "Esses padres dizem o que lhes foi dito. É por aqueles que estão acima dos padres que a verdade é conhecida e escondida; existem muitos homens gananciosos e com sede de poder que lucram com a Igreja e acham melhor exercer o controle com os falsos ensinamentos que limitam e ameaçam a independência do sacerdócio".

Os espíões retornaram aos padres e contaram o que tinham ouvido. Os padres ficaram zangados e espalharam mentiras a respeito dos ensinamentos de Arádia, dizendo que eram maléficos. Depois que Arádia e seus discípulos deixaram o local, os soldados voltaram de novo para prendê-la; na estrada, rodearam Arádia e seus

seguidores, levando-a presa. Quando voltavam a Roma, um bando fora-da-lei se aproximou; o chefe era um escravo a quem Arádia havia convertido ao culto da lua de Diana. Começou então uma luta e no final Arádia foi libertada e levada pelos assaltantes para um lugar escondido.

Os fora-da-lei escoltaram Arádia e seus seguidores até um campo na floresta; lá, ela escolheu doze de seus discípulos, seis homens e seis mulheres, e levou-os a uma clareira para instruí-los. Ela lhes disse:

"Com vocês eu agora estabeleço novamente a Antiga Religião. Saibam que existem outros que ainda seguem os costumes de seus ancestrais; procurem-nos e digam-lhes que a Mãe espera uma Criança e eles saberão o que quero dizer. Procurem também os que desejem nos seguir".

Os discípulos perguntaram a ela: "Quem é essa Criança? Fale-nos dela".

Arádia respondeu: "A criança é a Filha da Mãe da Terra; ela será conhecida como aquela que é razão e sabedoria. Ela virá ao mundo e libertará todas as nações do jugo dos reis e autoridades. Nesta Idade da Filha vão acontecer grandes mudanças, como o mundo nunca viu. Esta será uma época de renovação".

Os discípulos perguntaram: "Quando isso vai acontecer?"

Ela lhes disse: "A aurora da Idade será assinalada pelo Desejo da Filha. Suas palavras serão ouvidas entre as palavras dos homens; as mulheres caminharão nos caminhos dos homens e a lei não conhecerá nenhuma diferença. Quando isto acontecer, a Idade terá começado e meu profeta restaurará meus ensinamentos, aprontando-se para a aurora da Idade, pois ela virá. No ano do nascimento desse profeta, haverá um sinal, com o qual todos os Bruxos se alegrarão, pois esse ano marcará o renascimento da Antiga Religião".

Arádia continuou: "No entanto, antes dessa época, haverá muitas mortes entre nosso povo. Aproxima-se o tempo em que meus seguidores serão levados a julgamento; vocês serão perseguidos e entregues às galés e meu povo será torturado e morto por ordem da Igreja. Assim como antigamente eles foram perseguidos, agora perseguirão vocês, mas a Idade do Filho trará um fim a isto, dando lugar à Idade da Filha".

"Vocês já ouviram os padres falarem sobre o inferno e a danação, mas eu lhes digo, não creiam nessas coisas; o espírito do Grande é amor e o amor não amaldiçoa, e sim, abençoa. O amor da Mãe e do Pai não se esquece do filho, não despreza um filho para manter outro".

Durante todo aquele dia, Arádia instruiu seus discípulos e respondeu suas perguntas; ela lhes ensinou os segredos da mágica e o conhecimento do ritual. Arádia e seus discípulos saíram novamente para as vilas e cidades a fim de que ela pudesse curar os enfermos e ensinar a Antiga Religião, embora temessem por sua segurança.

Soldados acompanhados por vários padres vieram prendê-la. Percebendo que havia sido traída, Arádia olhou-os duramente, dizendo: "Eu os censuro e os afasto deste povo porque vocês ensinam castigo e vergonha aos que gostariam de se livrar da escravidão da Igreja. Estes símbolos e aparatos de autoridade que usam servem

apenas para esconder a nudez na qual todos somos iguais. Vocês dizem servir a Deus, mas servem somente a seus próprios medos e restrições".

Os soldados a agarraram, embora o povo tentasse protegê-la. Seus discípulos desapareceram, evitando ser capturados também. Na cidade de Benevento, eles se refugiaram entre os seguidores de Arádia que já viviam ali. Arádia foi posta na prisão e condenada por heresia e traição. Um guarda da prisão ficou comovido com sua beleza e encanto e ela permitiu que ele se tornasse seu amante. Na véspera de sua execução, Arádia o persuadiu a levá-la ao pátio, para que ela pudesse orar ao ar livre.

Dois outros guardas supervisionavam o pátio enquanto ela orava; depois que terminou, uma tempestade começou a se formar e o guarda disse a Arádia para voltar à cela. Ela assentiu, mas nesse momento a tempestade desabou com grande fúria; um terremoto fez tremer o chão e as casas caíram, pedra por pedra. Quando finalmente a calma voltou, somente poucas pessoas foram encontradas vivas e os boatos espalhados por todos os lugares diziam que Arádia havia perecido.

Sete dias depois, Arádia reapareceu no campo da floresta dos fora-da-lei; todos ficaram abismados em vê-la, porque haviam dito que ela estava morta. Arádia não disse nada a este respeito, mas reuniu aqueles discípulos que ainda a seguiam e deixou a floresta. Viajaram para as florestas de Nemi; quando acamparam à noite, Arádia lhes disse: "A hora está agora determinada e eu ficarei com vocês apenas mais um pouco".

Arádia desenhou um círculo no chão, medindo nove passos a partir do centro; reuniu os discípulos dentro do círculo e formalmente os instruiu. Em seguida, dirigiu-se a eles: "Quando precisarem de qualquer coisa, reúnam-se em segredo sob a lua cheia e reverenciem o espírito da Rainha de todas as Bruxas. Reúnam-se dentro do círculo das artes e os segredos que ainda são desconhecidos serão revelados; vocês serão livres de espírito e mente e, como sinal de que são verdadeiramente livres, deverão estar nus em seus ritos, pois tal é a essência do espírito e a alegria sobre a terra. Sua lei será amar acima de tudo, ser fiel a suas crenças e manter-se no caminho acima de qualquer obstáculo, pois nossa é a chave para os mistérios e o ciclo de renascimento, que abre a porta para o útero da iluminação. Eu sou o Espírito de todas as Bruxas, que é alegria e paz e harmonia. Em vida, a Rainha de todas as Bruxas revela o conhecimento do Espírito; e na morte, a Rainha os entrega à paz e renova sua vida outra vez".

Em seguida, Arádia ensinou a seus discípulos sobre os segredos do círculo; falou dos Deuses e dos Anciãos, conhecidos como Grigori (Vigilantes) e ensinou-lhes todos os tipos de encantamentos, sinais no céu e a respeito das estações.

Quando acabou de revelar estas coisas, Arádia disse aos discípulos: "Em minha memória, vocês deverão comer bolos de grãos, vinho, sal e mel; moldem-nos como a lua crescente e abençoe-nos em meu nome; depois partilhem deles em seu local sagrado. Como antigamente, vocês deverão guardar o primeiro dia de maio e o primeiro de agosto e também a véspera de novembro. Em fevereiro observarão o segundo dia; também observarão os Solstícios, o meio do verão, o meio do inverno

e os equinócios de Primavera e de Outono. A todos os que observarem esses dias sagrados, a Rainha do Céu dará poder e terão sucesso e amor. Vocês também terão poder para abençoar e consagrar; conhecerão a língua dos espíritos, obterão conhecimento de coisas ocultas e levantarão os espíritos do vazio. Vocês entenderão a Voz do Vento e a sabedoria de mudar de forma. Para vocês, o futuro será dado a conhecer e os sinais secretos revelados; terão o poder de curar doenças e de revelar a beleza. As feras selvagens os conhecerão e não lhes farão mal. Saibam que o poder é obtido pelo conhecimento e que o conhecimento é obtido pela compreensão; saibam, portanto, que devem adquirir o equilíbrio. Todo ser vivo é de essência masculina e feminina; não exaltem um sem o outro; conheçam os dois para serem completos. Benditos sejam os livres de espírito. Quando odiarem ou se desesperarem ou não compreenderem, é porque não estão em equilíbrio com vocês mesmos ou com o ambiente; não falo apenas de masculino e feminino, mas dos elementos, causas e forças. Primeiro, procurem o equilíbrio e então compreenderão e, compreendendo, conquistarão o que devem”.

Arádia ficou no meio dos discípulos e falou: “Meu objetivo está firmemente determinado e a vocês dou agora o Poder. Em meu nome vocês continuarão e ensinarão os caminhos da liberdade e da magia”.

Arádia deixou cair sua vestimenta, revelando-se completamente a seus discípulos. Tomou um deles pela mão e trouxe-o a seu lado no chão. Ali, na terra sagrada, sob a noite cheia de estrelas, eles se uniram no amor. Depois, cada discípulo se uniu a outro e, deste modo, o poder foi passado através do amor entre os seguidores de Arádia.

De manhã cedo, os discípulos se reuniram de novo para ouvir Arádia. Ela disse: “Com vocês eu agora estabeleço um pacto, entre vocês e eu e igualmente entre todos que vierem a seguir nos Caminhos”.

Então, Arádia colocou um pergaminho nas mãos dos discípulos, no qual estavam escritas treze leis; também lhes deu nove pergaminhos que ela havia escrito. Este foi o alicerce de todos os ensinamentos que ela veio mostrar nessa vida.

Arádia falou de novo a seus discípulos: “Logo vocês irão para aqueles que vivem fora dos Caminhos; e encontrarão ignorância, medo e mal-entendidos, portanto, protejam-se de todos os modos. Vocês também encontrarão muitos que verdadeiramente procuram ser um só com a natureza das coisas; ensinem a todos que considerem sinceros e realmente dignos, mas cuidado para não serem judiciosos. Mantenham em separado sua própria maneira de ser e não esperem que todo mundo seja semelhante a vocês. Demonstrem amor e carinho a todas as pessoas, pois se não, muitos se apartarão de vocês; como, então, poderão servir os Caminhos? Saibam que sua primeira fidelidade é para com o Deus e a Deusa; a segunda fidelidade é para com os Antigos Caminhos e a terceira é para com todos os Bruxos. Se servirem a si próprios estarão em desequilíbrio com a Natureza, pois na Natureza todas as coisas são iguais. Nada é mais importante do que outra coisa, embora todos os seres tenham o direito de fazer o que precisam para sobreviver. Isso pode ser uma desvantagem para outros seres vivos, o que se torna a essência da sobrevivência.

Quem pode falar contra a ordem das coisas? Assim, vivam suas vidas como devem, de acordo com as leis que lhes dei. Aproveitem cada dia e não anseiem pelo dia seguinte; a única certeza é o agora. Não se tornem amargos ou frios ante a aparente dureza ou injustiça da vida, pois o amor tem o poder de sobrepujar todas as coisas. Nada dura para sempre e nada permanece o mesmo, pois tudo está neste mesmo momento se movendo em direção àquilo em que se transformará. Portanto, digolhes que observem os ciclos de todas as coisas, dentro de vocês e fora de vocês”.

Era costume dela ensinar os discípulos deste modo. Quando a hora da instrução estava quase no fim, um deles pediu a Arádia para falar novamente sobre a Idade que estava para chegar.

Arádia lhes disse: “A Idade da Filha é a Idade Final que se revelará sobre a terra. A primeira Idade foi a da Mãe, quando todos veneravam a Grande Deusa. A segunda Idade foi a do Pai e a terceira Idade é do Filho. Na Idade da Mãe surgiram todas as deusas e seus cultos; com a Idade do Pai surgiram os deuses, que então vieram a dominar os cultos femininos; foi quando os cultos guerreiros começaram a reger o mundo. A aurora da Idade do Filho trouxe amor e compaixão ao mundo. Desta Idade surgiu o espírito de Cristo, mas os homens se aferraram ao Deus Pai severo. Agora, quando a Idade da Filha vier, a razão será restaurada e o mundo estará em equilíbrio. Para proclamar a vinda da Filha e para que esse tempo seja mantido na memória da terra, a cada duzentos anos surgirá um profeta, que será um grande professor e dará vida à Antiga Religião. Quando a Idade da Filha se aproximar, haverá um despertar na percepção feminina e seus desejos serão afirmados. As leis então mudarão e as mulheres trilharão os caminhos dos homens. E haverá um tempo em que a última das leis que nos perseguem e suprimem será eliminada; nesse ano, todos os que pertencem à Stregheria se alegrarão. Quando a Idade da Filha começar a substituir a do Filho, meu profeta aparecerá e muitos o chamarão de Profeta Silencioso. Nessa época acontecerão muitas mudanças, mudanças que os povos dessa época nunca terão visto antes e haverá grande renovação e revolução. Quando a Idade da Filha substituir a do Filho, aparecerá aquela que irá restabelecer a razão; ela terá 36 anos e virá com Poder, pois o Profeta Silencioso já terá preparado o caminho. No progredir dessa época, haverá grandes julgamentos e sobrevirão tribulações para as pessoas de todas as nações; mas, das cinzas, surgirá o novo mundo da razão. Os povos não mais serão regidos por governos, nem um povo oprimirá outro; não haverá dirigentes, mas apenas professores e conselheiros. Ninguém possuirá poder sobre o outro nem restringirá ou controlará outra pessoa. A terra será de um povo e eles todos viverão sob a emanação dos raios de amor, paz e razão”.

Por todo aquele dia e durante a noite Arádia falou dos acontecimentos futuros. No dia seguinte, os discípulos partiram como haviam sido instruídos, em pares de homem e mulher, para ensinar a outros o Evangelho de Arádia. Ela lhes disse adeus e ordenou-lhes que fossem a todas as cidades e vilas.

Nos dias seguintes, a fama de Arádia, com sua sabedoria e beleza, percorreu toda a terra. As pessoas começaram a venerá-la, chamando-a *A Bela Peregrina*. Houve

alguns que disseram ser ela a Deusa em forma humana. Quanto a seus discípulos, eles viajavam com o coração pesado, pois Arádia havia falado das trevas do tempo que viria. Levavam com eles o pensamento dos muitos séculos que deveriam passar antes que a Idade prometida surgisse.

Depois de viajar de vila em vila, os discípulos retornaram à cidade de Benevento e se reuniram nos covens de Arádia, os quais ela havia beneficiado. Os discípulos ensinaram a todos as palavras finais de Arádia e dividiram com eles o conhecimento dos pergaminhos sagrados. Os seguidores de Arádia formaram clãs e estabeleceu-se um pacto para manter os ensinamentos de Arádia para o futuro. As Leis do Pacto de Arádia foram estabelecidas nesta época a fim de unir os clãs nos Antigos Caminhos.

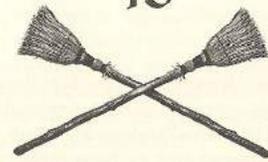
Esses grupos então partiram para lugares distantes, temendo mais perseguições por parte dos inimigos de Arádia; entretanto, alguns seguidores, que não quiseram partir, permaneceram. Arádia não mais foi vista pelo povo daquela região, mas seus seguidores não esqueceram seus ensinamentos e se reuniam e celebravam, como a Sagrada Ihes havia pedido, e como o fazem até hoje.

Aqui termina o Evangelho da Strega Sagrada.

O PACTO DE ARÁDIA

- I. Respeite as datas das reuniões sagradas, pois nelas está o alicerce dos poderes.
- II. Quando lhe fizerem o bem, retribua-o três vezes e, se ajudar um outro, não aceite pagamento, mas peça à pessoa que ajude três outras (pessoas).
- III. Não use seu poder ou o conhecimento da Arte, nem chame seus ajudantes, para sua própria glória ou como prova de sua posição. Ao contrário, trabalhe para o bem de seu coven ou para os de fora (se provarem ser merecedores). Você apenas poderá trabalhar para seu bem se o ganho não acarretar nenhum mal.
- IV. Não tire a vida de qualquer ser vivo, exceto para preservar outra vida. Se tirar a vida para prover alimento, tudo dessa criatura deve ser usado com respeito à força vital dela. O que não puder ser usado deverá retornar à Terra com bênçãos.
- V. Não use a palavra levianamente, pois você tem uma obrigação para com suas palavras e seus juramentos.
- VI. Não se curve a nenhuma autoridade acima de você, exceto se for a dos Criadores ou de seus emissários. Todos os outros são egos terrenos.
- VII. Você tem obrigação de ensinar e iniciar todos os que forem merecedores e a ajudar a continuação da Antiga Religião.
- VIII. Não deprecie as crenças de outros nem despreze um outro por seu modo de ser, mas ofereça sua própria verdade sem discutir e esforce-se para viver em paz com aqueles que diferem de você.
- IX. Se não prejudicar ninguém, aja como quiser. Amor e liberdade são a essência da Lei.
- X. Esforce-se para viver com compaixão e em alerta para com as mentes e corações de todos que compartilham de sua presença.
- XI. Seja sincero com seu próprio entendimento e esforce-se para fugir de tudo que for contrário dentro de você.
- XII. Não destrua nem fira a beleza da Natureza à sua volta. Reverencie a todas as coisas da Natureza, atrás apenas dos Criadores. Não desperdice nada.
- XIII. Permaneça de coração e mente abertos para os Grandes, os Criadores, e para irmãos e irmãs como você.

13



As Peregrinações

Neste capítulo apresento o conto referido como “as Peregrinações”, que é uma prestação de contas sobre os seguidores de Arádia e seus feitos após o desaparecimento dela. Assim como o Evangelho da Strega Sagrada no Capítulo 12, procurei manter o sabor do material deixando-o tão perto quanto possível da forma ingênua em que foi contado na virada do século; no entanto, a fim de facilitar a leitura ao leitor moderno, modifiquei o estilo no qual apresentei o material pela primeira vez, através de publicação particular em 1981. O leitor notará que este capítulo repete partes do tema do Evangelho apresentado no Capítulo 12; isso se deve a que o texto conhecido como “Peregrinações” é uma extensão da história do Evangelho, pois se relaciona aos seguidores de Arádia. Embora encontremos o mesmo tema subjacente básico, já visto no Evangelho das Bruxas, as Peregrinações apresentam *insights* adicionais e completam a história.

O texto que abrange as Peregrinações é de minha própria redação, baseado em lendas orais transmitidas através dos séculos. Não reclamo a posse dos escritos originais, nem sei quão antigos podem ser, nem mesmo se ainda existem; minha intenção ao apresentar o material aqui é simplesmente preservar um conto heróico. Nenhum mito estaria completo sem a representação da trajetória do herói, como diz Joseph Campbell, “a única obra feita por muitos.” Quando falamos da lenda de Hércules, de Ulisses ou qualquer outro herói, estamos contando a história daquilo que é nobre e duradouro na natureza humana; obviamente, nem todas as lendas são registros históricos, embora muitas sejam realmente baseadas em eventos reais. Na tradição espiritual, as lendas apresentam informação sob forma de metáforas; o significado é todo importante: é mais o que ele conta para o coração,

do que para a mente. Assim, com esta compreensão, vamos agora ouvir o conto de um bando de errantes numa busca sagrada.

AS PEREGRINAÇÕES

Este é o registro dos seguidores de Arádia nos dias subsequentes ao seu desaparecimento. A Strega Sagrada apresentou os nove pergaminhos sagrados dos Ensinaamentos a seus seguidores, chamados Zeladores do Pacto de Arádia, e pediu que todo o clã conhecesse os Ensinaamentos finais e o Pacto; então, os seguidores se reuniram na cidade de Benevento e para todos eles foi dado a conhecer o que Arádia havia falado. Houve tristeza entre os membros do clã por causa da ausência de Arádia e ninguém sabia dizer para onde ela havia ido.

Todos os doze, protegidos de Arádia, formaram um grupo e se separaram dos que se haviam reunido em Benevento; depois, foi decidido quem deveria partir e para quais lugares. Teresa e Alono partiram para Roma, com Martea e Leo; para Nápoles foram Maria e Nicolau, com Sofia e Marcelo; para as cidades dentro do Reino foram Andréa e Giovanni, com Laura e Owen (o Celta). Nos dias seguintes, os Ensinaamentos de Arádia foram levados aos povos para qualquer lugar onde os discípulos viajavam e todos ficavam atônitos com o que ouviam.

Nem todos receberam bem as palavras de Arádia e alguns foram às autoridades para relatar o que tinham ouvido. Os homens poderosos se lembraram de Arádia e, desejando acabar com o apoio a seus seguidores, enviaram soldados para ameaçar e amedrontar o povo. Depois os soldados foram para as estradas sob ordens de capturar hereges e pagãos fugitivos.

Muitas pessoas se revoltaram contra os discípulos de Arádia por causa de sua própria segurança e os discípulos foram forçados a fugir de Nápoles e de Roma. Martea e Leo foram emboscados quando fugiam; Leo foi assassinado e Martea nunca mais foi vista; Teresa e Alono fugiram para o velho campo dos fora-da-lei e receberam abrigo. Quando os outros discípulos souberam da morte de Leo, também saíram de Nápoles e foram para o campo dos fora-da-lei.

No terceiro dia, os discípulos chegaram ao campo e falaram da senda que tinham à frente. Os pergaminhos sagrados foram dados a Andréa e o Pacto de Arádia foi colocado nas mãos de Alono. Os discípulos juraram lealdade, renovaram seu amor e decidiram viajar para o norte da Itália. Owen jurou guardar os pergaminhos e Andréa com a própria vida e a acompanhou a Volterra; ele havia sido um *Condottiere* e tinha muita habilidade com a espada; era um homem grande e forte.

Os discípulos viajaram para o norte e começaram a ensinar naquela região. Continuaram como sacerdotes e sacerdotisas da Deusa e estabeleceram os Antigos Caminhos entre o povo. Dois anos após a partida de Arádia, os discípulos retornaram a Benevento e com eles vieram muitos seguidores do norte que corriam perigo por parte dos mercenários das famílias poderosas (tanto cristãos quanto pagãos).

Então, naquela região de Benevento, os discípulos começaram a ensinar o povo em segredo, estabelecendo muitos Groves (covens). Dividiram o Reino em clãs separados, de modo que no Reino de Nápoles havia três clãs. Andréa partiu para Roma com Owen, Laura e Giovanni; eles viajaram para as montanhas sagradas de Nemi e estabeleceram mais três clãs na região das montanhas Albanas. Durante todo o inverno, os discípulos ficaram abrigados com os fora-da-lei; na primavera, os outros discípulos, vindos do sul, se juntaram a eles; no verão, o povo da região veio e se juntou aos ensinamentos e às festividades.

Um dia, chegou ao campo uma mulher chamada Madrona, que era uma Strega muito conhecida na região por seus poderes. Os discípulos conversaram longamente com ela e, juntos, compartilharam muitas coisas a respeito dos Antigos Caminhos. Madrona decidiu viajar com eles, levando consigo um homem chamado Olar (alguns diziam que ele era cigano). Muitas vezes ele entretinha os discípulos com canções estranhas e histórias de lugares distantes; com Olar os discípulos aprenderam muitas coisas. Olar era um homem de muitos poderes e as coisas que dizia não eram diferentes da Antiga Religião. Os discípulos ficaram contentes por serem doze novamente. Olar e Madrona juraram obediência ao Pacto de Arádia, tornando-se fiéis seguidores.

Com o tempo, os fora-da-lei souberam que o povo de Roma tinha sido convocado para uma proclamação oficial; então, os discípulos foram a Roma para saber do que se tratava. Lá, eles encontraram um homem que falava contra os nobres de Roma, reivindicando poder para ele próprio; este homem começou a chamar a si mesmo pelo antigo título de Tribuno e os discípulos ficaram divididos em suas esperanças no futuro da Antiga Religião.

Pouco depois os nobres se levantaram contra o Tribuno e aconteceu uma batalha, na qual eles não tiveram sucesso e muitos foram mortos. Os discípulos deixaram Roma e voltaram às montanhas. Os fora-da-lei ficaram alegres com as notícias trazidas por eles porque não havia muito amor pelos nobres entre os que viviam no campo; mas quando o inverno se aproximou, os discípulos souberam que os nobres tinham tomado o controle de Roma novamente.

Os discípulos voltaram a Roma por pouco tempo, mas se descobriu que eles iam e vinham em companhia de fora-da-lei que habitavam as montanhas de Nemi. Então, os nobres decidiram enviar lutadores contra eles, afirmando que todos eram ameaças à paz e à segurança do homem honesto; junto com esses lutadores também foram padres, que começaram a interrogar o povo da região sobre os pergaminhos sagrados de Arádia. Quando essa notícia chegou aos discípulos, eles ficaram zangados e tristes por alguém tê-los traído; então começaram a se arrepender por terem ficado tanto tempo em Roma.

Os soldados dos nobres partiram e chegaram a um lugar conhecido pelos fora-da-lei como Abraço de Diana; os fora-da-lei fizeram uma emboscada com arcos e espadas, mas alguns soldados deslizaram pela passagem durante a batalha e chegaram ao campo onde os discípulos se escondiam.

Eles tomaram o campo de assalto e queimaram as cabanas. Os discípulos e todos os outros no campo tentaram escapar, mas muitos morreram naquele dia. Owen foi o primeiro, quando sacou da espada para proteger Andréa, que fugia com os pergaminhos. Os soldados o perseguiram, mas ele lutou com tanta fúria que até os soldados ficaram comovidos com sua coragem; muitos deles não viveram o suficiente para vê-lo cair.

Andréa caiu sob as flechas do inimigo e eles pegaram sua bolsa com os pergaminhos, matando Giovanni que correu para ela, tentando salvar os pergaminhos. Depois os soldados mataram Marcelo e com ele Laura e Sofia. Olar foi capturado enquanto os outros discípulos escapavam para as montanhas. Os soldados voltaram a Roma e deram aos padres os pergaminhos sagrados de Arádia, que eles enviaram ao Papa em Avignon. Temendo que o fim tivesse chegado para os seguidores de Arádia, Alono e outros quatro discípulos partiram para o norte mais uma vez.

Os discípulos de Arádia foram para a cidade (conhecida hoje como Florença), levando um pequeno grupo de seguidores que haviam reunido durante sua jornada. Naquela cidade, muitas pessoas estavam morrendo, pois a Peste Negra havia caído sobre eles. Os discípulos começaram a se desesperar e a lamentar sua sorte e diziam entre si: "Como pode ser que encontramos tanto sofrimento, se somos fiéis aos Antigos Caminhos?"

Alono e Madrona os confortaram e os lembraram dos ensinamentos de Arádia, dizendo: "Nossa Senhora não nos disse para não lutarmos contra a ordem das coisas e ela também não falou sobre os tempos negros pelos quais devemos passar?" Assim, os discípulos permaneceram em Florença, ajudando os doentes e dando conforto às almas dos vivos e dos falecidos. Na região de Florença, os seguidores começaram a estabelecer outros três clãs.

No segundo ano da peste, vários seguidores de Arádia morreram e os discípulos decidiram se separar para assegurar que os Ensinamentos sobrevivessem. Maria e Nicola continuaram para o norte e deixaram a Itália, finalmente chegando à França. Madrona permaneceu na região de Florença e continuou a ensinar o povo de lá. Teresa e Alono viajaram para o sul, onde se estabeleceram durante um tempo, mas não ensinaram nesse local nem fundaram nenhum clã.

Um ano depois, Teresa e Alono voltaram a Benevento e permaneceram em segredo; eles escreveram um registro dos dias que haviam passado com Arádia e dos tempos que se seguiram (Teresa havia sido educada no lar de uma família nobre alguns anos antes). Esses escritos eles chamaram *Evangello*, a fim de falar abertamente e em segurança sobre os Ensinamentos. Em Benevento eles continuaram a ensinar os seguidores de Arádia e os clãs ainda se reuniam sob a sagrada noqueira.

Os discípulos de Arádia recolheram todos os ensinamentos que puderam ser lembrados e que Arádia havia registrado nos Pergaminhos Sagrados; eles anotaram esses ensinamentos para que ao menos uma parte dos pergaminhos pudesse sobreviver e os chamaram *Palavras de Arádia*. Em paz, os seguidores de Arádia viveram nessa região, esperando pela profecia que marcaria o começo de tudo que Arádia havia predito acontecer:

"Muito em breve chegará o tempo em que o Papa voltará a Roma e estabelecerá a antiga cidade como capital novamente. Esse será o começo dos sofrimentos que virão para o nosso povo, pois esse é o sinal de que a Igreja se voltará contra nós com toda a força; mas antes de chegar a morte, que sofreremos nas mãos deles, eles perverterão todo o conhecimento sobre nós e nossos caminhos, interpretarão escrituras contra nós e passarão leis contra nós. Tudo isto virá com os primeiros sofrimentos; entretanto, isso não é novo para eles e durante certo tempo eles prevalecerão e nós aparentemente teremos desaparecido do mundo; no entanto, permaneceremos sempre, pois renascemos e nos lembraremos, embora nos matem mil vezes. Minhas palavras serão faladas de novo e de novo e meus Ensinamentos serão restaurados, pois não há ninguém que possa matar o Espírito".

Nos últimos dias antes de Arádia partir, seus discípulos se reuniram diante dela uma noite. Para cada um deles havia instruções finais a serem conhecidas. Varro, que era muito amado por Arádia, foi chamado à sua presença e ficou encarregado dos discípulos estimados. Arádia falou a Varro, em frente dos doze discípulos, dizendo:

"Jure agora, diante de mim e de meus discípulos, e junte-se ao pacto solene, por todas as coisas que contei a você, pois você concordou e deu seu juramento de cumprir minhas palavras agora e nos tempos determinados".

Depois de ter jurado e selado seu pacto, Varro começou a interrogar Arádia a respeito daqueles que não queriam recebê-lo ou aceitá-lo e Arádia respondeu:

"Na verdade, haverá aqueles que não poderão ou não quiserem recebê-lo; tem sido sempre assim com aqueles que falam do Espírito e da Verdade e, entre os que o conhecem e amam, estarão seus maiores adversários".

"A todos os que não receberem suas palavras, diga o que agora digo a você: Eu falo sobre o que sei, além da simples crença e conto a vocês sobre coisas que vi e sobre os Caminhos. Se não puderem crer em mim quando falo da Natureza e dos Caminhos comuns, como poderei falar a vocês das coisas mais elevadas e dos Caminhos diferentes?"

"Se me pedirem para provar isto ou aquilo, e se puserem em teste tudo que lhes conto, como os farei entender aquilo que não estão preparados para saber?"

Arádia se levantou e começou a caminhar pela clareira. Depois de breve tempo, ela se voltou aos discípulos e disse:

"Aqueles que os testarem, e que pedirem coisas além do próprio entendimento, são como crianças que fazem perguntas que não podem ser respondidas; e então você deve inventar-lhes histórias e dar respostas simples, para evitar que fiquem frustrados e confusos".

"Portanto, não fale dos céus para as crianças, nem fale dos mistérios para os tolos. Você já viu a luz da fogueira, como os insetos são atraídos pela chama; e você viu as feras selvagens fugirem diante dela, porque não ousam se aproximar. No entanto, nós não nos reunimos em volta dela e extraímos conforto? O mesmo acontece com sua própria luz sobre todos que a contemplam".

Depois de falar com eles sobre essas coisas, Arádia foi com Varro para os bosques para que pudessem falar sozinhos. Metade do dia se passou assim. Quando Varro voltou, os discípulos começaram a questioná-lo sobre o que Arádia havia lhe contado. Varro lhes disse muitas coisas que os perturbaram; ele fora escolhido para ser o portador das palavras dela no tempo que viria e muitos dos discípulos ficaram enciumados.

Quando Arádia ouviu os discípulos discutindo, ela ficou zangada e os repreendeu, dizendo:

“Vocês não entenderam o que lhes ensinei? Digam-me, que coisa é maior que a outra ou que pessoa? Quem, entre vocês, conhece o curso das coisas que acontecem e quem entre vocês tem o poder e a visão para assegurar o futuro?”

“Eu não sou maior do que qualquer um de vocês e, no entanto, subo numa montanha e vejo o que vocês não podem ver. Eu estou onde estou porque viajei até aqui; este lugar pertence a mim, embora mesmo por um instante; não estou mais no fim de minha jornada, mas novamente no começo de outra. Vocês me chamaram de sua professora e me seguiram; peço agora que confiem em mim; vocês viram minha luz, ouviram minhas palavras. Recebam-me”.

Ao ouvir as palavras de Arádia, os discípulos ficaram envergonhados e juraram-lhe seu amor e lealdade novamente. Ela os acolheu em seus braços e depois deixou o campo; Varro permaneceu com os discípulos, respondendo suas perguntas e falando das profecias.

Na manhã seguinte, Arádia reuniu todos os discípulos e com grande tristeza falou-lhes: “aproxima-se o tempo, agora, em que vocês sairão e ensinarão o povo, mas não apenas por mim; vocês o farão por Ela que é maior que todas as coisas; vocês fazem pela liberdade e pela liberação”.

“Mas tomem cuidado para não serem como os cristãos; em vez disso, falem de suas verdades e respeitem as dos outros. Não forcem os ensinamentos a ninguém, nem pela espada, nem pela língua esperta, nem por ameaças de tormento infundável. Esse não é o nosso caminho”.

“Não encham seus corações e mentes com orgulho nem se autojustifiquem. Não coloquem nossos caminhos acima dos de outros. Falem apenas com as palavras que lhes dei, não usando as suas próprias. Se precisarem acrescentar algo ao que falei, então que seja para clarear ou ajudar na compreensão”.

“Não se desencorajem com o que acontecer a vocês enquanto peregrinam; lembrem-se de que estão plantando as sementes de uma colheita que sempre brotará; mesmo que seus inimigos a cortem e queimem, ela retornará, como a Primavera. O que eu falei não será esquecido, nem vocês serão esquecidos”.

“Nós somos da Antiga Religião; nossos caminhos são as raízes de todas as raças; somos os alicerces de todas as coisas neste mundo e a chave para os portões do próximo mundo. Mas não pensem que somos o único caminho”.

“Há muito trabalho a ser feito, em ambos os mundos, para desfazer os ferimentos que a Igreja nos infligiu e nos infligirá; há muito trabalho a ser feito para restaurar

nossos caminhos e ensinar a verdade; mas isso não veremos nesta vida, nem em uma era de vidas; no entanto, renascemos no tempo futuro e então o mundo verá nosso retorno e saberá que voltamos novamente ao poder, como era nos tempos antigos”.

“Saibam que todos os que estão agora diante de mim verão surgir essa época de poder; meu mensageiro, que está agora a meu lado, os atrairá para ele próprio e vocês saberão e se lembrarão. E se lembrarão também daquela que os amou”.

“Em breve deixarei vocês, embora ficasse se fosse permitido, mas serei chamada agora, pois meu tempo quase já se esgotou. Vão em paz e não se desesperem. Estarei com vocês em espírito, como tenho estado com vocês nesses dias que passaram tão depressa”.

“Se acontecesse de o mundo esquecer o que eu falei e eu fosse lembrada apenas por uma coisa, então eu desejaria que fosse por ter sido amada por pessoas como vocês, meus discípulos”.

Arádia logo partiu da região e não mais foi vista pelos que moravam ali. Varro foi embora das montanhas Albanas, levando consigo os doze discípulos para a cidade de Benevento. Na cidade, eles foram de um lado para outro, reunindo os seguidores de Arádia que ainda permaneciam lá. Quando todos se reuniram, os discípulos passaram adiante as palavras da Strega Sagrada, para que fossem lembradas.

Quando todos estavam presentes no lugar de encontro (agora chamado *Stretto di Barba*), os discípulos falaram a respeito de Arádia e do Pacto e compartilharam com os seguidores os nove pergaminhos sagrados que Arádia havia escrito. Depois de falarem por quase toda a noite, os discípulos partiram com Varro e dormiram fora da cidade, levando os pergaminhos de Arádia consigo, por segurança.

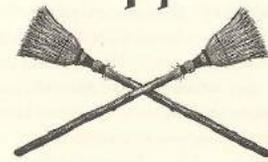
Quando o dia raiou, Varro acordou os discípulos e falou com eles. Então, ficou decidido quem devia partir e para onde.

Os discípulos viajaram para Nápoles e Roma e para muitas das cidades e vilas dessas regiões. Em suas peregrinações, muitos seguidores foram atraídos aos Antigos Caminhos. Os discípulos estabeleceram as Triádes (três clãs por região) onde quer que fossem bem-vindos. Conforme o número de clãs e seguidores crescia, os homens do poder ficaram preocupados e atacaram os discípulos.

Mandaram soldados às vilas e eles encontraram o campo dos fora-da-lei. Os seguidores de Arádia lutaram com os soldados no lugar conhecido como Abraço de Diana, onde muitos discípulos foram mortos junto com os seguidores; os sobreviventes fugiram com os fora-da-lei. Os soldados pegaram os pergaminhos que Arádia deixou com os doze discípulos e os enviaram para o Papa em Avignon. Desse modo, os discípulos foram outra vez espalhados.

Maria e Nicola (da casa de Landulfo) viajaram a Colônia e acabaram morando na França depois de um tempo. Madrona, a nova discípula, foi para Florença. Alono e Teresa voltaram a Benevento. Varro passou para o outro mundo no quinquagésimo primeiro ano, tendo vivido seus últimos dias em Benevento. Com seu passamento, Teresa foi feita Guardiã dos clãs (e Zeladora do conhecimento).

Aquí termina o registro daqueles que peregrinaram.



Palavras Finais

Com este capítulo, chegamos ao final do nosso conto das Bruxas. Novamente, contei a história da Strega como era narrada em volta das fogueiras, há muito tempo atrás. Olhando a Arte hoje, penso em experiências recentes de acampamento; o local para acampar é cuidado pelas pessoas mais velhas, enquanto os jovens saem para explorar; quando estão com fome suficiente, eles voltam para comer e se aquecer ao lado do fogo. No acampamento há sempre uma pessoa que cuida do fogo, sabendo que enquanto o dia se transforma em noite, outros vão chegar.

Quando se aproximam do fogo, os jovens falam de suas explorações, de suas descobertas e do mundo que viram com olhos de juventude; enquanto a noite se aquieta, uma das pessoas mais velhas começa a contar as histórias de tempos há muito passados. Essas histórias falam de lições aprendidas e fornecem aos jovens o conhecimento das coisas que ainda vão experimentar; marés e correntes são partilhadas entre jovens e velhos, os silêncios preenchidos apenas com o crepitar da madeira no fogo. É aqui que os costumes modernos se encontram com os antigos, no ciclo de coisas que são sempre antigas e sempre novas.

Bruxas de família têm uma palavra que usam ao falar dos Antigos Caminhos; a palavra é *veglia*, que se traduz por “ficar acordado” (alerta). A palavra *veglia* tem sua etimologia no latim *vigilia*, que significa manter vigilância. Na Itália, *veglia* tem sido sempre a ocasião social em que as regras sociais e os valores são transmitidos para os membros íntimos da família; *veglia* é a hora em que as tradições orais são passadas e quando as histórias antigas são contadas, conectando uma geração à próxima. As primeiras referências à *veglia* na literatura datam do século XV, embora esta prática fosse certamente muito mais antiga.

Em *Ways of the Strega*, escrevi sobre camponeses italianos que retornavam dos campos ao pôr-do-sol e se reuniam em frente da lareira; ali eles narravam contos de fadas para os filhos mais jovens — contos que traziam várias mensagens culturais e morais com a intenção de ligar a criança à sua comunidade. Depois que as crianças pequenas eram postas na cama, as mais velhas ouviam histórias dos membros da família e dos ancestrais, o que estabelecia seu senso de identidade e seu lugar no mundo. Antes que a *veglia* terminasse, os mais velhos falavam sobre suas crenças religiosas e costumes, a fim de preservar as tradições.

A lareira fornecia todos os confortos de uma família: luz, calor e os meios para preparar a comida; em volta do fogão ficavam as coisas comuns à vida doméstica da família, como o caldeirão, a vassoura, o atizador e as tenazes. Ali, diante da vassoura e do caldeirão, a família se reunia para ouvir as velhas histórias contadas uma vez mais. O fogo tremeluzia enquanto o narrador contava as velhas histórias, magicamente transformadas pela cascata de luz e sombra brincando pela sala; ali, nesse mundo entre mundos, os valores familiares e as perspectivas de vida eram compartilhados por aqueles que eram do mesmo sangue. Era por meio desses contos familiares sobre a linhagem, misturados com folclore e lenda, que as Bruxas hereditárias eram ligadas de uma geração para a outra.

Tradicionalmente, apenas os membros da família podiam comparecer à *veglia*, aqueles considerados “do sangue”; no entanto, parentes da mesma linhagem sanguínea e pessoas casadas na família também podiam assistir. O local ao lado do fogo da lareira era o centro do lar do pagão italiano e de sua vida familiar, mantendo-se ativo pelo correr dos séculos. A família e a lareira pertenciam à mãe da casa, pois era ela que cuidava do fogo que se tornou o símbolo dos ensinamentos, da reunião e dos laços familiares.

O ponto focal ritual do fogo da *veglia* é uma tora tirada da árvore, bem junto às raízes; esta é a conexão da tora com as raízes da família; a palavra italiana para tora é *ceppo*, que também pode significar um grupo de casas ou uma família.¹ Uma mulher grávida é às vezes chamada *ceppa inceppita*, que significa “galho em flor”. Na antiga Roma, a tora era o símbolo do casamento e a mulher simbolizava a própria árvore da vida. Estes conceitos são todos muito antigos e demonstram como os conceitos de *veglia* vêm de muito tempo atrás.

O fogo da *veglia* ainda é aceso hoje em dia por Bruxas de família na forma de chama espiritual, um ritual do fogo que queima no altar. Colocada diretamente no altar fica uma tigela contendo a chama azul que simboliza a presença do espírito dos Antigos Caminhos; entretanto, num sentido real, essa chama é mais do que um símbolo, pois a *Strega* invoca os antigos diretamente dentro da chama e extrai seu poder do fogo divino. O fogo é uma das mais antigas formas de divindade.

¹ Em português ainda encontramos a expressão “família de boa cepa”, significando “boa família”. (N.T.)

Num velho rito hereditário, lemos estas palavras da Deusa: “... e daqueles que ainda acendem o antigo fogo sempre me lembrarei e para eles sempre retornarei, pois são meus filhos secretos, eles que são os zeladores da chama”.

Até hoje as *Strega* ainda acendem a chama azul; para os seguidores de Arádia, o fogo era o símbolo dos ensinamentos dela. Atualmente, a imagem da chama tripla saindo do fogo é o símbolo dos Antigos Caminhos.

Durante as duas ou três décadas passadas, tenho notado que cada vez menos os novos escritores da Arte transmitem o material publicado no passado. Em minhas viagens como autor, autografando livros e fazendo *workshops*, tenho encontrado muitas novas pessoas da Arte, por exemplo, que não sabem nada sobre runas, símbolos e salmos que eram comuns à Arte no final dos anos 60 e início dos 70. Muitos têm apenas uma vaga compreensão do plano astral e dos princípios metafísicos da mágica. Tudo isso me preocupa bastante, pois que Arte moderna é essa que as pessoas vão passar para as gerações futuras? O foco principal da Arte hoje em dia está nas reuniões e na criação de técnicas que possam ser úteis para as necessidades particulares do indivíduo; mas como uma pessoa transmite a outras o que funciona unicamente para ela? Sim, podemos transmitir o conhecimento de como delineamos nossa própria espiritualidade, mas e a religião? Às vezes temo que as gerações futuras não saberão nada sobre a Antiga Religião.

Em *Etruscan Roman Remains in Popular Tradition* (Remanescentes Etrusco-romanos na Tradição Popular), Leland notou a sobrevivência de uma tradição intacta da Bruxaria da Toscana, de cerca de 1886:

Pois não há apenas uma sobrevivência eventual da superstição aqui e ali, como na Inglaterra e na França, mas um sistema completo...

Foi no norte da Itália, no distrito montanhoso da Romagna toscana, que Leland encontrou um povo, sobre o qual escreveu:

... uma raça muito antiga (que) parece ter preservado tradições e observâncias pouco modificadas de um tempo incrivelmente antigo ... entre esse povo, *Stregheria* ou Bruxaria — ou como ouvi dizerem, “*la Vecchia Religione*” (“a Antiga Religião”) existe em um nível que até surpreenderia muitos italianos.

Leland continua a dizer que essas Bruxas acreditavam em antigas deidades e em “espíritos de cada elemento ou coisa criada”; acreditavam que cada planta e mineral tinha um espírito guardião, um bom e um mau. Esse povo também tinha como verdadeiro que Feiticeiras e Bruxas podiam renascer em seus descendentes. Também era comum a crença nos espíritos familiares e nos *folletti* ou raça das fadas. A esse respeito, Leland diz:

Ligado, por sua vez, a essas crenças em *folletti* ou espíritos menores e suas observâncias e tradições concomitantes, encontra-se grande número de curas mágicas com encantamentos, feitiços e cerimô-

nias adequados para atrair o amor, para remover todas as más influências ou fazer certas coisas acontecerem; ganhar no jogo, evocar espíritos, assegurar boa colheita ou o feliz regresso de um viajante e fazer adivinhações ou maldades de muitas maneiras curiosas — tudo muito antigo, como se vê em alusões feitas por escritores clássicos, para quem esses espíritos eram bem conhecidos. E eu acredito que, em alguns casos, o que reuni e publiquei possivelmente poderá ser encontrado para suprir muito do que falta em autores prévios — *sit verbo venia*.

Durante sua época, Leland foi criticado por alegar que uma tradição sobrevivente da Bruxaria realmente existia; se existiu mesmo, pressionaram os críticos, então por que não era conhecida pelos italianos que viviam na região, perto dessas Bruxas? Leland respondeu que isso não era muito diferente dos brancos de sua Filadélfia natal, que não sabiam nada sobre o vodú dos escravos negros de suas casas. O mesmo era válido para os americanos da costa leste, que sabiam muito pouco ou nada sobre o folclore local indígena que Leland havia recolhido das tribos ainda residentes ali.

O saber das Bruxas italianas não permaneceu apenas na Itália, o que, acredito eu, é um testemunho de sua resistência e de suas raízes espalhadas. Por exemplo, o espírito do *capuz vermelho* da Irlanda, conhecido como Leprechaun, é desenhado em vasos etruscos e em murais romanos datando de séculos antes da invasão celta no norte da Itália. Na Arte romana, ele é desenhado com uma camisa leve e um capuz vermelho. Folcloristas italianos alegam que este espírito era derivado do pica-pau de cabeça vermelha; no antigo folclore italiano, acreditava-se que o pica-pau guardava tesouros escondidos no oco das árvores.

O entrelaçamento de vários nós é uma velha arte mágica originária da Itália, mas modernamente atribuída às Bruxas celtas. Em Roma, os nós eram amarrados em cordões para proteger a virgindade e era tradição que o noivo desamarrasse o nó da noiva na noite de núpcias. Leland diz que o próprio entrelaçar protege contra magia negra. O cordão tem uma curiosa conexão com as pedras sagradas (pedras com furo); a velha sabedoria popular acreditava que as minhocas é que faziam esses furos. A minhoca é uma criatura do submundo, que tem um conhecimento íntimo dos profundos mistérios da terra e extrai desta uma força oculta ao surgir de debaixo da superfície do solo (assim como o grão). Deste modo, o cordão é a minhoca e o furo na pedra é o portal para o Outro Mundo, criado pela minhoca.

Há muitas gerações, tem sido costume entre os camponeses italianos podar uma amoreira (do bicho-da-seda) para que os galhos se entrelacem; isso protege a seda de más influências. A seda era muito usada em mágica para proteger contra contaminações ocultas. Os instrumentos rituais eram embrulhados em seda e as bolas de cristal eram cobertas com um pano de seda para protegê-las contra a luz do sol que dispersa a energia astral. Aqui vemos novamente a conexão entre o verme e a escuridão: o verme, como a serpente, é um símbolo de transformação e de poder oculto escondido.

A velha Tradição da Strega é tão completa que tais conexões aparecem em todas as coisas e em todos os lugares. Leland, que viveu entre os ciganos ingleses por bastante tempo, e era reconhecidamente um especialista em ciganos romanis na virada do século, diz que a sabedoria da Strega excedia de muito o que havia sido preservado entre os ciganos. Em *Etruscan Roman Remains in Popular Tradition*, Leland escreve:

Tanta familiaridade com o folclore e a feitiçaria eu possuo ... acontece que tive sucesso em penetrar nesta floresta obscura e estranha, habitada por Bruxas e sombras, Deuses desaparecidos e duendes esquecidos dos tempos antigos, quando o folclore abundava de tal maneira que (...) com o tempo, eu tinha mais sobre esse assunto do que podia publicar (...) para fazer isso, fui a estranhos lugares e fiz estranhas amizades (...) recolher volumes de folclore entre índios peles-vermelhas reticentes e romanis reservados não é algo desconhecido para mim, mas extrair Bruxaria das Streghe italianas supera isso em muito.

Tudo de que falei neste livro é o legado que agora passo a você por meio destas páginas. Felizmente, sempre haverá novos caminhos, mas haverá os Antigos Caminhos para sempre? Isso é algo que só você tem o poder de decidir, pois o destino da Antiga Religião está agora igualmente em suas mãos. Que mal pode fazer “manter uma vela acesa na janela” para o caso de a Deusa voltar à procura de seus filhos secretos? Então, eu termino agora com as felizes palavras de Leland no apêndice de seu livro *Aradia: Gospel of the Witches*:

Ainda alguns anos, leitor, e tudo isto terá sumido... as velhas Tradições estão, de fato, desaparecendo com rapidez tão incrível que me apóio da melhor autoridade no assunto — e posso realmente ver por mim mesmo — que tudo o que coletei ou registrei há dez anos, na Romagna Toscana, com uma ajuda excepcionalmente habilidosa, não poderia agora ter sido reunido de maneira nenhuma por ninguém, já que não mais existe, exceto nas memórias de alguns velhos feiticeiros que estão diariamente desaparecendo, sem deixar traços... as mulheres ou Bruxas, tendo mais vitalidade, ainda durarão um pouco mais. (...)

Charles Godfrey Leland: Pai da Bruxaria Moderna

Muitas pessoas atualmente pensam em Gerald Gardner como o fundador da moderna Wicca/Bruxaria. Os livros de Gardner sobre Bruxaria, publicados na metade do século XX, produziram um interesse crescente na Antiga Religião da Europa pré-cristã; no entanto, mais de meio século antes, Charles Godfrey Leland escreveu sobre muitos dos mesmos assuntos popularizados mais tarde por Gerald Gardner. Por exemplo, o tema da reunião das Bruxas na época da lua cheia, nuas e chamando seus costumes de *Antiga Religião*, celebrando com bolos e vinho rituais e venerando um Deus e uma Deusa, tudo isso aparece nos escritos de Leland sobre a Bruxaria italiana, de cerca de 1896.

Charles Leland foi um famoso folclorista que escreveu vários textos clássicos sobre os ciganos ingleses e as Bruxas italianas. Ele nasceu na Filadélfia, em 15 de agosto de 1824, e morreu em Florença, Itália, em 20 de março de 1903. Leland era fascinado por folclore e pela magia popular desde criança e continuou a escrever trabalhos importantes, como *Etruscan Roman Remains*, *Legends of Florence* (Lendas de Florença), *The Gypsies* (Os Ciganos), *Gypsy Sorcery* (Feitiçaria Cigana) e *Aradia: Gospel of the Witches*.

Em 1906, uma biografia em dois volumes de Charles Godfrey Leland foi escrita por sua sobrinha, Elizabeth Robins Pennell.¹ No capítulo primeiro, recapitulando suas memórias, Pennell escreve sobre a infância de Leland:

¹ PENNELL, Elizabeth. *Charles Godfrey Leland: A Biography*. New York: Houghton, Mifflin & Company, 1906.

Tanto em "Memoirs" quanto em "Memoranda", ele conta como era levado ao sótão por sua velha babá holandesa, que tinha fama de ser feiticeira, e deixado lá com uma Bíblia, uma chave e uma faca sobre o peito, velas acesas, dinheiro e um prato de sal na cabeça: ritos que eram duplamente certos para dar sorte e ajudá-lo a subir na vida e a se tornar um erudito e Mago.

Pennell continua a nos contar que a mãe de Leland dizia ter uma ancestral que tinha se casado na "feitizaria". Leland escreve em suas memórias: "a opinião de minha mãe era que este era um forte caso de atavismo e que a misteriosa ancestral, através dos tempos, tinha reaparecido em mim". A biografia de Charles Leland é cheia de registros de seu precoce interesse pelo sobrenatural, um interesse que se tornou uma paixão para toda a vida. Sobre essa paixão, Pennell escreve:

Era o que se esperava... de um homem que era chamado Mestre por Bruxos e ciganos, cujos bolsos estavam sempre cheios de feitiços e amuletos, que possuía a Pedra Negra dos Vodus, que não podia ver um pedacinho de barbante vermelho a seus pés sem pegá-lo, ou encontrar um pedregulho com um furo e não acrescentar a seu estoque — que, numa palavra, não apenas estudava Bruxaria com a curiosidade impessoal de um erudito, mas também a praticava com o zelo de um iniciado.

Quando menino, Leland cresceu numa casa onde havia escravos; de acordo com Pennell, Leland aprendeu a respeito das fadas com uma imigrante irlandesa que trabalhava na casa e aprendeu vodu com escravas negras da cozinha. Leland escreve sobre sua infância: "Eu sempre fui dado à solidão nos jardins e bosques e a ouvir os cantos dos passarinhos e o correr ou cair da água." Pennell nota que através de sua vida, Leland nunca pôde fugir da fascinação do sobrenatural, nem jamais mostrou desejo de fugir.

Fluente em várias línguas estrangeiras, aos dezoito anos Leland escreveu uma tradução em inglês, não publicada, *Pymander of Trismegistus*, um texto hermético, hoje conhecido como *Hermes Trismegistus: His Divine Pymander. The Pymander*, como é frequentemente abreviado, foi a base de muitos dos escritos herméticos que inspiraram vários Oculistas Ocidentais durante a última parte do século XIX e primeira parte do século XX.

Em 1870, Leland mudou-se para a Inglaterra, onde finalmente estudou a sociedade e o conhecimento dos ciganos. Com o passar do tempo, ganhou a confiança de Matty Cooper, o rei dos ciganos da Inglaterra, que pessoalmente ensinou Leland a falar romani, a língua cigana. Passaram-se muitos anos antes que Leland fosse totalmente aceito pelos ciganos. Numa carta datada de 16 de novembro de 1886, Leland escreveu a Pennell: "Estive ao luar por entre as ruínas ciganas com todo um acampamento cigano, que dançava e cantava..." Tendo penetrado de tal modo em seus mistérios, Leland se pôs a escrever dois textos clássicos sobre os ciganos, estabelecendo-se como autoridade no assunto entre os eruditos de seu tempo.

Em 1888, Leland se encontrava em Florença, Itália, onde viveu pelo resto da vida. Foi aqui que ele conheceu a mulher a quem sempre chamou Maddalena; o nome verdadeiro dela era Maddalena Alenti, embora algumas pessoas a tivessem confundido com uma outra mulher, que Leland chamava Margherita Taleni. Maddalena apresentou Leland a uma outra mulher, chamada Marietta, que a ajudava a fornecer material de pesquisa para ele. Pennell, que herdou a grande quantidade de notas, cartas e materiais não publicados de Leland, se refere a Marietta como uma feiticeira, mas a descrição do próprio Leland a respeito dela em seus trabalhos publicados é menos clara. Num certo ponto, Leland cismou, numa carta a Pennell datada de 28 de junho de 1889, que Maddalena e Marietta poderiam estar inventando vários versos e fazendo-os passar por coisas antigas; no entanto, ele parece ter mudado de idéia, como se vê em outra carta para Pennell, escrita em janeiro de 1891. Ele escreve:

Acontece que Maddalena foi treinada como Bruxa. Outro dia, ela disse que nunca se pode chegar ao fim da Stregheria — Bruxaria. A memória dela parece ser inexaurível e se alguma coisa está faltando, ela consulta uma outra Bruxa e sempre consegue. É parte da educação de uma Bruxa aprender intermináveis encantamentos e esses, tenho certeza, eram originalmente etruscos; não posso provar, mas creio que tenho mais poesia etrusca do que se pode encontrar em tudo o que restou deles. Maddalena me escreveu cerca de 200 páginas deste folclore — encantamentos e histórias.

Em outra carta, datada de 8 de abril de 1891 (escrita ao Sr. Macritchie), Leland indica mais outras Bruxas e Bruxos que o auxiliaram na pesquisa:

(...) Mas dez vezes mais impressionante é meu manuscrito sobre as Tradições Toscanas e Folclore Florentino. Não apenas encontrei, realmente, todos os Deuses etruscos ainda conhecidos pelos camponeses da Romagna Toscana, mas, melhor ainda, consegui provar detalhadamente que ainda são conhecidos. Um jovem *contadino* inteligente e seu pai (de uma família de Bruxas), nos dias de feira e com uma lista de todos os Deuses etruscos, foram falar com os velhos de diferentes partes do país e não apenas anotaram seu testemunho como também os fizeram escrever certificados de que Júpiter, Baco, etc. dos etruscos eram conhecidos deles. Com isso, tenho um grande número de deidades romanas rurais menores.

Em Florença, Leland passava todo o seu tempo livre coletando o conhecimento de Bruxas e comprando artigos de antiguidade quando os encontrava. Numa carta escrita a Mary Owen, Leland diz: "Tenho vivido numa atmosfera de Bruxaria e Feitizaria, ocupado em coletar canções, feitiços e histórias de feitizaria, de modo que outro dia me diverti ao ouvir um eminente erudito dizer que eu podia me sair bem com o folclore, mas estava fazendo coisas demais de uma só vez". Leland descreve as Bruxas italianas que conheceu como "vivendo num tempo passado"; era um tempo que Leland provavelmente desejava muito para si mesmo.

Leland aparentemente fez mais do que entrevistar Bruxas italianas ou apenas desfrutar de sua companhia; uma passagem de seu livro *Etruscan Roman Remains* sugere nitidamente que o próprio Leland foi iniciado na Stregheria, como indicado na última sentença do trecho que segue:

Mas, na verdade, ao me familiarizar com a crença real e profundamente assentada numa religião de Bruxaria na Toscana, achei que, afinal, não existe uma anomalia tão grande em um padre ser um mago, pois a bruxaria é um negócio como qualquer outro; pode surgir como o amor, ou um resfriado, ou uma profissão, e você precisa aceitar até poder transmitir a outra pessoa. O que é agradável pensar é que não existe demônio na bruxaria ou que se a perder, você imediatamente se torna bom mas não pode morrer enquanto não se livrar dela. Não é considerada, de maneira nenhuma, uma possessão cristãmente piedosa, mas de uma estranha maneira, a strega trabalha fora da teologia. É verdade, existem bruxas boas e más, porém todas que encontrei pertenciam inteiramente ao *buone* (bem); suas rivais e inimigas é que eram *maladette streghe, et cetera*, mas estas últimas, eu nunca conheci. Todos nós éramos do bem.

Existe um outro trecho no mesmo livro; no capítulo "Witches and Witchcraft", Leland está entrevistando uma Strega e pergunta-lhe como um certo padre se tornou um Stregone (Bruxo). Ao fazer isso, ele lhe pergunta como ele (o padre) "veio a praticar nossa nobre profissão". Leland parece estar se referindo à Strega e a ele mesmo como sendo parte de algo a que o padre também tinha se juntado.

Um dos aspectos mais desconcertantes dos escritos de Leland sobre a Bruxaria italiana é o fato de que ele vai e volta ao falar da Bruxaria em estereótipos cristãos do período e ao retratar os praticantes da Bruxaria como seguidores "bons" e "nobres" da Deusa Diana, não do diabo. Seu livro *Aradia: Gospel of the Witches* é certamente uma reviravolta chocante de seu tema geral das boas Bruxas de Benevento. Será que ele estava tentando agradar aos dois lados? Ou estava lançando a base de uma futura revelação maior? Talvez nunca possamos saber, pois Leland morreu sem completar seu trabalho sobre a Bruxaria italiana. Um de seus últimos desejos foi pedir que alguém compilasse todo o material que ele havia escrito sobre o assunto em um único volume. Estou atualmente trabalhando nessa compilação, extraída de *Etruscan Roman Remains, Aradia: Gospel of the Witches, Legends of Florence & Legends of Virgil*.

Referências Históricas de Arádia

Pelas tradições orais referentes a Arádia, com base na Antiga Religião da Itália, sabe-se que ela viveu e ensinou durante a última metade do século XIV. O inquisidor italiano Bernardo Rategno documentou em seu *Tractatus de Strigibus* (escrito em 1508 d.C.) que uma "rápida expansão" da "seita das Bruxas" tinha começado 150 anos antes de sua época. Rategno estudou muitas transcrições referentes à Bruxaria nos julgamentos da Inquisição e pesquisando através dos anos, ressaltou o começo dos julgamentos de Bruxas, notando um rápido aumento deles por um período de anos. Seguindo um detalhado estudo desses registros (mantidos nos Arquivos da Inquisição em Como, Itália), Rategno fixou a época deste re florescimento das Bruxas por volta de 1358, a última metade do século XIV.

Se Arádia nasceu em 1313, como as lendas afirmam, com certeza teria idade suficiente para ensinar e influenciar outras pessoas e para formar grupos que levassem adiante seus ensinamentos; deste modo, as datas de Rategno apoiariam a tradição oral referente às influências de Arádia sobre o crescimento da Antiga Religião. Em 1890, o autor e folclorista Charles Leland publicou um livro sobre Bruxaria italiana intitulado *Aradia: Gospel of the Witches*; o relato de Leland sobre Arádia inclui uma lenda a respeito da "bela Peregrina", preservado entre os camponeses toscanos por gerações. Em parte, esta lenda diz:

Então, tendo obtido uma vestimenta de viandante, ela viajou para longe, ensinando e pregando a religião dos tempos antigos, a religião de Diana, a Rainha das Fadas e da Lua, a Deusa dos Pobres e

Oprimidos. E a fama de sua sabedoria e beleza correu a terra e o povo a venerava, chamando-a de *La Bella Pellegrina* (a bela peregrina).¹

Em 1962, T. C. Lethbridge (antigo Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de Cambridge) publicou um livro chamado *Witches* que se refere a Arádia em vários capítulos. No capítulo segundo ele escreve:

Penso que podemos assumir, então, que o Vangelo de Leland e a prova de julgamento do Dr. Murray são mais ou menos contemporâneos e que é razoável usar os dois juntos para formar um quadro do culto da bruxa por volta de 1400 d.C. (...) Arádia foi enviada à terra para ensinar esta arte para a Humanidade; isto é, ela era, na opinião de seus devotos, uma personalidade conhecida na religião hindu como um Avatar, que lhes ensinava como utilizar o poder mágico. Arádia, nos tempos antigos, poderia ter sido uma personagem histórica como Cristo, Krishna ou Buda (...).²

Também achei interessante notar que *Ecstasies – Deciphering the Witches' Sabbath* (Êxtases: Decifrando o Sabá das Bruxas) de Carlo Ginzburg contém uma passagem que pode ser uma referência histórica de Arádia; na página 189 ele fala de uma seita pagã conhecida como Calusari, que durante a Idade Média (por volta dos séculos XVI e XVII) adorava uma “Imperatriz Mítica” a quem às vezes chamavam “Arada” ou “Irodeasa”. Os Calusari também usavam a expressão “senhora das fadas”, exatamente como os seguidores de Arádia chamavam Diana “Rainha das Fadas”. Certamente existem similaridades muito próximas aqui, e podemos estar vendo uma forma de adoração que evoluiu daquela fundada por Arádia mais de 100 anos antes.

De acordo com a lenda original de Arádia, ela deixou a Itália em algum momento de sua aventura e viajou para fora do país. Sérvia, o lar dos Calusari, fica do outro lado do Adriático, a pouca distância da Itália central e viagens de navio não eram incomuns naquela época. Quando Arádia deixou a Itália, não teria ido para o oeste, para a França, porque o Papado estava estabelecido lá naquela época, e Arádia ainda estava sendo perseguida pela Igreja; teria sido muito perigoso ir para o norte da Europa porque as Bruxas estavam sendo queimadas ou enforcadas naquela região (a Itália não começou a queima de Bruxas senão depois do tempo de Arádia). Portanto, de fato, um exodo para o leste teria sido a única decisão lógica que Arádia poderia ter tomado. Pelo menos, existe uma espantosa coincidência entre as Bruxas de Arádia e os Calusari de Arada.

1 LELAND, p. 68.

2 LETHBRIDGE, T.C. *Witches*. New York: The Citadel Press, 1962, p. 13-14.

Conceitos Mediterrâneo-egéus na Wicca Moderna

OS QUATRO INSTRUMENTOS RITUAIS

A primeira aparição da lâmina, taça, pentáculo e varinha postos juntos num contexto mágico-ritual é encontrada no simbolismo do início da Renascença italiana. Essa imagem dos instrumentos rituais do Ocultismo Ocidental pode ser vista no baralho de tarô Visconti Cary-Yale, do século XV. A carta do Mago apresenta um homem atrás de uma mesa; na mão esquerda, ele segura uma varinha; sobre a mesa estão colocados uma grande taça, uma espada e um pentáculo. Stuart Kaplan, reconhecido especialista em Tarô, diz que todo o simbolismo de Tarô que conhecemos hoje evoluiu do Tarô italiano.¹

O LIVRO DAS SOMBRAS

No século XVII, as Bruxas italianas copiavam à mão textos da Chave de Salomão e misturavam com feitiços e rituais de seus próprios livros particulares, também escritos à mão.²

1 KAPLAN, Stuart. *The Encyclopedia of the Tarot*. Stamford: U.S. Games Inc., 1994.

2 SCULLY, Sally. *Journal of Social History*, vol. 28, Departamento de História da Universidade de São Francisco, 1993.

OS QUATRO ELEMENTOS

Empédocles, estudante dos ensinamentos de Pitágoras, foi historicamente a primeira pessoa conhecida a ensinar o conceito dos Quatro Elementos como uma doutrina única e coesa. Ele viveu por volta de 475 a.C. em sua terra natal da Sicília, onde apresentou os ensinamentos referentes aos quatro elementos como uma raiz quádrupla de todas as coisas.³

OS ELEMENTAIS

No Livro um Capítulo 18 do *Compendium Maleficarum* de Francesco Guazzo (1609), vemos que as Bruxas italianas trabalham com espíritos de certas naturezas específicas; Guazzo lista-os como ígneo, aéreo, terrestre e aquoso. Aqui, é claro, estão as criaturas elementais também relacionadas com as crenças da Wicca moderna.

O CÍRCULO RITUAL

No *Compendium Maleficarum* (1609), aparece uma xilogravura de Guazzo mostrando Bruxas reunidas para uma cerimônia, num círculo desenhado no chão.

DUOTEÍSMO

Nos conceitos clássicos romanos e gregos encontramos a imagem do Casal Divino em casais como Júpiter e Juno, Zeus e Hera. No segundo lectistérnio, em 217 d.C., pela primeira vez na história os romanos selecionaram uma dúzia de deidades e as agruparam em casais, de acordo com o padrão helênico. Desta celebração surgiu a versão romana das Doze Deidades Primitivas da Mitologia Romana. Em *Aradia: Gospel of the Witches*, de Leland, vemos que as Bruxas italianas veneravam Diana e seu consorte, o Deus Romano Lúcifer, a estrela da manhã.

OS GUARDIÃES

Nos primitivos Cultos Estelares da Mesopotâmia, havia quatro estrelas "reais" chamadas Guardiães; cada uma dessas estrelas regia um dos quatro pontos cardeais comuns à astrologia. Este sistema específico data de aproximadamente 3000 a.C. A Estrela Aldebarã, quando assinalava o Equinócio Vernal, tinha a posição de Guardiã do Leste; Regulus, marcando o Solstício de Verão, era o Guardiã do Sul; Antares, assinalando o Equinócio de Outono, era Guardiã do Oeste e Pomalhaut, assinalando o Solstício de Inverno, era o Guardiã do Norte. Construíam-se torres com os símbolos dos Guardiães como forma de adoração e esses símbolos eram colocados

3 KINGSLEY, Peter. *Ancient Philosophy, Mystery, and Magic*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

nas Torres com o propósito de evocação. As Torres eram chamadas Zigurates ou montanhas cósmicas.⁴

Em *Aradia*, Leland conta a história dos "Filhos de Diana ou como as fadas nasceram", na qual ele afirma que Diana criou "os grandes espíritos das estrelas". Também encontramos uma referência a uma raça mais antiga:

(...) então, Diana foi aos Pais do Início, às Mães, os Espíritos que existiram antes do primeiro espírito, e lamentou a eles que não podia suplantar Diana. E eles a elogiaram por sua coragem; disseram-lhe que, para levantar, é preciso cair; para ser chefe das deusas, era preciso se tornar uma mortal.

Na religião romana arcaica, os espíritos guardiães conhecidos por Lare eram adorados nas encruzilhadas, onde pequenas torres eram erigidas; colocava-se um altar em frente das torres e faziam-se oferendas aos Lare. Os Lare eram originalmente espíritos da Natureza dos campos, derivados do espírito Lasa dos etruscos. Mais tarde eles se tornaram espíritos de demarcação, associados à proteção e aos ritos sazonais.⁵

TRÊS GRAUS DE INICIAÇÃO

O grupo maçônico italiano conhecido como os Carbonari (cerca de 1820) tinha três graus de iniciação marcados por cordões ou fitas coloridos: azul, vermelho e preto; um triângulo marcava o nível de primeiro grau. Os Carbonari afirmavam terem se baseado no Culto de Mistérios de Mitra.⁶

ESTRUTURA DO RITUAL DO CÍRCULO

É interessante notar que em *Essay on the Mysteries of Eleusis* (Ensaio sobre os Mistérios de Elêusis) de M. Ouvaroff encontram-se trechos do antigo filósofo Porfírio, revelando que os Símbolos dos Mistérios Eleusinos gregos e romanos incluíam o círculo, o triângulo e o cone, todos eles aspectos de ritos wiccanianos.⁷

4 PAPON, David. *The Lure of the Heavens: A History of Astrology*. York Beach, ME: Weiser, 1972, e ALLEN, Richard. *Star Names: Their Lore and Meaning*. Nova York: Dover Publications, 1963.

5 DUMEZIL, Georges. *Archaic Roman Religion*. Baltimore & London: John Hopkins University Press, 1996, p. 343-344.

6 DARAU, Akron. *A History of Secret Societies*. New York: Citadel Press, 1961.

7 Como citado em Manly Hall, *The Secret Teachings of All Ages*, Philosophical Research Society, 1963.

A ORIENTAÇÃO NORTE DO RITUAL

Os etruscos que ocuparam a Itália central (dos quais os romanos emprestaram muitas coisas) colocavam suas deidades associadas a quadrantes. Ao norte estava o Deus-chefe Tinia (e sua consorte Uni), o Rei dos Deuses. O norte era dividido em quatro seções que se estendiam do norte ao quadrante leste. No leste (a mais distante extensão da localização norte) viviam os doze Deuses e Deusas maiores da religião etrusca. No sul estavam os Deuses menores e os espíritos da Natureza. No oeste estavam as deidades da Morte e o Submundo. Nesta visão etrusca do Cosmos, temos o mais antigo registro das crenças itálicas associadas aos quatro quadrantes.⁸

DIREÇÃO DO RITUAL POR SACERDOTE, SACERDOTISA E DONZELA

Um relevo em estuque da Vila dos Mistérios em Pompéia mostra uma mulher guiando um iniciado de olhos vendados e assistida por um sacerdote sileno e uma atendente (relevo de Farnesina, 30-25 a.C., Museu Nacional de Roma). Os cultos antigos de Roma envolviam sempre sacerdotes e sacerdotisas com suas atendentes donzelas. O Culto dos Mistérios de Dioniso em Pompéia é um clássico exemplo mostrado em murais.⁹

A DESCIDA DA DEUSA AO SUBMUNDO

Os Mistérios Eleusinos, originários da Grécia, envolvem temas de descida e ascensão, perda e ganho, luz e trevas e os ciclos de vida e morte. Em *The Secret Teachings of All Ages* (Os Ensinamentos Secretos de Todos os Tempos), de Manly Hall, o autor nos conta que os ritos associados a esses Mistérios eram realizados à meia-noite, durante os Equinócios de Primavera e de Outono. Hall diz que os Mistérios Eleusinos se espalharam para Roma e para a Bretanha e iniciações nesse culto eram realizadas nos dois países. O Culto Eleusino continha os Mistérios Maiores e os Mistérios Menores; os Menores eram sobre o rapto de Perséfone pelo Deus do Submundo, um mito clássico de descida; os Mistérios Maiores tratavam da Busca pelo retorno da Deusa e os ritos eram realizados em honra a Ceres (uma deusa agrária, padroeira dos Mistérios).

No mito geral, Perséfone desce ao Submundo e encontra o Senhor dele; a vida do mundo desaparece com ela e, pela primeira vez, Outono e Inverno caem sobre a terra. O Senhor do Submundo se apaixona pela Deusa e quer mantê-la em seu reino; Ceres intervém por ela e suplica ao Senhor do Submundo que liberte Perséfone.

8 BONNEFOY, Yves. *Roman and European Mythologies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

9 GODWIN, Joscelyn. *Mystery Religions in the Ancient World*. New York: Harper & Row, 1981.

No começo ele se recusa, porque Perséfone havia comido as sementes de romã, um antigo símbolo da semente masculina (como vemos na Lenda Wiccana da Descida – eles se amaram e foram Um). Finalmente ele concorda, com a condição de que ela volte novamente durante metade de cada ano (ciclo das estações).

ORIENTAÇÃO LUNAR E REUNIÕES DE LUA CHEIA

Os escritos do antigo poeta romano Horácio nos dão, talvez, os primeiros registros de Bruxas italianas e sua conexão com um culto lunar. Em *Épodes de Horácio*, escritas por volta de 30 a.C., ele nos conta a história de uma Bruxa italiana chamada Canídia. Horácio diz que Proserpina e Diana deram poder às Bruxas que as adoravam e que as Bruxas se reuniam em segredo para realizar os mistérios associados a essa adoração. Ele fala de um livro de Bruxas de Encantamentos (*Libros Carminum*), por meio dos quais a Lua podia ser “chamada” do céu. Outros antigos escritores romanos, como Lucano e Ovídio, produziram obras que claramente apóiam o mesmo tema.

Em *Aradia: Gospel of the Witches*, de Leland, também encontramos uma referência às Bruxas italianas se reunindo para os ritos lunares:

Sempre que tiverem necessidade de qualquer coisa, uma vez por mês quando a lua estiver cheia, reúnam-se num lugar secreto ou numa floresta, todos juntos para adorar o espírito potente de sua rainha, minha mãe, a grande Diana. Ela, que prazerosamente aprendeu toda a Feitiçaria, mas ainda não venceu seus segredos mais profundos, minha mãe os ensinará a ela, e na verdade todas as coisas ainda desconhecidas. E vocês serão libertados da escravidão e serão livres em todas as coisas; e como sinal de que são verdadeiramente livres, deverão estar nus durante os ritos, homens e mulheres também. (...)

Bruxos do Norte da Europa

Assim como muitas regiões da Europa, o norte é o lar de antigas famílias de Bruxas que, apesar da Inquisição, sobreviveram até os dias de hoje. Neste Apêndice 4 vamos examinar várias personalidades importantes ligadas à Bruxaria européia do norte. Alguns desses indivíduos afirmaram ser Bruxos hereditários e outros, embora não fizessem asserções pessoais ao "Sangue de Bruxa", professam a iniciação em tradições secretas de família.

Ficou provado que vários Bruxos apresentados neste Apêndice iludiram seus iniciados em relação a suas pretensões hereditárias (principalmente a respeito do Livro das Sombras, que todos copiaram). Na maioria dos casos o material pretensamente de origem familiar, se tomado palavra por palavra, tornou-se essencialmente um material gardneriano escrito por Doreen Valiente, Gerald Gardner ou Aleister Crowley. Será que esses Bruxos "hereditários" estavam simplesmente retendo material tradicional de Sangue de Bruxa e substituindo por material gardneriano ou estavam inventando a coisa toda?

Dizer que há um pouco de cigano na Bruxa hereditária não é injusto; raramente um material de Sangue de Bruxa é abertamente compartilhado com membros não-familiares e quando se ensina iniciados não relacionados, é comum usar um outro material disponível como base através da qual se introduzem os conceitos hereditários. Sim, de certo modo é uma decepção, mas enganar alguém para que aprenda algo é uma arte antiga, seja por que meios for.

Existem vários elementos compartilhados por aqueles que reclamam uma afiliação hereditária. Depois de ler sobre cada indivíduo apresentado neste Apêndice, esses elementos comuns ficarão muito claros. Serão eles sinais de fraude ou de algo

completamente diferente? Será que o desejo de ser um Bruxo hereditário pode permitir que alguém seja possuído pelo espírito preso à terra de uma Bruxa dos tempos antigos? Ou é apenas mais um conto-do-vigário cometido por algum senso estranho de ganho pessoal ou auto-satisfação?

Certamente os indivíduos discutidos neste Apêndice aparentemente acreditavam em suas próprias pretensões, ou vieram a acreditar nelas com o tempo, como o fizeram muitas pessoas que trabalharam com eles. Raramente tais pretensões trouxeram qualquer coisa além de discórdia para suas vidas, e, no entanto, eles as mantiveram até o fim. O zelo e a perseverança desses indivíduos era inspirador; sua devoção à Antiga Religião é inquestionável e, sem eles, o crescimento da Wicca no século XX poderia jamais ter acontecido.

Muitas perguntas se levantam no que concerne às pretensões dos indivíduos discutidos aqui; você mesmo terá de respondê-las, quando tiver terminado de ler. Uma possibilidade consistentemente não notada é que algumas Bruxas hereditárias, devido a um anseio por companhia e um sentido de comunidade maior, tivessem retrabalhado um material prontamente disponível e então o tivessem apresentado como texto antigo, a fim de atrair indivíduos que pensassem do mesmo modo. Isso lhes permitiria manter seu sentido pessoal de identidade, enquanto ao mesmo tempo honravam seus juramentos de iniciação. Num lugar nem sob a sombra nem sob a luz, elas dividiram seu conhecimento da melhor maneira que puderam.

Qualquer que seja o caso, ou como quer que você deseje ver o assunto, para mim é importante apenas que esses indivíduos abriram as portas para muitos buscadores sinceros e por isso homenageio a memória de cada um. Agora, vamos voltar e olhar essas curiosas figuras que assentaram as bases de muito da moderna Arte como a conhecemos hoje.

ROBERT COCHRANE

Cochrane era um Bruxo inglês que reivindicava laços de família com a Antiga Religião. Doreen Valiente o encontrou pela primeira vez em 1964 e eventualmente se tornou um membro de seu coven — o Clã de Tubal-Cain. Cochrane fez várias afirmações inconsistentes em relação a sua herança bruxa, comentando que um tio-avô do lado materno foi seu professor; depois, tempos mais tarde, que sua mãe o havia ensinado, como ela mesma havia sido ensinada pela avó.

De qualquer modo, Cochrane foi um indivíduo muito impressionante e carismático. Seu sistema de Bruxaria foi em grande parte baseado nos rituais intuitivos e era mais xamânico por natureza do que a maioria dos grupos wiccanianos desta época. Os instrumentos rituais de sua Arte consistiam de caldeirão, faca, cordão, taça e uma pedra. Cochrane freqüentemente expressava desprezo pelos Bruxos gardnerianos de seu tempo, um dos fatores que levaram Doreen Valiente a finalmente sair do coven.

O coven de Cochrane se dissolveu devido a vários eventos infelizes. Ele foi se tornando cada vez mais controlador do grupo e, abertamente, diante da esposa, come-

çou um caso com uma das mulheres do coven. A esposa o deixou e o grupo se tornou mais e mais desencantado. Os membros sentiam que ele era autoritário demais e seus ataques verbais aos Bruxos gardnerianos logo atingiu limites intoleráveis.

Numa certa tarde de 1966, Cochrane passou um tempo com Evan Jones, um amigo íntimo e antigo membro do coven e afirmou que seu futuro estava agora nas mãos da Deusa. Ele voltou para casa cedo, naquela mesma noite, e às quatro horas da madrugada foi encontrado no jardim por um vizinho; estava inconsciente devido à ingestão de folhas de beladona, também conhecida como sombra noturna mortal. Foi levado ao hospital, mas morreu três dias depois. Segundo alguns, Cochrane tinha ficado fascinado por drogas psicodélicas derivadas de ervas e houve certa especulação sobre se sua morte tinha sido um acidente. Entretanto, os mais próximos dele acreditavam que Cochrane tinha cometido suicídio.

GERALD GARDNER

Gardner é talvez a figura mais conhecida da Bruxaria moderna; seus livros sobre a Wicca moderna se tornaram clássicos que inspiraram o crescimento e o desenvolvimento de muitas Tradições wiccanianas. Embora pessoalmente nunca tenha afirmado ser Bruxo, Gardner realmente declarou sua iniciação numa velha e sobrevivente tradição da Antiga Religião em 1939. Dizia-se que esse coven era descendente de um dos "Nove Covens" fundados por George Pickingill uns quarenta anos antes. Gardner sustentava que seu coven tinha raízes hereditárias e, de acordo com Pickingill, elas se estendiam por oito séculos antes, numa cadeia ininterrupta. Os registros concernentes a este coven variam; estava localizado em Hampshire ou em Hertfordshire.

Por volta de 1954, Gardner começou a revelar em seus escritos os aspectos da Tradição que praticava; não apenas um autor, Gerald Gardner era um erudito por direito, antropólogo e arqueólogo com descobertas publicadas no jornal do ramo malaio da Sociedade Real Asiática. Ele estabeleceu vários covens por toda a Inglaterra e finalmente abriu um museu de Bruxaria na ilha de Man. Gardner trabalhou em parceria com outra famosa Bruxa, Doreen Valiente, que o ajudou a expandir o material contido em seu Livro das Sombras.

Algumas pessoas acreditam que Gerald Gardner e Aleister Crowley criaram o primeiro "Livro das Sombras gardneriano". Um boato popular por essa época alegava que Crowley era um antigo membro de um dos Nove Covens de Pickingill, e que mais tarde foi desligado por razões relacionadas à falta de caráter pessoal e moral. Algumas pessoas notaram que o Livro das Sombras de Gardner continha versos escritos anteriormente nos trabalhos de Crowley. Se Crowley tinha sido mesmo um iniciado da Arte, é possível que esses versos fossem originalmente extraídos de fontes da Arte pelo próprio Crowley.

Com o tempo, a Tradição gardneriana emprestou elementos da Bruxaria italiana, como se vê nos primeiros trabalhos de Charles Leland; um dos mais famosos

versos gardnerianos, "A Sagração à Deusa", é quase idêntico aos versos encontrados no material de Leland de mais de meio século antes. Doreen Valiente, uma admiradora de Leland, mais tarde escreveu a versão gardneriana da Sagração. Outros elementos extraídos dos trabalhos de Leland eram as reuniões de lua cheia, a adoração da deusa e do deus consorte, as celebrações rituais com bolos e vinho e a adoração em estado de nudez.

SYBIL LEEK

Sybil Leek afirmava ser Bruxa hereditária de descendência irlandesa e russa. Sybil traçou sua árvore familiar até 1134 d.C. e tinha um orgulho especial em ser descendente de Molly Leigh, uma Bruxa irlandesa que morreu em 1663; ela até visitou o túmulo de Molly durante uma de suas visitas à Europa. Sybil estava sempre acompanhada por seu bicho de estimação Jackdaw, empoleirado em seu ombro quando ela ia de cá para lá; esse também era o costume de Molly antes dela.

Como a maioria das Bruxas hereditárias, Sybil nasceu com o sinal de nascença de Bruxa. Ela afirmava ter conhecido Aleister Crowley quando tinha oito anos e que tinha passado um tempo subindo em montanhas com ele, perto de sua casa. Sybil escreveu em seu livro *Diary of a Witch*¹ (Diário de uma Bruxa) que Crowley havia falado com ela sobre Bruxaria e que também a havia instruído sobre como empregar certas palavras com qualidades vibratórias ao lidar com mágica. É interessante notar ainda uma outra indicação do envolvimento de Crowley com Bruxaria.

Sybil viveu na região de New Forest, uma das florestas mais antigas da Bretanha; sua casa ficava perto de Hampshire, a área que Sybil afirmava ser o lar de quatro covens que sobreviveram desde os dias do rei William Rufus. New Forest também é a região onde Gerald Gardner se associou a um coven que reivindicava uma linhagem antiga; talvez esses grupos tivessem alguma relação ou eram um só e o mesmo.

No começo de seus vinte anos, Sybil morou com ciganos em New Forest por quase um ano e com eles aprendeu muitas coisas relativas a poções herbais e elixires, além de seus costumes e truques. De acordo com Sybil, os ciganos sabiam que ela era Bruxa e a respeitavam, eventualmente aceitando-a em seus campos como uma deles. Quando ela finalmente os deixou, os ciganos fizeram-na "irmã de sangue" segundo o método tradicional, que consistia em cortar o pulso e misturar o sangue com o do chefe dos ciganos.

Sybil fez um bom trabalho ao promover a imagem positiva da Antiga Religião, tanto como autora quanto como conferencista; viajou e fez palestras por toda a Inglaterra e América do Norte. Durante a última parte de sua vida, Sybil trabalhou como astróloga profissional, ganhando muita notoriedade nesse campo. Ela foi talvez uma das Bruxas mais interessantes do século XX.

¹ LEEK, Sybil. *Diary of a Witch*. New York: Signet Book, 1969.

SENHORA PATERSON

Muito pouco se sabe acerca desta personagem misteriosa. O ocultista Austin Spare a conheceu em Londres, no ano de 1902; ela afirmava pertencer a uma família de Bruxas hereditárias e ter sido iniciada ainda pequena por sua mãe. Paterson trabalhava como cartomante e, de acordo com Spare, tinha a habilidade de manifestar seus pensamentos sob forma visível. Numa ocasião, durante uma leitura psíquica, Paterson projetou mentalmente as imagens visuais de eventos profetizados a seus clientes. Spare escreveu em seu diário que essas visões apareciam no canto escuro da sala de leitura e sempre se tornavam realidade.

Spare escreveu em seu diário que Paterson era uma mulher idosa, mas, no entanto, quando queria, podia se mostrar como uma mulher jovem, bela e sexualmente irresistível. Spare não menciona a sua idade, mas já que ele tinha apenas dezesseis anos quando se conheceram, é provável que ela não fosse exatamente "idosa" segundo os padrões sociais, mas fosse vista desse modo pelos olhos de um adolescente. Spare fez vários desenhos nus de Paterson, tanto como mulher jovem, quanto como idosa.

Paterson disse a Spare que era descendente de uma Bruxa que viveu em Salém, Massachusetts, por volta de 1692. Ela iniciou Spare em sua Tradição e ensinou-lhe a técnica secreta de criar sigilos mágicos. Eventualmente ele expandiu esse método e mais tarde o chamou "alfabeto do desejo"; Spare mostrou o método de criar o alfabeto mágico em várias de suas obras publicadas.

Spare nunca foi capaz de alcançar o nível de mágica demonstrado por Paterson, embora tivesse tido efêmeros momentos nos quais era capaz de manifestar suas visões por meio de sigilos; segundo é registrado, Paterson podia manifestar espíritos e formas-pensamento à vontade, pelo tempo que quisesse. À medida que Spare se tornava famoso por meio de sua arte oculta, Paterson parece ter caído na obscuridade; além do que foi dito aqui, pouca coisa mais foi publicada a seu respeito.

GEORGE PICKINGILL

George Pickingill nasceu em 1816 e afirmava ser descendente de Julia Pickingill, a "Bruxa de Brandon", que morreu na Inglaterra por volta de 1071. Pickingill tinha uma reputação sinistra na aldeia de Hockley, onde nasceu; muitas pessoas da aldeia tinham medo dele e de suas habilidades mágicas, o que ele muitas vezes usava em benefício próprio quando precisava de alguma coisa. Se há algo de verdade nesta história, pode estar na simples ignorância e mal-entendido relativos à Bruxaria em geral; entretanto, existe uma curiosa alegação que poderia apoiar a impressão dos moradores.

Quando Gerald Gardner começou a escrever abertamente sobre a Wicca, muitos anciãos dentro da comunidade da Arte ficaram alarmados, temendo a exposição e o dano conseqüente que poderiam ocorrer devido à imagem distorcida da Bruxaria, estampada nas cabeças da população em geral. Aparentemente, os An-

ciãos da Arte Anglicana Oriental da época estavam preocupados com a associação de George Pickingill e Aleister Crowley com a Wicca; Pickingill advogava abertamente a extinção da Cristandade e tentou formar uma aliança com covens satânicos para apressar seu ponto de vista. Foi alegado que os Anciãos das Tradições hereditárias do leste de Ânglia estavam apressando o descrédito das afirmações de Gerald Gardner em relação à sobrevivência das famílias de Bruxas, a fim de se protegerem de ser descobertos. Isso envolvia, em parte, a erradicação de tantos traços quanto possível de Pickingill e seus Nove Covens.

Não há dúvidas de que Pickingill era um fanático; quando estabelecia um coven, seu líder tinha de apresentar evidências de que ele ou ela era do sangue de Bruxa hereditária. Os covens de Pickingill surgiram em Essex, Hampshire, Hertford, Norfolk e Sussex; cada um deles tinha de concordar com os padrões de Pickingill a fim de que ele passasse seu "poder" para os líderes. Embora ensinasse aos covens a estrutura básica de sua tradição, Pickingill introduziu muitos conceitos e enfeitou os temas rituais originalmente contidos em seu Livro das Sombras.

ALEX SANDERS

Alex Sanders reivindicava ter recebido a iniciação de sua avó, quando ainda bem jovem. Segundo se diz, ele a surpreendeu fazendo um tipo de ritual; Alex teve de jurar segredo e sua avó cortou-lhe a pele com uma faca, dizendo: "você é um dos nossos agora". O resultado foi que ela fez de Alex seu aluno e o levou à Antiga Religião.

Sanders afirmava ter copiado o Livro das Sombras de sua avó e mais tarde adicionou material da *Chave de Salomão*, um texto medieval sobre mágica cerimonial. Segundo consta, Sanders procurou a iniciação nos covens gardnerianos, mas não pôde consegui-la; finalmente, fundou seu próprio coven. Por volta de 1965, Sanders afirmava ter 1.623 Bruxas praticando o que veio a se chamar Tradição Alexandrina. Janet e Stewart Farrar foram membros dessa Tradição.

Sanders se casou com uma bela jovem chamada Maxine, que serviu como sua Alta Sacerdotisa por vários anos. De acordo com Sanders, ele recebeu o título de "Rei das Bruxas" pelos covens da Tradição Alexandrina. Este título e a sua aceitação fizeram com que muitos dentro da comunidade da Arte comessem a ver Alex com ceticismo. Eventualmente, o material contido no Livro das Sombras (que Sanders apresentou como cópia do livro de sua avó) acabou se tornando a maior parte escritos gardnerianos, alguns dos quais copiados incorretamente. Maxine e Alex logo tomaram caminhos separados e muitos iniciados deixaram a Tradição. Sanders caiu na obscuridade e assim terminou o reinado do Rei das Bruxas. Qualquer que seja a verdade por trás das reivindicações de Sanders, ele tornou possível a muitas pessoas entrar para a Comunidade da Arte e aprender habilidades rituais e mágicas; Alex foi, segundo consta, um mágico e ritualista muito habilidoso. Mesmo que o presente que Alex nos deu não tenha sido "comprado" onde ele disse que foi, ainda assim é um presente de grande valor.

LADY SHEBA

Uma verdadeira "pioneira" da Bruxaria moderna, Lady Sheba foi a primeira Bruxa a publicar um Livro das Sombras completo. Ela também registrou a "Irmandade da Wicca" como uma organização religiosa em Michigan, uma das primeiras pessoas nos Estados Unidos a estabelecer oficialmente a Arte como religião legalmente reconhecida. Embora estivesse sob ataque de dentro da Comunidade da Arte por uma variedade de razões políticas, Lady Sheba fez muito para abrir as portas para aqueles que desejavam seguir a Senda da Antiga Religião.

Em seu livro *The Grimoire of Lady Sheba*, ela afirmou que era uma Bruxa "de herança tradicional" e uma "Bruxa gardneriana por opção". Lady Sheba era descendente de ingleses pelo lado paterno; seu nome de solteira era Jessie Wicker. Sua bisavó materna era uma índia cherokee; embora criada nos Estados Unidos, Lady Sheba passou parte de sua juventude na Inglaterra e voltou para lá em visita, de tempos em tempos.

Lady Sheba faleceu na Reserva Indígena Cherokee entre familiares e amigos. Os que a conheceram pessoalmente dentro da comunidade da Arte falavam dela como uma pessoa mágica poderosa. Seu nome foi envolvido em controvérsias após a publicação de seu grimoire em 1974, pois este continha algum material gardneriano aparentemente escrito por Doreen Valiente. Felizmente, os mal-entendidos foram resolvidos e agora nos lembramos de Lady Sheba por sua grande contribuição para o incremento da Antiga Religião.

AUSTIN SPARE

Nascido em 1886, Austin Spare se tornou um artista admirável e um praticante das Artes Ocultas. Em 1902, Spare foi iniciado por uma mulher que afirmava ser Bruxa hereditária; este foi o começo do que veio a ser uma devoção de toda a vida aos caminhos da mágica. O trabalho artístico de Spare logo chamou a atenção de Aleister Crowley, que o encarregou de criar desenhos para a revista *The Equinox*, de Crowley. Posteriormente Spare foi iniciado numa organização ocultista criada por Crowley, conhecida como a Ordem da Estrela de Prata. Nos anos 50, Spare conheceu Gerald Gardner, que o contratou para criar talismãs mágicos e outros acessórios rituais.

Spare adotou o nome mágico da Arte de "Zos", depois de ser iniciado no estilo de Bruxaria de Paterson. Em seguida à sua amizade com Gardner e seu envolvimento com Crowley, Spare se tornou obcecado por magia sexual; posteriormente, ele apareceu com a adoração por Isis e outras deidades egípcias, integrando-a com sua prática de Bruxaria; seu trabalho artístico refletia, então, esta união de temas culturais.

A obsessão de Spare pela magia sexual o fez voltar-se para práticas sexuais que a sociedade rotularia de perversões. Ele acreditava que atos sexuais repulsivos causavam certas mudanças químicas dentro do corpo, transformando a consciência mágica. Assim como Crowley, Spare foi vilipendiado pela sociedade e seu nome foi tratado com desprezo pela imprensa. Ele morreu em 1956, quando trabalhava num grimoire mágico que deveria conter o acervo de seus segredos mágicos.

APÊNDICE 5

Textos em Italiano
de Encantamentos
Rituais

Conforme prometido no Capítulo quarto, estão reproduzidos nas próximas páginas os textos em italiano de muitos encantamentos rituais descritos naquele capítulo.

Da página 68:

*Non prendo questa chiave l'ho trovata
E lo porto con me, ma non porto
La chiave pelo la fortuna
Che sia sempre appresso di me.*

*Não é uma chave que encontrei
Nem a que levo por aí
Mas a sorte que creio, será sempre
minha amiga junto de mim.*

Da página 72:

*Penne qui tanto nero quanto notte
Legame il briccone con magico stretto,
ed in azioni dell'oscurità reprime,
fino a tale tempo rilascio questo
incantesimo.*

*Penas negras como a noite
Amarrem forte o vilão com mágica,
e na escuridão as ações esmaguem
até que eu retire este feitiço.*

Da página 74:

*Una pietra bucata
L'ho trovato
Ne ringrazio il destino
E lo spirito che su questa via
Mi ha portata,
che possa essere il mio bene,
e la mia buona fortuna!*

*Achei uma pedra sagrada no chão.
Ó destino, agradeço pelo alegre achado
E também o espírito que nesta estrada
Deu-a para mim
Que ela prove ser para meu bem
E minha sorte!*

Da página 74:

*Spirito del buono augurio!
Sei venuto in mio soccorso,
credi ne avevo gran bisogno,
Spirito del folletino rosso
Giacche sei venuto in mio soccorso,
ti prego di non mi abbandonare!
Ti prego dentro questa palla d'intrare,
e nella mia tasca tu possa portare,
Così in qualunque mia bisogna,
in mio aiuto ti posso chiamare,
e di giorno e di notte,
tu non mi possa abbandonare.*

*Espírito dos bons presságios
Que veio em meu socorro
Crendo que preciso de você,
espírito da fada vermelha
desde que veio me ajudar em minha necessidade,
rezo para que não me abandone!
Suplico que entre agora nesta esfera
Que carregue em meu bolso*

*E quando eu precisar de algo,
que eu possa chamá-lo,
qualquer que seja a necessidade,
e seja de dia ou de noite,
nunca me possa abandonar.*

Da página 75:

*Cornu, gran cornu, ritortu cornu;
Russa la pezza, tortu lu cornu,
Ti fazzu scornu:
Vaju e ritornu,
Cornu! Cornu! Cornu!*

*Chifre, chifre grande, chifre torto,
vermelho o pano, torto o chifre,
escarneço de você:
vou e volto,
Chifre! Chifre! Chifre!*

Os quatro encantamentos seguintes aparecem em português nas páginas 75-76:

*O fuoco benedetto
Chi brucia immensamente
E bruce tutte le gente
Ti prego di bruciare
Questo malocchio
E chi me l'a dato!*

*Ó fogo bendito,
que queima tão imensamente,
que aquece a humanidade
Ihe suplico que queime este feitiço
e quem o pôs em mim!*

*Preparo questa corona
Per meterla sopra agli occhi
Di quella ammalata
(O ammalata che sia)
che possa ritornare la vista e che
nos possa soffrire di nuovo.*

*Preparo esta coroa
Para colocá-la nos olhos
Desta safredora*

*Que sua visão eu possa restaurar
E que ela não sofra mais!*
Santa Lucia, Santa Lucia, Santa Lucia!
Del mal d'occhi fatemi guarire!
Santa Luzia, Santa Luzia, Santa Luzia!
Faça-me sarar do mal dos olhos!

*Cucio questo sacchetino
Per la buona fortuna di me,
e della mia famiglia,
e chi ci tenga sempre lontano
dalle disgrazie como pure
dalle malattie!*

*Costuro este saquinho
Para minha boa sorte
E da minha família
Que sempre estejam longe
A desgraça e a doença!*

Da página 77:

Luciola! Luciola!
Viene a gara!
Mette la briglia
A la cavalla,
mette a briglia
al figliuolo del re,
che la fortuna
venga con me,
lucciola mia
viene da me!

Vaga-lume, Vaga-lume!
Venha para a competição!
Ponha a rédea
Na égua,
ponha a rédea
no filho do rei,
para que a sorte
venha para mim
meu vaga-lume
venha para mim!

Da página 77:

Pena che colpi
Con la furia di dragone sangue,
per l'amore di tutti spiriti
abbandona questo corpo,
rimuove la sua macchia.

Dor que ataca
Com a furia do sangue do dragão,
pelo amor de todos os espíritos,
deixe este corpo,
remova a sua mancha.

Da página 83:

Fuoco, fuoco benedetto!
Alla casa mia fortuna aspetto
E sempre a te venço sperare
Che l'augurio di buono,
fortuna tu mi voglio dare!

Fogo, bendito fogo!
Em minha casa espero pela sorte,
e sempre venho a você esperando
que o desejo de boa sorte
ocê me queira dar!

Glossário

Benandanti: sociedade ocultista da Renascença italiana acusada de Bruxaria pela Inquisição. Era seu costume "deixar o corpo" e entrar em combate ritual com os Malandanti durante os Dias de Têmporas para assegurar uma colheita farta e o aumento do gado.

Chave de Salomão: tratado medieval de mágica ocultista, originada do misticismo hebraico.

Compendium Maleficarum: obra italiana do século XVII sobre Bruxaria, semelhante ao *Malleus Maleficarum* do norte da Europa. Foi encomendado pelo Bispo de Milão e escrito pelo monge ambrosiano italiano Francesco Guazzo, quando estava na Alemanha.

Culto dos Mortos: culto neolítico segundo o qual os mortos eram enterrados com objetos pessoais e suprimentos que acreditavam necessários na próxima vida. A prática deste culto foi a origem das colinas míticas de fadas.

De fora: expressão usada para denotar as pessoas que não praticam a Antiga Religião. Significa que vivem fora dos Antigos Caminhos.

Do Sangue: termo usado por Bruxas hereditárias para denotar a linhagem de famílias de Bruxas.

Evocação: fazer um espírito, deidade ou algo oculto aparecer magicamente num determinado local. Dar forma material a um espírito ou deidade (veja invocação).

Filho da Promessa: no paganismo pré-cristão da Europa, uma figura mítica ligada ao sol, às estações e à renovação da vida vegetal e animal.

Gnosticismo: seita mística de filósofos que floresceu nos primeiros séculos da Era Cristã. Eram vistos como hereges pela Igreja. Suas crenças e práticas eram uma mistura do Misticismo oriental com o Ocultismo ocidental.

Grigori: raça de seres espirituais que guardam os portais de entrada e de saída da dimensão física.

Hermetismo: doutrina de crenças surgida dos ensinamentos de Hermes Trismegistus, um místico egípcio de ascendência grega. Os ensinamentos herméticos são uma mistura dos paganismos egípcio, persa, grego e romano.

Invocação: atrair um espírito ou deidade para dentro da mente, corpo ou alma de uma pessoa.

Malandanti: sociedade oculta da renascença italiana acusada de Bruxaria pela Inquisição. Seu costume era deixar o corpo e entrar em combate ritual com os Benandanti durante os Dias de Tempos para assegurar a falha da colheita e o declínio do gado (muito possivelmente com a intenção de ferir a classe nobre rica).

Neopitagorismo: uma mistura dos ensinamentos de Pitágoras com conceitos místicos estrangeiros e tradições anglo-européias.

Neoplatonismo: sistema filosófico místico iniciado por Plotino de Alexandria em 233 d.C. que se baseava nos ensinamentos de Platão, mas introduziu conceitos orientais não professados por Platão.

Strega: literalmente, a Bruxa.

Streghe: Bruxas.

Stregheria: religião das Bruxas.

Stregone: literalmente, o Bruxo.

Stregoneria: feitiçaria de natureza xamânica.

Treguenda: versão italiana do Sabá das Bruxas.

Bibliografia

- ALLEN, Richard H. *Star Names: Their Lore and Meaning*. New York: Dover Publications, 1963.
- ANDREWS, J. B. "Neapolitan Witchcraft". *Folk-Lore: Transactions of the Folk-Lore Society* vol. 3, mar. 1897.
- ANKARLOO, Bengt, ed. *Early Modern European Witchcraft*. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- BAROJA, Julio Caro. *The World of Witches*. Chicago: The University of Chicago Press, 1964.
- BARRETT, Francis. *The Magus*. New Hyde Park: University Books, 1967.
- BARSTOW, Anne L. *Witchcraft*. San Francisco: Pandora, 1994.
- BONNEFOY, Yves, ed. *Roman and European Mythologies*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- BOURNE, Lois. *Witch Amongst Us*. London: Robert Hale, 1989.
- BRIGGS, Robin. *Witches & Neighbors*. New York: Viking, 1996.
- CARDINI, Franco. *Il Giorno del Sacro, il Libro delle Feste*. Milano: Rusconi Libri, 1989.
- CATABIANI, Alfredo. *Calendario: Le Feste i Miti le Leggende e i Riti dell'anno*. Milano: Rusconi Libri, 1988.
- CUMONT, Franz. *After Life in Roman Paganism*. New York: Dover Publications, 1959.
- _____. *Oriental Religions in Roman Paganism*. New Haven: Yale University Press, 1920.

- DE MARTINO, Ernesto. *Primitive Magic*. Bridgeport: Prism Press, 1972.
- DUNDES, Alan, ed. *The Evil Eye; A Folklore Casebook*. New York: Garland, 1981.
- ELSWORTH, Fredrick T. *The Evil Eye*. London: John Murray, 1895.
- FALASSI, Alessandro. *Folklore by the Fireside: Text and Context of the Tuscan Veglia*. Austin: University of Texas Press, 1980.
- FIELD, Carol. *Celebrating Italy*. New York: William Morrow & Co, 1990.
- FRAZER, Sir James George. *The Golden Bough*. New York: Macmillan Company, 1922.
- GARDNER, Gerald B. *Witchcraft Today*. Secaucus: The Citadel Press, 1973.
- _____. *The Meaning of Witchcraft*. New York: Samuel Weiser, 1959.
- GIMBUTAS, Marija. *The Goddess and Gods of Old Europe*. Berkeley: University of California Press, 1982.
- GINZBURG, Carlo. *The Night Battles; Witchcraft & Agrarian Cults in the Sixteenth & Seventeenth Centuries*. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.
- _____. *Ecstasies: Deciphering the Witches' Sabbath*. New York: Pantheon Books, 1991.
- GODWIN, Joscelyn. *Mystery Religions in the Ancient World*. New York: Harper & Row, 1981.
- GRIMASSI, Raven. *Ways of the Strega*. St. Paul: Llewellyn Publications, 1995.
- GUAZZO, Francesco. *Compendium Maleficarum*. New York: Dover Books, 1988 (publicado pela primeira vez em 1609).
- KAPLAN, Stuart. *The Encyclopedia of the Tarot*. Stamford: U.S. Games Systems Inc., 1994, 3 vols.
- KINGSLEY, Peter. *Ancient Philosophy, Mystery, and Magic*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- LEEK, Sybil. *The Complete Art of Witchcraft*. New York: Signet Book, 1971.
- _____. *Diary of a Witches*. New York: Signet Book, 1968.
- LELAND, Charles. *Etruscan Magic & Occult Remedies*. New York: University Books, 1963.
- _____. *Gypsy Sorcery and Fortune Telling*. New York: Dover Publications, 1971.
- _____. *Legends of Florence*. New York: MacMillan and Co., 1895.
- LETHBRIDGE, T.C. *Witches*. New York: The Citadel Press, 1962.
- LUCK, Georg. *Arcana Mundi: Magic and the Occult in the Greek and Roman Worlds*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985.
- MALPEZZI, Frances. *Italian American Folklore*. Little Rock: August House Publishers, 1992.

- NUTTALL, P.A. *The Works of Horace*. Philadelphia: David McKay, 1884.
- RYALL, Rhiannon. *West Country Wicca*. Custer: Phoenix Publishing, 1989.
- SCULLY, Sally. *Journal of Social History*, v. 28, Dep. de História da Universidade de São Francisco, 1995.
- VECOLI, Rudolph J. "Cult and Occult in Italian-American Culture; The Persistence of a Religious Heritage". In: MILLER, Randall M. e MARZIK, Thomas D. (eds.) *Immigrants and Religion in Urban America*, Philadelphia: Temple University Press, 1977.

LISTA DE LEITURAS

Paganismo Italiano

Roman and European Mythologies, compiled by Yves Bonnefoy (University of Chicago Press, 1992).

Cults of the Roman Empire by Robert Turcan (Blackwell, 1996).

The Golden Bough by James Frazer (Macmillan, 1922).

Ancient Philosophy, Mystery, and Magic by Peter Kingsley (Clarendon Press, 1995).

Etruscan Magic & Occult Remedies by Charles Leland (University Books, 1963).

The Ancient Mysteries edited by Marvin Meyer (Harper San Francisco, 1987).

Bruxaria Italiana

Ways of the Strega by Raven Grimassi (Llewellyn Publications, 1995).

The Wiccan Mysteries by Raven Grimassi (Llewellyn Publication, 1997).

Witchcraft: The Old Religion by Leo Martello (Citadel Press).

Early Modern European Witchcraft edited by Ankarloo & Henningsen (Clarendon Press, 1993).

Tópicos relacionados com a Bruxaria em geral

The Evil Eye by Fredrick Elsworthy (John Murray, 1985).

Animal-Speak by Ted Andrews (Llewellyn Publications, 1993).

The Once Unknown Familiar by Timothy Roderick (Llewellyn Publications, 1994).

The World of the Witches by Julio Baroja (University of Chicago Press, 1975).

Tradições Hereditárias

Witchcraft: A Tradition Renewed by Doreen Valiente and Evan Jones (Phoenix Publishing, 1990).

Diary of a Witch by Sybil Leek (Signet Books, 1968).

The Complete Art of Witchcraft by Sybil Leek (Signet Books, 1971).

Witch Among Us by Lois Bourne (Robert Hale, 1989).

West Country Wicca by Rhiannon Ryall (Phoenix Publishing, 1989).

Witchcraft the Sixth Sense by Justine Glass (Wilshire Books, 1965).

Ways of the Strega by Raven Grimassi (Llewellyn Publications, 1995).

O autor

Raven Grimassi foi educado na Tradição Familiar da Bruxaria italiana. Também é iniciado em várias outras tradições, incluindo a Wicca bretã e a Tradição Picto-gaélica. Raven é mestre e praticante da Arte há mais de 25 anos; entre seus antigos alunos, incluem-se Scott Cunningham e Donald Kraig. Raven é autor de vários livros sobre Wicca e Bruxaria, abrangendo *The Wiccan Mysteries (Os Mistérios Wiccanianos)*, ganhador do prêmio Livro do Ano de 1998 e Primeiro Lugar — Livro de Espiritualidade, pela Liga de Varejistas de artigos visionários. O trabalho de sua vida é garantir a sobrevivência da antiga doutrina da Bruxa e das lendas, junto com os ensinamentos ancestrais tradicionais da Antiga Religião.

O Autor tem sido autor e editor de várias revistas, incluindo *The Shadow's Edge* e *Raven's Call*, um periódico de religião pré-cristã. Raven tem aparecido em programas de rádio e de televisão na região de San Diego, num esforço de ensinar o público a respeito das práticas positivas e da natureza da Wicca e da Bruxaria. Faz conferências sobre uma grande variedade de assuntos, tais como folclore, mágica e estrutura de rituais. Raven atua como conferencista, coordenador de *workshops* e professor de aulas formais.

Para escrever ao autor

Se desejar entrar em contato com o Autor ou quiser mais informações sobre este livro, por favor, escreva aos cuidados de Llewellyn Worldwide e enviaremos seu pedido. Tanto o Autor quanto o Editor agradeceriam saber se gostou deste livro e se ele o ajudou.

Llewellyn Worldwide não garante que todas as cartas serão respondidas, mas todas serão enviadas. Por favor, escreva para:

Raven Grimassi
C/o Llewellyn Worldwide, Ltd.
P.O. Box 64383, Dept. K256-9
St. Paul, MN 55164-0383, USA

Outros livros do Autor

- The Book of the Holy Strega* (Nemi Enterprises, 1981)
The Book of Ways, Vols. I & II (Nemi Enterprises, 1982)
Whispers, the Teachers of Old Italy (Moon Dragon Publishing, 1991)
Teachings of the Holy Strega (Moon Dragon Publishing, 1991)
Ways of the Strega: Italian Witchcraft: Its Lore, Magick and Spells (Llewellyn Publications, 1995)
Wiccan Mysteries: Ancient Origins & Teachings (Llewellyn Publications, 1995)
Wiccan Magick: Inner Teachings of the Craft (Llewellyn Publications, 1998)

Índice Remissivo

A

- Ancião, O. 93-94, 149, 165.
Anciãos, Os. 52, 114, 132-133, 135, 196-197, 227.
Antiga Religião. 23, 28-30, 32-35, 40, 43, 46, 48-49, 52, 55-59, 71, 93, 95, 99, 102, 107, 109, 111, 117, 190, 192, 197, 200, 202, 207, 223, 226, 229, 231, 255, 238, 243, 245, 247, 251, 260-262, 264-265, 273.
Antigos Caminhos. 45-46, 52, 71, 82, 93, 111, 131, 136, 189, 202, 205, 216, 218, 223-224, 228, 230, 234, 239, 241-243, 245, 273.
Arádia. 25, 28-30, 33, 35, 45, 56, 115, 138, 157, 192-194, 196, 200, 221, 223-240, 243, 245-246, 250-252, 254-255, 257.
Arruda. 53, 65, 76, 78, 141, 145, 162-163, 165, 190, 192-193, 200, 206, 213, 216.
Áster. 80, 112, 119-121, 124, 198.

B

- Befana. 48, 86, 218.
Bellaria. 196.
Bellarie. 106, 196.
Benevento. 34, 45, 101, 194-195, 224, 227, 230, 234-236, 239, 250.

C

- Caldeirão. 64, 117, 141, 143, 145-148, 152, 155, 159-163, 177, 218, 242, 260.
Chave de Salomão. 27, 28, 181, 253, 264, 273.
Clã Umbrea. 19, 95, 146, 202, 206.
Compendium Maleficarum. 38-39, 57-58, 60-63, 254, 273.
Coral. 216
Cornífero, O. 37, 93-94, 147, 149, 165.

- D**
- Deus Sacrificado. 48-50, 64, 141, 162, 164, 217.
- Diana. 16, 26, 30, 32, 33, 37, 40, 65-66, 72, 76-77, 89-93, 95-97, 100, 112-119, 129, 132, 134-135, 138-139, 141-144, 148, 152-156, 161-162, 182, 190-193, 195-196, 201, 224, 235, 250-252, 254-255, 257.
- Diano. 37, 89, 91-94, 110, 113-116, 118, 119, 129, 132, 138, 148, 150, 152, 154, 155, 161-163, 255.
- Do Sangue. 43, 46-48, 51, 115, 206, 242, 273.
- E**
- Egéria. 89-90.
- Elemental. 37, 72, 106, 131-132, 134, 159, 175, 178, 196, 207, 212, 215, 254.
- Erva-doce. 110, 114, 119, 159-160, 178, 193, 213.
- Escada de Bruxas. 73-74.
- Espíritos. 28, 34, 38, 41, 43, 52-54, 67-73, 79, 89, 94, 96-97, 100, 102-103, 105-107, 111-115, 120, 125, 131, 133, 138-141, 157, 159-160, 177, 179, 181-182, 184, 190, 192, 196-198, 200-203, 205-210, 213, 217, 219, 223, 227, 243, 254-256, 263, 268.
- Etrusco(a). 30-31, 39, 41, 43, 46, 52, 55, 67, 73, 78, 93, 97, 100, 106, 107, 121, 168, 190, 194-196, 243, 245, 247, 249-250, 255-256, 276, 278.
- F**
- Fada(s). 43, 70, 72, 76, 99-107, 111-113, 160, 189, 190, 192, 195, 198, 206, 242, 243, 248, 251, 255, 268, 273.
- Faia. 89.
- Familiar. 67-68, 129-130, 201, 206, 243.
- Fava. 41, 42, 53-54, 198.
- Filho da Promessa. 59, 146-147, 149, 274.
- Fogo. 38, 43, 59, 70, 73, 77, 85-86, 89, 92, 106, 110, 131-132, 145, 161, 197, 215, 241-243, 269, 271.
- Freixo. 219.
- G**
- Gamo. 57, 65-67, 91-93, 109-110, 118, 124, 145, 153, 165.
- Gardner, Gerald. 17, 25, 35, 55, 74, 247, 259, 261-263, 265.
- Gardneriano. 17, 20, 25, 28, 35, 37, 42, 74, 259, 262, 264-265.
- Grigori. 114-115, 118-119, 132, 196-197, 206-207, 227, 274.
- Guardião. 32, 38, 40, 67, 73, 89-91, 116, 141, 173, 190, 211, 239, 243, 254-255.
- Guardiães. 206, 254, 255.
- Guazzo, Francesco. 38-39, 57-63, 254, 273.
- H**
- Hécate. 26, 96, 190-191, 219.
- Hera. 65, 193, 200, 206, 213.
- Homem encapuzado. 32, 49, 93-94, 149, 165.
- Horácio. 26, 64, 257, 277.
- L**
- Lare. 43, 52-54, 67, 70, 96-97, 100, 172, 198, 218, 255.
- Lava. 43, 52-54, 67, 97, 100, 106, 197, 218, 255.
- Leland, Charles. 18-21, 25, 37, 55, 73-74, 101, 121, 189, 192, 194, 196, 200, 208, 243-245, 247-252, 254-255, 257, 261, 276, 278.
- Lobo. 66-67, 92, 109-110, 118-119, 145, 149-152, 177, 180, 202, 216.
- Lúciwfe. 37, 201, 254.
- M**
- Mana. 199.
- Manii. 96, 106, 197.
- Mau olhado. 77, 215, 269, 276, 278.
- Meana. 133, 197.
- N**
- Nemi. 29, 32-33, 40, 45, 89-91, 113-114, 118, 153, 163, 192, 223-224, 227, 235.
- Nemorensis. 32, 89-91, 94.
- Nó, 71-73, 106, 244.
- Nogueira. 45, 54, 64, 89, 101, 193-195, 213, 217, 236.
- Nimue. 90.
- Númen. 199.
- O**
- Ódico. 201, 212-213, 215.
- P**
- Pala. 106, 196-197.
- Passagem. 81, 151.
- Pedra. 31, 76-77, 90, 107, 144-145, 167-172, 177-181, 199, 206, 227, 244, 260, 268.
- Portal. 39, 53, 64, 141, 147, 171-172, 206-207, 213, 219, 244.
- R**
- Reencarnação. 39, 224.
- Rei Divino. 33, 48-50, 217.
- Roda do Ano. 41, 92, 121, 145.
- S**
- Sal. 53, 65, 78, 198, 200, 227, 248.
- Salgueiro. 85, 219.
- Sangue de Bruxa. 48, 56, 259, 264.
- Sacrário. 52-54, 89, 100, 172, 198.
- Semente. 41, 105, 113-114, 123, 136, 152, 155, 162-165, 199, 201-202, 207, 257.
- Senhor da Colheita. 164, 193.
- Serpente. 66, 190-191, 244.
- Settrano. 133, 197.
- Submundo. 26, 39-41, 64, 66, 95-96, 109, 114, 116-117, 122-123, 125, 141, 190, 194, 200, 217, 256.
- T**
- Tago. 133, 197.
- V**
- Velha Europa. 31, 65-66, 91, 106-107, 197, 276.
- Verbena. 76, 105, 191-192, 213.
- Vírbio. 32, 90, 192.

Índice das Ilustrações

Figura 1	Pentagrama Italiano.....	20
Figuras 2-3	O Livro dos Caminhos.....	27
Figura 4	Tigela do Ritual Lunar.....	47
Figura 5	Espírito Lare.....	51
Figura 6	Sacrário Lasa.....	52
Figura 7	Reunião de Bruxas.....	58
Figura 8	Iniciação de uma Bruxa.....	58
Figura 9	Não-sujeição das Bruxos.....	59
Figura 10	Família de Bruxos.....	59
Figura 11	Livros Presenteados a um Novo Bruxo.....	60
Figura 12	Beijo Ritual.....	60
Figura 13	Abençoando uma Criança.....	61
Figura 14	Bruxos preparando Bonecos.....	61
Figura 15	Sistema Moderno de Chacras.....	79
Figura 16	Associações da Mão no Antigo Ocultismo.....	80
Figura 17	Associações da Mão no Ocultismo Moderno.....	80
Figura 18	Pã.....	91
Figura 19	Acteão.....	92
Figura 20	As Fases da Lua.....	93
Figura 21	A Tigela da Deusa.....	115
Figura 22	O Deus e a Deusa no Reino do Submundo.....	120
Figura 23	Nasce o Novo Deus Sol.....	120
Figura 24	O Deus Sol Luperco Preparado para Reinar.....	121
Figura 25	A Deusa Partindo do Submundo.....	121
Figura 26	O Deus Corteja a Deusa.....	122
Figura 27	O Casamento do Deus e da Deusa.....	122
Figura 28	O Tempo da Fartura.....	123
Figura 29	O Sacrifício do Deus do Ano.....	123
Figura 30	Instrumentos Rituais do Autor.....	128
Figura 31	Gesto Ritual de Poder.....	129
Figura 32	Posições do Rito de União.....	135
Figura 33	Máscaras do Festival Veneziano.....	144

Figura 34	O Manuscrito Toscano.....	167
Figura 35	Glifo de Adivinhação.....	168
Figura 36	Runas Toscanas.....	169
Figura 37	Runas Mágicas do Mar.....	172
Figura 38	Alfabeto Estelar Rúnico.....	174
Figura 39	Runas Estelares Mágicas.....	176
Figura 40	Símbolos Estelares Talismânicos.....	177
Figura 41	Símbolos Espirituais da Casa Lunar.....	183
Figura 42	O Amuleto Cimaruta da Bruxa.....	189
Figura 43	Máscara do Espírito dos Antigos Caminhos.....	200
Figura 44	Máscaras dos Grigori.....	204
Figura 45	Bruxa Befana.....	216

Leia também da Coleção Gaia/Alemdalenda

ANN MOURA
*Origens da Bruxaria Moderna**

CLAUDIO CROW QUINTINO
A Religião da Grande Deusa

CLAUDINEY PRIETO
*Wicca – A Religião da Deusa
Todas as Deusas do Mundo
ABC da Bruxaria*

D. J. CONWAY
Livro Mágico da Lua

EDAIN McCOY
*Encantamentos de Amor
Mágica para 2 ou mais**

LY DE ANGELES
Bruxaria – Teoria e Prática

MARGARET ALICE MURRAY
O Deus das Feticheiras

MAVESPER CY CERIDWEN
*Wicca Brasil – Guia das Deusas Brasileiras**

MIRELLA FAUR
O Anuário da Grande Mãe

RAYMOND BUCKLAND
O Livro Completo de Bruxaria de Buckland

RAVEN GRIMASSI
*Os Mistérios Wiccanianos
Enciclopédia de Wicca*
Herdeiros da Bruxaria**

SCOTT CUNNINGHAM
*Enciclopédia de Cristais, Pedras Preciosas e Metais
Guia Essencial da Bruxa Solitária
Magia Natural
Sonhando com os Deuses
A Verdade sobre a Bruxaria Moderna
Vivendo a Wicca
Enciclopédia Wicca na Cozinha**

SCOTT CUNNINGHAM e DAVID HARRINGTON
A Casa Mágica

* Prelo



"Através dos anos, aprendi muitas coisas sobre a Antiga Religião com minha mãe. Aprendi que espíritos viviam em plantas e que para invocá-los bastava apenas inalar o perfume das flores e chamar por seus nomes. Para chamar o povo das fadas, ela me ensinou a verter leite, vinho e mel numa tigela e colocá-la sob um arbusto de mirta. Assim que a tigela estivesse no lugar, balançava-se um pedaço de junco amarrado num barbante, com movimento rápido e actua da cabeça, em sentido horário; então, assoviava-se uma melodia lenta e persistente. O sussurrar das folhas era o sinal de que as fadas tinham chegado. Mas tudo isso era sigiloso e o segredo rodeava tudo que me ensinaram."

Estes eram os Antigos Caminhos, parte de um legado de magia transmitido através de linhagens de família e mantido vivo por séculos. Os costumes secretos das Bruxas italianas vivem ainda hoje e servem de excelente modelo para qualquer tradição de magia que queira presentear sua sabedoria a futuras gerações. Neste livro muito bem feito, o respeitado autor Raven Grimassi conta a história das tradições de sua família, desde um trabalho de encantamento ritual até a fada do dente italiana. Envolvente e provocador, *Bruxaria Hereditária* nos inspira a preservar a santidade de nossos mistérios e magias ao nos desfazermos deles - como presentes para nossos filhos.

Raven Grimassi foi iniciado na Tradição Familiar da Velha Itália e é o diretor ancião da Tradição Ariciana. Raven se dedica a preservar a sabedoria da Antiga Religião através de seus livros, que incluem *Wiccan Magick* (Magia Wiccaniana), o premiado *Wiccan Mysteries* (Mistérios Wiccanianos) e *Ways of the Strega* (a ser lançado brevemente numa versão aumentada, intitulada *Italian Witchcraft*).

EDITORA
Gaia

COLEÇÃO
GAIA
ALEMDALENDA